

O Clube da Felicidade e da Sorte

Amy Tan



AM
MY
—
T
A
N

A
N
O
V
E
L

THE
JOY LUCK
CLUB

A NEW YORK TIMES BESTSELLER



Amy Tan nasceu em Oakland, Califórnia, em 1952, dois anos e meio depois que seus pais emigraram para os EUA. Embora seus pais desejassem que ela se tornasse uma neurocirurgiã por ofício e pianista concertista por hobby, ela tornou-se administradora de programas para crianças incapacitadas, e mais tarde, uma repórter e editora. Ela visitou a China pela primeira vez em 1987 e descobriu que era como sua mãe havia dito: “Assim que meus pés tocaram a China, tornei-me chinesa.” Amy Tan vive em San Francisco com o marido. O Clube da Felicidade e da Sorte é seu primeiro romance.

Dedicatória:

“Para minha mãe e a memória de sua mãe.

Você me perguntou certa vez do que eu recordaria.

Isso e muito mais.”

As Mães

Suyuan Woo
An-Mei Hsu
Lindo Jong
Ying-ying St. Clair

As Filhas

Jing-mei “June” Woo
Rose Hsu Jordan
Waverly Jong
Lena St. Clair

PENAS DE LI MILHAS À DISTÂNCIA

A velha lembrou-se de um cisne que comprara há muitos anos atrás, em Shangai, por uma barganha. Este pássaro, contou-lhe o vendedor, foi certa vez um pato que esticava o pescoço na esperança de tornar-se um ganso, e agora, veja! – era belo demais para ser comido. Então a mulher e o cisne velejaram o oceano muitas li milhas à distância, esticando seus pescoços em direção à América.

Em sua jornada, ela sussurrou para o cisne: “Na América, eu terei uma filha assim como eu. Mas lá, ninguém dirá que seu valor é medido pela altura do arrote de seu marido. Lá, ninguém a verá por cima, porque a farei pronunciar apenas um perfeito inglês americano. E lá, ela estará sempre tão satisfeita que não engolirá qualquer tristeza! Ela saberá o que quero lhe dizer, porque lhe darei este cisne – uma criatura que se tornou muito mais do que esperava.”

Mas quando ela chegou ao novo país, os oficiais da imigração tiraram-lhe o cisne, deixando a mulher agitando os braços e com apenas uma pena de lembrança. Então, ela teve que preencher tantos formulários que esqueceu a razão de sua vinda e o que deixara para trás.

Agora, a mulher estava velha. E tinha uma filha que crescera falando somente inglês e engolindo mais coca-cola do que tristeza. Agora, por um longo tempo, a mulher quis dar à filha a única pena de cisne e dizer-lhe: “Esta pena pode parecer sem valor, mas vem de muito longe e carrega consigo todas as minhas boas intenções.”

E ela esperou, ano após ano, pelo dia em que poderia dizer isto à sua filha num perfeito inglês americano.

Jing-mei Woo – O Clube da Felicidade e da Sorte

Meu pai pediu-me para ocupar o quarto canto do Clube da Felicidade e da Sorte. Estou para substituir minha mãe, cuja cadeira na mesa de mah-jong tem estado vazia desde que ela morreu, dois meses atrás. Meu pai acha que ela foi morta por seus próprios pensamentos.

“Ela tinha uma nova idéia na cabeça,” disse meu pai. “Mas antes que pudesse sair de sua boca, o pensamento ficou tão grande que explodiu. Deve ter sido uma idéia muito ruim.”

O médico disse que ela morreu de um aneurisma cerebral. E suas amigas do Clube da Felicidade e da Sorte disseram que morreu como um coelho: rápido e com negócios inacabados deixados para trás. Minha mãe supostamente seria a anfitriã do próximo encontro do clube. Na semana antes de sua morte, ela me chamou, cheia de orgulho, cheia de vida: “Tia Lin cozinhou sopa de feijões vermelhos para o clube. Eu vou cozinhar sopa de sementes pretas de Sésamo.”

“Não se exiba”, eu disse.

“Não é exibição.” Ela disse que as duas sopas eram quase iguais, chabudwo. Ou talvez tenha dito butong, não era a mesma coisa de todo. Era uma daquelas expressões chinesas que significam a melhor parte de intenções misturadas. Eu nunca consigo lembrar de coisas que não entendo em primeiro lugar.

Minha mãe começou a versão do Clube da Felicidade e da Sorte de San Francisco em 1949, dois anos antes de eu nascer. Este foi o ano em que minha mãe e meu pai deixaram a China com um baú de couro repleto apenas de vestidos de seda enfeitados. Não houve tempo para empacotar mais nada, explicou mamãe à meu pai depois que eles embarcaram no navio. Ainda assim, ele deslizava freneticamente as mãos entre as sedas escorregadias procurando por suas camisas de algodão e cuecas de lã.

Quando eles chegaram em San Francisco, meu pai a fez esconder aquelas roupas brilhantes. Ela usou o mesmo vestido chinês marrom-axadrezado até que a Associação de Boas-Vindas aos Refugiados lhe deu dois vestidos de segunda-mão, todos muito largos no tamanho para mulheres americanas. A Associação era composta por um grupo de senhoras missionárias americanas de cabelos brancos, da Primeira Igreja Batista Chinesa. E por causa de seus presentes, meus pais não poderiam recusar o convite para juntarem-se à igreja. Nem ignorar o conselho prático daquelas senhoras para aperfeiçoarem seu inglês através de estudos da Bíblia em aulas nas quartas-feiras à noite, e mais tarde, através da prática do coro nos sábados pela manhã.

Foi assim que meus pais encontraram os Hsus, os Jongs e os St. Clairs. Minha mãe podia sentir que as mulheres destas famílias também possuíam tragédias indizíveis que deixaram para trás na China, e esperanças que não conseguiriam começar a expressar em seu inglês frágil. Ou no mínimo, minha mãe reconheceu o entorpecimento nos rostos dessas mulheres. E ela viu quão rapidamente seus olhos moveram-se quando contou-lhes a sua idéia para o Clube da Felicidade e da Sorte.

O Clube foi uma idéia que minha mãe lembrou dos dias de seu primeiro casamento em Kweilin, antes dos japoneses chegarem. É por isso que penso no Clube da Felicidade e da Sorte como sua história de Kweilin. Era a história que ela sempre me contava quando estava entediada, quando não havia nada mais a se fazer, quando cada tigela havia sido lavada e a mesa de fórmica tinha sido limpa duas vezes, quando meu pai sentava-se para ler o jornal fumando um cigarro Pall Mall atrás do outro, um aviso para não ser perturbado. Era quando minha mãe pegaria uma caixa com velhos suéteres

mandados a nós por parentes distantes de Vancouver. Ela cortaria um pedaço de um dos suéteres e puxaria um esquisito fio, enrolando-o num pedaço de papelão. E assim que começasse a enrolar, com um movimento ritmado, ela começaria a estória.

Ao longo dos anos, ela me contou a mesma estória, exceto pelo final, que cresceu obscuro, lançando grandes sombras em sua vida e, eventualmente, na minha.

“Eu sonhei com Kweilin antes mesmo de vê-la,” minha mãe começava, falando em chinês. “Sonhei com os picos agudos alinhados ao longo de um rio sinuoso, com musgos verdejantes e mágicos em suas margens. No topo destes picos havia uma névoa branca. E se você conseguisse atravessar este rio e comer o musgo, você seria forte o bastante para escalar o pico. E se você escorregasse, apenas cairia numa cama de musgos macios e riria. E uma vez que você alcançasse o topo, seria capaz de ver tudo, e sentir tal felicidade que seria suficiente para nunca mais ter preocupações em sua vida novamente.

Na China, todos sonhavam com Kweilin. E quando cheguei, me dei conta do quanto os meus sonhos eram tolos, do quanto meus pensamentos eram pobres. Quando vi as colinas, eu ri e estremeci ao mesmo tempo. Os picos se pareciam com enormes cabeças de peixe frito tentando pular para fora de uma tina de óleo. Atrás de cada colina, eu podia ver sombras de outro peixe, e então outro e outro. Então as nuvens se moviam só um pouco e as colinas subitamente tornavam-se monstruosos elefantes marchando lentamente em minha direção! Consegue imaginar isso?

No fundo das colinas, haviam cavernas secretas. Lá dentro, cresciam jardins de pedra nos formatos e cores de repolhos, melões, nabos e cebolas. Estas coisas eram tão estranhas e belas que você nunca conseguiria imaginá-las. Mas eu não fui a Kweilin para ver quão bela ela era.

O homem que era meu marido me trouxe e aos nossos dois bebês para Kweilin, porque pensou que estaríamos a salvo ali. Ele era um oficial da Kuomintang, e depois que nos deixou num pequeno quarto de uma casa de dois cômodos, seguiu para nordeste, para Chungking.

Nós sabíamos que os japoneses estavam vencendo, mesmo quando os jornais diziam o contrário. Cada dia, cada hora, milhares de pessoas chegavam à cidade, enchendo as calçadas, procurando por lugares para viver. Eles vinham do Leste, Oeste, Norte, Sul. Eram ricos, pobres, de Shangai, Cantoneses, nordestinos, e não somente chineses, mas estrangeiros e missionários de todas as religiões. E havia, claro, a Kuomintang e seus oficiais do Exército, que achavam que eram bons demais para qualquer um. Éramos uma cidade de sobras misturadas.

Se não fosse pelos japoneses, haveria um bocado de razões para brigas entre essas diferentes pessoas. Pode imaginar? Gente de Shangai com camponeses das águas do norte, banqueiros com barbeiros, puxadores de riquixá com refugiados de Burma. Todos olhavam com desprezo para outros.

Não importava que todos compartilhassem a mesma sarjeta para cuspir e sofressem da mesma súbita diarreia. Todos nós tínhamos o mesmo fedor, mas sempre alguém reclamava que outro fedia pior.

Eu? Oh, eu odiava os oficiais da força aérea americana, que diziam coisas horríveis para fazer meu rosto ficar vermelho. Mas o pior eram os camponeses do norte, que esvaziavam seus narizes nas mãos e empurravam as pessoas, dando a todos suas doenças sujas.

Então você pode ver a rapidez com que Kweilin perdeu sua beleza para mim. Eu não mais escalava os picos para dizer, quão belas são essas colinas! Apenas me perguntava

qual colina os japoneses haviam alcançado. Eu me sentava num canto escuro de minha casa, com um bebê em cada braço, esperando e batendo com os pés nervosamente. Quando as sirenes tocavam para nos avisar dos bombardeios, meus vizinhos e eu pulávamos sobre nossos pés e saíamos correndo para as cavernas profundas, para nos esconder como animais selvagens.

Mas você não pode ficar na escuridão por muito tempo. Algo dentro de você começa a desaparecer e você se transforma numa pessoa faminta, louca de fome por luz. Lá fora, eu podia ouvir o bombardeio, Boom! Boom! Então o som de rochas caindo. E dentro, eu não mais sentia fome pelos nabos ou repolhos do jardim de pedras. Eu conseguia ver somente os intestinos gordurosos de uma colina antiga que poderia entrar em colapso sobre mim. Pode imaginar como é, querer não estar nem dentro nem fora, querer não estar em lugar algum e desaparecer? Então, quando o som dos bombardeios sumiam ao longe, voltávamos como gatinhos recém-nascidos, arranhando nosso caminho de volta para a cidade. E eu sempre ficava espantada por descobrir que as colinas contra o céu em chamas não tinham sido despedaçadas.

Eu pensei no Clube da Felicidade e da Sorte numa noite de verão que estava tão quente, que até mesmo as mariposas desmaiavam no chão, as asas pesadas demais com o calor úmido. Todos os lugares estavam tão cheios que não havia espaço para ar fresco. Cheiros inacreditáveis se erguiam dos esgotos até a janela de minha casa de dois cômodos, que o fedor não tinha lugar para ir a não ser para o meu nariz. Durante todas as horas do dia e da noite, eu ouvia os gritos e gemidos. Não sabia se era um camponês cortando a garganta de um porco fugitivo ou um oficial batendo num camponês semi-morto por estar deitado em seu caminho na calçada. Eu não ia até a janela para descobrir. Que utilidade teria isto? Foi quando pensei que precisava de algo para fazer para ajudar a continuar.

Minha idéia era ter uma reunião com quatro mulheres, uma para cada canto de minha mesa de mah-jong. Eu sabia quais mulheres queria que se juntassem. Todas seriam jovens como eu, com rostos atraentes. Uma seria a esposa de um oficial do Exército, como eu. Outra seria uma garota com modos refinados de uma família rica de Shangai. Ela havia fugido com apenas um pouco de dinheiro. E havia uma moça de Nanking que possuía os cabelos mais negros que jamais vi. Ela vinha de uma família de classe baixa, mas era bonita e desejável, e tivera um bom casamento, com um homem velho que morrera deixando-a com uma boa vida.

A cada semana, uma de nós seria a anfitriã de uma festa para levantar dinheiro e levantar nossos espíritos. A anfitriã teria que servir um prato especial, dyansin, para trazer boa fortuna de todos os tipos – bolinhos cozidos no formato de barras de prata, macarrão de arroz compridos para uma longa vida, amendoins cozidos para conceber filhos e, claro, muitas laranjas da boa sorte, para uma vida plena e doce.

Quão fina era a comida com que nos regalávamos com nossos escassos bens! Não notávamos que os bolinhos eram recheados na maior parte com abóboras amassadas e que as laranjas estavam manchadas de buracos, cheios de larvas. Comíamos pouco, não como se não tivéssemos o suficiente, mas para protestarmos que não conseguiríamos comer mais outro bocado, nos empanturrávamos já desde cedo, durante o dia. Sabíamos que nos dávamos ao luxo que poucas pessoas poderiam se dar. Éramos aquelas com sorte.

Depois de enchermos nossos estômagos, encheríamos uma tigela com dinheiro e colocaríamos onde qualquer um pudesse ver. Então nos sentávamos à mesa de mah-jong. Minha mesa era da família, e era de uma madeira vermelha perfumada, não o que se chama de jacarandá, mas hong mu, que é tão fina que não há palavra inglesa para descrevê-la. A mesa era bem sólida, então quando as peças de mah-jong eram

derramadas sobre ela, o único som era de ladrilhos de marfim batendo uns contra os outros.

Uma vez que começássemos a jogar, ninguém poderia falar, exceto para dizer ‘Pung!’ ou ‘Chr!’ quando pegava uma peça. Tínhamos que jogar com seriedade e não pensar em nada a não ser nas vitórias que seriam acrescentadas à nossa felicidade. Mas depois de dezesseis partidas, nós festejaríamos novamente, dessa vez para celebrar nossa boa fortuna.

Então conversaríamos a noite toda até o amanhecer, contando histórias sobre os bons tempos no passado e os bons momentos ainda por vir. Oh, que boas histórias! Histórias derramando-se pelo lugar todo! Ríamos quase até a morte. Um galo que entrara correndo dentro da casa, guinchando em cima das tigelas de jantar, as mesmas tigelas que o conservariam quieto e em pedaços no dia seguinte! E uma sobre uma garota que escrevera cartas de amor para duas amigas que amavam o mesmo homem. E uma senhora estrangeira tola que desmaiara num banheiro quando fogos de artifício explodiram perto dela.

As pessoas pensavam que estávamos erradas ao servir banquetes toda semana enquanto muitas pessoas na cidade passavam fome, comiam ratos e, mais tarde, o lixo da qual os pobres ratos costumavam se alimentar. Outros pensavam que estávamos possuídas pelos demônios – para celebrar quando, mesmo em nossas próprias famílias, havíamos perdido gerações, perdido lares e fortunas, e fomos separadas, marido de esposa, irmão de irmã, filha de mãe. Hnnh! Como podíamos rir, as pessoas se perguntavam.

“Não é que não tínhamos coração ou olhos para a dor. Estávamos todas com medo. Todas tínhamos nossas misérias. Mas desesperar-se era desejar por algo que já estava perdido. Ou prolongar o que já era insuportável. Quanto você pode desejar por um casaco favorito e confortante que está pendurado no armário de uma casa que foi queimada com sua mãe e seu pai dentro? Por quanto tempo você pode ver em sua mente, braços e pernas pendurados em fios de telefone e cães famintos correndo pela rua com mãos semi-mastigadas, balançando de suas presas? O que era pior; nos perguntávamos, sentar e esperar por nossas próprias mortes com rostos apropriadamente sombrios? Ou escolhermos nossa própria felicidade?”

Então decidimos continuar as festas e fingir que toda semana se tornara o ano novo. Toda semana poderíamos esquecer as coisas erradas que fizeram conosco no passado. Não nos permitíamos ter um mau pensamento. Festejávamos, ríamos; jogávamos, ganhávamos e perdíamos, contávamos as melhores histórias. E cada semana esperávamos ter sorte. Aquela esperança era nossa única alegria. E foi assim que viemos a chamar nossas pequenas festas de Clube da Felicidade e da Sorte.”

Minha mãe costumava terminar a história com uma nota feliz, gabando-se de sua perícia no jogo. “Eu ganhei tantas vezes e tive tanta sorte que as outras me gozavam, dizendo que eu aprendi o truque com um ladrão esperto,” dizia. “Ganhei dez mil yuans. Mas eu não era rica. Não. Até então, dinheiro de papel se tornara sem valor. Até mesmo papel higiênico valia mais. E aquilo nos fazia rir ainda mais, pensar que mil notas de yuan não eram nem mesmo boas o bastante para esfregarmos em nossos fundilhos.”

Eu nunca pensei que a história Kweilin de minha mãe fosse qualquer outra coisa, exceto um conto de fadas chinês. Os finais sempre mudavam. Às vezes, ela dizia que usava aquelas notas inúteis de mil yuans para comprar meio copo de arroz. Transformava aquele arroz num pote de mingau. Trocava aquele mingau por dois pés de

porco. Aqueles dois pés tornavam-se seis ovos, aqueles ovos seis galinhas. A estória sempre crescia e crescia.

E então, numa noite, depois que eu implorei a ela que me comprasse um rádio transistor, depois que ela se recusou e eu fiquei amuada e em silêncio por uma hora, ela disse, “Por que você acha que está sentindo falta de algo que nunca teve?” E então ela me contou um final completamente diferente para a estória.

“Um oficial do Exército veio à minha casa, certa manhã, bem cedo,” ela disse, “e falou para ir até meu marido, bem rápido, em Chungking. E eu sabia que ele estava me dizendo para fugir de Kweilin. Eu sabia o que acontecia com os oficiais e suas famílias quando os japoneses chegavam. Como eu poderia ir? Não haviam trens partindo de Kweilin. Minha amiga de Nanking, ela era tão boa comigo. Ela subornou um homem para roubar um carrinho de mão usado para puxar carvão. Ela prometeu avisar nossas outras amigas. Eu empacotei minhas coisas e meus dois bebês, e coloquei-os neste carrinho de mão e comecei a empurrá-los para Chungking, quatro dias antes dos japoneses marcharem para Kweilin. Na estrada, eu ouvi notícias do massacre através de pessoas fugindo à minha frente. Era terrível.

Até o último dia, o Kuomintang insistiu que Kweilin era segura, protegida pelo Exército chinês. Mas, mais tarde naquele dia, as ruas de Kweilin ficaram cobertos de jornais relatando as grandes vitórias do Kuomintang e, em cima desses jornais, como peixes frescos de um açougue, repousavam fileiras de pessoas – homens, mulheres e crianças que nunca haviam perdido a esperança, mas perderam suas vidas ao invés disso. Quando ouvi estas notícias, caminhei cada vez mais rápido, perguntando a mim mesma, eles eram tolos? Eram eles corajosos?

Eu empurrei em direção à Chungking, até que minhas rodas quebraram. Abandonei minha bela mesa de mah-jong. Até então, não tinha mais sentimentos suficientes deixados em meu corpo para chorar. Amarrei lenços como tipóias e coloquei um bebê em cada lado de meu ombro. Carreguei uma sacola em cada mão, uma com roupas, a outra com comida. Carreguei estas coisas até que sulcos profundos crescessem em minhas mãos. E finalmente, larguei uma sacola depois de outra quando minhas mãos começaram a sangrar e tornaram-se escorregadias demais para segurar qualquer coisa. Ao longo do caminho, eu vi outros fazerem o mesmo, gradualmente, abandonando as esperanças. Era como uma trilha embutida com tesouros que cresciam em valor ao longo do caminho. Trincos de fina fabricação e livros. Pinturas de ancestrais e ferramentas de carpinteiro. Podia-se ver até mesmo gaiolas de patos, agora silenciosos e com sede e, mais tarde, imóveis. Urnas de prata largadas na estrada, onde pessoas haviam estado cansadas demais para carregá-las para qualquer tipo de esperança futura.

No momento em que cheguei a Chungking, eu tinha perdido tudo, exceto três vestidos de seda luxuosos, que eu vestira um por cima do outro.”

“O que você quer dizer com ‘tudo’?” Eu engasguei no final. Estava pasma por perceber que a estória havia sido verdadeira o tempo todo. “O que aconteceu aos bebês?”

Ela nem mesmo parou para pensar. Simplesmente respondeu, de um modo que deixou claro que não havia mais a contar: “Seu pai não é o meu primeiro marido. Você não é aqueles bebês.”

Quando eu chego à casa dos Hsus’, onde o Clube da Felicidade e da Sorte está se reunindo esta noite, a primeira pessoa que vejo é meu pai. “Aí está ela! Nunca à tempo!” ele anuncia. E é verdade. Todos já estão ali, sete famílias amigas em seus seis e setenta anos. Eles levantam os olhos e riem de mim, sempre atrasada, ainda uma criança aos trinta e seis.

Eu estou trêmula, tentando reter algo dentro de mim. Da última vez em que os vi, no funeral, eu sucumbi e chorei enormes soluços. Eles devem estar se perguntando agora como alguém como eu pode tomar o lugar de minha mãe. Uma amiga certa vez me disse que minha mãe e eu éramos parecidas, que tínhamos os mesmos gestos ríspidos de mãos, o mesmo riso de menina e olhar enviesado. Quando eu, timidamente, contei isto à mamãe, ela pareceu insultada e disse, “ Você nem mesmo conhece um mínimo por cento de mim! Como pode ser eu?” E ela está certa. Como eu posso ser a minha mãe no Clube da Felicidade e da Sorte?

“Tia, tio,” digo repetidamente, acenando para cada pessoa ali. Eu sempre chamo a estes velhos amigos da família de tio e tia. E então, sigo adiante e permaneço junto a meu pai. Ele está olhando fotografias da recente viagem dos Jong à China. “Olhe esta,” diz ele polidamente, apontando para uma foto do grupo de excursão dos Jong parados sobre largas escadas de laje. Não há nada nesta fotografia que mostre que foi tirada na China, em vez de San Francisco, ou qualquer outra cidade ao que importe. Mas meu pai não parece estar olhando para a foto de qualquer modo.

É como se tudo fosse o mesmo para ele, nada se destaca. Ele sempre tem sido polidamente indiferente. Mas qual é a palavra chinesa que significa indiferente porque você não consegue ver quaisquer diferenças? É o quão perturbado eu penso que meu pai está pela morte de mamãe. “Olhe para esta,” diz ele, apontando para outra indeterminada fotografia.

A casa dos Hsus’ parece pesada com os odores gordurosos. Várias refeições chinesas preparadas numa cozinha pequena demais; vários cheiros perfumados outrora comprimidos numa fina camada de gordura invisível. Eu lembro de como minha mãe costumava entrar na casa de outras pessoas e nos restaurantes e franzir o nariz, e então, sussurrar numa voz bem alta: “Eu consigo ver e sentir a pegajosidade com meu nariz.”

Eu não vejo a casa dos Hsus’ há vários anos, mas a sala de estar é exatamente a mesma de que me lembro. Quando Tia An-mei e Tio George mudaram-se de Chinatown para o distrito de Sunset, há vinte e cinco anos atrás, eles compraram móveis novas. Está tudo ali, ainda parecendo na maior parte novo sob o plástico amarelado. O mesmo sofá turquesa armado num semi-círculo, forrado em tweed. As mesas de canto coloniais, feitas de bordo pesado. Um abajur de porcelana falsa quebrado. Apenas o calendário de pergaminho, grátis do Banco de Canton, muda todo ano.

Eu lembro destas coisas porque, quando éramos crianças, Tia An-mei não nos deixava tocar qualquer móvel nova exceto através das coberturas de plástico transparentes. Nas noites da Felicidade e da Sorte, meus pais me traziam aos Hsus’. Desde que era a convidada, eu tinha que tomar conta de todas as crianças menores, tantas crianças que parecia sempre haver um bebê chorando por ter batido a cabeça contra a perna da mesa.

“Você é a responsável,” dizia minha mãe, o que significava que eu estaria enrascada se algo fosse derramado, queimado, perdido, quebrado ou sujo. Eu era a responsável, não importa quem o fizesse.

Ela e Tia An-mei usavam engraçados vestidos chineses com colarinhos engomados e ramos floridos bordados em seda, costurados sobre o peito. Essas roupas eram enfeitadas demais para pessoas chinesas de verdade, eu pensava, e estranhas demais para festas americanas. Naqueles dias, antes de mamãe me contar sua história sobre Kweilin, eu imaginava que o Clube da Felicidade e da Sorte era algo como um vergonhoso costume chinês, como as reuniões secretas da Ku Klux Klan ou as danças tom-tom dos índios da TV preparando-se para a guerra.

Mas esta noite, não há mistério. As tias da Felicidade e da Sorte estão todas usando abrigos de malha, blusas com estampas brilhantes, e diferentes versões de vigorosos tênis de corrida. Estamos todos sentados ao redor da mesa de jantar sob uma lâmpada que parece-se com um candelabro espanhol.

Tio George coloca seus óculos bifocais e começa a reunião lendo as minutas:

“Nossa soma capital é de \$24,285 ou cerca de \$6,206 o casal, \$3,103 por pessoa. Vendemos a Subaru por uma perda de seis e três quartos. Compramos cem ações da Smith International por sete. Nossos agradecimentos a Tin e Lindo Jong pelas guloseimas. A sopa de feijões vermelhos estava especialmente deliciosa. A reunião de Março teve que ser cancelada até segunda ordem. Lamentavelmente, tivemos que desejar um carinhoso adeus à nossa querida amiga Suyuan e estendermos nossa simpatia à família Canning Woo. Respeitosamente submetido, George Hsu, presidente e secretário.”

É isto. Eu fico pensando que os outros vão começar a falar à respeito de minha mãe, da maravilhosa amizade que elas compartilharam, e por que estou aqui em memória dela, para ser o quarto canto e seguir a idéia com que minha mãe surgiu num dia quente em Kweilin.

Mas todos apenas acenam para aprovar as minutas. Mesmo a cabeça de meu pai sacode para cima e para baixo, rotineiramente. E parece a mim que a vida de mamãe foi colocada na prateleira por novos negócios. Tia An-mei levanta-se da mesa e dirige-se lentamente para a cozinha, para preparar a comida. E Tia Lin, a melhor amiga de minha mãe, dirige-se para o sofá turquesa, cruza os braços e observa os homens ainda sentados à mesa. Tia Ying, que parece encolher cada vez mais toda vez que a vejo, alcança sua sacola de tricô e puxa o começo de um pequeno suéter azul.

Os tios da Felicidade e da Sorte começam a falar sobre as ações que estão interessados em comprar. Tio Jack, irmão mais novo de Tia Ying, está muito interessado numa companhia que explora ouro no Canadá.

“É uma grande aposta com a inflação,” diz ele com autoridade. Ele fala o melhor inglês, quase sem acento. Penso que o inglês de minha mãe era o pior, mas ela sempre achava seu chinês o melhor. Ela falava Mandarim, ligeiramente nublado com um dialeto de Shanghai.

“Não vamos jogar mah-jong esta noite?” eu sussurro alto para Tia Ying, que é um pouco surda.

“Mais tarde,” ela diz, “depois da meia-noite.”

“Senhoras, vocês estão nesta reunião ou não?” diz Tio George.

Depois que todos votam unanimemente pelas ações de ouro do Canadá, eu vou para a cozinha perguntar à Tia An-mei por quê o Clube da Felicidade e da Sorte começou a investir em ações.

“Nós costumávamos jogar mah-jong, vencedor leva tudo. Mas as mesmas pessoas sempre ganhavam, mesmas pessoas sempre perdiam,” diz. Ela está recheando wonton, um palito de carne com gengibre, pincelado numa pele fina, e então com um movimento fluído com a mão, ela sela a pele no formato de um pequeno gorro de enfermeira. “Você não pode ter sorte quando alguém tem perícia. Então muito tempo atrás, decidimos investir no mercado de ações. Não há perícia nisto. Mesmo sua mãe concordou.”

Tia An-mei conta as bandejas à sua frente. Ela já fez cinco fileiras de oito wonton cada. “Quarenta wonton, oito pessoas, dez cada, mais cinco fileiras,” diz ela, em voz alta para si mesma e então continua a rechear. “Ficamos espertos. Agora todos podemos ganhar e perder igualmente. Podemos ter sorte no mercado de ações. E podemos jogar mah-jong por diversão, apenas por alguns dólares, vencedor leva tudo. Perdedores levam para casa sobras! Então todos podem ter um pouco de alegria. Esperto, hahn?”

Eu observo Tia An-mei fazer mais wonton. Ela possui dedos rápidos, hábeis. Não tem que pensar no que está fazendo. Minha mãe costumava reclamar a respeito, que Tia An-mei nunca pensava no que fazia.

“Ela não é estúpida,” disse minha mãe, numa ocasião, “mas não tem coragem. Semana passada, eu tive uma boa idéia para ela. Eu disse, ‘Vamos ao consulado pedir documentos para seu irmão.’ E ela quase quis largar suas coisas e ir direto para lá. Mas depois ela falou com alguém. Quem conhece quem? E aquela pessoa disse a ela que poderia meter o irmão numa grande encrenca na China. Aquela pessoa disse que o FBI ia colocá-la numa lista e dar-lhe problemas nos Estados Unidos pelo resto da vida. Aquela pessoa disse, ‘Você pede um empréstimo para casa e eles falam sem empréstimo, porque seu irmão é comunista.’ Eu disse, ‘Você já tem uma casa!’ Mas ainda assim, ela ficou assustada. Tia An-mei foge disso e daquilo,” dizia mamãe. “E não sabe o porquê.”

Enquanto observo Tia An-mei, vejo uma pequena mulher curvada em seus setenta anos, com um peito pesado e magra, pernas deformadas. Ela possui aqueles dedos achatados e suaves de uma mulher velha. Eu me pergunto o que Tia An-mei fez para inspirar um perpétuo fluxo de críticas de minha mãe. E então, novamente, parece que mamãe sempre foi desagradável com todas as suas amigas, comigo, e até mesmo com meu pai. Algo estava sempre faltando. Algo precisava sempre ser melhorado. Algo não estava equilibrado. Isto ou aquilo possuía um único elemento demais, insuficiente de outro. Os elementos eram da própria versão de mamãe de química orgânica. Cada pessoa é feita de cinco elementos, ela me contava.

Fogo demais e você tem um temperamento ruim. Isto era como meu pai, a quem minha mãe sempre criticava por seu hábito com os cigarros e que sempre gritava de volta, de que ela deveria manter os pensamentos para si mesma. Eu acho que ele agora sente-se culpado por não deixar mamãe dizer o que pensava. Pouca madeira e você inclina rápido demais para ouvir as idéias de outras pessoas, incapaz de ficar de pé por si próprio. Isto era como minha Tia An-mei. Muita água e você florescia em várias direções, como eu, por ter começado um meio período em biologia, então meio período em arte, e então não ter terminado nenhum quando fui trabalhar para uma pequena agência de publicidade como secretária, mais tarde tornando-me uma editora.

Eu costumava descartar suas críticas assim como a maioria de suas superstições chinesas, crenças que convenientemente ajustavam-se às circunstâncias. Aos meus vinte anos, enquanto estudava Introdução à Psicologia, tentei dizer a ela por que não deveria criticar tanto, por que aquilo não conduzia a um ambiente saudável de aprendizado.

“Há uma escola de pensamento,” eu dizia, “que ensina que pais não deveriam criticar os filhos. Eles deveriam encorajá-los ao invés disso. Você sabe, as pessoas levantam-se às expectativas de outras pessoas. E quando você critica, apenas significa que você espera o fracasso.”

“Este é o problema,” dizia mamãe. “Você nunca levanta. Preguiçosa para se erguer. Preguiçosa para levantar-se às expectativas.”

“Hora de comer,” anuncia Tia An-mei alegremente, trazendo uma panela quente de wonton que ela acabou de embrulhar. Há um amontoado de comida sobre a mesa, servido ao estilo bufê, assim como nos banquetes de Kweilin. Meu pai está consumindo o chow mein, que ainda encontra-se numa enorme frigideira de alumínio, rodeado por pequenos pacotes plásticos de molho de soja. Tia An-mei deve ter comprado isto na Clement Street. A sopa de wonton cheira maravilhosamente, com delicados ramos de cilantro flutuando por cima. Sou atraída primeiro para uma grande travessa de chaswei; carne assada de porco doce, cortado em fatias do tamanho de uma moeda, e então para um completo sortimento do que eu sempre chamei de guloseimas de dedo – massas

finas recheadas com carne de porco, bife, camarão e recheios desconhecidos que minha mãe costumava descrever como “coisas nutritivas.”

Comer não é um evento gracioso aqui. É como se todos estivessem famintos. Eles empurram enormes garfadas para dentro de suas bocas, cravam mais carne de porco, um depois do outro. Elas não são como as damas de Kweilin, quem eu sempre imaginei que saboreavam sua comida com uma certa imparcial delicadeza.

E então, quase tão rapidamente quanto começaram, os homens levantam-se e deixam a mesa. Como se numa deixa, as mulheres beliscam os últimos bocados e então carregam as bandejas e tigelas para a cozinha, depositando-as na pia. As mulheres revezam-se para lavarem suas mãos, esfregando-as vigorosamente. Quem começou este ritual? Eu também coloco meu prato na pia e lavo as mãos. As mulheres falam a respeito da viagem dos Jong à China, e então dirigem-se para uma sala nos fundos do apartamento. Passamos por outro cômodo que costumava ser o quarto compartilhado pelos quatro filhos dos Hsus'. As beliches com suas escadas gastas e lascadas ainda estão ali. Os tios da Felicidade e da Sorte já estão sentados à mesa de cartas. Tio George está distribuindo as cartas, rápido, como se tivesse aprendido a técnica num cassino. Meu pai está passando cigarros Pall Mall, com um já pendendo de seus lábios. E então, chegamos na sala dos fundos, que certa vez fora compartilhado pelas três filhas dos Hsus'. Éramos todas amigas de infância.

E agora, todas elas haviam crescido, se casado e eu estou aqui, para jogar no quarto delas novamente. Exceto pelo cheiro de cânfora, o quarto parece o mesmo – como se Rose, Ruth e Janice fossem entrar a qualquer momento com seus cabelos enrolados em enormes latas de suco e cair em suas idênticas camas estreitas. As colchas de chenille branco estão tão gastas que são quase translúcidas.

Rose e eu costumávamos arrancar os fiapos enquanto conversávamos à respeito de nossos problemas com os garotos. Tudo é igual, exceto agora por uma mesa para mah-jong de mogno, assentada no centro. E próximo a ela, um abajur, um longo mastro negro com três refletores ovais fixados como as folhas largas de uma seringueira.

Ninguém diz para mim, “Sente aqui, é onde sua mãe costumava se sentar.” Mas eu posso distinguir mesmo antes que qualquer uma delas se sente. A cadeira perto da porta possui um vazio nela. Mas o sentimento não tem realmente a ver com a cadeira. É o lugar dela na mesa. Sem que ninguém me diga, eu sei que o canto dela na mesa era o Leste. O Leste é onde as coisas começam, disse mamãe certa vez, a direção de onde o sol se levanta, de onde vem o vento.

Tia An-mei, que está sentada à minha esquerda, derrama as peças sobre a mesa de feltro verde e então me diz, “Agora nós misturamos as peças.”

Nós as giramos com as mãos num movimento circular. As peças fazem um suave ruído enquanto chocam-se umas contra as outras.

“Você ganha como sua mãe?” pergunta Tia Lin à minha frente. Ela não está sorrindo.

“Eu joguei só um pouco no colégio, com alguns amigos judeus.”

“Annh! Mah-jong judeu,” ela diz num tom enojado. “Não é mesma coisa.” Isto é o que minha mãe costumava dizer, embora ela nunca conseguisse explicar exatamente o porquê.

“Talvez eu não devesse jogar esta noite. Vou apenas assistir,” ofereço.

Tia Lin parece exasperada, como se eu fosse uma simples criança: “Como podemos jogar com apenas três pessoas? Como uma mesa com três pernas, sem equilíbrio. Quando o marido de Tia Ying morreu, ela pediu ao irmão que se juntasse. Seu pai pediu você. Então está decidido.”

“Qual é a diferença entre mah-jong judeu e chinês?” perguntei certa vez à minha mãe. Eu não conseguia distinguir pela resposta dela, se os jogos eram diferentes ou apenas era a atitude entre pessoas chinesas e judias.

“Completamente diferente tipo de jogo,” disse ela com sua voz de explicação em inglês, “mah-jong judeu, eles cuidam apenas de suas próprias peças, jogam apenas com os olhos.”

Então, ela mudou para o chinês: “Mah-jong chinês, você deve jogar usando sua cabeça, muito complicado. Você deve observar o que todos jogam fora e guardar isto na cabeça também. E se ninguém joga bem, então o jogo vira mah-jong judeu. Por que jogar? Não há estratégia. Você está apenas observando pessoas cometerem erros.”

Esses tipos de explicações faziam com que eu sentisse que minha mãe e eu falávamos dois idiomas diferentes, o que fazíamos. Eu falava com ela em inglês, ela respondia em chinês.

“Então, qual é a diferença entre mah-jong chinês e judeu?” pergunto a Tia Lin.

“Aii-ya,” exclama ela numa voz de reprimenda zombeteira. “Sua mãe não lhe ensinou nada?”

Tia Ying afaga minha mão. “Você, garota esperta. Você nos observa, faz o mesmo. Nos ajuda a empilhar as peças e fazer quatro paredes.”

Eu sigo Tia Ying, mas observo principalmente Tia Lin. Ela é a mais rápida, o que significa que eu quase posso acompanhar as outras ao observar o que ela faz primeiro. Tia Ying joga o dado e me dizem que Tia Lin tornou-se o vento Leste. Eu me tornei o vento Norte, a última mão a jogar. Tia Ying é o Sul e Tia An-mei é Oeste. E então começamos a pegar as peças, jogando o dado, contando a parede pelo número certo de pontos onde nossas peças escolhidas permanecem. Eu rearranjo minhas peças, seqüências de bambu e bolas, duplas de números coloridos, peças estranhas que não se encaixam em lugar algum.

“Sua mãe era a melhor, como uma profissional,” diz Tia An-mei, enquanto lentamente classifica suas peças, considerando cada uma cuidadosamente.

Agora começamos a jogar, olhando nossas mãos, lançando peças, pegando outras num ritmo fácil, confortável. As tias da Felicidade e da Sorte começam a murmurar pequenas conversas, não ouvindo realmente umas às outras. Elas falam em suas linguagens especiais, metade num inglês fraturado, metade em seus próprios dialetos chineses. Tia Ying menciona que comprou linhas pela metade do preço, em algum lugar nas avenidas. Tia An-mei gaba-se à respeito de um suéter que fez para o novo bebê de sua filha Ruth.

“Ela pensou que foi comprado numa loja,” diz ela, orgulhosamente.

Tia Lin explica o quanto ficou furiosa com o funcionário de uma loja que recusou-se a deixá-la devolver uma saia com o zíper quebrado. “Eu estava atacada,” diz ela, ainda fumegando, “furiosa até a morte.”

“Mas Lindo, você ainda está conosco. Você não morreu,” provoca Tia Ying, e então enquanto ri, Tia Lin diz, ‘Pung!’ e ‘Mah-jong!’, e então espalha suas peças, rindo de volta para Tia Ying, enquanto conta seus pontos. Começamos a misturar as peças novamente, e ela fica quieta. Estou ficando entediada e sonolenta.

“Ah, eu tenho uma história,” diz Tia Ying em voz alta, surpreendendo a todas. Tia Ying sempre foi a tia estranha, alguém perdida em seu próprio mundo. Mamãe costumava dizer, “Tia Ying não é difícil de se escutar. Ela é difícil de ser ouvida.”

“A polícia prendeu o filho da sra. Emerson no fim de semana passado,” diz Tia Ying, de um modo que soa como se ela estivesse orgulhosa por ser a primeira com esta grande notícia. “A sra. Chan contou-me na igreja. Vários aparelhos de TV encontrados em seu carro.”

Tia Lin rapidamente diz, “Aii-ya, sra. Emerson boa dama,” significando que a sra. Emerson não merecia um filho tão terrível. Mas agora eu noto que isto também foi dito em benefício de Tia An-mei, cujo próprio filho mais novo foi preso há dois anos atrás por vender estêreos de carros roubados. Tia An-mei está polindo sua peça cuidadosamente antes de descartá-la. Ela parece em dor.

“Todos tem aparelhos de TV na China agora,” diz Tia Lin, mudando de assunto. “Nossa família toda lá possui aparelhos de TV – não somente preto e branco, mas coloridas e com controle remoto! Eles tem tudo. Então quando perguntamos o que deveríamos comprar para eles, disseram nada; era suficiente que nós tivéssemos ido visitá-los. Mas nós compramos coisas diferentes para eles de qualquer modo, vídeo-cassetes e walkman da Sony para as crianças. Eles disseram, não, não dê a nós, mas eu acho que gostaram.”

Pobre Tia An-mei, esfrega suas peças com mais força ainda. Eu lembro de mamãe me contando sobre a viagem dos Hsus’ para a China, três anos atrás. Tia An-mei tinha economizado dois mil dólares, tudo para gastar com a família de seu irmão. Ela havia mostrado a minha mãe o interior de suas pesadas malas. Um estava abarrotado com amendoins e chicletes, M&M’s, cajúes caramelados, chocolate quente instantâneo com marshmallows em miniatura. Minha mãe contou-me que a outra mala continha as roupas mais ridículas, tudo novo: camisetas brilhantes no estilo californiano, bonés de baseball, calças de algodão com cintura elástica, jaquetas de bombeiro, camisetas de Stanford, meias soquete.

Mamãe havia lhe dito, “Quem quer aquelas coisas inúteis? Eles querem somente dinheiro.” Mas Tia An-mei disse que seu irmão era tão pobre e elas eram tão ricas em comparação. Então, ela ignorou os conselhos de mamãe e levou as malas pesadas e seus dois mil dólares para a China.

E quando a excursão pela China finalmente chegou em Hangzhou, a família inteira de Ningbo estava lá para conhecê-los. Não era somente o irmãozinho de Tia An-mei, mas também os meio-irmãos e irmãs de sua esposa, e uma prima distante, e o marido daquela prima e o tio daquele marido. Todos eles haviam trazido suas sogras e filhos, e até mesmo os amigos da vila que não tinham sorte o bastante para ter parentes chineses no estrangeiro para exhibir.

E minha mãe contou, “Tia An-mei tinha chorado antes de partir para a China, pensando que faria seu irmão muito rico e feliz pelos padrões comunistas. Mas quando ela chegou em casa, ela chorou para mim dizendo que todos tinham uma mão estendida e, ela foi a única deixada com mãos vazias.”

Minha mãe confirmou suas suspeitas. Ninguém quis as camisetas, aquelas roupas inúteis. Os M&M’s foram jogados no ar, sumiram. E quando as malas foram esvaziadas, os parentes perguntaram o que mais os Hsus haviam trazido. Tia An-mei e Tio George foram extorquidos, não apenas em dois mil dólares que valiam TVs e geladeiras, mas também por uma noite de hospedagem para vinte e seis pessoas no suntuoso Lake Hotel, por três mesas de banquete num restaurante que atendia estrangeiros ricos, por três presentes especiais para cada parente, e finalmente, por um empréstimo de cinco mil yuan em moeda estrangeira para um assim chamado tio de uma prima que queria comprar uma motocicleta, mas mais tarde desapareceu para sempre junto com o dinheiro.

Quando o trem partiu de Hangzhou no dia seguinte, os Hsus descobriram-se depauperados de uns nove mil dólares dignos de boa vontade. Meses mais tarde, após uma inspiradora missa de Natal na Primeira Igreja Batista Chinesa, Tia An-mei tentou ser indenizada por suas perdas ao dizer que havia sido verdadeiramente mais abençoada

por dar do que receber, e minha mãe concordou; sua amiga de longo tempo possuía bênçãos por pelo menos várias vidas.

Ouvindo agora Tia Lin gabar-se à respeito das virtudes de sua família na China, eu percebo que ela não tem consciência da dor de Tia An-mei. Tia Lin está sendo cruel, ou minha mãe nunca contou a ninguém, exceto eu, sobre a vergonhosa história da família gananciosa de Tia An-mei?

“Então, Jing-mei, você vai para a escola agora?” pergunta Tia Lin.

“O nome dela é June. Todas elas vão pelos seus nomes americanos,” diz Tia Ying.

“Está tudo bem,” respondo, e realmente falo sério. De fato, está até tornando-se moda para chineses nascidos na América usarem seus nomes chineses. “Eu não estou mais na escola, entretanto. Isso foi há mais de dez anos atrás.”

As sobranceiras de Tia Lin arqueiam-se. “Talvez eu esteja pensando na filha de outra pessoa,” diz, mas eu sei muito bem que ela está mentindo. Eu sei que minha mãe provavelmente lhe contou que eu voltaria à escola para terminar minha graduação, porque em algum momento no passado, talvez há apenas seis meses atrás, estávamos novamente tendo este argumento a respeito de eu ser um fracasso, uma ‘largada do colégio’, sobre minha volta para terminar.

Mais uma vez, novamente, eu havia dito a mamãe o que ela queria ouvir: “Você está certa. Vou considerar isto.”

Eu sempre assumi que tínhamos um não-dito entendimento à respeito dessas coisas: que ela não falava a sério que eu realmente era um fracasso, e eu realmente falava a sério que tentaria respeitar mais suas opiniões. Mas ao ouvir Tia Lin esta noite, eu me recordo outra vez novamente: Minha mãe e eu nunca realmente compreendemos uma à outra. Traduzimos os significados e eu pareço ouvir menos do que foi dito, enquanto minha mãe ouviu mais. Sem dúvida, ela contou à Tia Lin que eu voltaria à escola para conseguir um doutorado.

Tia Lin e minha mãe eram ambas as melhores amigas e arquiinimigas, que passaram uma vida inteira comparando suas filhas. Eu era um mês mais velha do que Waverly Jong, a estimada filha de Tia Lin. Desde a época em que éramos bebês, nossas mães comparavam as dobras em nossos umbigos, quão proporcional eram nossos lóbulos, com que rapidez sarávamos quando ralávamos os joelhos, quão denso e escuro eram nossos cabelos, quantos sapatos usávamos em um ano e, mais tarde, o quanto Waverly era esperta ao jogar xadrez, quantos troféus ela tinha ganho no mês passado, quantos jornais haviam imprimido seu nome, quantas cidades ela visitara.

Eu sei que mamãe se ressentia ao ouvir Tia Lin falar à respeito de Waverly quando não tinha nada com que revidar. No começo, mamãe tentou cultivar algum gênio oculto em mim. Ela fez trabalhos domésticos para um velho professor de piano aposentado no andar de baixo, que me deu lições e uso livre de um piano para praticar em troca. Quando eu falhei em me tornar uma pianista de concerto, ou mesmo uma acompanhante para o coral jovem da igreja, ela finalmente explicou que eu era de florescimento tardio, como Einstein, que todos pensavam que era retardado até que descobriu a bomba.

Agora é Tia Ying quem vence esta partida de mah-jong, então contamos os pontos e começamos novamente. “Vocês sabiam que Lena mudou-se para Woodside?” pergunta Tia Ying, com um óbvio orgulho, olhando as peças, falando para ninguém em particular. Ela rapidamente apaga o sorriso e tenta ser um pouco modesta. “É claro, não é a melhor casa na vizinhança, não uma casa de um milhão de dólares, não ainda. Mas é bom investimento. Melhor que pagar aluguel. Melhor do que alguém colocando-o sob o polegar para apagá-lo.”

Então, agora eu sei que a filha de Tia Ying, Lena, contou-lhe que fui despejada de meu apartamento em Russian Hill. Embora Lena e eu ainda sejamos amigas, nós

naturalmente crescemos cautelosas à respeito de contar demais uma para a outra. Ainda assim, o pouco que dizemos frequentemente volta com outra aparência. É o mesmo velho jogo, todos falando em círculos.

“Está ficando tarde,” digo, depois que terminamos a partida. Eu começo a levantar, mas Tia Lin me empurra de volta para a cadeira.

“Fique, fique... conversamos pouco, temos que conhecê-la novamente,” ela diz. “Tem sido um longo tempo.”

Eu sei que este é um gesto polido por parte das tias da Felicidade e da Sorte – um protesto quando, de fato, elas estão tão ansiosas por me ver sair quanto eu por ir embora. “Não, eu realmente devo ir agora, obrigada, obrigada,” digo, feliz por lembrar de como a farsa funcionava.

“Mas você deve ficar! Temos algo importante para lhe contar, de sua mãe,” deixa escapar Tia Ying, em sua voz alta demais.

As outras parecem desconfortáveis, como se este não fosse o modo como pretendiam revelar algum tipo de má notícia para mim.

Eu me sento. Tia An-mei deixa a sala rapidamente e retorna com uma tigela de amendoins, e então silenciosamente, fecha a porta. Todas estão quietas, como se ninguém soubesse por onde começar. É Tia Ying quem finalmente fala.

“Eu acho que sua mãe morreu com um pensamento importante em sua mente,” diz ela num inglês interrompido. E então, começa a falar em chinês, calma, suavemente. “Sua mãe era uma mulher muito forte, uma boa mãe. Ela a amou muito, mais do que à própria vida. É por isso que você pode compreender o porquê uma mãe como esta nunca conseguiu esquecer suas outras filhas. Ela sabia que estavam vivas, e antes que morresse, queria encontrá-las na China.”

Os bebês em Kweilin, eu penso. Eu não era aqueles bebês. Os bebês numa tipóia nos ombros dela. Suas outras filhas. E agora, sinto-me como se estivesse em Kweilin, no meio dos bombardeios e posso ver estes bebês deitados na margem da estrada, seus polegares vermelhos saltando das bocas, gritando para serem recuperados. Alguém as levou. Elas estão salvas. E agora minha mãe me deixou para sempre, voltou para a China para reaver estes bebês. Eu mal consigo ouvir a voz de Tia Ying.

“Ela procurou durante anos, escreveu cartas de um lado pra outro,” diz Tia Ying. “E no ano passado, ela conseguiu um endereço. Ela ia contar a seu pai em breve. Aii-ya, que pena. Uma vida inteira de espera.”

Tia An-mei interrompe com uma voz excitada: “Então suas tias e eu, nós escrevemos para este endereço,” ela diz. “Dissemos que uma certa parte interessada, sua mãe, quer encontrar outra parte interessada. E esta parte escreveu de volta para nós. Elas são suas irmãs, Jing-mei.”

Minhas irmãs, eu repito a mim mesma, dizendo estas duas palavras juntas pela primeira vez. Tia An-mei está segurando uma folha de papel tão fina quanto lenços de embrulho. Em perfeitamente retas linhas verticais, eu vejo caracteres chineses escritos em tinta azul-marinho. Uma palavra está borrada. Uma lágrima? Eu pego esta carta com mãos trêmulas, maravilhada por quão espertas minhas irmãs devem ser por serem capazes de ler e escrever chinês. As tias estão todas sorrindo para mim, como se eu tivesse sido uma pessoa às portas da morte que agora milagrosamente se recuperara. Tia Ying me entrega outro envelope. Dentro, há um cheque feito para June Woo no valor de \$1,200. Eu não consigo acreditar.

“Minhas irmãs estão mandando dinheiro para mim?”

“Não, não,” diz Tia Lin com sua voz exasperada e zombeteira. “Todo ano economizamos nossos ganhos no mah-jong para grande banquete num restaurante elegante. Na maioria das vezes, sua mãe ganhou, então maior parte é dinheiro dela. Nós

acrescentamos só um pouco, então você pode ir para Hong Kong, pegar um trem para Shanghai, ver suas irmãs. Além disso, estamos todas ficando ricas demais, gordas demais.” Ela afaga o estômago para provar.

“Ver minhas irmãs,” eu falo, entorpecida. Estou pasma com esta perspectiva, tentando imaginar o que eu veria. E estou embaraçada pela mentira do banquete-de-fim-de-ano que minhas tias contaram para mascarar sua generosidade. Estou chorando agora, soluçando e rindo ao mesmo tempo, vendo mas não compreendendo esta lealdade para com minha mãe.

“Você deve ver suas irmãs e contar-lhes à respeito da morte de sua mãe.” Diz Tia Ying. “Mas mais importante, você deve contar-lhes à respeito da vida dela. A mãe que elas não conhecem, elas devem conhecer agora.”

“Ver minhas irmãs, contar-lhes a respeito de minha mãe,” digo, assentindo. “O que eu vou dizer? O que eu posso contar à elas sobre minha mãe? Eu não sei de nada. Ela era minha mãe.”

As tias olham para mim como se eu tivesse ficado louca bem na frente de seus olhos.

“Não conhece sua própria mãe?” grita Tia An-mei, com descrença. “Como pode dizer isto? Sua mãe está em seus ossos!”

“Conte a elas as histórias de sua família aqui. Como ela tornou-se sucedida,” oferece Tia Lin.

“Conte-lhes histórias que ela contou a você, lições que ela ensinou, o que você sabe a respeito da mente dela que tornou-se sua mente,” diz Tia Ying. “Sua mãe é uma dama muito esperta.”

Eu ouço mais refrões de “conte-lhes, conte-lhes” enquanto cada tia, freneticamente, tenta pensar no que deve ser passado.

“Sua bondade.”

“Sua esperteza.”

“Sua natureza zelosa para com a família.”

“Suas esperanças, coisas que importaram à ela.”

“Os excelentes pratos que ela cozinhava.”

“Imagine, uma filha que não conhece sua própria mãe!”

E então me ocorre. Elas estão assustadas. Em mim, elas vêem suas próprias filhas, tão ignorantes, tão desatentas de todas as verdades e esperanças que elas trouxeram para a América. Elas vêem filhas que cresceram impacientes quando suas mães falavam em chinês, que pensam que elas são estúpidas quando explicam coisas num inglês fraturado. Elas vêem que felicidade e sorte não significam o mesmo para suas filhas, que para estas mentes nascidas-americanas próximas ‘felicidade e sorte’ não são palavras, não existem. Elas vêem filhas que irão dar à luz netos nascidos sem qualquer esperança de conexão passada de geração para geração.

“Eu contarei tudo à elas,” respondo simplesmente, e as tias olham para mim com rostos em dúvida. “Vou lembrar de tudo à respeito dela e contar-lhes,” digo, com mais firmeza.

E gradualmente, uma por uma, elas sorriem e afagam minha mão. Elas ainda parecem perturbadas, como se algo estivesse fora de alcance. Mas elas também parecem esperançosas de que o que vou dizer se tornará verdadeiro. O que mais elas podem pedir? O que mais eu posso prometer?

Elas voltam para comer seus amendoins cozidos, contando histórias entre si. São jovens garotas novamente, sonhando com bons momentos no passado e bons momentos ainda por vir. Um irmão de Ningbo que faz sua irmã chorar de alegria quando devolve nove mil dólares sem interesse. Um filho mais novo cujo negócio de consertos de TV e estéreos está tão bem que ele manda as sobras para a China. Uma filha cujos bebês são

capazes de nadar como peixes numa piscina luxuosa em Woodside. Apenas boas histórias. As melhores. Elas são aquelas com sorte.

E eu estou sentada no lugar de minha mãe na mesa de mah-jong, à Leste, onde as coisas começaram.

An-mei Hsu – Cicatriz

Quando eu era uma garotinha, na China, minha avó contou-me que minha mãe era um fantasma. Isto não significava que minha mãe estava morta. Naquela época, um fantasma era qualquer coisa da qual éramos proibidos de falar à respeito. Então eu sabia que Popo queria que eu esquecesse de minha mãe de propósito, e assim é como vim a recordar coisa alguma dela. A vida que eu conheci, começou numa casa enorme em Ningpo, com corredores frios e escadas altas. Esta era a casa da família de meu tio e tia, onde eu vivia com Popo e meu irmãozinho.

Mas eu, com frequência, ouvia histórias de um fantasma que tentava levar crianças embora, especialmente garotinhas teimosas que eram desobedientes. Muitas vezes, Popo dizia em voz alta, para que todos pudessem ouvir, que meu irmão e eu havíamos saído das tripas de um ganso estúpido; dois ovos que ninguém queria, que nem mesmo eram bons o bastante para serem quebrados sobre um mingau de arroz. Ela dizia isto para que os fantasmas não nos roubassem. Então, como vê, para Popo éramos também muito preciosos.

Toda minha vida, Popo me assustou. Tornei-me ainda mais assustada quando ela ficou doente. Isso era em 1923, quando eu tinha nove anos de idade. Popo havia inchado como um limão maduro tão cheio que sua carne ficara macia e podre, com um cheiro ruim. Ela me chamava em seu quarto, com um fedor terrível, e contava-me histórias. “An-mei,” dizia ela, chamando-me por meu nome de escola. “Ouça cuidadosamente.” Ela me contava histórias que eu não conseguia compreender.

Uma era sobre uma garota cujo ventre cresceu e ficou cada vez mais gordo. Esta garota envenenou-se depois de se recusar a dizer de quem era o bebê que carregava. Quando os monges abriram seu corpo, eles encontraram lá dentro um enorme melão branco de inverno.

“Se você é gulosa, o que está dentro de você é o que a faz sempre faminta,” dizia Popo.

Em outra ocasião, Popo contou-me sobre uma garota que se recusou a ouvir seus parentes mais velhos. Um dia, esta garota má balançou a cabeça tão vigorosamente para recusar um simples pedido da tia, que uma pequena bola branca caiu de seu ouvido e fez derramar todo o seu cérebro, igual caldo de galinha.

“Seus próprios pensamentos estão tão ocupados, nadando por dentro, que tudo o mais é empurrado para fora,” contava Popo.

Pouco antes de Popo ficar doente, ela não conseguia falar muito, então me puxava para perto e falava sobre minha mãe. “Nunca diga o nome dela,” ela avisou. “Dizer o nome dela é cuspir na sepultura de seu pai.”

O único pai que eu conhecia era uma enorme pintura pendurada no salão principal. Era um homem gordo e que não sorria, infeliz por ficar tão imóvel na parede. Seus olhos inquietos me seguiam ao redor da casa. Mesmo de meu quarto, no fim do corredor, eu conseguia ver os olhos vigilantes de meu pai. Popo dizia que ele me vigiava por quaisquer sinais de desrespeito. Então, às vezes, quando jogava pedras em outras crianças na escola ou perdia um livro por descuido, eu caminhava rapidamente por meu pai com um olhar de ‘não sei de nada’ e me escondia num canto de meu quarto, onde ele não pudesse ver meu rosto.

Eu sentia que nossa casa era muito infeliz, mas meu irmãozinho não parecia pensar assim. Ele passeava com sua bicicleta através do pátio, perseguindo galinhas e outras crianças, rindo de quem berrasse mais alto. Dentro da casa silenciosa, ele pulava em

cima e pra baixo dos melhores sofás de penas de meu tio e tia, quando eles estavam fora visitando amigos na vila. Mas mesmo a alegria de meu irmão se foi.

Num dia quente de verão, quando Popo já estava muito doente, estávamos do lado de fora observando o cortejo de um funeral na vila, marchando em frente de nosso pátio. Assim que ele passou por nosso portão, a pesada fotografia emoldurada do homem morto desequilibrou-se de seu pedestal e caiu no chão poeirento. Uma senhora idosa gritou e desmaiou. Meu irmão riu e titia o estapeou.

Minha tia, que possuía um temperamento muito ruim com crianças, disse a ele que não tinha ‘shou’, nenhum respeito pelos ancestrais ou a família, assim como nossa mãe. Titia possuía uma língua como tesouras famintas comendo tecido de seda. Então, quando meu irmão lhe deu um olhar rabugento, titia disse que nossa mãe era tão desatenta que voou para o norte numa pressa danada, sem nem ao menos levar o dote de mobília do casamento com meu pai, sem trazer a ela dez pares de palitos de prata, sem prestar respeito ao túmulo de meu pai e àqueles de nossos ancestrais. Quando meu irmão acusou titia de assustar nossa mãe para longe, ela gritou que nossa mãe tinha se casado com um homem chamado Wu Tsing, que já possuía uma esposa, duas concubinas e outras crianças más.

E quando meu irmão gritou que titia era uma galinha falante sem cabeça, ela o empurrou contra o portão e cuspiu em seu rosto.

“Você joga palavras fortes contra mim, mas você não é nada,” disse minha tia. “Você é o filho de uma mãe que possuía tão pouco respeito que se tornou ‘ni’, uma traidora de nossos ancestrais. Ela está tão abaixo dos outros que mesmo o demônio deve olhar para baixo para vê-la.”

Foi quando eu comecei a compreender as histórias que Popo me ensinava, as lições que tive que aprender por minha mãe. “Quando você perde seu rosto, An-meí,” dizia Popo, frequentemente, “é como deixar cair seu colar num poço. A única maneira de tê-lo de volta é cair atrás dele.”

Agora eu podia imaginar minha mãe, uma mulher insensata que riu e balançou a cabeça, que mergulhou seus palitos várias vezes para comer outro pedaço de fruta doce, feliz por estar livre de Popo, seu marido infeliz na parede e de seus dois filhos desobedientes. Eu me senti azarada por ela ser minha mãe, e azarada por ela nos ter deixado. Estes eram os pensamentos que eu tinha enquanto escondia-me num canto de meu quarto, onde meu pai não pudesse me vigiar.

Eu estava sentada no topo das escadas quando ela chegou. Eu sabia que era minha mãe, mesmo embora eu não a tivesse visto em toda minha memória. Ela parou bem na entrada da porta para que seu rosto se tornasse uma sombra escura. Era bem mais alta do que minha tia, quase tão alta quanto titio. Parecia estranha também, como as senhoras missionárias em nossa escola, que eram insolentes e mandonas em seus sapatos muito altos, roupas estrangeiras e cabelos curtos.

Minha tia rapidamente desviou o olhar e não a chamou pelo nome ou ofereceu-lhe chá. Uma velha empregada afastou-se com um olhar desgostoso. Eu tentei me manter bem imóvel mas meu coração se parecia com grilos arranhando para sair de uma gaiola. Minha mãe deve ter ouvido porque ela levantou os olhos. Olhos que permaneciam arregalados e tinham visto demais.

No quarto de Popo, minha tia protestou, “Tarde demais, tarde demais,” enquanto minha mãe se aproximava da cama. Mas isto não a impediu.

“Volte, fique aqui,” murmurou mamãe para Popo. “Nuyer está aqui. Sua filha está de volta.” Os olhos de Popo estavam abertos mas sua mente agora corria em várias

direções diferentes, não ficando tempo suficiente para ver qualquer coisa. Se a mente de Popo estivesse clara, ela teria levantado os dois braços e lançado minha mãe para fora do quarto.

Eu observei minha mãe, vendo-a pela primeira vez, esta bela mulher com sua pele branca e rosto oval, não redondo demais como o de titia ou marcado como o de Popo. Vi que ela possuía um longo pescoço branco, assim como o do ganso que me botara. Que ela parecia flutuar como um fantasma, mergulhando panos frescos para colocar no rosto inchado de Popo. Ao perscrutar os olhos de Popo, ela murmurava sons suaves e preocupados. Eu a observei cuidadosamente porém foi sua voz que me confundiu, o som familiar de um sonho esquecido.

Quando retornei para meu quarto, mais tarde ao anoitecer, ela estava lá, de pé. E porque lembrei que Popo havia me dito para não falar seu nome, eu permaneci ali, muda. Ela pegou minha mão e guiou-me até o sofá. E então, ela também sentou, como se tivéssemos feito aquilo todos os dias. Minha mãe começou a desatar minhas tranças e pentear meus cabelos com longos movimentos acariciantes.

“An-mei, você tem sido uma boa filha?” perguntou ela, sorrindo com um olhar secreto.

Eu a fitei com um olhar de ‘não sei de nada’, mas por dentro eu estava trêmula. Eu era a garota cujo ventre sustentava um melão de inverno sem cor.

“An-mei, você sabe quem eu sou,” disse ela com um pequeno tom de censura na voz. Dessa vez, eu não olhei, por medo que minha cabeça explodisse e meu cérebro escorresse pelos ouvidos.

Ela parou de pentear. E então, eu pude sentir seus longos e macios dedos esfregando e buscando abaixo de meu queixo, encontrando o ponto que era minha suave cicatriz. Enquanto ela esfregava aquele ponto, fiquei imóvel. Era como se ela estivesse esfregando a memória de volta em minha pele. E então, sua mão deixou-se cair e ela começou a chorar, colocando as mãos ao redor do próprio pescoço. Ela chorava com uma voz lamentosa que era tão triste. Então eu recordei do sonho com a voz de minha mãe.

Eu tinha quatro anos. Meu queixo estava sobre a mesa de jantar, e eu podia ver meu irmão bebê sentado no colo de Popo, chorando com o rosto zangado. Eu podia ouvir vozes elogiando uma sopa escura e fumegante trazida à mesa, vozes murmurando polidamente, “Ching! Ching!” – Por favor, coma!

E então, a conversa parou. Meu tio levantou-se da cadeira. Todos se viraram para olhar para a porta onde uma mulher alta estava parada. Eu fui a única a falar.

“Ma,” eu tinha gritado, empurrando minha cadeira, mas titia estapeou meu rosto e puxou-me de volta à mesa. Agora, todos estavam de pé e gritando, e eu ouvi a voz de minha mãe gritando, “An-mei! An-mei!”

Acima do ruído, a voz estridente de Popo falou. “Quem é este fantasma? Não uma honrada viúva. Somente uma concubina número três. Se você levar sua filha, ela ficará como você. Sem rosto. Nunca capaz de levantar a cabeça.”

Ainda assim, minha mãe gritou para que eu fosse. Eu recordei da voz dela tão claramente agora. ‘An-mei! An-mei!’ Eu conseguia ver o rosto de minha mãe do outro lado da mesa. Entre nós encontrava-se a panela de sopa, em seu pesado apoio para panela – balançando-se lentamente, pra frente e pra trás. Então, com um grito, esta sopa negra e fervente transbordou para frente e caiu sobre meu pescoço. Era como se a fúria de todos estivesse sendo derramada sobre mim.

Esse é o tipo de dor tão terrível que uma criança pequena nunca deveria se recordar. Mas ela ainda está na memória de minha pele. Eu chorei alto, só um pouco, porque em

breve minha carne começou a queimar por dentro e por fora, cortando o ar que eu respirava.

Eu não conseguia falar por causa desta terrível sensação sufocante. Eu não conseguia ver por causa de todas as lágrimas que se derramavam para lavar a dor. Mas eu podia ouvir a voz chorosa de minha mãe. Popo e titia estavam gritando. E então, a voz de minha mãe se foi.

Mais tarde naquela noite, a voz de Popo chegou até mim. “An-mei, ouça com cuidado.” Sua voz tinha o mesmo tom de censura que ela costumava usar quando eu subia e descia as escadas correndo. “An-mei, fizemos suas roupas de enterro e sapatos para você. São todas de algodão branco.”

Eu ouvi assustada.

“An-mei,” murmurou ela, agora mais gentilmente. “Suas roupas de enterro são bem simples. Elas não são elegantes porque você ainda é uma criança. Se você morrer, terá uma vida curta e ainda vai dever à sua família um débito. Seu funeral será bem pequeno. Nosso tempo de luto por você será bem curto.” Então, Popo disse algo que era pior do que a queimadura em meu pescoço. “Até mesmo sua mãe gastou as lágrimas e se foi. Se você não melhorar logo, ela vai esquecê-la.”

Popo era muito esperta. Eu voltei correndo do outro mundo para encontrar minha mãe. Chorei todas as noites, então tanto meus olhos quanto meu pescoço ardiam. Ao lado de minha cama, ficava Popo. Ela derramava água fria sobre meu pescoço com o copo fundo de uma enorme laranja. Derramava e derramava, até que minha respiração se tornasse suave e eu pudesse adormecer. Pela manhã, Popo usaria suas unhas pontudas como pinças e descascaria as membranas mortas.

Num período de dois anos, minha cicatriz tornou-se pálida e brilhante, e eu não tive recordações de minha mãe. É assim com uma ferida. A ferida começa a se fechar por si só, para proteger o que está machucando tanto. E uma vez que fecha, você não mais vê o que está por baixo, o que começou a dor.

Eu venerei esta mãe de meu sonho. Mas a mulher parada junto à cama de Popo, não era a mãe de minha memória. Porém, eu vim a amar esta mãe também. Não porque ela veio até mim e implorou-me que a perdoasse. Ela não o fez. Ela não precisava explicar que Popo a perseguiu para botá-la para fora de casa quando eu estava morrendo. Isso eu sabia. Ela não precisava me dizer que se casara com Wu Tsing para trocar uma infelicidade por outra. Eu sabia disso também.

Assim foi como eu vim a amar minha mãe. Como eu vi nela a minha própria natureza verdadeira. O que estava sob minha pele. Dentro de meus ossos.

Era tarde da noite quando fui até o quarto de Popo. Minha tia havia dito que era o momento da morte de Popo e eu deveria mostrar respeito. Coloquei um vestido limpo e fiquei entre meus tios, aos pés da cama de Popo. Chorei um pouco, não alto demais.

Eu vi minha mãe do outro lado do quarto. Silenciosa e triste. Estava cozinhando uma sopa, despejando ervas e remédios na panela fumegante. E então, eu a vi puxar sua manga e tirar uma faca afiada. Ela colocou esta faca na parte mais macia de seu braço. Tentei fechar os olhos mas não pude.

Então minha mãe cortou um pedaço da carne de seu próprio braço. Lágrimas escorreram de seu rosto e sangue pingou no chão. Minha mãe tirou sua carne e colocou-a na sopa. Ela cozinhou magia na tradição antiga, para tentar curar sua mãe, mais uma última vez. Ela abriu a boca de Popo, já apertada demais tentando reter seu espírito. Ela alimentou-a com esta sopa mas, naquela noite, Popo se foi com sua doença.

Mesmo embora eu fosse jovem, eu podia ver a dor da carne e o valor da dor. Assim é como uma filha honra sua mãe. É ‘shou’ tão profundo que está em seus ossos. A dor da carne não é nada. A dor você deve esquecer. Porque, às vezes, aquela é a única maneira de lembrar o que está em seus ossos. Você deve arrancar sua pele, e aquela de sua mãe, e da mãe antes dela. Até não haver nada. Nenhuma cicatriz, nenhuma pele, nenhuma carne.

Lindo Jong – A Vela Vermelha

Eu, certa vez, sacrifiquei minha vida para manter a promessa de meus pais. Isso não significa nada para você, porque para você, promessas não significam nada. Uma filha pode prometer vir para jantar, mas se ela tem uma dor de cabeça, se tem um engarrafamento, se quer assistir um filme favorito na TV, ela não mais tem uma promessa.

Eu assisti a esse mesmo filme quando você não veio. O soldado americano promete voltar e casar-se com a garota. Ela chora com um sentimento genuíno e ele diz, “Prometo! Prometo! Querida – amor, minha promessa é tão boa quanto ouro.” Então, ele a empurra para a cama. Mas ele não volta. O ouro dele é como o seu, apenas quatorze quilates.

Para os chineses, quatorze quilates não é ouro de verdade. Sinta meus braceletes. Eles devem ser vinte e quatro quilates, puras por dentro e por fora. É tarde demais para mudar você, mas estou lhe dizendo isso porque eu me preocupo com seu bebê. Eu me preocupo de que, algum dia, ela dirá, “Obrigada, vovó, pelo bracelete de ouro. Nunca a esquecerei.” Mas, mais tarde, ela vai esquecer a promessa. Ela vai esquecer que tinha uma avó.

Nesse mesmo filme de guerra, o soldado americano vai para casa e cai de joelhos, pedindo à outra garota que se case com ele. E os olhos da garota reviram pra cima e pra baixo, tão tímidos, como se nunca tivesse considerado isso antes. E de repente! – os olhos dela se voltam direto para baixo e ela sabe agora que o ama, tanto que quer chorar. “Sim,” diz ela, finalmente, e eles se casam para sempre.

Este não foi o meu caso. Ao invés disso, a casamenteira da vila veio até minha família, quando eu tinha apenas dois anos de idade. Não, ninguém me contou isso, eu recordo tudo. Era verão, muito quente e poeirento do lado de fora, e eu podia ouvir as cigarras cantando no quintal. Estávamos sob algumas árvores em nosso pomar. Os empregados e meus irmãos estavam colhendo pêras. E eu estava sentada nos braços quentes e pegajosos de minha mãe. Estava acenando com as mãos porque, à minha frente, um pequeno pássaro voava com as asas finas como papel, barulhentas e coloridas. Então o pássaro de papel voou para longe, e na minha frente surgiram duas senhoras. Eu recordo delas porque uma das mulheres fez aguados sons de ‘shrrhh, shrrhh.’ Quando fiquei mais velha, vim a reconhecer isto como um sotaque de Pequim, que soa um bocado estranho para os ouvidos de pessoas de Taiyuan.

As duas senhoras olhavam para meu rosto sem conversarem. A senhora de voz aguada tinha um rosto pintado que estava derretendo. A outra senhora tinha o rosto seco como o tronco de uma árvore velha. Ela primeiro olhou para mim e então para a senhora pintada.

É claro, agora eu sei que a senhora tronco de árvore era a velha casamenteira da vila, e a outra era Huang Taitai, a mãe do garoto com quem eu seria forçada a casar. Não, não é verdade o que alguns chineses dizem a respeito de bebês meninas serem inúteis. Depende de que tipo de bebê menina você é. Em meu caso, as pessoas podiam ver meu valor. Eu parecia e cheirava como um precioso pãozinho doce, suave e com uma boa cor limpa.

A casamenteira gabou-se à meu respeito: “Um cavalo da terra para uma cabra da terra. Esta é a melhor combinação de casamento.” Ela afagou meu braço e eu empurrei sua mão. Huang Taitai sussurrou em sua voz de ‘shrrhh-shrrhh’ que talvez eu possuísse um incomum ‘pichi’ ruim, temperamento ruim. Mas a casamenteira riu e disse, “Nem tanto, nem tanto. Ela é um cavalo forte. Irá crescer para ser uma árdua trabalhadora que a servirá bem em sua velhice.”

E isso foi quando Huang Taitai olhou para mim com um rosto enevoadado, como se ela pudesse penetrar meus pensamentos e ver minhas futuras intenções. Eu nunca esquecerei seu olhar. Seus olhos se arregalaram, ela perscrutou meu rosto cuidadosamente e então sorriu. Pude ver um enorme dente de ouro me fitando, como um sol cegante, e então o resto de seus dentes se abriram largamente como se ela fosse me engolir num só bocado.

Foi assim que me tornei prometida ao filho de Huang Taitai, quem eu descobri mais tarde ser apenas um bebê, um ano mais jovem do que eu. O nome dele era Tyan-yu – tyan para ‘céu’ porque ele era muito importante, e yu, que significa ‘sobras’, porque quando nasceu, o pai dele estava muito doente e sua família pensou que poderia morrer.

Tyan-yu seria a sobra do espírito de seu pai. Mas o pai dele viveu, e sua avó ficou com medo de que os fantasmas voltassem sua atenção para este bebê menino e o levassem ao invés disso. Então, eles o vigiaram cuidadosamente, tomaram todas as decisões por ele, e ele tornou-se muito mimado.

Mas mesmo que soubesse, eu teria tal marido ruim; eu não tinha escolha, agora ou mais tarde. Era assim que as famílias atrasadas do país eram. Éramos sempre os últimos a desistir de estúpidos costumes fora de moda. Já em outras cidades, um homem poderia escolher a própria esposa, com a permissão de seus pais, é claro. Mas nós fomos impedidas de ter este tipo de novo pensamento. Você nunca ouvia se idéias eram melhores em outras cidades, apenas se eram piores. Contavam-nos histórias de filhos que foram tão influenciados por esposas ruins que eles jogavam seus velhos e lamentosos pais na rua. Então, mães taiuanesas continuavam a escolher suas noras, alguém que criaria filhos respeitáveis, cuidaria dos mais velhos e, fielmente, varreria os cemitérios da família muito tempo depois que as velhas senhoras tivessem ido para seus próprios túmulos.

E porque eu estava prometida em casamento para o filho de Huang, minha própria família começou a me tratar como se eu já pertencesse à outra pessoa. Minha mãe me dizia, quando a tigela de arroz era colocada na frente de meu rosto, várias vezes, “Olhem o quanto a filha de Huang Taitai pode comer.”

Minha mãe não me tratava dessa maneira porque não me amava. Ela dizia isso mordendo a língua, então não desejaria por algo que não mais era dela. De fato, eu era uma criança muito obediente mas, às vezes, tinha um olhar rabugento no rosto – apenas porque eu estava com calor, cansada ou muito doente. Era quando minha mãe dizia, “Que rosto feio. Os Huangs não vão querer você e toda nossa família cairá em desgraça.” Eu chorava ainda mais para ficar feia.

“É inútil,” minha mãe dizia. “Fizemos um contrato. Não pode ser quebrado.” Então eu chorava ainda mais forte.

Eu não vi meu futuro marido até aos oito ou nove anos de idade. O mundo que eu conhecia era a moradia de nossa família na vila, nos limites de Taiyuan. Minha família vivia em uma modesta casa de dois andares, com uma casa menor no mesmo bloco, que eram na verdade apenas dois quartos adjacentes, para nossa cozinheira, um empregado diarista e suas famílias.

Nossa casa ficava numa pequena colina. Chamávamos esta colina de ‘Três Passos para o Paraíso’, mas na realidade, eram apenas séculos de camadas de lama endurecida

arrastadas pelo rio Fen. No lado leste de nossa casa estava o rio, que meu pai dizia gostar de engolir criancinhas. Ele disse que certa vez havia engolido a cidade inteira de Taiyuan. O rio corria marrom no verão. No inverno, era azul-esverdeado, nas faixas estreitas e corrediças. Nos lugares largos, era congelado, branco de frio.

Oh, eu lembro do ano novo, quando minha família ia para o rio e pegava muitos peixes – criaturas gigantes e escorregadias, reunidas enquanto ainda dormiam em seus leitões congelados – tão frescos que mesmo depois de serem destripados, dançavam com suas caudas quando jogados na panela quente.

Aquele também foi o ano em que vi, pela primeira vez, meu marido, ainda um garotinho. Quando os fogos de artifício terminaram, ele gritou alto – Wah! – com uma enorme boca aberta, mesmo embora não fosse um bebê.

Mais tarde, eu o via nas cerimônias do ovo vermelho, quando os bebês com um mês de vida, homens, recebiam seus verdadeiros nomes. Ele se sentaria sobre os joelhos de sua velha avó, quase quebrando-os com seu peso. E se recusaria a comer qualquer coisa oferecida a ele, sempre desviando o nariz, como se alguém estivesse lhe oferecendo uma conserva fedorenta e não um bolo doce.

Então eu não senti um amor instantâneo por meu futuro marido, do modo como você vê na televisão hoje em dia. Eu pensei nesse garoto mais como um incômodo primo. Aprendi a ser polida para com os Huangs e especialmente com Huang Taitai.

Minha mãe me empurrava na direção de Huang Taitai e dizia, “O que se diz à sua mãe?” Eu ficava confusa, não sabendo a que mãe se referia. Então, me virava para minha verdadeira mãe e dizia, “Perdoe-me, Mãe,” e daí para Huang Taitai, presenteando-a com uma pequena guloseima para comer, dizendo, “Para você, Mãe.” Lembro que, certa vez, foi uma semente de syaumei, um pequeno bolinho cozido que eu adorava comer. Minha mãe dizia a Huang Taitai que eu havia feito este bolinho especialmente para ela. Mesmo que eu tivesse apenas cutucado as bordas quentes com meu dedo, quando a cozinheira o despejou na bandeja de servir.

Minha vida mudou completamente quando eu tinha doze anos, o verão em que as chuvas pesadas chegaram. O rio Fen, que corria bem no meio das terras de minha família, inundou as planícies. Ele destruiu todo o trigo que minha família havia plantado naquele ano e tornou a terra inútil para os anos seguintes. Até mesmo nossa casa, no topo da pequena colina, tornou-se inabitável. Quando descemos do segundo andar, vimos que o assoalho e a mobília estavam cobertos de lama pegajosa. Os pátios estavam cobertos de árvores arrancadas, pedaços de parede quebrados e galinhas mortas. Ficamos tão pobres com toda aquela confusão.

Você não podia ir até uma companhia de seguros e dizer ‘alguém fez esse estrago, me pague um milhão de dólares.’ Naqueles dias, você era infeliz se tivesse esgotado suas próprias possibilidades. Meu pai disse que não tínhamos escolha a não ser nos mudarmos com a família para Wushi, ao sul de Shangai, onde a mãe de meu irmão possuía um pequeno moinho de farinha. Meu pai explicou que a família toda, exceto eu, partiria imediatamente. Eu tinha doze anos de idade, velha o suficiente para separar-me de minha família e viver com os Huangs.

As estradas estavam tão lamacentas e cheias de buracos enormes que nenhum caminhão estava disposto a vir até a casa. Toda a mobília pesada e roupas de cama tiveram que ser deixadas para trás, e elas foram prometidas aos Huangs como meu dote. Nessa questão, minha família era totalmente prática. O dote era suficiente, mais do que suficiente, disse meu pai.

Mas ele não pôde impedir minha mãe de me dar seu ‘chang’, um colar feito com um bloco de jade vermelho. Quando o colocou em meu pescoço, ela agiu austeramente, então eu soube que estava muito triste.

“Obedeça sua família. Não nos envergonhe,” disse ela. “Aja alegremente quando chegar. De verdade, você tem muita sorte.”

A casa dos Huangs também ficava próxima ao rio. Enquanto nossa casa havia sido inundada, a casa deles permaneceu intocada. Isso porque ela ficava ainda mais alta no vale. E esta foi a primeira vez que percebi que os Huangs tinham uma posição muito melhor do que minha família. Eles nos menosprezavam, o que me fez entender porque Huang Taitai e Tyan-yu possuíam narizes tão longos.

Quando passei sob o arco de pedra e madeira do portão dos Huangs, vi um largo pátio com três ou quatro fileiras de prédios pequenos e baixos. Alguns eram para armazenagem de suprimentos, outros para os empregados e suas famílias. Atrás dessas modestas construções ficava a casa principal.

Eu me aproximei e observei a casa que seria meu lar para o resto de minha vida. A casa pertenceu à família por várias gerações. Ela não era realmente tão velha ou notável, mas eu podia ver que crescera junto com a família. Havia quatro narrativas, uma para cada geração; bisavós, avós, pais e filhos.

A casa possuía uma aparência confusa. Fora construída apressadamente, então quartos, andares, alas e decorações haviam sido acrescentados cada qual uma maneira, refletindo várias opiniões. O primeiro andar foi construído com pedras do rio, sustentados por lama e palha. O segundo e terceiro níveis eram feitos de tijolos lisos com uma calçada exposta para assemelhar-se a torre de um palácio. E o nível superior possuía paredes de blocos cinzentos cobertos por telhas vermelhas. Para fazer a casa parecer importante, haviam duas enormes colunas apoiando a entrada de uma varanda para a porta da frente. Estas colunas eram pintadas de vermelho, assim como as bordas de madeira das janelas. Alguém, provavelmente Huang Taitai, havia acrescentado cabeças de dragões imperiais nos cantos do telhado.

Por dentro, a casa possuía um tipo diferente de ostentação. O único aposento agradável era um salão no primeiro andar, que os Huangs usavam para receber convidados. Este salão continha mesas e cadeiras esculpidas em verniz vermelho, delicadas almofadas bordadas com o nome de família dos Huangs em estilo arcaico e várias preciosidades que davam um ar de riqueza e prestígio antigos. O resto da casa era simples, desconfortável e barulhento com as queixas de vinte parentes. Acho que, com cada geração, a casa tornou-se menor por dentro, mais cheia. Cada quarto foi repartido ao meio para transformar-se em dois.

Nenhuma grande celebração foi feita quando eu cheguei. Huang Taitai não acenou bandeiras vermelhas me dando boas vindas no salão elegante do primeiro andar. Tyan-yu não estava lá para me receber. Ao invés disso, Huang Taitai apressou-se em me fazer subir para o segundo andar e para a cozinha, que era um lugar à qual as crianças da família normalmente não iam. Aquele era um lugar para cozinheiras e empregados. Então eu soube qual era minha posição.

Naquele primeiro dia, eu me encontrei em meu melhor vestido à mesa de madeira baixa e comecei a cortar vegetais. Eu não conseguia manter as mãos firmes. Sentia falta de minha família e meu estômago doía, sabendo que finalmente havia chegado onde diziam que minha vida pertencia. Mas eu também estava determinada a honrar a palavra de meus pais, então Huang Taitai nunca poderia acusar minha mãe de ter perdido o rosto. Ela não iria conquistar aquilo de nossa família.

Enquanto eu pensava nisso, vi uma velha empregada debruçada sobre a mesma mesa baixa, destripando um peixe e olhando para mim pelo canto do olho. Eu estava chorando e tive medo de que ela contasse a Huang Taitai. Então, dei um grande sorriso e gritei, “Que garota de sorte eu sou. Terei uma vida melhor.” E com este pensamento rápido, devo ter acenado com minha faca perto demais de seu nariz, porque ela gritou raivosamente: “Shemma bende ren!” ‘Que tipo de tola é você?’

E eu soube imediatamente que aquilo era um aviso, porque quando gritei aquela declaração de felicidade, quase me enganei pensando que poderia transformar-se em realidade.

Eu vi Tyan-yu no jantar. Ainda era alguns poucos centímetros mais alta do que ele, mas ele agia como um grande general. Eu sabia que tipo de marido ele seria porque fazia um esforço especial para me fazer chorar. Ele reclamava que a sopa não estava quente o suficiente e derrubava a tigela como se tivesse sido um acidente. Esperava até que eu estivesse sentada para comer e então exigia outra tigela de arroz. Perguntava por que eu fazia uma cara desagradável ao olhar para ele.

Alguns anos depois, Huang Taitai instruiu os outros empregados para que me ensinassem como costurar bordas perfeitas de fronhas e bordar meu futuro nome de família. Como uma esposa poderia manter o lar de seu marido em ordem se nunca sujou as próprias mãos, Huang Taitai costumava dizer ao me apresentar uma nova tarefa. Eu não acho que ela tenha alguma vez sujado as mãos, mas era muito boa em gritar ordens e criticar. “Ensine-a a lavar arroz apropriadamente até que a água esteja escorrendo clara; seu marido não pode comer arroz lamacento,” dizia ela para uma cozinheira.

Noutra ocasião, ela disse à empregada para me mostrar como limpar um urinol: “Faça-a colocar o próprio nariz no fundo para se certificar de que está limpo.” Foi como eu aprendi a ser uma esposa obediente. Aprendi a cozinhar tão bem que podia sentir o cheiro se a refeição estava salgada demais, mesmo antes de prová-la. Podia costurar pontos tão pequenos que parecia que o bordado havia sido pintado. E mesmo assim, Huang Taitai reclamava, de maneira fingida, que mal jogava uma blusa suja no chão, ela estava em suas costas novamente antes de ser lavada, obrigando-a a usar as mesmas roupas todos os dias.

Depois de um tempo, eu não achava que era uma vida terrível, não, não de verdade. Depois de um tempo, estava tão magoada que não sentia qualquer diferença. O que era mais prazeroso do que ver todos devorarem os brilhantes cogumelos e brotos de bambu que eu ajudara a preparar naquele dia? O que era mais gratificante do que ter Huang Taitai acenando e dando palmadinhas em minha cabeça quando eu terminava de escovar seus cabelos uma centena de vezes? Quão feliz eu poderia ser depois de ver Tyan-yu comer uma tigela inteira de macarrão sem nenhuma queixa a respeito do gosto ou de minha aparência? É como aquelas senhoras que você vê na TV americana hoje em dia, aquelas que estão tão felizes por ter tirado uma mancha de roupas que parecem melhor do que novas.

Consegue perceber como os Huangs quase gravaram seus pensamentos em minha pele? Eu vim a pensar em Tyan-yu como um deus, alguém cujas opiniões valiam muito mais do que minha própria vida. Eu vim a pensar em Huang Taitai como minha verdadeira mãe, alguém que eu queria agradar, alguém que eu deveria seguir e obedecer sem questionamentos.

Quando completei dezesseis anos, no ano novo lunar, Huang Taitai me disse que ela estava pronta para acolher um neto na próxima primavera. Mesmo se eu não quisesse ter me casado, onde eu viveria ao invés disso? Mesmo embora eu fosse forte como um cavalo, como eu poderia fugir? Os japoneses estavam em todos os cantos da China.

“Os japoneses apareceram como convidados inesperados,” disse a avó de Tyan-yu, “e foi por isso que ninguém apareceu.” Huang Taitai havia feito grandes planos, mas nosso casamento foi bem pequeno.

Ela convidou toda a vila, amigos e familiares de outras cidades também. Naqueles dias, você não fazia RSVP. Não era polido não aparecer. Huang Taitai não achou que a guerra fosse mudar as boas maneiras das pessoas. Então a cozinheira e suas ajudantes prepararam centenas de pratos. A velha mobília de minha família foi polida num imponente dote e colocada na sala principal. Huang Taitai cuidou para que removessem todas as marcas de água e lama. Ela até mesmo encarregou alguém de escrever mensagens de felicitações em estandartes vermelhos, como se meus próprios pais tivessem feito essas decorações para me parabenizar por minha boa sorte. E ela fez arranjos para alugar um palanque vermelho para me carregarem da casa de seus vizinhos para a cerimônia de casamento.

Um bocado de má sorte caiu sobre o dia de nosso casamento, mesmo embora a casamenteira tenha escolhido um dia de sorte, o 15º dia da oitava lua, quando a lua está perfeitamente redonda e maior do que em qualquer outra época do ano.

Mas uma semana antes da lua chegar, os japoneses vieram. Eles invadiram a província de Shansi bem como as outras em nossa fronteira.

As pessoas estavam nervosas. E na manhã do 15º dia, o dia de nossa cerimônia de casamento, começou a chover, um sinal muito ruim. Quando os relâmpagos e trovoadas começaram, as pessoas confundiram isso com bombas japonesas e não deixaram suas casas.

Eu ouvi mais tarde que a pobre Huang Taitai esperou durante horas por mais pessoas por vir e, finalmente, quando não pôde forçar mais nenhum convidado para que aparecesse, ela decidiu começar a cerimônia. O que ela poderia fazer? Ela não podia mudar a guerra.

Eu estava na casa vizinha. Quando eles me chamaram para descer e entrar no palanque vermelho, eu estava sentada com um pequeno vestido de gala, junto à janela aberta. Comecei a chorar e pensei amargamente na promessa de meus pais. Eu me perguntei por que meu destino havia sido decidido, por que eu deveria ter uma vida infeliz para que alguém pudesse ter uma feliz. De meu banco na janela, eu podia ver o rio Fen, com suas águas lamacentas e escuras. Eu pensei em me atirar no rio que havia destruído a felicidade de minha família. Uma pessoa tem pensamentos bem estranhos quando parece que a vida está para terminar.

Começou a chover novamente, apenas uma leve garoa. As pessoas no andar de baixo gritaram mais uma vez para que eu me apressasse. E meus pensamentos tornaram-se mais urgentes, mais estranhos.

Indaguei-me novamente, o que é verdadeiro a respeito de uma pessoa? Eu mudaria do mesmo modo que os rios mudam sua cor mas ainda seria a mesma pessoa? Então vi as cortinas soprando selvagememente, e lá fora a chuva caindo forte, fazendo as pessoas correrem e gritarem. Eu sorri. E então, percebi que era a primeira vez que eu podia ver o poder do vento. Eu não conseguia ver o vento por si mesmo, mas podia vê-lo carregar a água que enchia os rios e moldava a paisagem. Fazia os homens latirem e dançarem.

Enxuguei os olhos e olhei-me no espelho. Fiquei surpresa com o que vi. Eu estava com um belo vestido vermelho, mas o que vi era ainda mais valioso. Eu era forte. Eu era pura. Possuía pensamentos genuínos que ninguém poderia ver, que nunca ninguém poderia tirar de mim. Eu era como o vento.

Joguei a cabeça para trás e sorri orgulhosamente para mim mesma. Então, coloquei o grande lenço bordado vermelho sobre meu rosto e cobri estes pensamentos. Mas por

baixo do lenço, eu ainda sabia quem eu era. Fiz uma promessa para mim mesma: sempre lembraria dos desejos de meus pais mas nunca esqueceria de mim.

Quando cheguei ao casamento, eu tinha o lenço vermelho sobre o rosto e não conseguia ver nada à minha frente. Mas quando inclinei a cabeça para frente, pude ver pelos cantos. Muitas poucas pessoas vieram. Vi os Huangs, os mesmos velhos parentes queixosos, agora embaraçados por aquela pequena exibição, os artistas com seus violinos e flautas. E havia poucas pessoas da vila que tinham sido corajosos o suficiente para vir por uma refeição grátis. Vi até mesmo os empregados e seus filhos, que devem ter sido acrescentados para fazer a festa parecer maior.

Alguém segurou minha mão e guiou-me através de uma trilha. Eu era como uma pessoa cega caminhando para meu destino. Mas não estava mais assustada. Eu podia ver o que havia dentro de mim.

Um alto oficial conduziu a cerimônia e falou longamente a respeito de filósofos e modelos de virtude. Então ouvi a casamenteira discursar sobre as datas de nossos nascimentos, harmonia e fertilidade. Inclinei um pouco mais a cabeça sob o véu e pude ver suas mãos desdobrando um lenço de seda vermelho e segurando uma vela vermelha para que todos pudessem ver.

A vela possuía duas pontas. Uma das extremidades continha caracteres dourados esculpidos com o nome de Tyan-yu, a outra com o meu. A casamenteira acendeu ambos os lados e anunciou, “O casamento começou.”

Tyan arrancou o lenço de meu rosto e sorriu para seus amigos e familiares, nunca nem mesmo olhando para mim. Ele recordou-me de um jovem pavão que vi certa vez, agindo como se tivesse apenas exigido o pátio inteiro abanando sua ainda curta cauda.

Eu vi a casamenteira colocar a vela vermelha acesa num castiçal de ouro, e então entregá-la para uma nervosa serva. Esta serva deveria vigiar a vela durante todo o banquete e o resto da noite, para certificar-se de que nenhuma das extremidades se apagaria. Pela manhã, a casamenteira deveria mostrar o resultado, um pequeno pedaço de cinza escura, e declarar, “Esta vela queimou continuamente de ambos os lados sem apagar. Este é um casamento que nunca poderá ser rompido.”

Ainda consigo me lembrar. Aquela vela era um laço de casamento que valia mais do que uma promessa católica para não se divorciar. Significava que eu não poderia me divorciar e jamais me casaria novamente, mesmo se Tyan-yu morresse. Aquela vela vermelha deveria me unir para sempre a meu marido e sua família, sem desculpas mais tarde.

É claro que, na manhã seguinte, a casamenteira fez sua declaração e mostrou que havia feito seu serviço. Mas eu sei o que realmente aconteceu porque permaneci a noite toda chorando por meu casamento.

Depois do banquete, nosso pequeno comitê de casamento nos empurrou e meio que carregou para o terceiro andar, nosso pequeno quarto. As pessoas gritaram piadas e tiraram os garotos que estavam debaixo da cama. A casamenteira ajudou as crianças pequenas a procurarem ovos vermelhos que tinham sido escondidos entre os cobertores. Os garotos que eram da idade de Tyan-yu nos fizeram sentar na cama, lado a lado, e todos fizeram com que nos beijássemos para que nossos rostos ficassem vermelhos de paixão.

Fogos de artifício explodiram na calçada, do lado de fora de nossa janela, e alguém disse que aquela era uma boa desculpa para que eu pulasse nos braços de meu marido.

Depois que todos se foram, nos sentamos lado a lado, sem palavras, por vários minutos, ainda ouvindo as risadas do lado de fora. Quando tudo ficou quieto, Tyan-yu

disse, “Esta é minha cama. Você dorme no sofá.” Jogou um travesseiro e um cobertor fino para mim. Eu estava tão feliz! Esperei até que ele adormecesse e então me levantei em silêncio, saindo, descendo as escadas e indo até o pátio escuro.

Lá fora cheirava como se fosse chover novamente. Eu estava chorando, caminhando com os pés descalços e sentindo o calor úmido ainda dentro dos tijolos. Do outro lado do pátio, pude ver a serva da casamenteira através de uma janela aberta com luz amarelada. Ela estava sentada junto à mesa, parecendo bastante sonolenta, enquanto a vela vermelha ardia em seu castiçal especial de ouro. Eu me sentei sob uma árvore, para ver meu destino ser decidido por mim.

Eu devo ter adormecido porque lembro de ter sido surpreendida e acordada pelo som de um trovão ensurdecedor. Foi quando vi a serva da casamenteira correr do quarto, assustada como um frango prestes a perder a cabeça. Oh, ela estava sonolenta também, pensei, e agora acha que são os japoneses. Eu ri. O céu todo ficou iluminado e então mais trovões vieram, e ela correu pelo pátio e pela estrada, indo tão rápido e arduamente que pude ver cascalhos saltando atrás dela. Para onde ela pensa que está correndo, imaginei, ainda rindo. E então, eu vi a vela tremulando com a brisa.

Eu não estava pensando quando minhas pernas me ergueram e meus pés correram através do pátio, até o quarto iluminado. Mas eu estava desejando – rezando para Buda, o deus da misericórdia e da lua cheia – que a vela se apagasse. Ela se agitou um pouco e a chama diminuiu mas ainda assim ambas as extremidades ardiam fortes.

Minha garganta encheu-se com tanta esperança que finalmente a ponta da vela que era de meu marido explodiu e se apagou. Imediatamente, arrepiei-me de medo. Achei que uma faca surgiria e me mataria. Ou o céu se abriria e me engoliria. Mas nada aconteceu e quando meu bom senso retornou, caminhei de volta para meu quarto com passos rápidos e culpados.

Na manhã seguinte, a casamenteira fez sua orgulhosa declaração na frente de Tyan-yu, seus parentes e eu mesma. “Meu trabalho está terminado,” anunciou ela, colocando os restos de cinza escura sobre o tecido vermelho. Eu vi o rosto envergonhado de sua serva, com seu olhar sombrio.

Eu aprendi a amar Tyan-yu, mas não do modo como você pensa. Desde o início, eu sempre ficaria doente ao pensar que ele algum dia subiria em cima de mim para fazer seu negócio. Toda vez que eu ia para nosso quarto, meus cabelos já ficavam arrepiados. Mas durante os primeiros meses, ele nunca me tocou. Ele dormia em sua cama, eu dormia em meu sofá.

Na frente de seus parentes, eu era uma esposa obediente, assim como eles me ensinaram. Eu instruía a cozinheira para que matasse um jovem frango fresco toda manhã e o cozinhasse até que um caldo puro surgisse. Eu mesma coava este caldo numa tigela, nunca acrescentando água. Eu oferecia isto a ele na primeira refeição do dia, murmurando os melhores votos por sua saúde. E toda noite, eu cozinhava uma sopa especial, tônica, chamada ‘tounau’ que não era apenas deliciosa mas possuía oito ingredientes que garantiam vida longa às mães. Isso agradava muito minha sogra.

Mas não era o suficiente para mantê-la feliz. Certa manhã, Huang Taitai e eu estávamos sentadas no mesmo aposento, trabalhando num bordado. Eu estava sonhando com minha infância, sobre um sapo de estimação chamado ‘Big Wind’ que eu tinha. Huang Taitai parecia irrequieta, como se tivesse um comichão na ponta do pé.

Eu a ouvi irritada e de repente, ela se levantou da cadeira, aproximou-se de mim e bateu em meu rosto. “Má esposa!” gritou ela. “Se você se recusa a deitar com meu filho, eu me recuso a alimentá-la ou vesti-la.”

Então, foi assim que eu soube o que meu marido havia dito para evitar a fúria de sua mãe. Eu também estava fervendo de fúria, mas não disse nada, lembrando-me da promessa a meus pais, para ser uma esposa obediente.

Naquela noite, eu me sentei na cama de Tyan-yu e esperei que ele me tocasse. Mas ele não o fez. Fiquei aliviada. Na outra noite, deitei-me rígida na cama ao lado dele. Ainda assim, ele não me tocou. Então, na noite seguinte, eu tirei minha camisola. Foi quando pude ver o que havia por trás de Tyan-yu. Ele estava assustado e virou o rosto. Ele não tinha desejo por mim, mas era o seu medo que me fazia pensar que ele não tinha desejo por qualquer mulher.

Ele era como um garotinho que nunca crescera. Depois de um tempo, eu não mais sentia medo. Até mesmo comecei a pensar diferente com relação à Tyan-yu. Não era a forma como uma esposa ama um marido, mas mais como uma irmã protege um irmão mais novo. Coloquei de volta minha camisola, deitei-me ao lado dele e esfreguei-lhe as costas. Eu sabia que não precisava mais ter medo. Eu estava dormindo com Tyan-yu. Ele nunca me tocaria e eu tinha uma cama confortável para dormir.

Mais alguns meses se passaram e meu estômago e seios permaneceram pequenos e achatados. Huang Taitai voou para outro tipo de raiva. “Meu filho diz que plantou sementes suficientes para milhares de netos. Onde estão eles? Você deve estar fazendo algo de errado.” Depois daquilo, ela me confinou a cama para que as sementes de seus netos não saíssem tão facilmente.

Oh, você pode achar que é muito divertido ficar deitada na cama o dia todo, nunca se levantando. Mas eu lhe digo que isso é pior do que uma prisão. Acho que Huang Taitai ficou um pouco louca.

Ela disse a todos os empregados que tirassem todas as coisas afiadas do quarto, pensando que tesouras e facas estavam cortando sua próxima geração. Ela me proibiu de costurar. Disse que eu deveria me concentrar e pensar em nada exceto ter bebês. E quatro vezes por dia, uma muito gentil empregada entrava em meu quarto, desculpando-se o tempo todo, enquanto me fazia tomar um remédio de gosto terrível.

Eu invejava essa garota, o modo como ela podia sair do quarto. Às vezes, enquanto a observava de minha janela, imaginava que eu era aquela garota, parada no pátio, barganhando com o viajante vendedor de sapatos, fofocando com as outras empregadas, xingando o belo entregador com sua voz alta e insinuante.

Um dia, após dois meses terem se passado sem qualquer resultado, Huang Taitai chamou a velha casamenteira em sua casa. A casamenteira examinou-me minuciosamente, olhou minha data e hora de nascimento e então perguntou a Huang Taitai sobre minha natureza. Finalmente, ela ofertou suas conclusões: “É claro o que aconteceu. Uma mulher pode ter filhos apenas se ela é deficiente em um dos elementos. Sua nora nasceu com madeira, água, fogo e terra suficientes e era deficiente em metal, o que é um bom sinal. Mas quando se casou, você a acumulou com braceletes de ouro e enfeites, e agora possui todos os elementos, incluindo metal. Ela está muito equilibrada para ter bebês.”

Aquilo se transformou em boas notícias para Huang Taitai, pois nada melhor do que reclamar todo seu ouro e jóias para ajudar a me tornar fértil. E eram boas notícias para mim também. Porque depois que todo o ouro foi removido de meu corpo, eu me senti mais leve, mais livre. Dizem que é isso que acontece se você sente falta de metal. Você começa a pensar como uma pessoa independente.

Naquele dia, eu comecei a pensar em como fugir daquele casamento sem quebrar a promessa de minha família.

Na realidade, foi bem simples. Eu fiz os Huangs pensarem que foi idéia deles se livrarem de mim, que eles seriam aqueles a dizer que o contrato de casamento não era válido.

Eu pensei em meu plano por vários dias. Observei todos ao meu redor, os pensamentos que demonstravam em seus rostos, e então, eu estava pronta. Escolhi um dia auspicioso, o terceiro dia do terceiro mês. É o dia do Festival da Pura Clareza. Nesse dia, seus pensamentos devem estar claros enquanto se prepara para pensar em seus ancestrais. É o dia quando todos vão aos túmulos de família. Eles trazem enxadas para capinar as ervas-daninhas e vassouras para varrer as pedras, oferecendo bolinhos cozidos e laranjas como comida espiritual. Oh, não é um dia sombrio, é mais como um piquenique, mas possui um significado especial para alguém querendo netos.

Na manhã daquele dia, eu acordei Tyan-yu e toda a casa com meus lamentos. Levou um longo tempo para Huang Taitai vir a meu quarto. “O que há de errado com ela agora,” gritou de seu quarto. “Faça-a ficar quieta.”

Mas por fim, depois que meus gemidos não pararam, ela correu para meu quarto, me xingando em voz alta.

Eu estava tapando a boca com uma das mãos e meus olhos com a outra. Meu corpo se contorcia como se eu estivesse tomada por uma terrível dor. Estava bem convincente porque Huang Taitai se afastou e encolheu-se como um animal assustado.

“O que há de errado, filhinha? Diga-me, rápido,” ela gritou.

“Oh, é tão terrível de pensar, tão terrível para dizer,” eu falei entre ofegos e mais gemidos. Após gemidos suficientes, eu disse o que era tão impensável. “Eu tive um sonho,” relatei. “Nossos ancestrais vieram até mim e disseram que queriam ver nosso casamento. Então Tyan-yu e eu fizemos a mesma cerimônia para nossos ancestrais. Vimos a casamenteira acender a vela e entregá-la para que a serva a vigiasse. Nossos ancestrais estavam tão satisfeitos, tão satisfeitos...”

Huang Taitai pareceu impaciente quando comecei a chorar suavemente, de novo. “Mas então a serva deixou o quarto com nossa vela e um grande vento surgiu e a apagou. E nossos ancestrais ficaram muito zangados. Gritaram que nosso casamento estava amaldiçoado! Disseram que a ponta da vela de Tyan-yu tinha apagado! Nossos ancestrais disseram que Tyan-yu morreria se permanecesse neste casamento!”

O rosto de Tyan-yu ficou branco. Mas Huang Taitai apenas franziu o cenho. “Que garota estúpida para ter tais sonhos ruins!” Então, ela gritou para que todos voltassem para a cama.

“Mãe,” chamei-a num sussurro rouco. “Por favor, não me deixe! Estou com medo! Nossos ancestrais disseram que se a questão não for resolvida, eles iniciarão o ciclo de destruição.”

“Que asneira!” gritou Huang Taitai, voltando as costas para mim. Tyan-yu a seguiu, exibindo o mesmo rosto franzido da mãe. E eu soube que eles estavam quase fígados, dois patos inclinando-se sobre a panela.

“Eles sabiam que vocês não acreditariam em mim,” falei num tom de remorso, “porque sabem que eu não quero deixar os confortos de meu casamento. Então, nossos ancestrais disseram que plantariam os sinais, para mostrar que nosso casamento agora está apodrecendo.”

“Quanta asneira de sua cabeça estúpida,” disse Huang Taitai, suspirando. Mas ela não pôde resistir. “Que sinais?”

“Em meu sonho, eu vi um homem com uma longa barba e uma pinta em seu rosto.”

“O avô de Tyan-yu?” perguntou Huang Taitai. Eu assenti, lembrando da pintura que havia observado na parede.

“Ele disse que haveria três sinais. Primeiro, ele desenhou uma mancha preta nas costas de Tyan-yu, e esta mancha cresceria e devoraria sua carne, assim como devorou o rosto de nosso ancestral antes de ele morrer.”

Huang Taitai virou-se rapidamente para Tyan-yu e ergueu-lhe a camisa. “Aii-ya!” gritou ela, porque lá estava, a mesma mancha preta, do tamanho de um dedo, assim como eu tinha sempre visto nos últimos cinco meses dormindo como irmão e irmã.

“E então, nosso ancestral tocou minha boca.” E eu toquei minha bochecha como se já estivesse ferida. “Ele disse que meus dentes começariam a cair um por um, até que eu não pudesse mais protestar para deixar este casamento.”

Huang Taitai forçou-me a abrir a boca e ofegou ao ver o buraco vazio no fundo de minha boca, onde um dente podre caíra quatro anos atrás.

“E finalmente, eu o vi plantar uma semente no ventre de uma serva. Ele disse que esta garota apenas finge vir de uma família ruim. Mas, na verdade, ela é de sangue imperial, e...” Deitei minha cabeça no travesseiro como se estivesse cansada demais para continuar. Huang Taitai empurrou meu ombro.

“O que ele disse?”

“Ele disse que a serva é a verdadeira esposa espiritual de Tyan-yu. E a semente que ele plantou se transformará no filho de Tyan-yu.”

Ao meio-dia, eles arrastaram a serva da casamenteira até a casa e extraíram dela a terrível verdade. Depois de muita procura, encontraram a empregada da qual eu gostara tanto, aquela que eu observava de minha janela todos os dias. Eu tinha visto seus olhos arregalarem-se e sua voz insinuante tornar-se baixa sempre que o belo entregador chegava. E mais tarde, observei seu estômago crescer, cada vez mais redondo, e seu rosto encher-se de medo e preocupação.

Então você pode imaginar o quanto ela ficou feliz quando forçaram-na a dizer a verdade sobre seus antepassados imperiais. Eu ouvi, mais tarde, que ela ficou tão surpreendida com este milagre de casar-se com Tyan-yu que se tornou uma pessoa muito religiosa e que mandava seus empregados varrerem os túmulos de seus ancestrais não apenas uma vez por ano, mas uma vez por dia.

Não há mais o que contar sobre a estória. Eles não mais me culpam. Huang Taitai conseguiu seu neto. Eu consegui minhas roupas, uma passagem de trem para Pequim e dinheiro suficiente pra ir para a América. Os Huangs pediram-me apenas que eu nunca contasse a ninguém de importância sobre meu casamento amaldiçoado.

É uma história real, como eu mantive minha promessa, como sacrifiquei minha vida. Veja o metal de ouro que eu agora posso usar. Eu dei à luz seus irmãos, então seu pai me deu estes dois braceletes. Então, eu tive você. E a cada ano, quando tenho um pouco de dinheiro extra, eu compro outro bracelete. Eu sei qual é meu valor. São sempre 24 quilates, todos genuínos.

Mas nunca vou me esquecer. No dia do Festival da Pura Clareza, eu tiro todos os meus braceletes. Eu recordo do dia quando, finalmente, soube que possuía um pensamento genuíno e poderia segui-lo para onde fosse. Aquele foi o dia em que eu era uma jovem garota com o rosto sob um lenço de casamento vermelho. Eu prometi nunca esquecer de mim mesma.

Como é bom ser aquela garota novamente, tirar meu lenço, poder ver o que há por baixo e sentir a luminosidade voltar a meu corpo!

Ying-ying St. Clair – A Dama da Lua

Durante todos estes anos, eu mantive a boca fechada para que meus desejos egoístas não saíssem dela. E porque permaneci calada por tanto tempo, minha filha agora não me ouve. Ela se senta em sua piscina elegante e ouve somente seu walkman Sony, seu fone sem fio, seu grande e importante marido perguntando-lhe por que eles têm carvão mas não fluído de isqueiro.

Durante todos estes anos, eu mantive minha verdadeira natureza escondida, fugindo como uma pequena sombra, para que ninguém pudesse me pegar. E porque eu me movia tão secretamente, minha filha agora não me vê. Ela vê uma lista de coisas para comprar, seu talão de cheques desequilibrado, seu cinzeiro torto numa mesa arrumada.

E eu quero lhe dizer isto: estamos perdidas, ela e eu; invisíveis e não vendo, ignoradas e não ouvindo, desconhecidas para os outros.

Eu não me perdi completamente de imediato. Eu esfreguei o rosto ao longo dos anos, enxaguando minha dor do mesmo modo que os entalhes nas pedras são esculpidos pela água. Ainda hoje, eu consigo recordar de um tempo em que corria e gritava, quando não conseguia ficar parada. É a minha primeira lembrança: contar à Dama da Lua meu pedido secreto. E porque esqueci meu pedido, aquela recordação permaneceu escondida de mim durante todos esses anos. Mas agora, eu lembro o pedido e consigo recordar de todos os detalhes daquele dia inteiro, tão claro quanto vejo minha filha e o desperdício em sua vida.

Em 1918, o ano em que eu estava com quatro anos, o Festival da Lua chegou em Wushi durante um outono que foi fora do comum, terrivelmente quente. Quando acordei naquela manhã, o 15º dia da 8ª lua, a esteira de palha que cobria minha cama já estava pegajosa. Tudo no quarto cheirava à grama molhada fervendo no calor.

Anteriormente, no verão, os empregados haviam coberto todas as janelas com cortinas de bambu para impedir o sol. Cada cama foi coberta com uma esteira de pano, nossa única roupa de cama, durante os meses de constante calor úmido. E os tijolos quentes do pátio foram cruzados com bambu.

O outono veio mas sem suas manhãs e noites frescas. O calor rançoso ainda permanecia nas sombras, atrás das cortinas, esquentando os odores causticantes de meu quarto, penetrando em meu travesseiro, irritando a parte de trás do pescoço e inchando minhas bochechas. Por isso, naquela manhã, acordei com um queixume irrequieto.

Havia outro cheiro do lado de fora, algo queimando, uma fragrância pungente que era metade doce e metade amarga. “O que é esse cheiro fedorento?” perguntei a minha ama, que sempre aparecia junto de minha cama no momento em que eu acordava. Ela dormia num catre que ficava num quarto ao lado do meu.

“É o mesmo da qual lhe expliquei ontem,” disse ela, erguendo-me da cama e colocando-me sobre seu joelho. Minha mente sonolenta tentou recordar o que ela havia dito quando acordei na manhã anterior.

“Estamos queimando os Cinco Demônios,” respondi sonolenta, contorcendo-me para sair de seu colo quente. Subi no topo de um pequeno banco e olhei pela janela, para o pátio abaixo. Vi uma corda verde e espiralada no formato de uma cobra, com uma cauda que projetava uma fumaça amarela.

No dia anterior, Ama me mostrara que a cobra veio de uma caixa colorida, decorada com cinco criaturas maléficas: uma cobra nadadora, um escorpião saltador, uma centopéia voadora, uma aranha irrequieta e um lagarto pulador. A mordida de qualquer uma dessas criaturas poderia matar uma criança, explicou Ama. Então fiquei aliviada ao pensar que tínhamos capturado os cinco demônios e estávamos queimando seus cadáveres. Eu não sabia que o espiral verde era meramente incenso usado para afastar mosquitos e pequenos insetos.

Naquele dia, ao invés de vestir-me com um leve casaco de algodão e calças largas, Ama trouxe-me um pesado casaco de seda amarelo e uma saia contornada por uma faixa preta. “Sem tempo para brincar hoje,” disse ela, abrindo o casaco alinhado. “Sua mãe fez novas roupas de tigre para você usar no Festival da Lua...” Ela me ajudou a vesti-las. “Um dia muito importante, e agora você é uma garota grande, portanto pode ir à cerimônia.”

“O que é uma cerimônia?” perguntei, enquanto Ama enfiava o casaco sobre minhas roupas de baixo de algodão.

“É um modo apropriado para se comportar. Você faz isto e aquilo, então os deuses não a castigam,” disse Ama enquanto abotoava minhas fivelas.

“Que tipo de castigo?” perguntei, atrevidamente.

“Perguntas demais!” gritou Ama. “Você não precisa compreender. Apenas comporte-se, siga o exemplo de sua mãe. Acenda o incenso, faça uma oferenda à lua e uma reverência. Não me envergonhe, Ying-ying.”

Eu inclinei a cabeça com um beicinho. Notei as faixas negras em minhas mangas e as minúsculas flores bordadas surgindo dos caracóis de fios dourados. Lembro-me de ter visto minha mãe acenar uma agulha de prata para cima e para baixo, gentilmente pregando flores, folhas e videiras para ornar o tecido. Então, ouvi vozes no pátio. Subindo em meu banco, me esforcei para encontrá-las.

Alguém estava se queixando do calor: “... sinto meu braço, ficou suado até os ossos.” Vários parentes do norte haviam chegado para o Festival da Lua e ficariam durante uma semana. Ama tentava passar uma enorme escova em meus cabelos e eu fingia cair do banco assim que ela encontrava um nó.

“Fique parada, Ying-ying!” gritou ela, numa queixa habitual, enquanto eu me contorcía e balançava sobre o banco. Então ela puxou o comprimento todo de meu cabelo, como as rédeas de um cavalo, e antes que eu pudesse cair do banco novamente, rapidamente enrolou meu cabelo numa única trança para o lado, separando-o em cinco madeixas de seda colorida. Ela prendeu minha trança num coque apertado, arrumou e cortou as madeixas soltas até que caíssem como um pendão perfeito.

Ela me fez dar uma volta para verificar seu trabalho. Eu estava assando naquele casaco de seda e calças, obviamente feitas com dias mais frescos em mente, e meu couro cabeludo queimava com a dor das atenções de Ama. Que tipo de dia poderia valer tanto sofrimento?

“Bonito,” pronunciou Ama, mesmo embora eu tivesse uma careta no rosto.

“Quem está vindo hoje?” perguntei.

“Dajya” – Toda a família – ela respondeu alegremente. “Todos nós estamos indo para o Lago Tai. A família alugou um barco com um famoso chef. E, hoje à noite, durante a cerimônia, você verá a Dama da Lua.”

“A Dama da Lua! A Dama da Lua!” falei, pulando com grande prazer. Então, depois que parei de me agitar com os agradáveis sons de minha voz dizendo palavras novas, puxei a manga da blusa de Ama e perguntei, “Quem é a Dama da Lua?”

“Chang-o. Ela mora na lua e hoje é o único dia em que você pode vê-la e ter um pedido secreto realizado.”

“O que é um pedido secreto?”

“É o que você quer mas não pode pedir,” disse Ama.

“Por que eu não posso pedir?”

“Isso é porque... porque se você pedir... não é mais um pedido mas um desejo egoísta,” disse Ama. “Eu não a ensinei – que é errado pensar em suas próprias necessidades? Uma garota nunca pode pedir somente ouvir.”

“Então como a Dama da Lua vai saber meu pedido?”

“Ai! Você já fez perguntas demais! Pode pedir a ela porque a Dama da Lua não é uma pessoa comum.”

Finalmente satisfeita, imediatamente, eu falei, “Então vou dizer a ela que nunca mais quero vestir estas roupas.”

“Ah! Eu não acabei de explicar?” disse Ama. “Agora que você mencionou isso para mim, não é mais um pedido secreto.”

Durante a refeição matinal, ninguém pareceu estar com pressa de ir para o lago; essa e aquela pessoa sempre comendo mais alguma coisa. Após a refeição, todos ficaram conversando sobre coisas de pequena importância. Eu ficava cada vez mais preocupada e infeliz a cada minuto.

“... Lua de outono cálida. Ó! Sombras frias retornam,” Baba recitava um longo poema que decifrara das inscrições nas pedras antigas.

“A terceira palavra na linha seguinte,” explicou Baba, “foi desgastada no bloco, seu significado apagado por séculos de chuvas, quase perdido para a posteridade, para sempre.”

“Ah, mas felizmente,” disse meu tio, os olhos brilhando, “você é um dedicado estudioso da história antiga e da literatura. Foi capaz de decifrá-la, eu acho.”

Meu pai respondeu com a linha: “Radiantes flores enevoadas. Ó!...”

Mama estava explicando à minha tia e as velhas senhoras como misturar várias ervas e insetos para produzir um bálsamo. “Esse você esfrega aqui, entre estes dois pontos. - Esfregue vigorosamente até que sua pele es quente e a dor queime.”

“Ai! Mas como eu posso esfregar um pé inchado?” lamentou a velha senhora. “Tanto por dentro como por fora, há uma sensação de dor latente. Sensível demais até mesmo para o toque!”

“É o calor,” reclamou outra tia velha. “Cozinhando toda sua carne até secar e quebrar.”

“E queimar seus olhos!” exclamou minha tia-avó.

Eu suspirava repetidamente toda vez que eles iniciavam um novo assunto. Ama finalmente me notou e deu um bolo em forma de coelho. Ela disse que eu poderia me sentar no pátio e comer junto com minhas duas meio-irmãs, Número Dois e Número Três.

É fácil se esquecer de um barco quando você tem um bolo em forma de coelho na mão. Nós três rapidamente saímos da sala e, assim que passamos pelo portão que dava para o pátio interno, cambaleamos e berramos, correndo para ver quem alcançaria o banco de pedra primeiro. Eu era a maior então me sentei na parte sombreada, onde o bloco de pedra era mais fresco. Minhas meio-irmãs sentaram-se ao sol.

Parti uma orelha de coelho para cada uma delas. As orelhas eram apenas massa, sem recheio doce ou gema de ovo por dentro, mas minhas meio-irmãs eram pequenas demais para saber a diferença.

“Irmã gosta mais de mim,” disse Número Dois para Número Três.

“Mais de mim,” respondeu Número Três para Número Dois.

“Não briguem,” falei para ambas. Comi o corpo do coelho, passando a língua sobre os lábios para lamber a pasta de feijão grudento.

Limpamos as migalhas umas das outras e, depois que terminamos, nosso prazer se aquietou. Novamente, me senti ansiosa. De repente, vi uma libélula de grande corpo carmesim e asas transparentes, pulei do banco e corri para persegui-la. Minhas meio-irmãs me seguiram, pulando e erguendo as mãos enquanto o inseto fugia.

“Ying-ying!” ouvi Ama chamar, e Número Dois e Número Três correram. Ama estava parada no pátio e minha mãe e as outras senhoras agora vinham pelo portão em arco. Ama precipitou-se e inclinou-se para limpar meu casaco amarelo. “Syin yifu! Yidafadwo!” – Suas roupas novas! Tudo espalhado por aí! – gritou ela, mostrando aflição.

Mama sorriu e aproximou-se de mim. Alisou alguns fios de cabelo teimosos de volta ao lugar e ajeitou-os em minha trança espiralada. “Um menino pode correr e perseguir libélulas porque esta é sua natureza,” disse ela. “Mas uma menina deve permanecer imóvel. Se você ficar imóvel por um longo tempo, uma libélula não mais a verá. Então virá até você para esconder-se no conforto de sua sombra.”

As velhas senhoras cacarejaram em concordância e então todas me deixaram no meio do pátio quente.

Permanecendo daquele modo, perfeitamente imóvel, eu descobri minha sombra. No começo, era somente uma mancha escura nas esteiras de bambu que cobriam os tijolos do pátio. Possuía pernas curtas e braços longos, com uma trança espiralada assim como a minha. Quando balancei a cabeça, ela balançou a dela. Batemos nossos braços. Erguemos uma perna. Me virei para afastar-me e ela me seguiu. Dei meia-volta rapidamente, e ela me encarou. Levantei a esteira de bambu para ver se poderia desprender minha sombra mas estava debaixo da esteira, no tijolo. Gritei de prazer com a esperteza de minha própria sombra. Corri para a sombra de uma árvore, observando minha sombra perseguir-me. Ela desapareceu.

Eu amei minha sombra, esse lado obscuro de mim que possuía a mesma natureza inquieta. Então, ouvi Ama me chamando novamente, “Ying-ying! Está na hora. Pronta para ir ao lago?”

Eu assenti com a cabeça e comecei a correr na direção dela, minha sombra correndo à frente. “Devagar, vá devagar,” repreendeu Ama.

Toda nossa família já estava postada do lado de fora, conversando excitadamente. Todos estavam vestidos de maneira importante. Baba estava com uma toga nova de cor marrom que, enquanto plana, era obviamente de um tecido de seda fino e bem acabado. Mama usava um casaco e vestido de cores opostas ao meu: seda negra com faixas amarelas. Minhas meio-irmãs vestiam túnicas cor-de-rosa assim como suas mães, as concubinas de meu pai. Meu irmão mais velho usava um casaco azul, bordado com figuras parecidas com cetos de Buda, para uma longa vida. Até mesmo as velhas senhoras haviam colocado suas melhores roupas para celebrar: a tia de Mama, a mãe de Baba e sua prima, a esposa gorda de um tio-avô, que ainda cutucava a testa careca e sempre caminhava como se estivesse cruzando um córrego escorregadio, dois minúsculos passos e então um olhar assustado.

Os empregados já tinham acondicionado e carregado um riquixá com as provisões básicas do dia: um cesto trançado cheio de zong zi – arroz grudento embrulhado em folhas de lótus, alguns recheados com presunto defumado e outros com doces sementes de lótus; um pequeno fogareiro para ferver água para o chá; outro cesto contendo copos, tigelas e talheres; um saco de algodão com maçãs, romãs e pêras; suados jarros de barro

com carne e vegetais em conserva; pilhas de caixas vermelhas enfileiradas com quatro bolos da lua cada; e é claro, esteiras para nossa soneca da tarde.

Então todos subiram em riquixás, as crianças menores sentando ao lado de suas amas. No último momento, antes de partirmos, me contorci para fugir do abraço de Ama e pulei do riquixá. Subi no veículo onde estava minha mãe, o que desagradou Ama, porque aquilo era um comportamento presunçoso de minha parte e também porque Ama me amava mais do que aos seus. Ela renunciara ao próprio filho, um bebê, quando seu marido morreu e veio para nossa casa para ser minha babá.

Mas eu fui estragada por culpa dela; ela nunca me ensinou a pensar em seus sentimentos. Então, eu pensava em Ama apenas como alguém para meu conforto, do modo como você pensaria num ventilador no verão ou um aquecedor no inverno, um benefício que aprecia e ama somente quando não está mais lá.

Quando chegamos ao lago, fiquei desapontada por não sentir brisas refrescantes. Os puxadores de nossos riquixás estavam ensopados de suor e suas bocas abertas ofegavam como cavalos. Na doca, fiquei observando enquanto as velhas senhoras e homens começavam a subir à bordo do enorme barco que nossa família havia alugado. O barco parecia uma casa de chá flutuante, com um pavilhão ao ar livre maior do que aquele em nosso pátio. Possuía várias colunas vermelhas e um telhado pontudo e, por trás daquilo, o que parecia ser uma estufa de jardim com suas janelas redondas.

Quando foi a nossa vez, Ama agarrou minha mão com firmeza e saltamos a plataforma. Mas, assim que meus pés tocaram o convés, fiquei livre. Junto com Número Dois e Número Três, abri caminho por entre o mar de pernas cobertas por ondas escuras e brilhantes de tecido de seda – tentando ver quem seria a primeira a percorrer a extensão do barco.

Eu adorei a instável sensação de quase cair de um jeito ou de outro. Lanternas vermelhas, penduradas no teto e amuradas, balouçavam como se empurradas pela brisa. Minhas meio-irmãs e eu corremos os dedos sobre os bancos e pequenas mesas do pavilhão. Traçamos com os dedos os padrões das amuradas de madeira ornamental e enfiamos nossos rostos através das aberturas para ver a água embaixo. Então, surgiram mais coisas para se descobrir!

Abri uma pesada porta que levava à estufa e corri para um salão que parecia uma enorme área de descanso. Minhas irmãs seguiram atrás, rindo. Atrás de outra porta, vi pessoas numa cozinha. Um homem, segurando um enorme cutelo, virou-se e nos viu, chamando enquanto sorriamos timidamente e recuávamos.

Na traseira do barco, vimos pessoas de aparência pobre: um homem alimentando um fogareiro de chaminé alta com varetas, uma mulher picando vegetais e dois garotos de aparência grosseira, agachados próximos a beirada do barco, segurando o que parecia ser um pedaço de corda preso a uma gaiola de arame sob a superfície da água. Eles não deram sequer um olhar de relance para nós.

Voltamos à frente do barco, bem a tempo de ver a doca se afastando de nós. Mama e as outras senhoras já se encontravam sentadas em bancos ao redor do pavilhão, abanando-se furiosamente e estapeando as laterais das cabeças umas das outras, quando mosquitos zuniam. Baba e tio estavam inclinados sobre a amurada, conversando com vozes profundas e sérias. Meu irmão e alguns dos primos garotos haviam encontrado um longo galho de bambu e cutucavam a água como se pudessem fazer o barco ir mais rápido. Os empregados estavam sentados em grupos à frente, esquentando água para o chá, descascando nozes de ginkgo torradas e esvaziando cestas de comida para uma refeição de meio-dia com pratos frios.

Embora o Lago Tai seja um dos maiores em toda a China, aquele dia pareceu repleto de barcos: barcos a remo, pedalinhos, barcos a vela, barcos de pesca e pavilhões

flutuantes como o nosso. Então, frequentemente passávamos por outras pessoas inclinadas sobre amuradas, com as mãos na água fresca, algumas à deriva, adormecidos sob dosséis de tecido ou guarda-sóis cobertos de óleo.

De repente, ouvi pessoas gritando, “Ahh! Ahh! Ahh!” e pensei, ‘Finalmente o dia começou!’ Corri para o pavilhão e encontrei tias e tios rindo, enquanto usavam palitos para pegar camarões dançantes, ainda se contorcendo em suas cascas, as pernas minúsculas se eriçando. Então era aquilo que a gaiola de arame sob a água continha, camarões frescos que meu pai agora mergulhava num molho apimentado e escuro e enfiava na boca com duas mordidas e uma bocada.

Mas a excitação logo diminuiu e a tarde pareceu seguir como qualquer outra em casa. A mesma apatia depois da refeição. Uma pequena e sonolenta fofoca com chá quente. Ama me dizendo para deitar na esteira. O silêncio enquanto todos dormiam durante a parte mais quente do dia.

Eu me sentei e vi que Ama ainda estava dormindo, deitada de lado em sua esteira. Perambulei até o fundo do barco. Os garotos de aparência grosseira agora estavam tirando um enorme e pescoçado pássaro que grasnava de dentro de uma gaiola de bambu. O pássaro possuía um anel de metal ao redor do pescoço. Um dos garotos segurava a ave, os braços envolvendo suas asas. O outro menino prendeu uma corda fina ao redor do anel de metal no pescoço. Eles então soltaram a ave, que caiu agitando as asas brancas e pairou na beirada do barco, pousando sobre a água brilhante. Eu caminhei até a beirada e observei o pássaro. Ela, cautelosamente, devolveu o olhar e mergulhou na água, desaparecendo.

Um dos garotos jogou uma balsa feita de juncos ocos na água e também mergulhou, emergindo no topo dela. Poucos segundos depois, a ave apareceu, sua cabeça lutando para sustentar um enorme peixe. Ela pulou sobre a balsa e tentou engolir o peixe mas é claro que, com o anel ao redor do pescoço, não pôde. Com um único movimento, o garoto na balsa arrebatou o peixe da boca do pássaro e jogou-o para o outro menino no barco. Bati palmas e a ave mergulhou na água novamente.

Durante a hora seguinte, quando Ama e todos os outros dormiam, eu observei como um gato faminto esperando pela vez, enquanto um peixe após outro surgia no bico da ave apenas para aterrissar num balde de madeira do barco. Então, o garoto na água gritou para o outro, “Chega!” e o garoto no barco gritou para alguém num ponto mais alto do barco, onde eu não podia ver.

Ruídos altos e sons sibilantes explodiram quando o barco começou a se mover novamente. Então, o garoto perto de mim mergulhou na água. Ambos os meninos subiram na balsa e agacharam-se bem no meio, como duas aves empoleiradas num galho. Acenei para eles, invejando suas maneiras despreocupadas. Logo, estavam distantes, um pequeno ponto amarelo balouçando na água.

Teria sido suficiente ver esta única aventura. Mas eu permaneci ali, como se estivesse num sonho bom. Me virei e, com certeza, uma mulher rabugenta estava agora agachada em frente ao balde de peixes. Observei enquanto ela pegava uma faca fina e afiada, e começava a abrir a barriga dos peixes, puxando as entranhas vermelhas e escorregadias, jogando-as por sobre o ombro, no lago. Observei-a raspar as escamas dos peixes que voaram no ar como estilhaços de vidro. Então, surgiram dois frangos que não mais gorgolejaram depois que suas cabeças foram cortadas. E uma grande tartaruga ruidosa que esticava o pescoço para morder um graveto e – whuck! – sua cabeça caiu. E massas escuras de finas e frescas enguias, nadando furiosamente numa panela. E então,

a mulher carregou tudo, sem uma palavra, para a cozinha. E não havia mais nada para ver.

Até então, tarde demais, eu não notei minhas roupas novas – e as manchas de sangue, partículas de escamas de peixe, pedaços de pena e lama. Que mente estranha eu possuía! Em meu pânico, ao ouvir vozes acordando na parte da frente do barco, rapidamente mergulhei minhas mãos numa tigela de sangue de tartaruga e esfreguei aquilo em minhas mangas, na frente das calças e do casaco. – E foi isto que pensei, na realidade: que poderia cobrir essas manchas pintando toda minha roupa de vermelho carmesim e, se eu permanecesse completamente imóvel, ninguém notaria essa mudança.

Foi como Ama me encontrou: uma aparição coberta de sangue. Eu ainda posso ouvir sua voz, gritando de terror, correndo para ver que pedaços de meu corpo estavam faltando, quais buracos vazantes apareceram. E quando não encontrou nada, depois de inspecionar minhas orelhas, nariz e contar meus dedos, ela me xingou de nomes, usando palavras que eu nunca tinha ouvido antes. Mas soavam diabólicas, pela forma com que ela lançava e cuspiam as palavras.

Ela puxou meu casaco e arrancou minhas calças. Disse que eu cheirava a “algo ruim isto” e parecia “algo ruim aquilo.” Sua voz tremia, não tanto por raiva, mas por medo. “Sua mãe agora ficará contente por se livrar de você,” disse Ama, com grande remorso. “Ela vai nos banir para Kunning.”

Então, fiquei realmente assustada porque tinha ouvido falar que Kunning era tão longe que nunca ninguém aparecia para visitas. Dizia-se que era um lugar selvagem, cercada por uma floresta de pedras e governada por macacos. Ama deixou-me chorando nos fundos do barco, de pé em minhas roupas de baixo de algodão branco e chinelos de tigre. Realmente esperava que minha mãe viesse logo.

Imaginei-a vendo minhas roupas sujas, as pequenas flores nas quais trabalhara tão duro. Achei que ela viria para os fundos do barco e ralharia comigo à sua maneira gentil. Mas ela não veio. Oh, eu ouvi alguns passos mas vi apenas os rostos de minhas meio-irmãs pressionadas contra a janela da porta. Elas me olharam com os olhos arregalados e apontaram para mim, saindo correndo e rindo.

A água mudou de uma cor dourada profunda para vermelho púrpura e, finalmente, para preto. O céu escurecera e as luzes das lanternas vermelhas começaram a brilhar por todo o lago. Eu podia ouvir as pessoas conversando e rindo, algumas delas vindo da frente do barco, outras dos barcos ao redor. Então, ouvi a porta de madeira da cozinha ser aberta e fechada, o ar se enchendo de aromas bons e ricos. As vozes no pavilhão gritaram numa feliz incredulidade, “Ai! Olhem para isso! E isso!” Eu estava faminta para estar lá.

Ouvi o banquete enquanto balançava as pernas para frente e para trás. Embora fosse noite, estava claro do lado de fora. Eu podia ver meu reflexo, minhas pernas e mãos apoiadas na beirada, e meu rosto. Sobre minha cabeça, eu vi por que estava tão claro. Na água escura, via-se a lua cheia, uma lua tão cálida e grande que se parecia com o sol. Virei-me para poder encontrar a Dama da Lua e contar meu desejo secreto. Mas naquele exato momento, todos devem tê-la visto também porque fogos de artifício explodiram e eu caí dentro da água, nem mesmo ouvindo minha própria queda.

Fiquei surpresa com o conforto refrescante da água, então, no começo não fiquei assustada. Era como um sono leve. E eu esperei que Ama viesse imediatamente me pegar. Mas no instante em que comecei a me afogar, soube que ela não viria. Debati-me com os braços e pernas sob a água. A lancinante água havia inundado meu nariz, entrara em minha garganta e olhos, e aquilo fez com que eu me debatesse ainda mais. “Ama!”

tentei gritar; estava tão furiosa por ela ter me abandonado, por me fazer esperar e sofrer desnecessariamente. Então uma forma negra passou por mim e eu soube que era um dos Cinco Demônios, uma cobra nadadora.

Ela se enrolou em mim, apertando meu corpo como uma esponja, e então me arremessou no ar – caí de cabeça numa rede de cordas cheia de peixes se contorcendo. Água jorrou de minha garganta e, naquele momento, comecei a tossir e gemer. Quando virei à cabeça, vi quatro sombras com a lua cheia por trás deles. Uma figura encharcada subiu no barco.

“Pequeno demais? Devemos jogá-lo? Ou vale algum dinheiro?” disse o homem, ofegante. Os outros riram. Eu fiquei quieta. Sabia quem eram aquelas pessoas. Quando Ama e eu passávamos por pessoas como aquelas na rua, ela colocava as mãos sobre meus olhos e ouvidos.

“Agora pare,” ralhou uma mulher no barco. “Você a está assustando. Ela pensa que somos bandidos que irão vendê-la como escrava.” Então, ela disse, numa voz gentil, “De onde você é, irmãzinha?”

O homem encharcado se inclinou e me observou. “Oh, uma garotinha. Não é um peixe!”

“Não é um peixe! Não é um peixe!” murmuraram os outros, rindo.

Eu comecei a tremer, assustada demais para chorar. O ar tinha um cheiro perigoso, com odores agudos de pólvora e peixe.

“Não ligue para eles,” disse a mulher. “Você é de outro barco de pesca? Qual? Não tenha medo. Aponte.”

Fora da água, eu vi barcos a remo, pedalinhos, barcos a vela e barcos de pesca. Como esse na qual eu estava com uma enorme proa e uma casinha no meio. Olhei fixamente, meu coração batendo rápido.

“Lá!” eu respondi, apontando para um pavilhão flutuante lotado de pessoas risonhas e lanternas. “Lá! Lá!” E comecei a chorar, desesperada para encontrar minha família e ser confortada. O barco de pesca deslizou rapidamente até os odores deliciosos de cozido.

“E!” gritou a mulher do barco. “Vocês perderam uma garotinha, uma menina que caiu na água?”

Houve alguns gritos vindos do pavilhão flutuante e eu me estiquei para ver os rostos de Ama, Baba, Mama. Pessoas se amontoaram de um lado do pavilhão, inclinando-se, apontando, olhando para nosso barco. Todos estranhos, rostos vermelhos e risonhos, vozes altas. Onde estava Ama? Por que minha mãe não veio? Uma garotinha abriu caminho por entre algumas pernas.

“Não sou eu!” ela gritou. “Estou aqui. Eu não caí na água.” As pessoas do barco riram espalhafatosamente e se viraram.

“Irmãzinha, você se enganou,” disse a mulher, enquanto o barco se afastava. Eu não disse nada. Comecei a tremer novamente. Não tinha visto ninguém que se importasse com meu desaparecimento. Olhei por sobre a água para as centenas de lanternas balançando. Fogos de artifício explodiam e eu podia ouvir mais pessoas rindo. Quanto mais longe deslizávamos, maior o mundo se tornava. E agora, eu sentia que estava perdida para sempre.

A mulher continuava a me fitar. Minhas tranças estavam desfeitas, as roupas de baixo molhadas e sujas. Havia perdido meus chinelos e estava descalça.

“O que vamos fazer?” disse um dos homens, calmamente. “Ninguém para reclamá-la.”

“Talvez ela seja uma mendiga,” disse outro homem. “Vejam suas roupas. Ela é uma daquelas crianças que vivem naquelas balsas frágeis para pedir dinheiro.”

Eu estava aterrorizada. Talvez aquilo fosse verdade. Eu havia me transformado numa mendiga, perdida sem minha família.

“Ahn! Você não tem olhos?” disse a mulher, zangada. “Veja a pele dela, pálida demais. E seus pés, as solas são macias.”

“Deixe-a na praia então,” disse o homem. “Se ela realmente tem uma família, eles irão procurá-la ali.”

“Que noite!” suspirou o outro homem. “Sempre alguém caindo nos feriados à noite. Poetas bêbados e criancinhas. Sorte ela não ter se afogado.”

Eles tagarelavam sem parar, se movendo lentamente até a praia. Um dos homens empurrou o barco com uma longa vara e deslizamos por entre os outros barcos. Quando alcançamos o cais, o homem que havia me pescado da água, com as mãos cheirando a peixe, levantou-me do barco.

“Tome cuidado da próxima vez, irmãzinha,” gritou a mulher enquanto o barco deslizava para longe.

No cais, com a lua brilhante atrás de mim, vi minha sombra novamente. Dessa vez era mais baixa, encolhida e disforme. Corremos juntas até alguns arbustos ao longo de uma estrada e nos escondemos. Nesse esconderijo, eu podia ouvir pessoas conversando ao passar. Ouvia sapos e grilos. E então – flautas e pratos tilintando, um sólido gongo e tambores!

Olhei através dos galhos dos arbustos e, em frente, vi uma pequena multidão com um palco dominando a lua acima deles. Um homem jovem irrompeu de um lado do palco e disse à multidão, “E agora, a Dama da Lua virá lhes contar sua triste história, uma peça sombria, cantada classicamente.”

‘A Dama da Lua!’ pensei e, ao som daquelas palavras mágicas, esqueci de meus problemas. Ouvi mais pratos e gongos e então a sombra de uma mulher surgindo contra a lua. Seu cabelo estava desfeito e ela o penteava. Ela começou a falar. Que doce e lamentosa voz!

“Meu destino e minha penitência,” ela principiou a lamentar, deslizando os longos dedos através dos cabelos, “é viver aqui na lua enquanto meu marido vive no sol. Então, passamos um pelo outro cada dia e cada noite, nunca nos vendo, exceto somente hoje, a noite da lua de outono.”

A multidão se aproximou. A Dama da Lua dedilhou seu ataúde e iniciou sua canção narrativa. Do outro lado da lua, vi a silhueta de um homem surgir. A Dama da Lua estendeu os braços para abraçá-lo – “Ó! Hou yi, meu marido, Arqueiro Mestre dos Céus!” cantou ela. Mas o marido pareceu não notá-la. Ele fitava o céu enquanto este se tornava cada vez mais brilhante, a boca abrindo-se, em horror ou encanto, eu não saberia dizer.

A Dama da Lua tocou a garganta e caiu sobre um monte, lamentando, “A aridez de dez sóis no céu oriental!” Assim que cantou aquilo, o Arqueiro Mestre apontou suas flechas mágicas e disparou nove sóis que explodiram em sangue. “Afundando num mar fervente!” ela cantou, alegremente, e pude ouvir estes sóis chiando e crepitando até a morte.

Agora uma fada – a Rainha Mãe dos Céus Ocidentais! – voou na direção do Arqueiro Mestre. Ela abriu uma caixa e pegou uma esfera brilhante – não, não era um sol bebê mas um pêssego mágico, o pêssego da vida eterna! Eu pude ver a Dama da Lua, fingindo estar ocupada com seu bordado, mas ela observava o marido. Ela o viu esconder o pêssego numa caixa. E então, o Arqueiro Mestre levantou seu arco e fez votos adiantando que, por um ano, mostraria que possuía a paciência para viver eternamente. Depois que partiu, a Dama da Lua não desperdiçou nem um instante para procurar pelo pêssego e comê-lo!

Assim que o provou, ela começou a levantar-se e voar – não como a Rainha Mãe – mas como uma libélula com as asas quebradas. “Lançada deste solo por minha própria

libertinagem!” ela lamentou, assim que seu marido se apressou em voltar para casa, gritando, “Ladra! Esposa ladra da vida!”

Ele pegou um arco, apontou uma flecha para sua esposa e – com o ribombar de um gongo, o céu escureceu.

Wyah! Wyah! A triste canção do ataúde começou novamente enquanto o céu do palco se iluminava. E ali permaneceu a pobre dama, contra uma lua tão brilhante quanto o sol. Seus cabelos eram agora tão longos que varriam o chão, enxugando suas lágrimas. Uma eternidade se passou desde que vira o marido, porque aquele era o seu destino; permanecer perdida na lua, buscando eternamente pelos próprios desejos secretos.

“Pois a mulher é yin,” ela cantou, tristemente, “a escuridão ao alcance, onde paixões destemperadas jazem. E homem é yang, a verdade brilhante, iluminando nossas mentes.”

Ao final da canção, eu estava chorando, trêmula de desespero. Mesmo não compreendendo toda a história, eu entendia sua dor. Num único e pequeno instante, ambas perdemos o mundo e não havia caminho de volta. Um gongo soou e a Dama da Lua inclinou a cabeça, olhando serenamente para o lado. A multidão aplaudiu vigorosamente. Naquele momento, o mesmo homem de antes surgiu no palco e anunciou, “Esperem todos! A Dama da Lua consentiu em realizar um pedido secreto para cada pessoa aqui...” A platéia se agitou de entusiasmo, pessoas murmurando em voz alta. “Por um pequeno donativo em dinheiro...” continuou o homem.

A multidão riu e vaiou, e então começou a se dispersar. O homem gritou, “Uma oportunidade única!” Mas ninguém, exceto minha sombra e eu nos arbustos, estava ouvindo.

“Eu tenho um desejo! Eu tenho um!” gritei enquanto corria descalça, na direção do homem. Mas ele não prestou atenção em mim e saiu do palco. Continuei correndo na direção da lua para contar à Dama da Lua o que eu queria, porque agora sabia qual era meu desejo. Precipitei-me, tão rápido quanto uma lagarta, por trás do palco e do outro lado da lua.

Eu a vi, de pé e imóvel, por apenas um momento. Ela era linda, iluminada pela luz de uma dúzia de lamparinas de querosene. Então, ela sacudiu suas longas tranças escuras e começou a descer os degraus de uma escada.

“Eu tenho um desejo,” falei num sussurro, e ainda assim ela não me ouviu. Então me aproximei ainda mais, até que pudesse ver o rosto da Dama da Lua; maçãs do rosto encolhidas, um largo nariz oleoso, enormes dentes brilhantes e olhos avermelhados. Um rosto tão cansado que empurrava os cabelos lentamente, o vestido longo escorregando dos ombros. Enquanto o desejo secreto saía de meus lábios, a Dama da Lua olhou para mim e transformou-se num homem.

Durante muitos anos, não consegui recordar o que eu quis da Dama da Lua naquela noite, ou como fui encontrada novamente por minha família. Ambas as coisas pareceram uma ilusão para mim, um desejo realizado na qual não poderia confiar. Mesmo embora eu tenha sido encontrada – mais tarde naquela noite, depois que Ama, Baba, tio e os outros chamaram por mim ao longo do canal – nunca acreditei que minha família tivesse achado a mesma garota.

Então, ao longo dos anos, eu me esqueci de tudo o que aconteceu naquele dia: a comovente história que a Dama da Lua cantou, o barco pavilhão, o pássaro com o anel

no pescoço, as minúsculas flores desabrochando em minhas mangas, a queima dos Cinco Demônios.

Mas agora que estou velha, a cada ano aproximando-me mais do fim de minha vida, também sinto que estou próxima do início. E eu me lembro de tudo o que aconteceu naquele dia, porque isso tem ocorrido várias vezes em minha vida. A mesma inocência, confiança e inquietude, o espanto, o medo e a solidão. Como eu me perdi.

Eu me recordo de todas essas coisas. E esta noite, no 15º dia da oitava lua, eu também me lembro do que pedi à Dama da Lua, tanto tempo atrás.

Eu desejei ser encontrada.

OS VINTE E SEIS PORTÕES MALIGNOS

“Não ande de bicicleta perto da esquina,” disse a mãe para sua filha, quando ela tinha sete anos.

“Por que não?” protestou a menina.

“Porque então eu não poderei ver, e você vai cair e chorar, e não vou ouvi-la.”

“Como você sabe que eu vou cair?” choramingou a garota.

“Está num livro, Os Vinte e Seis Portões Malignos, todas as coisas ruins que podem te acontecer longe da proteção desta casa.”

“Não acredito em você. Deixe-me ver o livro.”

“Está escrito em chinês. Você não conseguiria entender. É por isso que deve me ouvir.”

“O que são então?” exigiu a garota. “Diga-me as vinte e seis coisas ruins.”

Mas a mãe se sentou em silêncio, tricotando.

“Quê vinte e seis!” gritou a menina. A mãe ainda assim não respondeu. “Você não pode me dizer porque não sabe! Você não sabe de nada!”

E a menina correu para fora, pulou em sua bicicleta e, na sua pressa para fugir, caiu antes mesmo de alcançar a esquina.

Waverly Jong – Regras do Jogo

Eu tinha seis anos quando minha mãe ensinou-me a arte da força invisível. Era uma estratégia para ganhar discussões, respeito de outros e eventualmente, embora nenhum de nós soubesse na época, jogos de xadrez.

“Morda sua língua,” ralhava minha mãe quando eu chorava alto, puxando a mão dela na direção da loja que vendia sacos de ameixa salgada. Em casa, ela dizia, “Sujeito esperto não vai contra o vento. Em chinês, dizemos, vindo do Sul – sopra com o vento, poom! – ao Norte seguirá. Os ventos mais fortes não podem ser vistos.”

Na semana seguinte, eu mordida a língua assim que entrávamos na loja com os petiscos proibidos. Quando minha mãe terminava suas compras, ela calmamente pegava um saquinho de ameixas da prateleira e o colocava no balcão com o resto dos itens.

Minha mãe comunicava suas verdades diárias para que pudesse ajudar meus irmãos mais velhos e eu a ascender além de nossas circunstâncias. Morávamos em Chinatown, San Francisco. Como a maioria das outras crianças chinesas que brincavam nos becos dos restaurantes e antiquários, eu não achava que éramos pobres. Minha tigela estava sempre cheia, três refeições por dia, começando com uma sopa cheia de coisas misteriosas das quais não queria saber o nome.

Morávamos em Waverly Place, num limpo e quente apartamento de dois quartos que ficava em cima de uma pequena padaria chinesa especializada em massas cozidas e dim sum. No princípio da manhã, quando o beco ainda estava silencioso, eu podia sentir o cheiro perfumado dos feijões vermelhos enquanto eram cozidos e transformados num doce pastoso. Ao amanhecer, nosso apartamento ficava pesado com os odores de almôndegas fritas e meias-luas de frango com curry. De minha cama, eu ouvia enquanto papai preparava-se para o trabalho e então trancava a porta atrás de si, um-dois-três cliques.

No fim de nosso beco de dois blocos, havia um pequeno parque com caixa de areia, balanços e escorregadores polidos pelo uso. A área de recreio era margeada por bancos de ripa onde idosos sentavam-se descascando sementes torradas de melancia com seus dentes dourados e jogavam as cascas para um impaciente grupo de arrulhantes pombos.

O melhor parque, entretanto, era o beco escuro em si. Era abarrotado de mistérios diários e aventuras. Meus irmãos e eu bisbilhotávamos a loja de ervas medicinais, observando o velho Li repartir, sobre uma rígida folha de papel branco, a quantidade certa de cascas de inseto, sementes cor de açafrão e pungentes folhas para seus clientes doentes. Dizia-se que ele, certa vez, curou uma mulher à beira da morte de uma maldição antiga que iludira os melhores médicos americanos. Perto da farmácia, havia um tipógrafo que se especializara em convites de casamento com relevos dourados e festivos estandartes vermelhos.

Um pouco mais afastado na rua, ficava o mercado de peixes Ping Yuen. A vitrine da frente ostentava um tanque lotado de peixes condenados e tartarugas lutando para ganhar espaço no cubículo verde ladrilhado e pegajoso. Uma placa, escrita a mão, informava aos turistas, “Dentro da loja, é tudo para consumo humano, não são animais de ‘estimação’.” No interior, os açougueiros com seus aventais brancos manchados de sangue, habilmente estripavam peixes enquanto os fregueses davam ordens e gritavam. “Me dê o mais fresco,” à qual os açougueiros sempre protestavam, “Tudo está fresco.”

Nos dias em que o mercado não estava tão movimentado, nós examinávamos as cestas de rãs e caranguejos vivos, aos quais éramos advertidos para não mexer, caixas de siba secos, pilhas e pilhas de camarões congelados, lulas e peixes escorregadios. As arraias me causavam arrepios toda vez; com olhos dispostos na superfície achatada do corpo, lembravam-me de uma história que minha mãe contou, sobre uma garota descuidada que correu na direção de uma rua movimentada e foi esmagada por um táxi. “Um choque e tanto,” relatara minha mãe.

Na esquina do beco, ficava a Hong Sing’s, uma cafeteria com quatro mesas e um vão de escada na frente que conduzia a uma porta sinalizando “Lojistas”. Meus irmãos e eu acreditávamos que pessoas ruins surgiam daquela porta à noite. Os turistas nunca iam ao Hong Sing’s, visto que o cardápio era impresso somente em chinês. Um homem branco com uma câmera enorme, certa vez, pediu para que eu e meus amigos posássemos em frente ao restaurante. Ele nos fez ficar posicionados no canto para que a foto pudesse capturar o pato assado com sua cabeça pendendo de uma corda manchada. Depois que ele tirou a foto, eu lhe disse que ele deveria ir ao Hong Sing’s para almoçar.

Quando ele sorriu e me perguntou o que serviam, eu gritei, “Tripas e pés de pato, e moelas de polvo!” Então fugi com meus amigos, guinchando e rindo enquanto corríamos até o beco para nos escondermos na entrada-gruta da Companhia Chinesa de Jóias, meu coração batendo com a expectativa de que ele nos perseguisse.

Minha mãe me deu o nome da rua em que morávamos: Waverly Place Jong, meu nome oficial para os importantes documentos americanos. Mas minha família me chamava de Meimei, ‘Irmãzinha’. Eu era a mais nova, a única filha.

Toda manhã, antes da escola, minha mãe torcia e puxava meus cabelos negros e finos até que fizesse dois rabos apertados e encaracolados. Um dia, enquanto ela lutava para pentear meus desobedientes cabelos com uma escova de cerdas duras, eu tive um pensamento zombeteiro.

Perguntei a ela, “Ma, o que é tortura chinesa?” Minha mãe sacudiu a cabeça. Um grampo de cabelo estava entre seus lábios. Ela umedeceu a palma da mão e alisou os cabelos sobre minha orelha, então empurrou o grampo até que arranhasse agudamente contra meu escalpo.

“Quem disse essa palavra?” perguntou ela, sem um traço de conhecimento do quanto eu estava sendo perversa.

Dei de ombros e respondi, “Um garoto de minha classe disse que os chineses fazem tortura chinesa.”

“Chineses fazem muitas coisas,” disse ela, simplesmente. “Chineses fazem negócios, remédios, pinturas. Não são preguiçosos como americanos. Fazemos tortura. A melhor tortura.”

Meu irmão mais velho, Vincent, foi quem realmente ganhou o tabuleiro de xadrez. Nós tínhamos ido à festa de Natal anual, realizada na Primeira Igreja Batista Chinesa, no fim do quarteirão. As senhoras missionárias haviam juntado um saco de Papai Noel com presentes doados por membros de outra igreja. Nenhum dos presentes tinha nome. Havia sacos separados para meninos e meninas de idades diferentes.

Um dos paroquianos chineses fantasiou-se de Papai Noel e colocou uma enorme barba feita de bolas de algodão e cola. Acho que as únicas crianças que pensavam que ele era de verdade eram jovens demais para saber que Papai Noel não era chinês.

Quando chegou a minha vez, o homem me perguntou quantos anos eu tinha. Achei que era uma pergunta complicada; eu tinha sete, de acordo com a fórmula americana, e oito, pelo calendário chinês. Respondi que nasci no dia 17 de março de 1951. Aquilo

pareceu satisfazê-lo. Então ele perguntou, solenemente, se eu havia sido uma garota muito, muito boazinha esse ano, se acreditava em Jesus Cristo e obedecia meus parentes. Eu sabia a única resposta para aquilo. Assenti com a cabeça com igual solenidade.

Tendo observado as outras crianças abrirem seus presentes, eu já sabia que os pacotes maiores não eram, necessariamente, os mais legais. Uma menina de minha idade ganhou um enorme livro de colorir com personagens bíblicos, enquanto outra menina menos gulosa, que escolheu uma caixa menor, recebeu um frasco de vidro de água de colônia lavanda.

O som da caixa também era importante. Um garoto de dez anos escolhera uma caixa que tiniu quando a sacudiu. Era um cofre de estanho em forma de globo, com uma fenda para inserir dinheiro. Ele deve ter pensado que estava cheia de centavos e níqueis porque, quando viu que tinha apenas dez centavos, seu rosto demonstrou tal indisfarçável desapontamento que sua mãe lhe deu um tapa na cabeça e guiou-o para fora do salão da igreja, desculpando-se com a multidão pelo mau comportamento do filho que não sabia apreciar um presente tão bonito.

Enquanto perscrutava o interior do saco, eu rapidamente manuseei os pacotes restantes, testando seu peso, imaginando o que eles continham. Escolhi um presente pesado, compacto, que estava embrulhado numa brilhante folha de papel alumínio prateada e fita de cetim vermelha. Era uma embalagem com doze pacotes de balas de hortelã, e eu passei o resto da festa organizando e reorganizando os tubos de doce na ordem dos meus favoritos.

Meu irmão Winston também escolheu sabiamente. Seu presente revelou ser uma caixa com complexas peças de plástico; as instruções na caixa anunciavam que, quando fossem apropriadamente encaixadas, ele teria uma autêntica réplica em miniatura de um submarino da Segunda Guerra Mundial.

Vincent ganhou o tabuleiro de xadrez, que teria sido um presente bem decente de se receber numa festa de Natal de igreja, exceto pelo fato de que obviamente era usado e, como descobrimos mais tarde, estava faltando um peão negro e um cavalo branco. Minha mãe graciosamente agradeceu o desconhecido benfeitor, dizendo, “Muito bom. Custa caro.” À qual, uma senhora idosa de cabelos finos brancos e cheios de mechas, inclinou-se na direção de nossa família e respondeu num sibilante sussurro, “Feliz, feliz Natal.”

Quando chegamos em casa, minha mãe disse a Vincent que jogasse o tabuleiro de xadrez fora. “Ela não quer. Nós não queremos,” disse, obstinadamente, lançando a cabeça para o lado com um sorriso firme e orgulhoso.

Meus irmãos tinham ouvidos surdos. Eles já estavam alinhando as peças e lendo o manual de instruções amassado.

Eu assisti Vincent e Winston jogarem durante a semana de Natal. O tabuleiro de xadrez parecia conter elaborados segredos esperando para serem desvendados. As peças eram mais poderosas do que as ervas mágicas que curavam maldições antigas do velho Li. E meus irmãos exibiam rostos tão sérios que eu tinha certeza de que algo estava em perigo e era maior do que evitar a porta dos lojistas da Hong Sing’s.

“Deixa eu! Deixa eu!” Eu implorava entre as partidas, quando um ou outro irmão se inclinava para trás com um profundo suspiro de alívio e vitória, e o outro aborrecia-se, incapaz de aceitar o resultado.

Vincent, no começo, negou-se a me deixar jogar mas quando ofereci minhas balas como substitutos para os botões que estavam no lugar das peças que faltavam, ele cedeu. Ele escolhia os sabores: cereja para o peão negro e hortelã para o cavaleiro branco. O vencedor poderia comer ambos.

Enquanto nossa mãe polvilhava farinha e enrolava pequenos círculos de massa para os bolinhos cozidos que seriam nosso jantar aquela noite, Vincent explicava as regras, apontando para cada peça. “Você tem dezesseis peças assim como eu. Um rei e uma rainha, dois bispos, dois cavalos, duas torres e oito peões. Os peões só podem mover um passo para frente, exceto no primeiro movimento. Aí eles podem dar dois. Mas só podem pegar homens movendo-se na transversal, assim, exceto no começo quando pode movê-los para frente e pegar outro peão.”

“Por quê?” perguntei enquanto movia meu peão. “Por que eles não podem dar mais passos?”

“Porque eles são peões,” disse ele.

“Mas por que eles andam de lado para pegar outros homens? Por que não há nenhuma mulher e crianças?”

“Por que o céu é azul? Por que você sempre faz perguntas estúpidas?” perguntou Vincent. “Isso é um jogo. Estas são as regras. Eu não as inventei. Veja aqui, no livro.” Ele cutucou uma página com um peão na mão. “Peão. P-E-Ã-O. Peão. Leia você mesma.”

Mamãe limpou a farinha das mãos. “Deixe-me ver o livro,” disse ela, calmamente. Perscrutou as páginas rapidamente, não lendo os símbolos estrangeiros em inglês, parecendo deliberadamente não procurar por nada em particular.

“Estas regras americanas,” concluiu ela, finalmente. “Toda vez que as pessoas vêm de um país estrangeiro devem conhecer regras. Você não sabe, diz o juiz, muito ruim, volte. Eles não dizem o porque então você pode usar seu modo para ir em frente. Eles dizem, não sei por que, descubra você mesmo. Mas eles sabem o tempo todo. Melhor você pegar, descobrir sozinha.” Ela inclinou a cabeça para trás com um sorriso satisfeito.

Eu descobri todos os por quês mais tarde. Li as regras e procurei por todas as palavras grandes num dicionário. Emprestei livros da biblioteca de Chinatown. Estudei cada peça de xadrez, tentando absorver o poder que cada uma delas continha.

Aprendi a respeito dos movimentos de abertura e por que é importante controlar o centro desde cedo; a distância mais curta entre dois pontos é bem no meio. Aprendi sobre jogos intermediários e porque táticas entre dois adversários são como idéias em colisão; aquele que joga melhor possui os planos mais claros para atacar e sair de armadilhas. Eu aprendi porque é essencial ter prudência ao fim das jogadas, uma compreensão matemática de todos os movimentos possíveis, e paciência; todas as fraquezas e vantagens tornam-se evidentes para um adversário forte e são obscuras para um oponente cansativo. Eu descobri que, durante todo o jogo, alguém deve reunir forças invisíveis e ver o jogo final antes mesmo que este comece.

Eu também descobri porquê nunca deveria revelar ‘o por quê’ para outros. Um pequeno conhecimento oculto é uma grande vantagem que deve ser guardada para uso futuro. Este é o poder do xadrez. É um jogo de segredos aos quais devemos mostrar nunca contar.

Eu amei os segredos que descobri nos sessenta e quatro quadrados pretos e brancos. Cuidadosamente, desenhei à mão um tabuleiro de xadrez e pendurei-o na parede, perto de minha cama, à qual fitava durante horas a noite, imaginando batalhas. Logo, eu não perdi mais qualquer jogo ou balas mas perdi meus adversários. Winston e Vincent

decidiram que estavam mais interessados em perambular pelas ruas, depois da escola, com seus chapéus de vaqueiro Cassidy.

Numa fria tarde de primavera, quando voltava para casa da escola, eu cortei caminho através do parque no fim de nosso quarteirão. Vi um grupo de velhos, dois sentados em frente a uma mesa dobrável, jogando uma partida de xadrez, outros fumando cachimbos, comendo amendoins e observando. Corri para casa e peguei o tabuleiro de Vincent, que estava guardado numa caixa de papelão, preso com elástico. Também escolhi cuidadosamente dois rolos das preciosas balas. Voltei ao parque e aproximei-me de um homem que assistia ao jogo.

“Quer brincar?” perguntei. O rosto do homem abriu-se em surpresa e ele sorriu enquanto olhava para a caixa debaixo de meu braço.

“Pequenina, faz um longo tempo que não brinco com bonecas,” disse ele, com um sorriso benevolente. Eu rapidamente coloquei a caixa perto dele, sobre o banco, e expus minha réplica.

Lau Po, como ele me permitiu chamá-lo, revelou ser um jogador muito melhor do que meus irmãos. Perdi vários jogos e muitas balas. Mas durante as semanas seguintes, com meus doces diminuindo, eu juntei novos segredos. Lau Po me deu os nomes. O Ataque Duplo das Costas Orientais e Ocidentais. Jogando Pedras no Homem Afogado. O Súbito Encontro do Clã. A Surpresa do Guarda Adormecido. O Humilde Servo que Mata o Rei. Areia nos Olhos das Forças que Avançam. Uma Dupla Morte sem Sangue.

Havia também importantes dicas de etiqueta no xadrez. Manter os homens capturados em filas ordenadas, como prisioneiros bem cuidados. Nunca anunciar ‘Cheque’ vaidosamente, para que alguém não corte sua garganta com uma espada invisível. Nunca lançar peças na caixa de areia após ter perdido um jogo porque você teria que procurá-las novamente, sozinha, depois de se desculpar com todos ao redor. Com o fim do verão, Lau Po havia me ensinado tudo que sabia e eu tinha me tornado uma jogadora de xadrez melhor.

Uma pequena multidão de fim-de-semana, composta por chineses e turistas, reunia-se quando eu jogava e derrotava meus oponentes um por um. Minha mãe juntava-se a multidão durante essas exposições ao ar livre. Ela orgulhosamente sentava-se num banco, dizendo a meus admiradores, com uma apropriada humildade chinesa, “É sorte.”

Um homem que me viu jogar no parque sugeriu à mamãe que me deixasse jogar nos torneios locais de xadrez. Minha mãe sorriu graciosamente, uma resposta que não significava nada. Desejei desesperadamente ir mas mordi a língua. Eu sabia que ela não me deixaria jogar entre estranhos. Então, quando estávamos voltando para casa, eu disse em voz baixa que não queria jogar no torneio local. Eles teriam regras americanas. Se eu perdesse, traria vergonha à minha família.

“Vergonha é você cair e ninguém a importunar,” disse mamãe.

Durante meu primeiro torneio, mamãe sentou-se comigo na fileira da frente enquanto esperava minha vez de jogar. Frequentemente, eu balançava as pernas para desgrudá-las do assento de metal frio da cadeira dobrável. Quando o meu nome foi chamado, dei um pulo. Minha mãe desembalhou algo em seu colo. Era seu chang, um pequeno bloco de jade vermelho que continha o fogo do sol. “É sorte,” ela sussurrou, enfiando-o no bolso de meu vestido.

Voltei-me para meu oponente, um garoto de 15 anos de Oakland. Ele olhou para mim franzindo o nariz. Assim que comecei a jogar, o garoto desapareceu, as cores sumiram do salão e eu vi apenas minhas peças brancas e as peças negras dele, esperando

do outro lado. Uma leve brisa começou a soprar atrás de meus ouvidos. Sussurrava segredos que somente eu podia escutar.

“Sobre do sul,” murmurava. “O vento não deixa vestígios.” Vi uma trilha clara, as armadilhas a evitar. A multidão sussurrou. “Shhh! Shhh!” diziam os cantos do salão. O vento soprou mais forte. “Jogue areia do Leste para distraí-lo.” O cavalo avançou pronto para o sacrifício. O vento sibilou cada vez mais alto. “Sobre, sobre, sobre. Ele não pode ver. Ele agora está cego. Faça-o se afastar do vento assim será mais fácil de derrubá-lo.”

“Cheque,” falei, enquanto o vento ria ruidosamente. O vento transformou-se em pequenas rajadas, minha própria respiração.

Mamãe colocou meu primeiro troféu ao lado do novo tabuleiro de xadrez de plástico que a vizinhança da sociedade Tão havia me dado. Enquanto limpava cada peça com um pano macio, ela disse, “Da próxima vez, ganhe mais perca menos.”

“Ma, não é quantas peças você perde,” respondi. “Às vezes, você precisa perder peças para seguir adiante.”

“Melhor perder menos, veja se você realmente precisa.”

No torneio seguinte, eu venci novamente, mas era minha mãe quem exibia o sorriso de triunfo. “Perdeu oito peças dessa vez. Na última, foram onze. O que eu lhe disse? Muito melhor perder menos!” Fiquei aborrecida, mas não consegui dizer nada.

Compareci a mais torneios, cada um mais longe de casa. Venci todas as partidas, em todas as categorias. A padaria chinesa, no andar de baixo de nosso apartamento, exibiu minha crescente coleção de troféus em sua vitrine, entre os bolos cobertos de poeira que nunca eram comprados. Um dia depois que venci um importante torneio regional, a vitrine exibiu um bolo fresco com creme de chantilly gelado e uma escrita em vermelho dizendo, ‘Parabéns, Waverly Jong, Campeã de Xadrez de Chinatown.’

Logo depois, uma floricultura, um escultor de lápides e um salão funerário ofereceram-se para me patrocinar em torneios nacionais. Foi quando mamãe decidiu que eu não precisava mais lavar os pratos. Winston e Vincent tinham que fazer minhas tarefas.

“Por que ela tem que jogar e nós fazermos todo o serviço?” reclamou Vincent.

“São novas regras americanas,” respondeu minha mãe. “Meimei joga, espreme todo seu cérebro para vencer no xadrez. Você jogando é o mesmo que espremer toalha.”

Perto de meu nono aniversário, eu era campeã nacional de xadrez. Ainda estava a uns 429 pontos de distância da categoria de grande-mestre, mas era apontada como a Grande Esperança Americana, uma criança prodígio e uma menina ainda por cima. Eles publicaram uma foto minha na revista Life, ao lado de uma citação na qual Bobby Fischer dizia, “Nunca haverá uma mulher grande-mestre.” “Sua jogada, Bobby,” dizia a legenda.

No dia em que tiraram a foto da revista, eu usava tranças perfeitas presas com elásticos decorados com pedras brilhantes. Estava jogando no enorme auditório de um ginásio que ecoava com tosses, catarrros e rangidos das proteções de borracha das pernas das cadeiras deslizando pelos assoalhos de madeira recentemente encerados.

Sentado na minha frente estava um homem americano, da mesma idade de Lau Po, talvez uns cinquenta anos. Lembro que sua testa suada parecia chorar, a cada movimento meu. Ele usava um terno escuro e mal-cheiroso e um de seus bolsos continha um grande lenço branco na qual enxugava a palma da mão, antes de pegar a peça de xadrez, escolhida com enorme floreio.

Em meu fresco vestido rosa e branco com laço improvisado no pescoço, um dos dois que mamãe costurara para essas ocasiões especiais, eu afivelava minhas mãos sob o

queixo, os pontos delicados de meus cotovelos levemente pousados na mesa, da maneira que minha mãe me mostrou para posar para a imprensa. Eu balançava meus sapatos envernizados para frente e para trás, como uma criança impaciente dentro do ônibus escolar. Então fazia uma pausa, mordida os lábios e girava minha peça escolhida em pleno ar, como se indecisa, colocando-a firmemente em seu novo lugar ameaçador, com um sorriso triunfante jogado sobre meu oponente para uma boa avaliação.

Eu não brincava mais na viela de Waverly Place. Nunca visitava o parque onde os pombos e os idosos se reuniam. Eu ia para a escola e então diretamente para casa, para aprender novos segredos de xadrez, ocultar vantagens habilmente, mais rotas de fuga.

Mas eu encontrava dificuldades para me concentrar em casa. Minha mãe tinha o hábito de ficar parada na minha frente enquanto eu planejava minhas jogadas. Acho que ela pensava em si mesma como minha protetora aliada. Seus lábios ficavam firmemente selados e, depois de cada movimento que eu fazia, um suave “Hmmmph!” escapava de sua narina.

“Ma, eu não consigo praticar quando você fica aí, parada assim,” falei, um dia. Ela se retirou para a cozinha e fez ruídos altos com as panelas e frigideiras. Quando o barulho parou, pude ver pelo canto do olho que ela estava parada na porta. “Hmmmph!” Só que esse veio da sua garganta apertada.

Meus pais fizeram várias concessões para me deixar treinar. Certa vez, eu reclamei que o quarto que compartilhava era tão barulhento que não conseguia pensar. Depois disso, meus irmãos começaram a dormir numa cama na sala de estar, que ficava de frente para a rua. Eu disse que não conseguia terminar meu arroz; minha cabeça não funcionava direito quando meu estômago estava cheio demais. Eu deixava a mesa com tigelas meio terminadas e ninguém reclamava.

Mas havia um dever que eu não podia evitar. Tinha que acompanhar minha mãe nos dias de compra. No sábado, quando não tinha um torneio para jogar. Minha mãe caminhava orgulhosamente comigo, visitando várias lojas, comprando muito pouco.

“Esta minha filha, Wave-ly Jong,” ela dizia para quem quer que olhasse em sua direção.

Um dia, depois que saímos de uma loja, eu falei em voz baixa, “Eu queria que você não fizesse isso, dizer a todo mundo que sou sua filha.” Mamãe parou de caminhar. Várias pessoas com sacolas pesadas, passando por nós na calçada, colidiram de início em um ombro e depois em outro.

“Aii-ya! Então é vergonha estar com sua mãe?” Ela segurou minha mão com mais força ainda, enquanto me fitava.

Eu abaixei a cabeça. “Não é isso, é que é tão óbvio. É só embaraçoso.”

“Embaraço você ser minha filha?” Sua voz estalava de zanga.

“Não foi o que eu quis dizer. Não foi isso que eu disse.”

“O que você disse?”

Eu sabia que era um erro dizer mais alguma coisa, mas escutei minha voz dizendo, “Por que você tem que me usar para se exibir? Se você quer se exibir, então por que não aprende a jogar xadrez?”

Os olhos de minha mãe transformaram-se em perigosas fendas negras. Ela não teve palavras para mim, somente um agudo silêncio. Senti uma rajada de vento ao redor de minhas orelhas quentes. Puxei a mão para livrar-me das garras apertadas de mamãe e girei, trombando contra uma senhora idosa. Seu saco de compras caiu no chão.

“Aii-ya! Garota estúpida!” Minha mãe e a mulher gritaram. Laranjas e latas rolaram pela calçada. Enquanto mamãe se debruçava para ajudar a velha a pegar a comida fugitiva, eu corri.

Fugi desabaladamente pela rua, arremessando-me entre as pessoas, não olhando para trás enquanto mamãe gritava estridentemente, “Meimei! Meimei!”

Desapareci por uma viela, passando por lojas de cortinas escuras e mercantes lavando a sujeira de suas vitrines. Apressei-me em direção à luz do sol, saindo numa rua larga, cheia de turistas examinando bugigangas e lembrancinhas. Mergulhei em outra viela escura, em outra rua, outra viela. Corri até me sentir dolorida e perceber que não tinha para onde ir, que estava correndo por nada. As vielas não possuíam rotas de fuga.

Minha respiração saía como fumaça zangada. Estava frio. Sentei-me num balde de plástico virado, perto de uma pilha de caixas vazias, pousando o queixo entre as mãos e pensando arduamente. Imaginei mamãe, primeiro caminhando vigorosamente por uma rua e outra, procurando por mim, desistindo e então voltando para casa, para esperar minha chegada. Depois de duas horas, levantei-me sobre as pernas bambas e lentamente voltei para casa.

A viela estava silenciosa e eu podia ver as luzes amarelas iluminando nosso apartamento como dois olhos de tigre na noite. Subi os dezesseis degraus até a porta, avançando calmamente para não fazer qualquer som de aviso. Girei a maçaneta; a porta estava trancada. Ouvi uma cadeira se movendo, passos apressados, as trancas girando – Click! Click! Click – e então, a porta se abriu.

“Já era hora de chegar em casa,” disse Vincent. “Cara, você está encrencada.”

Ele voltou para a mesa de jantar. Sobre uma bandeja estavam os restos de um peixe enorme, a cabeça ainda ligada aos ossos, nadando rio acima numa fuga inútil. De pé ali, parada, esperando por minha punição, eu escutei mamãe falar numa voz seca.

“Não estamos preocupados com essa garota. Ela não se preocupa conosco.”

Ninguém olhou para mim. Pauzinhos de ossos tilintaram contra as tigelas sendo esvaziadas nas bocas famintas. Fui para meu quarto, fechei a porta e deitei na cama. O quarto estava escuro, com o teto cheio de sombras das luzes do jantar nos apartamentos vizinhos.

Em minha cabeça, vi um tabuleiro de xadrez com sessenta e quatro quadrados pretos e brancos. Do lado oposto, estava meu adversário, duas fendas negras e zangadas. Ela exibia um sorriso triunfante. “O vento mais forte não pode ser visto,” dizia.

Suas peças negras avançaram ao longo do plano, marchando lentamente para cada nível consecutivo, como uma unidade sozinha. Minhas peças brancas gritaram enquanto eram acuadas e caíam sobre o tabuleiro uma por uma. Enquanto seus peões aproximavam-se cada vez mais da margem, eu senti uma luminosidade crescente. Flutuei no ar e voei pela janela. Cada vez mais alto, sobre a viela, no topo dos telhados, onde eu era levada pelo vento e empurrada para o céu noturno até que tudo embaixo de mim desaparecesse e eu ficasse sozinha.

Fechei os olhos e ponderei sobre meu próximo movimento.

Lena St. Clair – A Voz na Parede

Quando eu era pequena, mamãe contou-me que meu bisavô havia sentenciado um mendigo à morte da pior forma possível e, mais tarde, o homem morto voltou e matou meu bisavô. Isso ou ele morreu de gripe influenza uma semana depois.

Eu costumava imaginar os últimos momentos do mendigo em minha cabeça repetidamente. Em minha mente, eu via o carrasco tirar a camisa do homem e guiá-lo para um pátio aberto. “Este traidor,” lia o carrasco, “foi sentenciado a morrer a morte dos mil cortes.” Mas antes mesmo que ele pudesse erguer a afiada espada para ceifar sua vida, eles descobriam que a mente do mendigo já havia se partido em mil pedaços. Alguns dias depois, meu bisavô levantava os olhos de seus livros e via esse mesmo homem, parecendo um vaso partido e consertado apressadamente. “Enquanto a espada me cortava,” dizia o fantasma, “pensei que aquilo era o pior que teria que suportar. Mas eu estava errado. O pior está do outro lado.” E o homem morto abraçava meu bisavô com os membros cortados e arrastava-o para a parede, para lhe mostrar o que queria dizer.

Certa vez, eu perguntei a minha mãe como ele realmente morreu. Ela disse, “Na cama, rapidamente, depois de ter ficado doente por apenas dois dias.”

“Não, não, eu quero dizer o outro homem. Como ele foi morto? Eles arrancaram a pele primeiro? Usaram um cutelo para partir seus ossos? Ele gritou e sentiu todos os mil cortes?”

“Annh! Por que vocês, americanos, têm somente esses pensamentos mórbidos na cabeça?” gritou mamãe, em chinês. “Aquele homem morreu há quase setenta anos. O que importa como ele morreu?”

Eu sempre achei que importava, saber qual é a pior coisa possível que poderia lhe acontecer, saber como poderia evitá-la, não ser tragada pela magia do indizível. Porque, mesmo sendo uma criança, eu podia sentir os terrores não ditos que cercavam nossa casa, aqueles que perseguiam minha mãe até que ela os escondeu num canto sombrio e secreto de sua mente. E, ainda assim, eles a encontravam. Eu observei, ao longo dos anos, enquanto eles a devoravam, pedaço por pedaço, até que ela desapareceu e se tornou um fantasma.

Se eu me recordo, o lado sombrio de minha mãe surgiu do porão de nossa antiga casa em Oakland. Eu tinha cinco anos e mamãe tentou escondê-lo de mim. Ela bloqueou a porta com uma cadeira de madeira e prendeu-a com uma corrente e dois tipos de cadeados. Tornou-se tão misterioso que eu gastava todas as minhas energias para desembaraçar esta porta, até o dia em que finalmente fui capaz de abri-la com meus dedos pequenos, apenas para imediatamente cair de cabeça num abismo escuro. E foi somente depois que parei de gritar – eu vi sangue de meu nariz no ombro de mamãe – foi só então que ela me contou sobre o homem mau que vivia no porão e por que eu nunca deveria abrir a porta de novo.

Ele tinha morado ali por milhares de anos, disse ela, e era tão mau e faminto que, se minha mãe não tivesse me resgatado tão rápido, esse homem teria plantado cinco bebês em mim e teria nos comido a todos numa refeição com seis pratos, jogando nossos ossos no chão sujo.

Depois daquilo, eu comecei a ver coisas terríveis. Via essas coisas com meus olhos chineses, a parte de mim que recebera de mamãe. Eu via demônios dançando febrilmente num buraco que cavei na caixa de areia. Via que raios possuíam olhos e procuravam criancinhas para atingir. Via um besouro com rosto de criança que eu rapidamente esmagava com as rodas de meu triciclo. E quando fiquei mais velha, podia ver coisas que garotas brancas da escola não podiam ver. Argolas de ginástica que se partiam em dois e arremessavam uma criança se balançando com violência para o espaço. Cordas que podiam esmigalhar a cabeça de uma garota e espalhá-lo por todo o parque na frente dos amigos risonhos.

Eu não contava a ninguém sobre as coisas que via, nem mesmo para minha mãe. A maioria das pessoas não sabia que eu era metade chinesa, talvez porque meu sobrenome seja St. Clair. Quando as pessoas me viam pela primeira vez, pensavam que eu me parecia com papai, Anglo-Irlandês, ossos grandes e delicados ao mesmo tempo. Mas se olhassem realmente de perto, se soubessem que estava lá, poderiam ver a parte chinesa. Ao invés de ter bochechas angulosas como as de meu pai, as minhas eram planas como seixos. Eu não possuía seus cabelos cor de palha ou a pele branca, ainda que minha cor parecesse muito pálida, como algo que certa vez foi escuro e desbotou com o sol.

E meus olhos, eu os herdei de minha mãe, sem pálpebras, como se fossem esculpidos como lanternas de abóbora, dois cortes rápidos de uma faca pequena. Eu costumava apertar meus olhos nos cantos para fazê-los redondos. Ou abri-los bem até que pudesse ver as partes brancas. Mas, quando eu perambulava pela casa daquele modo, meu pai perguntava por que eu parecia tão assustada.

Eu tenho uma foto de minha mãe com esse mesmo olhar assustado. Meu pai contou que a fotografia tinha sido tirada quando Ma foi liberada, pela primeira vez, do Posto de Imigração, em Angel Island. Ela permaneceu lá, por três semanas, até que pudessem processar seus documentos e determinar se ela era uma Esposa de Guerra, Expatriada, Estudante ou a esposa de um cidadão Sino-americano. Meu pai disse que eles não possuíam leis para lidar com a esposa chinesa de um cidadão branco. De qualquer forma, no fim, eles a declararam uma expatriada, perdida num mar de categorias migratórias.

Minha mãe nunca falou a respeito de sua vida na China, mas papai disse que a salvou de uma vida terrível por lá. Alguma tragédia da qual não podia falar. Meu pai, orgulhosamente, deu-lhe um nome em seus documentos da Imigração: Betty St. Clair, riscando seu nome de batismo, Gu Ying-ying. E preencheu seu ano de nascimento errado, 1916 ao invés de 1914. Então, com um movimento de caneta, minha mãe perdeu o nome e tornou-se Dragão ao invés de Tigre.

Nessa fotografia, pode-se notar por que minha mãe parece deslocada: Ela está agarrada a uma enorme bolsa redonda, como se alguém fosse roubá-la se fosse menos cuidadosa. Está usando um vestido chinês de quadris largos com modestas aberturas do lado. Por cima, um casaco ocidentalizado desajeitadamente elegante no corpo pequeno de mamãe, com suas ombreiras almofadadas, lapelas largas e enormes botões. Esse era o vestido de casamento dela, um presente de papai. Naquele traje, ela parecia como se não estivesse vindo nem indo a lugar algum. O queixo está inclinado para baixo e você consegue ver o ponto exato do cabelo, uma distinta faixa branca, desenhada acima da sobrancelha esquerda e descendo para o horizonte negro de sua cabeça. Mesmo a cabeça estando inclinada, humilde em derrota, seus olhos fitavam além da câmera, arregalados. “Por que ela parece assustada?” perguntei a papai.

Meu pai explicou: era apenas porque ele dissera “Xis”, e minha mãe lutara para manter os olhos abertos, até que o flash espocasse, dez segundos depois. Minha mãe

frequentemente parecia desse modo, esperando que algo acontecesse, exibindo aquele olhar assustado. Só que, mais tarde, ela perdeu as forças para manter os olhos abertos.

“Não olhe para ela,” disse mamãe, enquanto caminhávamos por Chinatown, em Oakland. Ela tinha agarrado minha mão e puxava-me para perto de seu corpo. E é claro que olhei. Eu vi uma mulher sentada na calçada, encostada contra um prédio. Ela era velha e jovem ao mesmo tempo, com olhos sombrios, como se não dormisse há muitos anos. Suas mãos e pés – as pontas eram pretas, como se ela os tivesse mergulhado em tinta indiana. Mas eu sabia que estavam podres.

“O que ela fez para si mesma?” sussurrei para minha mãe.

“Ela conheceu um homem ruim,” disse mamãe. “Teve um bebê que não queria.”

E eu sabia que aquilo não era verdade. Sabia que mamãe inventava algo para me avisar, para me ajudar a evitar algum perigo desconhecido. Minha mãe via perigo em tudo, até mesmo em outras pessoas chinesas. Onde morávamos e fazíamos compras, todos falavam cantonês ou inglês. Minha mãe era de Wushi, perto de Shangai. Então ela falava mandarim e um pouco de inglês. Meu pai, que falava apenas algumas expressões comuns em chinês, insistia para que ela aprendesse inglês. Então, com ele, ela conversava através de humores e gestos, olhares e silêncios e, às vezes, uma combinação de inglês pontuada por hesitações e frustrações chinesas: “Shwo buchulai” – As palavras não conseguem sair. Então papai botava palavras em sua boca.

“Eu acho que mamãe está tentando dizer que está cansada,” ele sussurrava, quando ela ficava melancólica.

“Acho que ela está dizendo que somos a melhor família do país!” exclamava, quando ela cozinhava uma refeição maravilhosamente perfumada.

Mas comigo, quando estávamos sozinhas, mamãe conversava em chinês, dizendo coisas que papai nem sequer imaginava. Eu conseguia entender as palavras perfeitamente, mas não os significados. Um pensamento levava a outro sem conexão.

“Você não deve caminhar em qualquer direção exceto para a escola e voltar para casa,” avisava ela, quando decidi que eu estava velha o suficiente para andar sozinha.

“Por quê?” eu perguntava.

“Você não conseguiria entender essas coisas,” dizia.

“Por que não?”

“Porque não as coloquei em sua mente ainda.”

“Por que não?”

“Aii-ya! Que perguntas! Porque é terrível demais para considerar. Um homem pode agarrá-la na rua, vendê-la para alguém, fazê-la ter um bebê. Então você matará o bebê. E quando encontrarem esse bebê numa lata de lixo, o que se pode fazer? Você irá para a cadeia, morrerá lá.”

Eu sabia que aquilo não era uma resposta de verdade. Mas eu também inventava mentiras para prevenir que coisas ruins não acontecessem no futuro. Eu mentia frequentemente quando tinha que traduzir para ela os intermináveis formulários, instruções, bilhetes da escola, telefonemas. “Shemma yisz? – ‘O que significa?’ –” ela me perguntava, quando um homem na mercearia gritava com ela por abrir os potes para cheirar seus conteúdos. Eu ficava tão embaraçada que dizia que os chineses eram proibidos de fazer compras ali. Quando a escola mandou um bilhete para casa sobre uma vacinação contra pólio, eu lhe falei o horário e local, acrescentando que todos os estudantes agora eram obrigados a usar lancheiras de metal, desde que haviam descoberto que velhos sacos de papel podiam carregar germes de pólio.

“Estamos subindo na vida,” anunciou papai, orgulhosamente, na ocasião de sua promoção para supervisor de vendas de um fabricante de roupas. “Sua mãe está emocionada.”

E nós subimos, para o outro lado da Baía de San Francisco, uma colina em North Beach, um bairro italiano onde a calçada era tão íngreme que eu tinha que me inclinar sobre o declive para chegar em casa da escola todos os dias. Eu estava com dez anos, esperançosa de que pudéssemos ser capazes de deixar todos os velhos medos para trás em Oakland.

O prédio possuía três andares, dois apartamentos por andar, uma fachada renovada, uma camada recente de estuque branco, ladeado por fileiras de escadas de incêndio de metal conectadas. Mas por dentro, o prédio era velho. A porta da frente, com seus vidros estreitos, se abria para um vestíbulo mofado que cheirava à vida de todo mundo misturada. Todos evidenciavam os nomes nas portas da frente, ao lado de suas pequenas campainhas. Anderson, Giordino, Hayman, Ricci, Sorci, e o nosso nome, St. Clair. Morávamos no andar do meio, enfiados entre odores de cozidos que flutuavam e o som de pés à deriva. Meu quarto ficava de frente para a rua e, à noite, no escuro, eu podia ver outra vida em minha mente. Carros lutando para subir o declive, sobre a colina envolta em neblina, acelerando seus motores pesados e rodopiando pneus. Pessoas barulhentas, felizes, rindo, arquejando, arfando: “Estamos chegando?” Um cachorro beagle, cavando com as patas para iniciar seus uivos, respondendo segundos mais tarde às sirenes do caminhão de bombeiros e uma mulher zangada sibilando, “Sammy! Cachorro mau! Agora, quieto!” E com toda essa calmante previsibilidade, eu logo caía no sono.

Minha mãe não estava feliz com o apartamento, mas eu não notei isso no começo. Quando nos mudamos, ela se ocupou em estabelecer-se, arrumar a mobília, desempacotar os pratos, pendurar quadros na parede. Ocupou-lhe cerca de uma semana. Logo depois disso, quando estávamos indo para o ponto de ônibus, ela encontrou um homem que destruiu seu equilíbrio.

Era um homem chinês de rosto vermelho, oscilando pela calçada como se estivesse perdido. Seus olhos derretidos nos viram e ele rapidamente parou à nossa frente, erguendo os braços e gritando, “Eu a encontrei! Suzie Wong, garota dos meus sonhos! Hah!” E com os braços e a boca abertos, começou a correr na nossa direção. Mamãe soltou minha mão e cobriu o corpo com os braços como se estivesse nua, incapaz de fazer qualquer outra coisa. Naquele momento, quando ela me soltou, eu comecei a gritar, vendo esse homem perigoso se aproximando. Eu ainda estava gritando quando dois homens, rindo, agarraram esse homem e, sacudindo-o, disseram, “Joe, pare, pelo amor de Deus. Você está assustando aquela pobre garotinha e sua babá.”

Pelo resto do dia – enquanto tomávamos o ônibus, saíamos e entrávamos nas lojas, fazendo compras para nosso jantar – mamãe ficou trêmula. Ela agarrava minha mão com tanta força que machucava. E uma vez, quando soltou minha mão para pegar a carteira da bolsa, na caixa registradora, eu comecei a me afastar para procurar um doce. Ela agarrou minha mão novamente tão rápido que eu soube, naquele instante, o quanto sentia por não ter me protegido melhor.

Assim que chegamos da mercearia, ela começou a guardar as latas e verduras. Então, como se algo não estivesse certo, ela tirou as latas de uma prateleira e colocou-as em outra. Em seguida, foi rapidamente à sala de estar e mudou um enorme espelho redondo da parede em frente à porta para a parede do sofá.

“O que está fazendo?” perguntei.

Ela sussurrou algo em chinês sobre “as coisas não estarem equilibradas”, e eu pensei que ela quis dizer como as coisas pareciam, não como eram. Então ela começou a mudar as peças maiores: o sofá, cadeiras, mesas de canto, um pergaminho chinês de peixe-dourado.

“O que está acontecendo aqui?” perguntou papai, quando voltou para casa do trabalho.

“Ela está arrumando melhor as coisas,” eu respondi.

E no dia seguinte, quando voltei da escola, notei que ela mudou tudo novamente. Tudo estava num lugar diferente. Eu podia ver que um terrível perigo estava à espreita. “Por que está fazendo isso?” perguntei, com medo que ela me desse uma resposta verdadeira.

Mas, ao invés disso, ela sussurrou algum disparate chinês: “Quando algo vai contra a sua natureza, você não está em equilíbrio. Esta casa foi construída inclinada demais, e um vento ruim sopra do alto toda sua força colina abaixo. Então você nunca consegue seguir em frente. Está sempre rolando para trás.”

E ela começou a apontar para as paredes e portas do apartamento. “Veja como essa porta é estreita, como um pescoço que foi estrangulado. E a cozinha fica de frente para este banheiro, todo seu valor vai descarga abaixo.”

“Mas o que isso significa? O que vai acontecer se não estiver em equilíbrio?” perguntei a ela.

Meu pai explicou-me mais tarde. “Sua mãe está apenas praticando seus instintos maternos,” respondeu. “Todas as mães possuem isso. Você vai entender quando ficar mais velha.”

Eu me espantava por papai nunca ficar preocupado. Ele estava cego? Por que minha mãe e eu víamos algo mais? Então, alguns dias mais tarde, eu descobri que papai esteve certo o tempo todo. Voltei da escola, fui para meu quarto e vi. Mamãe mudara todo meu quarto. Minha cama não estava mais junto da janela, mas contra uma parede. E, onde outrora esteve minha cama, agora havia um berço usado. Então o perigo secreto era um estômago intumescido, a fonte do desequilíbrio de mamãe. Ela ia ter um bebê.

“Viu,” disse papai, quando ambos vimos o berço. “Instintos maternos. Aqui está o ninho. E aqui é onde o bebê vai ficar.” Ele estava tão feliz com este bebê imaginário no berço. Ele não viu o que eu vi mais tarde. Minha mãe começou a colidir nas coisas, na beirada das mesas, como se tivesse se esquecido que carregava um bebê no ventre, como se ao invés disso fosse ter problemas. Ela não falava das alegrias de ter um novo bebê, falava sobre um peso a seu redor, sobre coisas estarem fora de equilíbrio, não em harmonia umas com as outras. Então fiquei preocupada por aquele bebê, preso em algum lugar entre o ventre de minha mãe e este berço em meu quarto.

Com a cama contra a parede, a vida noturna de minha imaginação mudou. Ao invés do som das ruas, eu comeci a ouvir vozes vindas da parede, do apartamento ao lado. A campainha da porta dizia que uma família chamada Sorci morava ali.

Naquela primeira noite, eu ouvi o som abafado de alguém gritando. Uma mulher? Uma menina? Encostei o ouvido contra a parede e ouvi uma voz zangada de mulher, e então outra, - a voz mais alta de uma menina respondendo. E agora, essas vozes se voltavam em minha direção, como alarmes de incêndio em nossa rua, e eu podia ouvir as acusações indo e vindo: Quem sou eu para falar!... Por que você fica me enchendo?... Então vá embora e não volte!... antes morrer do que ser morta!... Então por que não?!

E ouvi sons de luta, batidas, empurrões e gritos, então Bam! Bam! Bam! Alguém estava matando. Alguém estava sendo morto. Choros e gritos, uma mãe estava com uma espada sobre a cabeça de uma menina e começara a ceifar sua vida, primeiro uma

trança, então seu escalpo, uma sobrelanceira, um pé, um dedo, sua bochecha, a curva do nariz, até que não restasse mais nada, nenhum som.

Recostei-me contra o travesseiro, o coração batendo forte pelo que acabara de testemunhar com meus ouvidos e minha imaginação. Uma menina acabara de ser morta. Eu fui incapaz de parar de ouvir. Fui incapaz de deter o que havia acontecido. O horror de tudo aquilo. Mas, na noite seguinte, a menina reviveu, com mais gritos, mais surras, sua vida mais uma vez em risco. E assim continuou, noite após noite, uma voz pressionada contra a parede, dizendo-me que aquilo era a pior coisa que poderia acontecer: o terror de não saber quando iria parar.

Às vezes, eu ouvia essa família barulhenta no corredor que separava as portas de nossos dois apartamentos. O apartamento deles ficava junto das escadas que levavam para o terceiro andar. O nosso ficava perto das escadas que desciam ao térreo. “Você vai quebrar as pernas escorregando pelo corrimão. Eu vou quebrar seu pescoço,” gritava uma mulher. Seus avisos eram seguidos pelo som de passos descendo as escadas. “E não se esqueça de pegar os ternos de seu pai.”

Eu conhecia suas terríveis vidas tão intimamente que ficava aterrorizada pela iminência de vê-los pessoalmente pela primeira vez. Eu estava fechando a porta da frente enquanto equilibrava uma braçada de livros. Quando me virei, eu a vi andando em minha direção a apenas alguns passos de distância. Dei um grito e larguei tudo. Ela riu e eu soube quem ela era, aquela menina alta que supus ter cerca de doze anos, dois anos mais velha do que eu. Então ela desceu as escadas e eu rapidamente juntei meus livros para segui-la, tomando o cuidado de caminhar do outro lado da rua.

Ela não parecia ser uma garota que foi morta uma centena de vezes. Não vi traços de manchas de sangue em suas roupas; ela vestia uma leve blusa branca, suéter de cardigã azul e uma saia plissada azul-esmeralda. De fato, enquanto a observava, ela parecia bem feliz, as duas tranças castanhas balançando jovialmente ao ritmo de seus passos. Então, como se soubesse que eu estava pensando nela, ela virou a cabeça. Ela franziu a testa e rapidamente mergulhou numa rua lateral, sumindo de minha vista.

Depois daquilo, todas as vezes que a via, eu fingia olhar para baixo, ocupada arrumando meus livros ou os botões de meu suéter, sentindo-me culpada por saber tudo a seu respeito.

Os amigos de meus pais, Tia Su e Tio Canning, me pegaram na escola um dia e levaram-me ao hospital para ver mamãe. Eu sabia que isso era sério porque tudo que disseram foi desnecessário, mas dito com solene importância. “Agora são quatro horas,” disse Tio Canning, olhando para o relógio.

“O ônibus nunca chega na hora,” disse Tia Su.

Quando visitei mamãe no hospital, ela pareceu meio adormecida, agitando-se de um lado para o outro. Então seus olhos abriram-se de repente, fitando o teto.

“Minha culpa, minha culpa. Eu sabia disso antes de acontecer,” balbuciou ela. “Não fiz nada para impedir.”

“Betty querida, Betty querida,” dizia meu pai, freneticamente. Mas mamãe continuava gritando aquelas acusações para si mesma. Ela agarrou minha mão e percebi que seu corpo todo tremia. Então, ela olhou para mim de um modo estranho, como se estivesse implorando por sua vida, como se eu pudesse perdoá-la. Ela murmurava algo em chinês.

“Lena, o que ela está dizendo?” suplicou papai. Dessa vez, ele não tinha palavras para botar na boca de minha mãe.

E dessa vez, eu não tinha uma resposta pronta. Descobri que o inimaginável havia acontecido. Que o que ela vinha temendo tornara-se realidade. Não eram mais avisos, então, eu escutei.

“Quando o bebê estava prestes a nascer,” ela murmurou, “eu já podia ouvi-lo gritar dentro de meu ventre. Os dedos pequeninos, eles agarravam-se para permanecer lá dentro. Mas as enfermeiras, o médico, todos disseram para empurrá-lo, fazê-lo sair. E quando sua cabeça surgiu, as enfermeiras gritaram. Seus olhos estão abertos! Ele vê tudo! Então seu corpo deslizou e ele foi deitado na mesa, exalando vida.”

“Quando o fitei, vi imediatamente. Suas pernas minúsculas, os pequenos braços, seu pescoço fino, e então uma cabeça enorme, tão terrível que eu não pude parar de olhar. Os olhos desse bebê estavam abertos e sua cabeça – estava aberta também! Eu podia ver o tempo todo, onde seus pensamentos deveriam estar, e não havia nada lá. Sem cérebro, gritou o médico! Sua cabeça é apenas uma casca de ovo vazia! Então esse bebê, talvez tenha nos ouvido, sua cabeça enorme pareceu se encher de ar quente e ergueu-se da mesa. A cabeça virou para um lado e para o outro. Ele olhou direto para mim. Eu sabia que ele podia ver tudo o que havia dentro de mim. Como não pensei ao matar meu outro filho! Como não pensei em ter esse bebê!”

Eu não podia dizer a meu pai o que ela havia dito. Ele já estava tão triste com aquele berço vazio em sua mente. Como eu poderia dizer-lhe que ela estava louca? Então, foi isso que traduzi para ele: “Ela diz que todos nós devemos pensar muito a respeito de ter outro bebê. Ela diz que espera que esse bebê esteja muito feliz do outro lado. E ela acha que devemos ir embora agora e jantarmos.”

Depois que o bebê morreu, mamãe desmoronou, não por completo ou imediatamente, mas pedaço por pedaço, como pratos caindo de uma prateleira um por um. Eu não sabia quando isso iria acontecer então me tornei nervosa o tempo todo, esperando.

Às vezes, ela começava a fazer o jantar, mas parava na metade, a água da torneira aberta enchendo a pia, sua faca pousada no ar sobre verduras picadas pela metade, silenciosa, lágrimas fluindo. E às vezes, enquanto estávamos comendo, parávamos e largávamos os talheres porque ela largava o rosto entre as mãos e dizia “Mei gwansyi” – não importa. Meu pai apenas ficava lá sentado, tentando compreender o que é que não importava tanto. E eu deixava a mesa, sabendo que aconteceria novamente, sempre da próxima vez.

Papai pareceu desmoronar de modo diferente. Ele tentava tornar as coisas melhores. Mas era como se estivesse correndo para pegar coisas antes que elas caíssem, só que ele caía antes que pudesse pegar algo.

“Ela apenas está cansada,” ele me explicava, quando jantávamos no Gold Spike, somente nós dois, porque mamãe ficava deitada como uma estátua em sua cama. Eu sabia que ele estava pensando nela porque exibia aquele rosto preocupado, fitando seu prato como se este estivesse cheio de vermes ao invés de espaguete.

Em casa, mamãe olhava para tudo a seu redor com olhos vazios. Papai voltava para casa do trabalho, afagava minha cabeça e dizia “Como está minha garotona?”, mas sempre olhava além, na direção de mamãe. Eu possuía tais medos por dentro, não em minha cabeça, mas no estômago. Eu não conseguia mais ver o que era tão assustador, mas podia sentir. Podia sentir cada pequeno movimento no silêncio de nossa casa. E, à noite, eu podia sentir as ruidosas brigas do outro lado da parede de meu quarto, esta garota sendo surrada até a morte. Na cama, com a borda do cobertor sobre o pescoço, eu costumava me perguntar o que era pior, nosso lado ou o deles? E após pensar sobre isso por algum tempo, após sentir pena de mim mesma, sentia-me um tanto confortada por pensar que esta garota na porta ao lado possuía uma vida muito mais infeliz.

Mas, certa noite após o jantar, nossa campainha tocou. Aquilo era curioso porque, normalmente, as pessoas tocavam a campainha de baixo primeiro. “Lena, poderia ir ver quem é?” gritou meu pai, da cozinha. Ele estava lavando os pratos. Mamãe estava deitada na cama. Ela agora estava sempre ‘descansando’ e era como se tivesse morrido e se transformado num fantasma.

Abri a porta cautelosamente e então a escancarei, surpresa. Era a garota da porta ao lado. Fitei-a com indisfarçável espanto. Ela estava sorrindo para mim, e parecia amarrotada, como se tivesse caído da cama vestida.

“Quem é?” perguntou papai.

“É da porta ao lado!” gritei a meu pai. “É...”

“Teresa,” ofertou ela, rapidamente.

“É Teresa!” gritei de volta para ele.

“Convide-a para entrar,” disse papai, quase no mesmo instante em que Teresa espremeu-se pela porta e entrou em nosso apartamento. Sem ser convidada, ela começou a andar na direção de meu quarto. Fechei a porta da frente e segui as duas tranças castanhas que balançavam como açoites batendo no traseiro de um cavalo.

Ela foi direto para minha janela e começou a abri-la. “O que está fazendo?” gritei. Ela se sentou na beirada da janela, olhando para a rua. Então, olhou para mim e começou a rir. Sentei-me na cama, observando-a, esperando que ela parasse, sentindo o ar frio soprar da abertura escura.

“O que é tão engraçado?” perguntei finalmente. Ocorreu-me que talvez ela estivesse rindo de mim, de minha vida. Talvez tivesse escutado através da parede e não ouvira nada, o estagnado silêncio de nossa infeliz casa.

“Por que está rindo?” exigi.

“Minha mãe me chutou para fora,” respondeu finalmente. Ela falava com arrogância, parecendo estar orgulhosa do fato. Então, deu uma risadinha e continuou, “Nós tivemos uma briga e ela me empurrou para fora da porta e trancou. Então, agora ela acha que eu vou esperar ali fora até me sentir arrependida o suficiente para pedir desculpas. Mas eu não vou.”

“O que vai fazer então?” perguntei-lhe, sem fôlego, certa de que daquela vez, a mãe dela iria realmente matá-la.

“Eu vou usar sua saída de incêndio para subir até o meu quarto,” sussurrou ela. “E ela vai esperar. E quando ficar preocupada vai abrir a porta da frente. Só que não estarei lá! Estarei em meu quarto, na cama.” Ela riu novamente.

“Ela não vai ficar zangada quando encontrá-la?”

“Nah, ela só vai ficar contente por eu não estar morta ou algo assim. Oh, ela finge que está zangada, algo do gênero. Fazemos esse tipo de coisa o tempo todo.” E então, ela deslizou através de minha janela e, silenciosamente, fez seu caminho de volta para casa.

Eu fitei a janela aberta por um longo tempo, pensando nela. Como ela podia voltar? Será que não via o quanto sua vida era terrível? Será que não percebia que nunca iria parar?

Deitei-me na cama, esperando para ouvir os choros e gritos. E mais tarde naquela noite, eu ainda estava acordada quando ouvi as vozes altas no apartamento vizinho. A Sra. Sorci estava gritando e chorando, “Sua garota estúpida. Você quase me deu um ataque do coração.” E Teresa estava gritando de volta “Eu poderia ter morrido. Eu quase caí e quebrei o pescoço.” Então, eu as ouvi rindo e chorando, chorando e rindo, gritando com amor.

Eu estava atônita. Quase podia vê-las, ambas se beijando e abraçando uma a outra. Eu chorei de alegria por elas porque estive errada.

E, em minhas lembranças, eu ainda posso sentir a esperança que bateu em mim naquela noite. Eu me agarrei a essa esperança, dia após dia, noite após noite, ano após ano. Eu observava minha mãe deitada na cama, balbuciando para si mesma, enquanto sentava-se no sofá. E ainda assim eu sabia que isto, a pior coisa possível, um dia iria parar. Ainda via coisas ruins em minha mente, mas agora havia encontrado maneiras para mudá-las. Ainda ouvia a Sra. Sorci e Teresa tendo brigas terríveis. Mas vi algo mais.

Eu vi uma garota reclamando que a dor de não ser vista era insuportável. Eu vi a mãe deitada na cama, com seus longos roupões floridos. Então, a garota puxou uma afiada espada e disse à mãe, “Agora você deve morrer a morte dos mil cortes. É a única forma de salvá-la.”

A mãe aceitou aquilo e fechou os olhos. A espada desceu e cortou de um lado para o outro, pra cima e pra baixo, Whish! Whish! Whish! A mãe gritou e suplicou, chorou de terror e dor. Mas quando abriu os olhos, ela não viu sangue ou carne retalhada.

A garota disse “Você vê agora?”

A mãe assentiu. “Agora eu entendo perfeitamente. Já experimentei o pior. Depois disso, não há coisa pior.”

E a filha disse “Agora você deve retornar para o outro lado. Então poderá ver porque estava errada.”

E a garota pegou a mão de sua mãe e empurrou-a através da parede.

Rose Hsu Jordan – Meio a Meio

Como prova de sua fé, minha mãe costumava carregar uma pequena Bíblia de couro quando ia à Primeira Igreja Batista Chinesa, todos os domingos. Mas mais tarde, depois que perdeu sua fé em Deus, aquela Bíblia de couro terminou servindo como apoio para uma perna de mesa curta demais, um modo para ela corrigir os desequilíbrios da vida. Tem estado lá por mais de vinte anos.

Minha mãe finge que a Bíblia não está lá. Sempre que alguém lhe pergunta o que aquilo está fazendo ali, ela diz, um pouco alto demais, “Oh, aquilo? Eu esqueci.” Mas eu sei que ela vê. Minha mãe não é a melhor dona de casa do mundo e, após todos esses anos, aquela Bíblia ainda continua limpa.

Esta noite, estou observando minha mãe varrer debaixo da mesma mesa na cozinha, algo que faz todas as noites após o jantar. Ela gentilmente empurra a vassoura ao redor da perna de mesa apoiada pela Bíblia. Eu a observo, varrida após varrida, esperando pelo momento certo para contar-lhe sobre Ted e eu, que estamos nos divorciando. Quando lhe conto, eu sei que ela vai dizer “Não pode ser.”

E quando digo que com certeza é verdade, que nosso casamento está terminado, eu sei o que mais ela dirá: “Então você deve salvá-lo.”

E mesmo embora eu saiba que é inútil – não há absolutamente nada para salvar – tenho medo de que, se disser isto, ela ainda irá me persuadir a tentar.

Acho irônico que minha mãe queira que eu lute contra o divórcio. Dezesete anos atrás, ela ficou desgostosa quando comecei a sair com Ted. Minhas irmãs mais velhas saíram apenas com rapazes chineses da igreja antes de se casarem.

Ted e eu nos conhecemos num curso de política ecológica quando ele surgiu e se ofereceu para pagar dois dólares por minhas anotações da última semana. Eu recusei o dinheiro e, ao invés disso, aceitei um copo de café. Aquilo foi durante meu segundo semestre na Universidade Berkeley, onde havia me matriculado na maioria dos cursos de arte liberal e, mais tarde, mudei para belas artes. Ted estava em seu terceiro ano de medicina, por escolha própria disse, desde que dissecara um feto de porco na 6ª série.

Tenho que admitir que, o que inicialmente achei atraente em Ted, foram exatamente as coisas que o faziam diferente de meus irmãos e dos rapazes chineses com quem tinha saído: sua impetuosidade; a confiança com que pedia as coisas e esperava obtê-las; seu comportamento opinante no rosto anguloso e corpo magricela; a grossura de seus braços; o fato de seus pais terem imigrado de Tarrytown, Nova York, e não Tientsin, China.

Minha mãe deve ter notado as mesmas diferenças depois que Ted veio me pegar, certa noite, na casa de meus pais. Quando voltei, mamãe ainda estava de pé, assistindo televisão.

“Ele é americano,” preveniu ela, como se eu estivesse cega demais para notar. “Um waigoren.”

“Eu sou americana também,” respondi. “E não é como se eu fosse me casar com ele ou algo assim.”

A Sra. Jordan também teve poucas palavras a dizer. Ted, casualmente, havia me convidado para um piquenique de família, a reunião anual do clã, organizado nos campos de pólo do Parque Golden Gate. Embora tivéssemos saído apenas algumas poucas vezes no último mês – e certamente nunca dormido juntos, desde que ambos morávamos com nossos pais – Ted apresentou-me a todos os seus parentes como namorada, o que, até então, eu não sabia que era.

Mais tarde, quando Ted e seu pai foram jogar vôlei com os outros, sua mãe pegou minha mão e começamos a caminhar pela grama, longe da multidão. Ela apertou minha mão calorosamente, mas nunca pareceu olhar para mim.

“Estou tão contente por finalmente conhecê-la,” disse a Sra. Jordan. Eu quis dizer que não era a namorada de Ted realmente, mas ela continuou, “Acho ótimo que você e Ted estejam se divertindo tanto juntos. Então espero que não interprete mal o que eu tenho para dizer.”

E então ela falou calmamente sobre o futuro de Ted, sua necessidade de concentrar-se apenas nos estudos de medicina, por que levaria anos antes que ele sequer pensasse em casamento. Ela me assegurou de que não tinha nada em absoluto contra minorias; ela e o marido, que possuía uma cadeia de lojas de suprimentos para escritório, pessoalmente conheciam várias ótimas pessoas que eram orientais, latinos e até mesmo negras. Mas Ted estaria numa daquelas profissões onde seria julgado por padrões diferentes, por pacientes e outros médicos que poderiam não ser tão compreensivos quanto os Jordan. Ela disse que era tão triste o modo como o resto do mundo era, o quanto era impopular a Guerra do Vietnã.

“Sra. Jordan, eu não sou vietnamita,” respondi delicadamente, embora estivesse a ponto de gritar. “E não tenho intenção de me casar com seu filho.”

Quando Ted me levou de volta para casa naquele dia, eu lhe disse que não poderia mais vê-lo. Quando ele perguntou o porquê, eu dei de ombros. E quando ele me pressionou, contei o que sua mãe havia dito, literalmente, sem comentários.

“E você apenas vai ficar aí sentada! Deixar que minha mãe decida o que é certo?” gritou ele, como se eu fosse uma co-conspiradora que se transformara numa traidora. Fiquei comovida por Ted estar tão aborrecido.

“O que devemos fazer?” eu perguntei, e tive uma dolorosa sensação que achei ser o início do amor.

Naqueles primeiros meses, nos agarramos um ao outro com um desespero sem dúvida tolo porque, a despeito de qualquer coisa que minha mãe ou a Sra. Jordan pudessem dizer, não havia nada realmente que impedisse de nos vermos. Com uma tragédia imaginária pairando sobre nós, tornamos-nos inseparáveis, duas metades formando o inteiro: ying e yang. Eu era a vítima para meu herói. Estava sempre em perigo e ele estava sempre me resgatando. Eu caía e ele me levantava. Era estimulante e esgotante. O efeito emocional de salvar e ser salva eram viciantes para ambos. E assim, tanto quanto qualquer coisa que tenhamos feito na cama, era como fazíamos amor um com o outro: associando onde minhas fraquezas necessitavam de proteção.

“O que devemos fazer?” continuei a perguntar-lhe. Dentro de um ano, desde o nosso primeiro encontro, estávamos morando juntos. Um mês antes de Ted começar sua residência médica na UCSF, nos casamos na Igreja Episcopal, e a Sra. Jordan sentou-se na primeira fileira chorando como era esperado da mãe do noivo. Quando Ted terminou sua residência em dermatologia, nós compramos uma mansão vitoriana de três andares com um enorme jardim, em Ashbury Heights. Ted ajudou-me a montar um estúdio no térreo para que eu pudesse trabalhar como assistente de produção freelancer para artistas gráficos.

Ao longo dos anos, Ted decidia onde íamos passar férias. Ele decidia qual a mobília nova que deveríamos comprar. Ele decidiu que devíamos esperar até nos mudarmos para uma vizinhança melhor, antes de termos filhos. Costumávamos discutir a respeito de alguns desses tópicos, mas ambos sabíamos que a questão se reduziria a minha opinião, “Ted, você decide.” Depois de algum tempo, não havia mais discussões. Ted simplesmente decidia. E eu nunca pensei em protestar. Preferia ignorar o mundo ao meu redor, obcecando-me apenas com o que estava na minha frente: minha régua esquadro, meu estilete, meu lápis azul.

Mas, no ano passado, os sentimentos de Ted a respeito do que ele chamava de ‘decisão e responsabilidade’ mudaram. Uma nova paciente foi até ele para perguntar o que poderia fazer sobre as veias aracnídeas em seu rosto. E quando ele disse que poderia sugar as veias vermelhas e torná-la bela novamente, ela acreditou. Mas ao invés disso, ele acidentalmente sugou um nervo, e o lado esquerdo de seu rosto caiu; e ela o processou.

Depois que perdeu a ação por erro médico – seu primeiro e, percebo agora, grande choque – ele começou a me induzir para tomar decisões. Deveríamos comprar um carro americano ou japonês? Deveríamos mudar para um seguro vitalício ou trimestral? O que eu achava daquele candidato que apoiava os contras? E quanto a uma família?

Eu pensava a respeito das coisas, os prós e contras. Mas no fim, eu ficava confusa demais, porque nunca acreditei que houvesse uma única resposta correta, ainda que houvesse muitas erradas. Então, sempre que eu dizia “Você decide” ou “Eu não me importo” ou “De qualquer jeito está bom para mim”, Ted respondia com sua voz impaciente, “Não, VOCÊ decide. Não pode aceitar ambas as coisas, nenhuma responsabilidade, nenhuma culpa.”

Eu sentia que as coisas estavam mudando entre nós. Um véu protetor havia se dissipado e Ted agora começara a pressionar-me sobre tudo. Ele me pedia para decidir sobre os assuntos mais triviais, como se estivesse me testando. Comida italiana ou tailandesa. Um aperitivo ou dois. Qual aperitivo. Cartão de crédito ou dinheiro. Visa ou Mastercard.

No mês passado, quando viajou para um seminário sobre dermatologia em Los Angeles por dois dias, ele me perguntou se eu queria ir junto; então rapidamente, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele acrescentou, “Não importa, prefiro ir sozinho.” “Mais tempo para estudar,” eu concordei.

“Não, porque você nunca consegue se decidir a respeito de nada,” ele disse.

E eu protestei, “Mas é somente com coisas que não são importantes.”

“Então nada é importante para você,” respondeu ele, num tom desgostoso.

“Ted, se você quer que eu vá, eu vou.”

E foi como se algo tivesse estalado em sua mente. “Como diabos nos casamos? Você apenas disse ‘sim’ porque o pastor falou ‘repita comigo’? O que você teria feito com sua vida se eu nunca tivesse me casado com você? Já lhe ocorreu?”

Aquele era um salto tão grande na lógica, entre o que eu disse e o que ele disse, que pensei que era como se fôssemos duas pessoas paradas em montanhas separadas, temerosamente inclinando-se para jogar pedras um no outro, inconscientes do perigoso abismo que nos separava.

Mas agora eu percebo que Ted sabia o tempo todo o que estava dizendo. Ele queria me mostrar a divergência. Porque, mais tarde naquela noite, ele me ligou de Los Angeles e disse que queria o divórcio.

Desde que Ted se foi, tenho pensado que mesmo que tivesse esperado, mesmo que soubesse o que teria feito com minha vida, ainda assim teria me confundido. Quando algo violento te atinge, você não pode evitar sua perda de equilíbrio e queda. E, depois

que se levanta, você percebe que não pode confiar em ninguém para salvá-la – nem seu marido, nem sua mãe ou Deus. Então, o que se pode fazer para parar de se inclinar e cair novamente?

Minha mãe acreditou na boa vontade de Deus por muitos anos. Era como se ela tivesse aberto uma torneira celestial e bondade fluísse através dela. Ela dizia que era a fé que fazia com que todas essas coisas boas surgissem em nosso caminho, mas eu achava que ela dizia ‘destino’, porque não conseguia pronunciar aquele acento em ‘fé’.

Mais tarde, eu descobri que talvez tivesse sido ‘destino’ o tempo todo, porque fé era somente a ilusão de que, de algum modo, você estava no controle. Descobri que o que mais poderia ter era esperança e, com aquilo, eu não estava negando qualquer possibilidade, boa ou ruim. Eu apenas dizia ‘se há uma escolha, querido Deus, ou o que quer que seja, aqui está o lugar onde as estranhezas devem ser colocadas’.

Eu recordo do dia em que comecei a pensar assim; foi como uma revelação. Foi no dia em que minha mãe perdeu sua fé em Deus. Ela descobriu que coisas de certeza inquestionável nunca poderiam ser confiáveis novamente.

Havíamos ido todos à praia, num ponto isolado ao sul da cidade, perto do Escorregador do Diabo. Meu pai tinha lido na revista Sunset que aquele era um bom lugar para pescar perca. E, embora papai não fosse um pescador mas assistente farmacêutico que certa vez foi médico na China, ele acreditava em sua ‘nengkan’, sua habilidade para fazer qualquer coisa que botasse na cabeça. Minha mãe acreditava que possuía ‘nengkan’ para cozinhar qualquer coisa que papai tivesse cabeça para pegar. Era esta crença em suas ‘nengkan’ que havia trazido meus pais à América. Aquilo os capacitara a ter sete filhos e comprar uma casa no distrito de Sunset com muito pouco dinheiro. Aquilo lhes dera a confiança para acreditarem que sua sorte nunca desapareceria, que Deus estava do lado deles, que os deuses da casa tinham somente coisas benevolentes a anunciar e nossos ancestrais estavam satisfeitos, que garantias da vida significavam que nossos laços de sorte nunca se romperiam, que todos os elementos estavam em equilíbrio, a quantidade certa de vento e água.

Então ali estávamos os nove: papai, mamãe, minhas duas irmãs, quatro irmãos e eu, muito confiantes enquanto caminhávamos ao longo de nossa primeira praia. Marchamos numa fila única ao longo da areia fresca e cinzenta, do mais velho ao mais jovem. Eu estava no meio, com quatorze anos de idade. Teríamos sido uma visão e tanto se alguém estivesse observando, nove pares de pés descalços arrastando-se, nove pares de sapatos em mãos, nove cabeças de cabelos negros voltados para a água e observando as ondas desabarem.

O vento açoitava a calça de algodão ao redor de minhas pernas e eu procurava por um lugar onde a areia não fustigasse meus olhos. Vi que estávamos no buraco de uma enseada. Era como uma tigela gigante, partida ao meio, metade levada pelo mar. Mamãe caminhou para a direita, onde a praia era limpa e todos a seguimos. Desse lado, a parede da enseada curvava-se e protegia a praia tanto das ondas violentas quanto do vento. Ao longo dessa parede, em sua sombra, havia um recife protuberante que começava na beira da praia e continuava além da enseada, onde as águas ficavam agitadas. Era como se uma pessoa pudesse caminhar para o mar sobre este recife, embora parecesse bastante rochoso e escorregadio. Do outro lado da enseada, a parede era mais denteada, devorada pela água. Era entremeada por fendas, então, quando as ondas batiam contra a parede, a água era expelida desses buracos como vômito branco.

Olhando para trás, lembro que esta enseada era um lugar terrível, cheia de sombras úmidas que nos congelavam e grãos invisíveis que voavam em nossos olhos e tornava

difícil vermos os perigos. Estávamos todos cegos com a novidade dessa experiência: uma família chinesa tentando agir como uma típica família americana na praia.

Mamãe estendeu uma velha colcha que ondulava ao vento até que nove pares de sapatos mantiveram-na no chão. Papai montou sua longa vara de pesca de bambu, uma vara que fizera com as próprias mãos, lembrando do desenho de sua infância na China. E nós crianças, nos sentamos juntos ombro a ombro no cobertor, pegando o pacote de comida cheio de sanduíches bolonheses que comemos furiosamente, salpicados com a areia de nossos dedos.

Então, meu pai levantou e admirou a vara de pescar, com sua delicadeza e força. Satisfeito, ele pegou os sapatos e foi andando até a beira da praia e o recife, no ponto onde pouco antes estivera molhado. Minhas duas irmãs mais velhas, Janice e Ruth, pularam de cima do cobertor e removeram a areia de suas pernas. Limparam as costas uma da outra e saíram correndo pela praia, rindo. Eu estava para me levantar e segui-las, mas mamãe apontou para meus quatro irmãos e lembrou-me: “Dangsyng tamende shenti”, que significa “Tome conta deles” ou, literalmente, “Cuide de seus corpos”. Esses corpos eram as âncoras de minha vida: Matthew, Mark, Luke e Bing. Sentei-me na areia novamente, gemendo, enquanto minha garganta se apertava e eu fazia a mesma queixa: “Por quê?” Por que eu tinha que tomar conta deles?

E ela me dava a mesma resposta: “Yiding.”

Eu devia. Porque eles eram meus irmãos. Minhas irmãs, certa vez, haviam tomado conta de mim. De que outro modo eu aprenderia a ter responsabilidade? De que maneira eu poderia apreciar o que meus pais haviam feito por mim?

Matthew, Mark e Luke tinham doze, dez e nove anos respectivamente, idades suficientes para manterem-se ruidosamente distraídos. Eles já tinham enterrado Luke numa cova rasa de areia, com apenas a cabeça de fora. Agora começavam a construir os contornos da parede de um castelo de areia sobre ele.

Mas Bing tinha somente quatro anos, facilmente excitável, e facilmente entediado e irritável. Ele não queria brincar com os outros irmãos, porque haviam-no empurrado de lado, repreendendo-o, “Não, Bing, você só vai estragar.”

Então Bing perambulava pela praia, caminhando rigidamente como um imperador expulso, catando pedrinhas e pedaços de madeira flutuantes, lançando-os com toda sua força na arrebentação. Eu me arrastava atrás dele, imaginando ondas gigantescas e perguntando-me o que faria se uma aparecesse. Gritava para Bing, de vez em quando, “Não vá muito perto da água. Você vai molhar os pés.”

Pensei no quanto eu me parecia com mamãe, sempre preocupada por dentro além da razão, mas ao mesmo tempo falando sobre o perigo como se este fosse menor do que realmente era. A preocupação me cercava como a parede da enseada e me fazia sentir que tudo havia sido considerado, e agora era seguro.

Minha mãe tinha a superstição, na verdade, de que crianças eram predispostas a certos perigos em certos dias, tudo dependendo de sua data de nascimento chinês. Estava explicado num pequeno livro chinês chamado “Os Vinte e Seis Portões Malignos”. Ali, em cada página, havia a ilustração de alguns terríveis perigos que aguardavam jovens crianças inocentes. Nos cantos, havia uma descrição escrita em chinês e, desde que eu não conseguia ler os caracteres, podia somente ver o que cada figura significava.

O mesmo garotinho aparecia em cada gravura: escalando um galho de árvore quebrado, parando sobre uma ponte caindo, escorregando numa tina de madeira, sendo arrastado por um cachorro feroz, fugindo de um raio. E em cada uma dessas figuras, havia um homem que parecia estar vestindo um traje de lagarto. Ele possuía um vinco enorme na testa, ou talvez fosse, de fato, dois chifres redondos. Numa das figuras, o

homem lagarto estava parado sobre uma ponte curvada, rindo, enquanto o garotinho caía da amurada da ponte, os pés que escorregaram já no ar.

Teria sido suficiente pensar que qualquer um desses perigos pudesse recair sobre uma criança. E, embora as datas de nascimento correspondessem a apenas um perigo, minha mãe preocupava-se com todos eles. Isso era porque ela não conseguia compreender como as datas chinesas, baseadas no calendário lunar, eram traduzidas para as datas americanas. Então, levando todos em conta, ela tinha fé absoluta de que poderia prevenir cada um deles.

O sol havia se mudado e movera para o outro lado da parede da enseada. Tudo se ajustou no lugar. Mamãe estava ocupada, limpando a areia que soprou em cima do cobertor, sacudindo os sapatos e prendendo os cantos do tecido agora limpo novamente. Papai ainda estava parado no fim do recife, lançando a isca pacientemente, esperando pela ‘nengkan’ se manifestar como um peixe. Eu pude ver pequenas figuras à distância, na praia, e sabia que eram minhas irmãs por causa das cabeças escuras e maiôs amarelos. As risadas de meus irmãos misturavam-se àquelas das gaivotas. Bing tinha encontrado uma garrafa de soda vazia e estava usando-a para cavar a areia perto da parede escura da enseada. E eu estava sentada na areia, bem onde as sombras terminavam e a parte ensolarada começava.

Bing socou a garrafa de soda contra a parede e eu gritei “Não cave com tanta força. Você vai fazer um buraco na parede, cair e chegar à China”. Eu ri quando ele olhou para mim, como se pensasse que o que eu disse era verdade. Ele ficou de pé e começou a andar na direção da água. Colocou um pé, de propósito, no recife e eu o adverti, “Bing.” “Vou ver papai,” reclamou ele.

“Fique perto da parede, então, longe da água,” respondi. “Fique longe do peixe mau.”

E eu observei enquanto ele se aproximava do recife, suas costas tocando a parede acidentada da enseada. Eu ainda o vejo tão claramente que quase sinto poder fazê-lo permanecer ali para sempre.

Eu vejo-o de pé junto à parede, seguro, chamando papai que olha por sobre o ombro na direção de Bing. Fico tão contente por papai cuidar dele por um instante! Bing começa a andar e então algo fisga a linha de papai, e ele enrola o mais rápido que pode.

Gritos explodem. Alguém jogou areia no rosto de Luke que pula de sua cova de areia e se joga contra Mark, batendo e chutando. Mamãe grita por mim para fazê-los parar. E logo depois que tiro Luke de cima de Mark, eu levanto os olhos e vejo Bing caminhando sozinho para a beira do recife. Na confusão da briga, ninguém nota. Eu sou a única que vê o que Bing está fazendo.

Bing anda um, dois, três passos. Seu corpinho move-se tão rápido, como se ele tivesse avistado algo maravilhoso na beira da água. E eu penso ‘Ele vai cair’. Eu espero. E no momento em que penso isto, seus pés já estão no ar, num momento de equilíbrio antes de mergulhar no mar e desaparecer sem deixar sequer um rastro na água.

Eu caí de joelhos, observando o ponto onde ele desaparecera, não me movendo, não dizendo nada. Eu não conseguia dar sentido àquilo. Estava pensando ‘Devo correr para a água e tentar tirá-lo de lá? Devo gritar para meu pai? Eu consigo me

levantar sobre as pernas rápida o bastante? Posso voltar atrás e proibir Bing de juntar-se a meu pai na margem?’

Então, minhas irmãs voltaram e uma delas disse “Onde está Bing?” Houve silêncio por alguns segundos e, então, gritos e areia voando enquanto todos corriam em direção à beira da água. Eu permaneci lá, incapaz de me mexer, enquanto minhas irmãs procuravam junto da parede da enseada e meus irmãos lutavam para ver o que havia por trás dos pedaços de madeira. Papai e mamãe tentavam partir as ondas com as mãos.

Ficamos lá por várias horas. Eu me lembro dos barcos de busca e do pôr-do-sol, quando o crepúsculo veio. Nunca tinha visto um pôr-do-sol como aquele: uma chama alaranjada e brilhante tocando a margem da água e se espalhando, aquecendo o mar. Quando ficou escuro, os barcos acenderam seus globos amarelos e saltaram pra cima e pra baixo nas águas escuras.

Quando olho para trás, parece antinatural pensar em cores de pôr-do-sol e barcos num momento como aquele. Mas todos tiveram pensamentos estranhos. Meu pai calculou minutos, estimando a temperatura da água, reajustando seu cálculo de quando Bing caiu. Minhas irmãs chamavam “Bing! Bing!” como se ele estivesse se escondendo em alguns arbustos sobre os penhascos da praia. Meus irmãos sentaram-se no carro, lendo revistas em quadrinhos silenciosamente. E quando os barcos desligaram seus holofotes, mamãe foi mergulhar. Ela nunca mergulhou na vida, mas a fé em sua própria ‘nengkan’ convenceu-a de que o que estes americanos não puderam fazer, ela poderia. Ela conseguiria encontrar Bing.

E quando o pessoal do resgate finalmente retirou-a da água, ela ainda possuía sua ‘nengkan’ intacta. Seus cabelos e roupas estavam encharcados de água fria, mas ela permaneceu silenciosa, calma e régia como uma sereia-rainha que acabara de chegar do mar. A polícia cancelou a busca, colocou todos no carro e mandou-nos pra casa para chorar.

Eu esperei ser surrada até a morte por papai, mamãe, por minhas irmãs e irmãos. Eu sabia que era minha culpa. Não havia ficado perto dele o suficiente e, ainda assim, eu o vi. Mas quando nos sentamos na sala de estar escura, eu os ouvi, um por um, sussurrando seus arrependimentos.

“Fui egoísta por querer ir pescar,” disse papai.

“Não deveríamos ter ido dar uma volta,” disse Janice, enquanto Ruth assoava o nariz mais uma vez.

“Por que você teve que jogar areia no meu rosto?” lamentou-se Luke. “Por que você teve que me fazer começar uma briga?”

E mamãe, soturnamente, admitiu para mim, “Eu lhe disse para parar a briga deles. Eu lhe disse para tirar os olhos de cima dele.”

Se eu tivesse tido tempo, afinal, para sentir uma sensação de alívio, teria se evaporado rapidamente, porque mamãe também disse, “Então agora estou lhe dizendo, devemos ir encontrá-lo, rápido, amanhã de manhã.”

E todos baixaram os olhos. Mas eu vi aquilo como minha punição: sair com minha mãe, voltar à praia para ajudá-la a encontrar o corpo de Bing.

Nada me preparou para o que mamãe fez no dia seguinte. Quando acordei, ainda estava escuro e ela já estava vestida. Na mesa da cozinha estavam uma garrafa térmica, uma xícara de chá, a Bíblia de couro branco e as chaves do carro.

“Papai está pronto?” eu perguntei.

“Papai não vem conosco,” disse ela.

“Então como iremos até lá? Quem vai dirigir?”

Ela pegou as chaves e eu a segui pela porta até o carro. Eu me indaguei o tempo todo, enquanto dirigíamos até a praia, como ela aprendeu a guiar da noite para o dia. Ela não usou mapa. Dirigiu em frente, tranquilamente, virando a Geary e então a Grande Auto-estrada, sinalizando em todas as horas certas, tomando a auto-estrada costeira e facilmente guiando o carro por entre as curvas agudas que frequentemente levavam motoristas inexperientes para fora da estrada e para os penhascos.

Quando chegamos à praia, ela imediatamente foi para a trilha suja até o fim da saliência do recife, onde eu tinha visto Bing desaparecer. Ela segurou a Bíblia branca nas mãos. E olhando para a água, ela chamou Deus, a voz baixa carregada para o céu pelas gaivotas. Começou com “Querido Deus” e terminou com “Amém”, e no meio ela falou em chinês.

“Eu sempre acreditei em suas bênçãos,” ela louvava Deus naquele mesmo tom que usava para cumprimentos chineses exagerados. “Sabíamos que viriam. Nós não as questionamos. Suas decisões foram nossas decisões. Você nos recompensou por nossa fé. Em retorno, sempre tentamos mostrar nosso mais profundo respeito. Fomos à sua casa. Trouxemos-lhe dinheiro. Cantamos suas canções. Você nos deu mais bênçãos. E agora perdemos um deles. Fomos descuidados. Isso é verdade. Tivemos tantas coisas boas que não pudemos pensar neles o tempo todo. Então, talvez você o tenha escondido de nós para ensinar uma lição, para sermos mais cuidadosos com seus presentes no futuro. Eu aprendi isso. Coloquei-o na memória. E agora, eu vim para pegar Bing de volta.”

Eu escutei silenciosamente, horrorizada, enquanto mamãe dizia estas palavras. E comecei a chorar quando ela acrescentou, “Perdoe-nos por seus modos ruins. Minha filha, esta aqui, se certificará de ensiná-lo melhores lições de obediência antes que ele o visite novamente.”

Após a oração, sua fé era tão grande que ela o viu, três vezes, acenando além da primeira onda. “Nale!” – Lá! E ela ficou ali, parada como uma sentinela, até que na terceira vez, sua visão falhou e Bing transformou-se numa mancha escura de algas marinhas ondulantes.

Mamãe não se deixou abater. Ela voltou para a praia e largou a Bíblia, pegou a garrafa térmica e a xícara de chá, e aproximou-se da beirada da água. Então, ela contou-me que na noite anterior voltara ao passado, quando era uma garotinha na China, e foi isso que descobriu.

“Eu me lembro de um garoto que perdeu a mão num acidente com fogos de artifício,” disse ela. “Vi os pedaços do braço desse garoto, suas lágrimas, e então ouvi sua mãe clamar que ele cultivaria outra mão, melhor que a outra. Esta mãe disse que pagaria a seu ancestral o débito dez vezes. Ela usaria um tratamento de água para acalmar a ira de Chu Jung, o deus de três olhos do fogo. E realmente, na semana seguinte, esse garoto estava pedalando sua bicicleta, ambas as mãos conduzindo uma trilha reta bem diante de meus olhos atônitos!”

Então mamãe ficou em silêncio. E voltou a falar novamente, de maneira cuidadosa e cheia de respeito.

“Um ancestral nosso, certa vez, roubou água de um poço sagrado. Agora a água está tentando roubar de volta. Devemos adocicar o temperamento do Dragão Serpente que vive no mar. Então, devemos fazê-lo soltar suas garras de Bing, dando-lhe outro tesouro que possa esconder.”

Mamãe encheu a xícara com chá e açúcar, e lançou-o ao mar. Então, abriu o punho. Em sua mão estava um anel de safira azul-marinho, um presente da mãe, que morrerá há

vários anos atrás. Esse anel, ela contou, atraía olhares cobiçosos de mulheres e as fizeram desatentas dos filhos que guardavam tão ciumentamente. Isso faria o Dragão Serpente esquecer-se de Bing. Ela jogou o anel na água.

Mas mesmo com aquilo, Bing não apareceu de imediato. Durante uma hora ou mais, tudo que vimos foram algas flutuando. E então, eu a vi apertar as mãos sobre o peito e falar em voz baixa, “Vê, é porque estávamos olhando na direção errada.” E eu também vi Bing arrastando-se cansadamente a uma longa distância da praia, os sapatos oscilando nas mãos, sua cabeça escura inclinando-se de exaustão. Eu pude sentir o que minha mãe sentiu. A fome em nossos corações foi instantaneamente preenchida. E nós duas o vimos, antes mesmo que pudéssemos nos colocar em pé, acender um cigarro, ficar alto e transformar-se num estranho.

“Ma, vamos embora,” eu disse, tão suavemente quanto possível.

“Ele está lá,” respondeu ela, firmemente. Ela apontou para a parede encarpada na água. “Eu o vejo. Ele está numa caverna, sentado num pequeno degrau acima da água. Está faminto e com um pouco de frio, mas agora aprendeu a não se queixar muito.”

Ela ficou de pé e começou a andar pela praia arenosa, como se esta fosse uma sólida trilha pavimentada, e eu tentei segui-la, lutando e tropeçando contra os montes macios. Ela marchou até a trilha íngreme, onde o carro foi estacionado, e nem mesmo estava ofegante quando tirou uma enorme bóia de borracha do porta-malas. Nesse salva-vidas ela prendeu a linha da vara de pescar de papai. Ela voltou e jogou a bóia na água, segurando-a pela vara.

“Isso irá até onde Bing está. Eu o trarei de volta,” disse ela, ferozmente. Eu nunca tinha ouvido tamanha ‘nengkan’ na voz de minha mãe.

A bóia seguiu seu pensamento. Flutuou em direção ao outro lado da enseada, onde foi apanhada por ondas mais fortes. A linha se esticou e ela esforçou-se para segurar firme. Mas a linha arrebentou e então espiralou para dentro da água.

Ambas subimos até a beira do recife para observar. A bóia agora havia alcançado o outro lado da enseada. Uma grande onda a fez chocar-se contra a parede. A bóia inchada pulou e foi sugada para baixo da parede e dentro de uma caverna. Saiu de repente. Repetidamente, ela desapareceu e emergiu, cintilando, fielmente relatando que vira Bing e estava voltando para tentar resgatá-lo de dentro da caverna. Repetidamente, a bóia mergulhou e emergiu novamente, vazia, mas ainda promissora. E então, após uma dúzia de vezes ou mais, ela foi sugada para dentro do vão escuro e quando voltou, estava rasgada e sem vida.

Naquele momento, e não antes, ela desistiu. Mamãe tinha uma expressão no rosto que eu nunca esquecerei. Era uma expressão de completo desespero e horror, por perder Bing, por ter sido tão tola como foi ao pensar que poderia usar fé para mudar o destino. E deixou-me zangada – cegamente zangada – por tudo ter falhado.

Eu sei agora que nunca esperei encontrar Bing, assim como sei que nunca encontrarei uma forma de salvar meu casamento. Mamãe diz, entretanto, que eu deveria tentar.

“De que adianta?” pergunto. “Não há esperança. Não há razão para continuar tentando.”

“Porque você deve,” diz ela. “Isso não é esperança. Não é razão. Esse é seu destino. É sua vida, é o que deve fazer.”

“Então o que posso fazer?”

E mamãe diz “Você deve pensar por si mesma o que deve fazer. Se alguém lhe diz, então você não está tentando.” E ela sai da cozinha para me deixar pensar a respeito.

Eu penso em Bing, como eu sabia que ele estava em perigo, como deixei acontecer. Penso em meu casamento e como eu vi os sinais, realmente vi. Mas apenas deixei acontecer. E eu penso agora que o destino é moldado metade por expectativa, metade por desatenção. Mas, de algum modo, quando você perde algo que ama a fé toma conta. Você tem que prestar atenção no que perdeu. Tem que desfazer as expectativas.

Minha mãe ainda presta atenção. Aquela Bíblia debaixo da mesa, eu sei que ela a vê. Eu me lembro de vê-la escrevendo nela antes de colocá-la ali. Levanto a mesa e pego a Bíblia. Coloco-a sobre a mesa, virando as páginas rapidamente, porque sei que está lá. Na página, antes do Novo Testamento começar, há um parágrafo chamado “Mortes”, e é onde ela escreveu “Bing Hsu” de leve, a lápis.

Jing-mei Woo – Dois Tipos

Minha mãe acreditava que você poderia ser qualquer coisa que quisesse na América. Você poderia abrir um restaurante. Trabalhar para o governo e conseguir uma boa aposentadoria. Comprar uma casa quase sem dinheiro. Tornar-se rico. Ficar instantaneamente famoso.

“É claro que você pode ser uma prodígio também,” dizia mamãe, quando eu estava com nove anos. “Pode ser a melhor em qualquer coisa. O que Tia Lindo sabe? Sua filha, ela é boa apenas em complicação.”

A América era onde todas as esperanças de minha mãe repousavam. Ela chegou aqui em 1949, após ter perdido tudo na China; seus pais, o lar de sua família, o primeiro marido e duas filhas, meninas gêmeas. Mas ela nunca olhou para trás com arrependimento. Existiam várias maneiras de melhorar as coisas.

Nós não escolhemos, de imediato, o tipo certo de prodígio. No começo, mamãe achou que eu poderia ser uma Shirley Temple chinesa. Assistíamos aos filmes antigos de Shirley na TV como se estes fossem filmes de treinamento. Mamãe cutucava meu braço e dizia “Ni kan” – você observa. E eu assistia Shirley sapateando ou cantando uma canção de marinheiro, ou franzindo os lábios num redondo ‘o’ enquanto dizia “Oh, meu Deus.”

“Ni kan,” dizia mamãe, quando os olhos de Shirley inundavam-se de lágrimas. “Você já sabe como. Não precisa de talento para chorar!”

Logo depois de mamãe ter essa idéia sobre Shirley Temple, ela me levou a uma escola preparatória de beleza, no distrito de Mission, e colocou-me nas mãos de uma estudante que mal conseguia segurar as tesouras sem tremer. Ao invés de conseguir enormes cachos encaracolados, eu saí com uma amarfanhada e encrespada massa negra desigual. Mamãe arrastou-me até o banheiro e tentou consertar meu cabelo molhando-o. “Você parece uma chinesa negra,” lamentou ela, como se eu tivesse feito aquilo de propósito.

O instrutor da escola de beleza teve que cortar esses tufo encharcados para tornar meu cabelo uniforme novamente. “Peter Pan é muito popular hoje em dia,” assegurou o instrutor à minha mãe. Eu agora possuía o cabelo do comprimento do de um menino, com mechas retas que ficavam dois centímetros acima de minhas sobrancelhas. Eu gostei do corte de cabelo e, na verdade, me fez imaginar meu futuro nome.

De fato, no início, eu fiquei tão excitada quanto minha mãe, talvez ainda mais. Imaginava essa prodigiosa parte de mim como várias imagens diferentes, cada uma tentando se encaixar. Eu era uma graciosa bailarina parada junto às cortinas, esperando para ouvir a música certa que me mandaria flutuar na ponta dos pés. Eu era como o menino Cristo erguido da manjedoura de palha, chorando com sagrada indignação. Eu era Cinderela descendo de sua carruagem de abóbora, com uma caricata música cintilante preenchendo o ar.

Em todas as minhas fantasias, eu era preenchida com a sensação de que, em breve, me tornaria perfeita. Papai e mamãe me adorariam. Eu seria irrepreensível. Nunca sentiria necessidade de ficar amuada por qualquer coisa.

Mas, às vezes, a prodígio em mim tornava-se impaciente. “Se você não se apressar e me tirar daqui, vou desaparecer para sempre,” avisava. “E então, você sempre será nada.”

Toda noite, após o jantar, minha mãe e eu nos sentávamos à mesa de fórmica na cozinha. Ela apresentava novos testes, tirando seus exemplos de histórias que lera na Ripley’s Acredite Se Quiser, Good Housekeeping, Reader’s Digest e uma dúzia de outras revistas de pessoas cujas casas ela limpava, sobre crianças surpreendentes. E desde que ela limpava várias casas toda semana, tínhamos um grande sortimento. Ela olhava todas, procurando por histórias sobre crianças notáveis.

Na primeira noite, ela mostrou a história de um menino de três anos que sabia as capitais de todos os estados e quase a maior parte dos países europeus. Uma professora era citada dizendo que o garotinho também conseguia pronunciar os nomes das cidades estrangeiras corretamente.

“Qual é a capital da Finlândia?” mamãe me perguntou, olhando para a revista.

Tudo que eu sabia era a capital da Califórnia, porque Sacramento era o nome da rua onde morávamos em Chinatown. “Nairóbi,” eu supus, falando a palavra mais estrangeira em que pude pensar. Ela checkou para ver se havia uma única forma possível de pronunciar “Helsinque” antes de me mostrar a resposta.

Os testes foram ficando mais difíceis – multiplicar números em minha cabeça, procurar a dama de copas num baralho, tentar me equilibrar sobre a cabeça sem usar as mãos, predizer as temperaturas diárias em Los Angeles, Nova York e Londres.

Uma noite, eu tive que olhar uma página da Bíblia por três minutos e então relatar tudo que pudesse me lembrar. “Agora Jehoshaphat possuía riquezas e honra em abundância e... é tudo que lembro, Ma,” eu respondia.

E, após ver o rosto desapontado de minha mãe mais uma vez, algo dentro de mim começou a morrer. Eu odiava os testes, as esperanças despertadas e expectativas falhas. Antes de ir para a cama naquela noite, eu olhei no espelho sobre a pia do banheiro e quando vi apenas meu rosto devolvendo o olhar – e que sempre seria aquele rosto comum – comecei a chorar. Que garota feia, triste! Fiz ruídos agudos, como um animal enlouquecido, tentando apagar o rosto no espelho.

Então, eu vi o que pareceu ser o meu lado prodigioso – porque nunca tinha visto aquele rosto antes. Olhei para meu reflexo, piscando para que pudesse ver mais claramente. A garota me fitando tinha raiva, poder. Esta garota e eu éramos iguais. Tive novos pensamentos obstinados, ou melhor, pensamentos repletos com um bocado de não. Não vou deixar que ela me mude, prometi a mim mesma. Não serei o que não sou.

Agora, nas noites em que mamãe apresentava seus testes, eu desempenhava indiferentemente, a cabeça apoiada num braço. Eu fingia estar entediada. E eu estava. Ficava tão entediada que comecei a contar os foles dos navios na baía, enquanto mamãe me cutucava em outras áreas. O som era reconfortante e lembrava-me da vaca pulando sobre a lua. No dia seguinte, eu fazia jogos comigo mesma, vendo se mamãe desistiria de mim antes de oito foles. Depois de um tempo, eu costumava contar apenas um, talvez dois foles no máximo. E finalmente, ela começou a perder as esperanças.

Dois ou três meses haviam se passado sem qualquer menção sobre eu ser um prodígio novamente. Então, um dia, mamãe estava assistindo ao Ed Sullivan Show na TV. O aparelho era velho e o som vivia pifando. Toda vez que mamãe começava a se levantar para ajustar a TV, o som voltava e Ed falava. Assim que ela sentava, Ed ficava

em silêncio novamente. Ela levantou-se e a TV irrompeu num som alto de música de piano. Ela se sentou. Silêncio. De pé e sentada, para frente e para trás, silêncio e som. Era como uma inflexível dança sem toques entre ela e o aparelho de televisão. Finalmente, mamãe ficou de pé junto à TV com a mão no botão do volume.

Ela parecia fascinada pela música, uma pequena e frenética peça para piano de hipnótica qualidade, algo como passagens rápidas e coisas alegres cadenciadas antes de voltar às partes brincalhonas.

“Ni kan,” disse mamãe, me chamando com rápidos gestos de mão. “Olhe isso.”

Pude ver por que mamãe ficou fascinada pela música. Estava sendo tocada por uma garotinha chinesa com cerca de nove anos e corte de cabelo Peter Pan. A menina possuía o atrevimento de uma Shirley Temple. Era orgulhosamente modesta como uma autêntica criança chinesa. E ela também fez aquele elegante movimento de mesura, a saia fofa de seu vestido branco cascadeando lentamente sobre o chão como as pétalas de um enorme cravo.

Apesar daqueles sinais de aviso, eu não fiquei preocupada. Nossa família não possuía um piano e não tínhamos sequer condições para comprar resmas de pauta para música e lições, quanto mais o piano. Então eu pude ser generosa em meus comentários quando mamãe falou mal da garotinha da TV.

“Toca a nota certa, mas não soa bom! Não é som musical,” reclamou mamãe.

“Por que está criticando?” respondi descuidadamente. “Ela é muito boa. Talvez não seja a melhor, mas está realmente tentando.” E eu soube quase imediatamente que me arrependeria por ter dito aquilo.

“Assim como você,” disse ela. “Não é a melhor. Porque não está tentando.” E ela fez um pequeno gesto de zanga ao largar da TV e sentar-se no sofá.

A garotinha chinesa também se sentou para tocar um bis de “Dança de Anitra” de Grieg. Eu recorro da música porque, mais tarde, tive que aprender a tocá-la.

Três dias depois de assistir ao Ed Sullivan Show, mamãe informou-me quais seriam meus horários para lições e prática de piano. Ela havia conversado com o Sr. Chong, que morava no primeiro andar de nosso prédio. O Sr. Chong era um professor de piano aposentado e mamãe fazia serviços domésticos para ele em troca de aulas semanais e um piano onde eu pudesse praticar todos os dias, duas horas, das 4 às 6. Quando mamãe disse aquilo, senti-me como se estivesse sendo mandada para o inferno. Resmunguei e bati os pés um pouco quando não consegui mais agüentar.

“Por que não gosta de mim do jeito que eu sou? Não sou um gênio! Não consigo tocar piano. E mesmo que pudesse, eu não iria para a TV nem que me pagassem um milhão de dólares!” chorei.

Mamãe me bateu. “Quem lhe pediu para ser gênio?” gritou ela. “Apenas pedi para que fosse seu melhor. Pelo seu bem. Você acha que eu quero que seja gênio? Hnnh! Para quê? Quem lhe pediu!”

“Tão ingrata,” escutei-a murmurar, em chinês. “Se ela tivesse tanto talento quanto tem de temperamento, ela seria famosa agora.”

O sr. Chong, a quem secretamente apelidei de Velho Chong, era bem estranho, sempre tamborilando os dedos ao som da música silenciosa de uma orquestra invisível. Ele parecia velho aos meus olhos. Havia perdido a maior parte dos cabelos no topo da cabeça e usava óculos de aros finos sobre olhos que sempre pareciam cansados e sonolentos. Mas devia ser mais jovem do que eu pensava, porque morava com a mãe e ainda não se casara.

Eu encontrei a velha Senhora Chong uma vez e foi o suficiente. Ela tinha aquele cheiro peculiar de um bebê que fez algo nas fraldas. E seus dedos se pareciam com os dedos de uma pessoa morta, como um pêssgo velho que encontrei no fundo da geladeira certa vez; a pele descolara quando peguei.

Logo descobri por que o velho Chong havia se aposentado do ensino de piano. Ele era surdo. “Como Beethoven!” gritava para mim. “Ambos ouvimos apenas em nossas mentes!” E começava a reger suas silenciosas sonatas frenéticas.

Nossas aulas eram assim: ele abria o livro e apontava para diferentes coisas, explicando seus propósitos; “Clave! Soprano! Baixo! Nada de sustenidos ou bemóis! Este é o C maior! Agora ouça e toque comigo!”

Então ele tocava uma escala em C algumas vezes, um simples acorde; daí, como se inspirado por um velho e inalcançável comichão, ele gradualmente acrescentava mais notas, trinados seguidos e um baixo pulsante até que a música tornava-se realmente algo bastante grandioso. Eu tocava depois, a escala, o acorde simples e então apenas algum nonsense que soava como um gato correndo de um lado para outro sobre latas de lixo. O velho Chong sorria, aplaudia e dizia “Muito bom! Mas agora você deve aprender a manter o compasso!”

E foi assim que descobri que os olhos do velho Chong eram lentos demais para acompanhar as notas erradas que eu tocava. Ele acompanhava os movimentos em meio tempo. Para me ajudar a manter o ritmo, ele postava-se atrás de mim, apertando meu ombro direito para cada batida. Equilibrava moedas sobre meus pulsos para que eu os mantivesse imóveis enquanto lentamente tocava escalas e arpeggios. Ele fez com que minha mão se curvasse ao redor de uma maçã e permanecesse assim quando tocava acordes. Marchava rigidamente para mostrar-me como fazer cada dedo dançar para cima e para baixo, staccato como um obediente soldadinho.

Ele me ensinou todas essas coisas e foi assim também que aprendi que poderia ser preguiçosa e escapar com erros, muitos erros. Se eu tocava as notas erradas, porque não tinha praticado o suficiente, eu nunca me corrigia. Apenas continuava tocando no ritmo. E o velho Chong continuava regendo seu próprio devaneio particular. Então, talvez eu nunca tenha realmente me dado uma chance justa. Eu aprendi o básico bem rápido e poderia ter me tornado uma boa pianista naquela idade. Mas estava tão determinada a não tentar, a não ser ninguém diferente, que eu aprendi a tocar somente os mais ensurdecedores prelúdios, os mais dissonantes hinos.

Durante o ano seguinte, eu pratiquei assim, obedientemente à minha própria maneira. E então, um dia, ouvi minha mãe e sua amiga Lindo Jong conversando. Ambas gabavam-se num tom de voz alto para que todos pudessem ouvir. Foi depois da missa na igreja, e eu estava encostada contra a parede de tijolos, usando um vestido engomado com anáguas brancas. A filha de Tia Lindo, Waverly, que tinha mais ou menos a minha idade, estava parada um pouco mais à frente, cerca de três metros de distância. Nós havíamos crescido juntas e partilhávamos toda a proximidade de duas irmãs, brigando por causa de lápis de cera e bonecas. Em outras palavras, na maior parte do tempo, odiávamos uma à outra. Eu a achava arrogante. Waverly Jong ganhara certa fama como a “Mais Jovem Campeã Chinesa de Xadrez de Chinatown.”

“Ela trouxe para casa muitos troféus,” queixou-se Tia Lindo, naquele domingo. “Dia todo ela joga xadrez. Dia todo eu não tenho tempo para fazer nada, exceto espanar a poeira de seus prêmios.” E lançou um olhar de repreensão para Waverly, que fingiu não ver. “Você tem sorte por não ter esse problema,” disse Tia Lindo, com um suspiro, à minha mãe.

E mamãe deu de ombros, gabando-se: “Nosso problema é pior do que o seu. Se pedimos para Jing-mei lavar os pratos, ela não ouve nada a não ser música. É como se não conseguisse impedir esse talento natural.”

Desde então, eu fiquei determinada a colocar um fim em seu orgulho tolo.

Algumas semanas mais tarde, o velho Chong e mamãe conspiraram para que eu fosse tocar num show de talentos que seria realizado no salão da igreja. Até então, meus pais haviam economizado o suficiente para me comprar um piano usado, um Wurlitzer preto de cauda com um banco manchado. Era a ostentação de nossa sala de estar.

Para o show de talentos, eu tocava uma peça chamada “Criança Suplicante” de “Cenas da Infância”, de Schumann. Era uma peça simples, melancólica, que parecia ser mais difícil do que era. Supostamente, eu teria que memorizar a coisa toda, tocando as partes repetidas duas vezes para fazer a peça soar mais longa. Mas eu fiquei fazendo hora sobre aquilo, tocando algumas barras e então trapaceando, procurando ver quais notas se seguiam. Eu realmente não ouvia o que estava tocando. Sonhava sobre estar em outro lugar qualquer, ser outra pessoa.

A parte que eu mais gostava de praticar era a elegante mesura: pé direito para frente, tocar a rosa no carpete com um pé esticado, inclinar-me para o lado, perna esquerda dobrada, levantar os olhos e sorrir.

Meus pais convidaram todos os casais do Clube da Felicidade e da Sorte para testemunharem meu debut. Tia Lindo e Tio Tin estavam lá. Waverly e seus dois irmãos mais velhos também tinham vindo. As duas primeiras filas estavam lotadas de crianças mais novas e mais velhas do que eu. Os menores tiveram que ir primeiro. Elas recitaram simples poesias infantis, grasnaram melodias em violinos miniatura, rebolaram em bambolês, curvetearam em tutus de balé rosa e quando se curvavam ou faziam uma mesura, a platéia suspirava em uníssono, “Awww”, e então aplaudia entusiasmadamente.

Quando chegou a minha vez, eu estava bastante confiante. Lembro de meu entusiasmo infantil. Era como se eu soubesse, sem dúvida, que meu lado prodigioso realmente existia. Eu não tinha medo em absoluto, nenhum nervosismo. Lembro de pensar comigo mesma, ‘É isso! É isso!’ Olhei para a platéia, para o rosto sem expressão de mamãe, o bocejo de papai, o sorriso rígido de Tia Lindo, a expressão amuada de Waverly. Eu estava com um vestido branco ornado com várias camadas de renda e um laço rosa em meu corte de cabelo Peter Pan. Enquanto me sentava, imaginei as pessoas pulando de suas cadeiras e Ed Sullivan apressando-se para apresentar-me à todos na TV.

Eu comecei a tocar. Era tão bonito. Eu estava tão entretida no quanto parecia adorável que, no começo, não me preocupei com o modo como estaria soando. Então foi uma surpresa para mim quando toquei a primeira nota errada e percebi que algo não parecia estar certo. Então, toquei outra e mais uma seguiu-se àquela. Um arrepio surgiu no topo de minha cabeça e começou a percorrer meu corpo. Ainda assim, eu não conseguia parar de tocar; era como se minhas mãos estivessem enfeitiçadas. Eu continuei, pensando que meus dedos se ajustariam como um trem mudando para o trilho certo. Toquei essa estranha mixórdia através de duas repetições, as notas ácidas permanecendo comigo até o fim.

Quando me levantei, descobri que minhas pernas tremiam. Talvez eu estivesse apenas nervosa e a platéia, como o velho Chong, tenha me visto fazer os movimentos corretos e não ouviu nada de errado afinal. Estiquei meu pé direito, dobrei o joelho, levantei os olhos e sorri. O salão estava em silêncio, exceto pelo velho Chong que sorria

e gritava “Bravo! Bravo! Muito bem!” Mas então vi o rosto de minha mãe e sua expressão magoada. A platéia aplaudiu fracamente e, quando voltei para meu lugar com o rosto tremendo enquanto tentava não chorar, eu ouvi um garotinho sussurrar audivelmente para sua mãe, “Aquilo foi horrível,” e a mãe sussurrar de volta, “Bem, ela certamente tentou.”

Agora eu tinha me dado conta de quantas pessoas estavam na platéia, parecia ser o mundo todo. Eu estava consciente dos olhares queimando às minhas costas. Senti a vergonha de minha mãe e meu pai quando eles permaneceram sentados rigidamente pelo resto do show.

Nós poderíamos ter escapado durante o intervalo. O orgulho e algum estranho senso de honra devem ter ancorado meus pais a suas cadeiras. Então, assistimos a tudo: o rapaz de dezoito anos, com um bigode falso, que fez um show de mágica e malabarismos com arcos em chamas enquanto pedalava um monociclo. A garota peituda com maquiagem branca que cantou “Madame Butterfly” e recebeu uma menção honrosa. E o garoto de onze anos que ganhou o primeiro prêmio tocando uma complicada peça para violino que soara como uma abelha ocupada.

Depois do show, os Hsus, os Jongs e os St. Clairs do Clube da Felicidade e da Sorte aproximaram-se de meus pais.

“Um bocado de crianças talentosas,” disse Tia Lindo vagamente, com um largo sorriso.

“Uma coisa e tanto,” disse meu pai, e eu imaginei se ele referia-se à mim de maneira bem humorada ou sequer lembrava-se do que eu tinha feito.

Waverly olhou para mim e encolheu os ombros. “Você não é gênio como eu,” ela disse, prosaicamente. E se eu não estivesse me sentindo tão mal, teria arrancado suas tranças e socado seu estômago.

Mas a expressão de mamãe foi o que me devastou: um silencioso, inexpressivo olhar que dizia que ela perdera tudo. Eu me senti do mesmo modo, e parecia que agora todos se aproximavam como curiosos ao local de um acidente para ver que partes, de fato, estavam faltando. Quando subimos para o ônibus de volta para casa, papai assobiava a melodia da abelha ocupada e mamãe estava quieta. Fiquei pensando que ela queria esperar até chegarmos em casa antes de gritar comigo. Mas quando papai destrancou a porta de nosso apartamento, mamãe entrou e foi para os fundos, para seu quarto. Sem acusações. Sem culpa. De certa forma, eu me senti desapontada. Estivera esperando que ela comesse a gritar comigo para que eu pudesse gritar de volta, chorar e culpá-la por toda minha tristeza.

Eu presumi que meu fiasco no show de talentos significava que nunca mais teria que tocar piano novamente. Mas dois dias depois, após a escola, mamãe veio da cozinha e me viu assistindo TV.

“Quatro horas,” ela me lembrou, como se fosse outro dia qualquer. Fiquei aturdida, como se ela estivesse me pedindo para passar pela tortura do show de talentos de novo. Coloquei-me com mais firmeza à frente da televisão.

“Desligue a TV,” gritou ela da cozinha, cinco minutos mais tarde.

Não me mexi. E então decidi. Eu não tinha mais que fazer o que mamãe dizia. Não era sua escrava. Isso não era a China. Eu tinha escutado ela antes e veja o que aconteceu. Ela era a estúpida.

Ela veio da cozinha e parou na entrada em arco da sala de estar. “Quatro horas,” disse ela mais uma vez, bem alto.

“Não vou mais tocar,” respondi despreocupadamente. “Por que deveria? Eu não sou gênio.”

Ela aproximou-se e parou na frente da televisão. Vi que seu peito subia e descia pesadamente, de maneira zangada.

“Não!” falei, e agora me sentia mais forte, como se meu verdadeiro ‘eu’ tivesse finalmente surgido. Então era aquilo que estivera dentro de mim o tempo todo. “Não! Eu não vou!” gritei.

Ela agarrou meu braço, arrastou-me pelo chão e desligou a TV com violência. Ela era assustadoramente forte, meio que empurrando e puxando-me na direção do piano enquanto eu chutava o tapete sob meus pés. Ela levantou-me e colocou-me no banco duro. Eu estava soluçando agora, fitando-a amargamente. Seu peito arfava ainda mais e sua boca estava aberta, sorrindo loucamente, como se estivesse satisfeita por me ver chorando.

“Você quer que eu seja alguém que não sou!” soluzei. “Eu nunca vou ser o tipo de filha que você quer que eu seja!”

“Somente dois tipos de filhas,” ela gritou, em chinês. “Aqueles que são obedientes e aquelas que seguem a própria cabeça! Apenas um tipo de filha pode viver nesta casa. Filha obediente!”

“Então eu desejava não ser sua filha. Desejava que você não fosse minha mãe,” gritei. E enquanto dizia essas coisas, fiquei assustada. Era como se vermes, sapos e coisas pegajosas rastejassem em meu peito, mas também me senti bem por esse meu lado horrível ter aparecido finalmente.

“Tarde demais para mudar isto,” respondeu minha mãe, estridentemente.

Eu podia sentir a raiva dela elevando-se ao limite máximo. Queria vê-la derramar-se. Foi quando me lembrei dos bebês que ela perdeu na China, aqueles das quais nunca falávamos a respeito.

“Então eu desejava nunca ter nascido!” gritei. “Desejava estar morta! Como elas.”

Foi como se eu tivesse dito as palavras mágicas. Alakazam! – e seu rosto tornou-se inexpressivo, sua boca se fechou, os braços afrouxaram e ela saiu da sala, aturdida, como se tivesse sido soprada como uma pequena folha marrom, fina, frágil, sem vida.

Não foi o único desapontamento que mamãe sentiu por mim. Nos anos que se seguiram, eu falhei para com ela várias vezes, cada vez afirmando minha própria vontade, meu direito de não corresponder às expectativas. Eu não consegui ‘A’ em todas as matérias. Não me tornei a presidente da classe. Não entrei para Stanford. Larguei o colégio.

Ao contrário de mamãe, eu não acreditava que poderia ser o que quisesse. Eu poderia ser somente eu. E durante todos esses anos, nós nunca falamos a respeito do desastre no recital ou minhas terríveis acusações sobre a banqueta do piano mais tarde. Tudo aquilo permaneceu latente, como uma traição que agora era inqualificável. Então, eu nunca encontrei uma forma para perguntar-lhe por que havia esperado por algo tão grande que fazia com que o fracasso fosse inevitável. E o que é ainda pior, nunca perguntei sobre algo que me assustava ainda mais; por que ela abdicara da esperança?

Após nossa briga junto ao piano, ela nunca mais mencionou algo sobre eu tocar novamente. As aulas pararam. A tampa do piano permaneceu fechada, encerrando a poeira, minha tristeza e os sonhos dela.

E então ela me surpreendeu. Alguns anos atrás, ela ofereceu-se para me dar o piano em meu 30º aniversário. Eu não havia tocado durante todos aqueles anos. Vi a oferta como um sinal de perdão, um tremendo fardo removido.

“Você tem certeza?” perguntei timidamente. “Quero dizer, você e papai não sentirão falta?”

“Não, este é seu piano,” ela respondeu com firmeza. “Sempre foi seu piano. Apenas você pode tocá-lo.”

“Bem, provavelmente não posso mais tocar,” falei. “Faz anos.”

“Você aprende rápido,” disse mamãe, como se soubesse que tinha certeza disso. “Você tem talento natural. Poderia ter sido gênio se quisesse.”

“Não, eu não poderia.”

“Você apenas não está tentando,” disse ela. E não estava zangada nem triste. Ela falou aquilo como se para anunciar um fato que nunca poderia ser refutado. “Aceite,” disse.

Mas eu não aceitei, de início. Era suficiente que ela tivesse me oferecido. E depois daquilo, toda vez que eu o via na sala de estar de meus pais, postado em frente as janelas da sala, fazia com que me sentisse orgulhosa, como se fosse um reluzente troféu que tivesse reconquistado.

Semana passada, eu mandei um afinador até o apartamento de meus pais e tive o piano recondicionado por razões puramente sentimentais. Minha mãe havia falecido poucos meses antes e eu estava colocando as coisas em ordem para meu pai, um pouco de cada vez. Coloquei as jóias em bolsas de seda especiais. Os suéteres que ela tricou em amarelo, rosa e laranja brilhante – todas as cores que eu odiava – guardei em caixas à prova de traças. Encontrei alguns velhos vestidos de seda chineses, daquele tipo com pequenas fendas nas laterais. Esfreguei a seda antiga contra minha pele, então os embrulhei em papel fino e decidi levá-los comigo para casa.

Depois que tive o piano afinado, eu abri o tampo e toquei as teclas. Elas soaram ainda mais magníficas do que eu me lembrava. De fato, era um piano muito bom. Dentro do banco, estavam as mesmas notas de exercício com escalas escritas à mão, os mesmos livros de música usados com as capas coladas com fita amarela.

Abri o livro de Schumann na pequena peça sombria que eu tinha tocado no recital. Estava no lado esquerdo da página, “Criança Suplicante.” Pareceu mais difícil do que eu me lembrava. Toquei algumas barras, surpresa com a facilidade com que as notas voltaram para mim.

E pela primeira vez, ou assim pareceu, eu notei a peça do lado direito. Era chamado “Perfeitamente Contente.” Tentei tocar essa também. Possuía uma melodia mais leve, mas o mesmo ritmo fluído e revelou-se ser bem fácil. “Criança Suplicante” era curto, mas mais lento; “Perfeitamente Contente” era longo, mas rápido. E depois que toquei ambas as peças algumas vezes, percebi que eram as duas metades da mesma canção.

TRADUÇÃO AMERICANA

“Wah!” gritou a mãe ao ver o espelho de corpo inteiro na suíte principal do novo condomínio de sua filha. “Você não pode colocar espelhos ao pé da cama. Toda a felicidade de seu casamento será refletida e tomará o caminho oposto.”

“Bem, este é o único lugar onde ele se encaixa, então é onde fica,” disse a filha, irritada por sua mãe ver maus presságios em tudo. Ela ouvira aqueles avisos durante toda sua vida.

A mãe franze a testa, estendendo a mão para sua bolsa semi-nova da Macy’s. “Hunh, sorte eu poder consertar para você, então.” E ela tira um espelho dourado que comprou no Price Club, semana passada. É seu presente de inauguração da nova casa. Ela o apóia contra a cabeceira da cama, em cima dos dois travesseiros.

“Você o pendura aqui,” diz a mãe, apontando para a parede acima. “Este espelho vê aquele espelho – haule! – multiplica sua sorte de flor de pêssego.”

“O que é sorte de flor de pêssego?”

A mãe sorri com um olhar travesso. “Está aqui,” ela diz, apontando para o espelho. “Olhe lá dentro. Diga-me, não estou certa? Nesse espelho está meu futuro neto, já sentado em meu colo na próxima primavera.”

E a filha olha – e haule! Ali está: seu próprio reflexo fitando-a em retribuição.

Lena St. Clair – Marido Arroz

Até hoje, eu acredito que mamãe possui a misteriosa capacidade de ver as coisas antes que elas aconteçam. Ela possui um ditado chinês para explicar o que sabe. ‘Chunwang Chihan’: Se os lábios se foram, os dentes ficam frios. Que significa, suponho, que uma coisa é sempre o resultado de outra.

Mas ela não prevê quando os terremotos virão ou como a Bolsa de Valores vai se sair. Ela vê apenas coisas ruins que afetam nossa família. E ela sabe o que as causam. Mas agora lamenta por nunca ter feito nada para impedi-las.

Uma vez, quando eu estava crescendo em San Francisco, ela viu o modo como nosso novo apartamento ficava inclinado demais na colina. Ela disse que o novo bebê em seu ventre cairia morto, e assim aconteceu. Quando uma loja de artigos para banheiro e encanamento abriu do outro lado da rua de nosso banco, mamãe disse que o banco logo teria todo seu dinheiro escoado. E um mês depois, um diretor do banco foi preso por desfalque. E logo depois que meu pai morreu, no ano passado, ela disse que sabia que isso aconteceria. Porque uma planta de filodendro que papai havia lhe dado murchara e morreria, apesar do fato de ela a ter aguçado religiosamente. Ela disse que a planta havia danificado suas raízes e água nenhuma poderia chegar até ali. O relatório da autópsia que ela recebeu mais tarde mostrava que papai tivera noventa por cento das artérias bloqueadas, antes de morrer de um ataque do coração aos 74 anos de idade. Meu pai não era chinês, como mamãe, mas um anglo-irlandês americano que apreciava suas cinco fatias de bacon e três ovos estrelados toda manhã.

Eu recordo dessa capacidade de mamãe porque agora ela está visitando meu marido e eu na casa que acabamos de comprar, em Woodside. E eu me pergunto o que ela verá.

Harold e eu tivemos sorte por encontrar esse lugar, que fica próximo à cúpula da Auto-estrada 9 e então à esquerda-direita-esquerda de três bifurcações com estradas de terra sem indicações, porque os moradores sempre arrancavam as placas para manterem os vendedores, urbanistas e inspetores municipais afastados. Estamos a somente 40 minutos de viagem do apartamento de minha mãe em San Francisco. Isso se transformou numa provação de 60 minutos ao voltarmos de lá, quando mamãe estava conosco no carro. Depois que alcançamos a larga estrada de pista dupla para a cúpula, ela gentilmente tocou o ombro de Harold e disse, com voz suave, “Ai, rodas guinchando.” E então, um pouco mais tarde, “Muito desgaste no carro.”

Harold sorriu e diminuiu a velocidade, mas eu pude ver suas mãos apertando o volante do Jaguar, enquanto ele nervosamente fitava pelo espelho retrovisor à fila impaciente de carros aumentando a cada minuto. E eu fiquei secretamente contente ao assistir seu desconforto. Ele era sempre aquele que se encostava à traseira dos Buicks de velhas senhoras, buzinando alto e acelerando o motor como se fosse passar por cima caso não fossem para o acostamento. E ao mesmo tempo, eu me odiei por estar sendo maldosa ao pensar que Harold merecia aquele tormento. Contudo, não pude evitar. Eu estava irritada com Harold e ele estava exasperado comigo. Naquela manhã, antes de irmos buscar mamãe, ele havia dito “Você devia pagar pelo dedetizador porque Mirugai é seu gato, portanto são suas pulgas. É apenas justo.”

Nenhum de nossos amigos jamais poderia acreditar que brigamos por algo tão estúpido quanto pulgas, mas eles também nunca acreditariam que nossos problemas são

muito, muito mais profundos do que isto, tão profundos que eu nem mesmo sei onde começam.

E agora que minha mãe está aqui – ela permanecerá por uma semana ou até que os eletricitistas tenham terminado de renovar a instalação elétrica de seu prédio em San Francisco – temos que fingir que nada está acontecendo.

Enquanto isso, ela pergunta repetidamente por que tivemos que pagar tanto por um celeiro renovado e um embolorado lago em quatro acres de terreno, dois dos quais estavam cobertos por árvores de sequóia e carvalhos venenosos. De fato, ela não pergunta realmente, apenas diz “Aii, tanto dinheiro, tanto,” enquanto lhe mostramos diferentes partes da casa e do terreno. E seus lamentos sempre obrigam Harold a explicar em termos simples para minha mãe: “Bem, veja, são os detalhes que custam tanto. Como este piso de madeira. Foi lixado à mão. E as paredes aqui, esse efeito marmorizado, foram pintadas manualmente. Realmente valem à pena.”

E mamãe acena e concorda: “Lixívia e pintura custam tanto.”

Durante nossa breve excursão pela casa, ela já encontrou os defeitos. Ela diz que os declives do chão a fazem sentirem-se como se estivesse correndo. Ela acha que o quarto de hóspedes onde vai ficar – que, na verdade, é um antigo celeiro de feno moldado por um teto inclinado – possui “dois lados tortos”. Ela vê aranhas em cantos altos e até mesmo pulgas pulando no ar – Pah! Pah! Pah! – como pequenos respingos de óleo quente. Minha mãe sabe que, por baixo de todos esses detalhes extravagantes que custaram tão caro, essa casa ainda é um celeiro.

Ela consegue ver tudo isso. E fico aborrecida porque tudo que ela vê são as partes ruins. Mas então, eu olho ao redor e tudo que ela disse é verdade. E isso me convence de que ela pode ver tudo o mais que está acontecendo entre mim e Harold. Ela sabe o que acontecerá conosco. Porque eu recordo de algo mais que ela viu quando eu estava com oito anos de idade. Mamãe viu em minha tigela de arroz e contou-me que eu casaria com um homem ruim.

“Aii, Lena,” ela dissera, após aquele jantar de tantos anos atrás, “seu futuro marido possui uma pinta para cada arroz que você não termina.” Ela largou a tigela. “Eu conheci um homem com pintas certa vez. Homem cruel, mau.”

E eu pensei no mesquinho garoto da vizinhança que possuía minúsculas cicatrizes nas bochechas e, era verdade, aquelas marcas tinham o tamanho de um grão de arroz. Esse garoto tinha cerca de doze anos e seu nome era Arnold.

Arnold atirava elásticos de borracha em minhas pernas sempre que eu passava na frente de seu prédio na volta para casa da escola e, certa vez, ele pedalara com sua bicicleta sobre minha boneca, esmagando as pernas dela abaixo do joelho. Eu não queria que esse garoto cruel fosse meu futuro marido. Então peguei aquela tigela de arroz frio e raspei os últimos grãos para dentro da boca, e daí sorri para mamãe, confiante de que meu futuro marido não seria Arnold, mas alguém cujo rosto era liso como a porcelana de minha agora limpa tigela.

Mas mamãe suspirou. “Ontem, você não terminou o arroz, tampouco.” Eu pensei naqueles bocados de arroz inacabados e então nos grãos que sobraram em minha tigela no dia anterior, e no dia antes daquele. Naquele minuto, meu coração de oito anos ficou mais e mais aterrorizado e doente com a crescente possibilidade de que meu futuro marido estava destinado a ser esse mesquinho garoto, Arnold. E graças aos meus pobres hábitos alimentares, seu horrível rosto eventualmente se assemelharia às crateras da lua.

Esse teria sido um incidente engraçado para recordar de minha infância, mas de fato é uma lembrança que retorna de tempos em tempos, com uma mistura de náusea e

remorso. Minha aversão por Arnold crescera a tal ponto que, por fim, encontrei um modo de fazê-lo morrer. Deixei que uma coisa resultasse de outra. É claro, tudo isso podem ter sido apenas coincidências livres de conexões. E quer fosse verdade ou não, eu sei que a intenção estava lá. Porque quando quero que algo aconteça – ou não – eu começo a olhar para todos os eventos e todas as coisas como algo relevante, uma oportunidade para pegar ou evitar.

Eu encontrei a oportunidade. Na mesma semana em que mamãe contou-me a respeito da tigela de arroz e meu futuro marido, eu vi um chocante filme na escola dominical. Lembro que a professora apagou as luzes para que tudo que pudéssemos ver fossem as silhuetas uns dos outros. Então ela nos observou, uma sala cheia de inquietas e bem alimentadas crianças sino-americanas, e disse “Este filme lhes mostrará porque devem dar um dízimo a Deus para fazer seu trabalho.”

Ela disse “Eu quero que pensem na moeda que vale um doce ou no quanto comem toda semana – seus bens e reservas, seus wafers Necco, jujubas – e comparem isso ao que estão prestes a assistir. Também quero que pensem a respeito do que são realmente suas verdadeiras bênçãos.”

Então, ela ligou o projetor com um baque. O filme mostrava missionários na África e Índia. Estas boas almas trabalhavam com pessoas cujas pernas tinham inchado como troncos de árvores, cujos membros entorpecidos tornaram-se deformados como videiras na selva. Mas a mais terrível das aflições eram homens e mulheres com lepra. Seus rostos estavam cobertos por todo tipo de miséria que se pudesse imaginar: cicatrizes e pústulas, cascas e inchaços, e fendas que eu tinha certeza que haviam surgido com a mesma veemência com que lesmas contorciam-se sobre camas de sal. Se mamãe tivesse estado na sala, ela teria dito que estas pobres pessoas eram vítimas de futuros maridos e esposas que haviam fracassado em comer pratadas de comida.

Depois de ver esse filme, eu fiz uma coisa terrível. Vi o que teria que fazer para não me casar com Arnold. Comecei a deixar mais arroz em minha tigela. E então, estendi meus prodigiosos modos para a comida chinesa. Não terminava meu creme de milho, brócolis, flocos de arroz crocante ou sanduíches de pasta de amendoim. E uma vez, quando mordi um pedaço de chocolate e vi o quanto era encaroçado, o quanto era cheio de pintas escuras secretas e gosmas cremosas, eu sacrifiquei aquilo também.

Eu considerava que provavelmente nada aconteceria a Arnold, que ele poderia não pegar lepra, mudar-se para a África e morrer. E isso, de algum modo, equilibrou a sombria possibilidade de que talvez ele pudesse.

Ele não morreu de imediato. De fato, foram uns cinco anos mais tarde, quando me tornei um bocado magra. Eu tinha parado de comer, não por causa de Arnold a quem tinha esquecido há tempos, mas para ser elegantemente anoréxica como todas as outras garotas de treze anos que estavam fazendo dietas e procurando outras formas de sofrimento como adolescentes. Eu estava sentada à mesa do café da manhã, esperando que mamãe terminasse de arrumar um saco de lanche que eu sempre, prontamente, jogava fora assim que virava a esquina. Papai estava comendo com as mãos, pincelando as pontas de seu bacon nas gemas de ovo com uma mão, enquanto segurava o jornal com a outra.

“Oh, céus, ouçam isto,” disse ele, ainda pincelando. E foi quando ele anunciou que Arnold Reisman, um garoto que vivia na nossa velha vizinhança em Oakland, havia morrido de complicações por sarampo. Ele acabara de ser aceito pela Cal State Hayward e estava planejando tornar-se um pedicuro.

“ ‘Médicos, no início, foram confundidos pela doença, que relataram ser extremamente rara e geralmente atacam crianças entre idades de dez a vinte anos, meses ou anos após terem contraído o vírus do sarampo,’ leu papai. “O rapaz teve um leve caso de sarampo

quando tinha doze anos, relatou a mãe. Problemas, este ano, foram notados inicialmente quando ele desenvolveu falhas de coordenação motora e letargia mental que se agravaram até ele entrar em coma. O rapaz, idade dezessete, nunca recuperou a consciência.’ Você não conhecia este garoto?” perguntou papai, e eu permaneci ali, muda.

“Isso é vergonha,” disse mamãe, olhando para mim. “Isso é terrível vergonha.”

E eu pensei que ela conseguia enxergar através de mim e sabia que eu era aquela que causara a morte de Arnold. Estava aterrorizada.

Naquela noite, em meu quarto, eu me empanturrei. Roubei dois litros de sorvete de morango do freezer e forcei colherada após colherada garganta abaixo. Mais tarde, durante várias horas, eu fiquei sentada no patamar da saída de incêndio, do lado de fora do meu quarto, vomitando no recipiente do sorvete. E eu lembro de ficar me perguntando por que comer algo bom me fazia sentir tão terrível, enquanto vomitar algo terrível podia me fazer sentir tão bem.

A idéia de que eu poderia ter causado a morte de Arnold não é tão ridícula. Talvez ele estivesse destinado a ser meu marido. Porque eu penso comigo mesma, até hoje, como pode o mundo em todo seu caos aparecer com tantas coincidências, tantas similaridades e opostos exatos? Por que Arnold escolheu a mim para sua tortura com elásticos? Como pode ele ter contraído sarampo no mesmo ano em que comecei a odiá-lo conscientemente? E por que pensei em Arnold em primeiro lugar – quando mamãe viu minha tigela de arroz – e então vim a odiá-lo tanto? O ódio não é meramente o resultado de um amor ferido?

E mesmo quando pude finalmente descartar tudo isso como ridículo, eu ainda sentia que, de algum modo, na maior parte, nós merecemos o que recebemos. Eu não recebi Arnold. Eu ganhei Harold.

Harold e eu trabalhamos na mesma firma de arquitetura, Livotny & Associados. Só que Harold Livotny é um sócio e eu, associada. Nos conhecemos há oito anos atrás, antes de ele começar a Livotny & Associados. Eu tinha 28 anos, era assistente de projetos e ele tinha 34. Ambos trabalhávamos na divisão de projeção e desenvolvimento de restaurantes da Harned, Kelley & Davis.

Começamos a nos ver durante os almoços de trabalho, para discutir a respeito dos projetos, e sempre dividíamos a conta bem no meio embora eu normalmente pedisse apenas uma salada, porque tenho essa tendência para ganhar peso facilmente. Mais tarde, quando começamos a nos encontrar secretamente para jantar, nós ainda dividíamos a conta. E apenas continuamos dessa forma, tudo dividido bem no meio. Qualquer coisa, eu encorajava. Às vezes, eu insistia em pagar pela coisa toda: refeições, drinks, gorjetas. E realmente não me incomodava.

“Lena, você é realmente extraordinária,” disse Harold, após seis meses de jantares, cinco meses de transas e uma semana de tímidas e tolas confissões de amor. Estávamos deitados na cama, entre os novos lençóis púrpura que eu acabara de comprar para ele. Sua velha coleção de lençóis brancos estava manchada em lugares reveladores, não era muito romântico.

Ele aconchegou-se em meu pescoço e sussurrou, “Acho que jamais encontrei outra mulher tão companheira...” – e eu lembro de ter sentido um soluço de medo ao ouvir as palavras “outra mulher”, porque eu podia imaginar dúzias, centenas de adoradoras mulheres, ansiosas por comprar o café da manhã, almoço e jantar para Harold, e sentir o

prazer da respiração dele em suas peles. Então, ele mordiscou meu pescoço e disse abafadamente, “ou qualquer uma que seja tão macia, suave e adorável quanto você.”

Eu desmaiei por dentro; perdi o equilíbrio com aquela singela revelação de amor, perguntando-me como uma pessoa notável como Harold poderia me achar extraordinária.

Agora que estou zangada com Harold, é difícil lembrar o que era tão notável a respeito dele. E eu sei que estão lá, suas boas qualidades, porque senão não seria tão estúpida de apaixonar-me, casar com ele. Tudo que consigo lembrar é do quanto me senti terrivelmente sortuda e, conseqüentemente, preocupada de que toda aquela desmerecida boa sorte fosse escapulir algum dia. Quando fantasiava a respeito de morar com ele, eu também dragava meus mais profundos temores: que ele diria que eu cheirava mal, que tinha terríveis hábitos no banheiro, que meu gosto por música e televisão era horroroso. Eu me afligia de que Harold, algum dia, receberia uma nova receita para seus óculos, os colocaria certa manhã, fitar-me-ia de cima a baixo e diria “Ora, por Deus, você não é a garota que eu pensei que fosse, é?”

E acho que essa sensação de medo nunca me abandonou, a de que eu seria pega algum dia, exposta como uma farsa de mulher. Mas recentemente, uma amiga minha, Rose, que está agora na terapia porque seu casamento desmoronou, contou-me que estes tipos de pensamentos são comuns em mulheres como nós.

“No começo, eu achei que era porque fui criada com toda essa humildade chinesa,” dissera Rose. “Ou talvez fosse porque, quando se é chinesa, supõe-se que você aceita tudo, flui com o Tao e não faz ondas. Mas minha terapeuta disse ‘Por que você culpa sua cultura, sua etnia?’ E lembrei-me de ter lido um artigo sobre expectativas, como esperamos pelo melhor e quando conseguimos, ficamos preocupados de que talvez deveríamos ter esperado mais, porque todo retorno diminui após uma certa idade.”

Após minha conversa com Rose, me senti melhor comigo mesma e pensei, ‘É claro, Harold e eu somos iguais em vários aspectos. Ele não é exatamente bonito no sentido clássico, embora tenha uma boa pele e certos atrativos com aquele seu jeito de intelectual nervoso. E eu posso não ser delirantemente bela, mas um bocado de mulheres na minha turma de aeróbica diz que sou “exótica” de uma maneira incomum, e elas me invejam porque meus seios não ficam caídos, agora que seios pequenos estão na moda. Além disso, um de meus clientes disse que eu possuo uma incrível vitalidade e exuberância.

Então, eu acho que mereço alguém como Harold, e quero dizer no bom sentido, não como um karma ruim. Somos iguais. Também sou esperta. Tenho bom senso. E sou intuitiva, muito. Fui eu quem disse a Harold que ele era bom o bastante para abrir sua própria firma.

Quando ainda estávamos trabalhando na Harned, Kelley & Davis, eu disse “Harold, esta firma sabe que ótimo acordo possui com você. Você é o ganso dos ovos de ouro. Se comesse seu próprio negócio hoje, iria embora com mais da metade dos clientes.”

E ele respondeu, rindo, “Metade? Cara, é o amor.”

Eu gritei, rindo com ele, “Mais da metade! Você é bom assim. Você é o que há de melhor em desenvolvimento e design de restaurantes. Você e eu sabemos disso, assim como um bocado de projetistas.”

Foi nessa noite que ele decidiu “correr atrás”, como se expressou; uma frase que eu pessoalmente detestava desde que um banco na qual trabalhei adotou-o como slogan para seu concurso de produtividade entre os funcionários.

E eu ainda disse a Harold, “Harold, quero ajudá-lo a correr atrás também. Quero dizer, você vai precisar de dinheiro para começar esse negócio.”

Ele nem quis ouvir a respeito de aceitar qualquer dinheiro de minha parte, nem como favor, empréstimo, investimento ou depósito numa sociedade. Ele respondeu que valorizava muito nosso relacionamento e não queria contaminá-lo com dinheiro. E explicou, “Eu não iria querer uma esmola tanto quanto você. Enquanto mantivermos esse negócio de dinheiro separado, sempre teremos certeza de nosso amor um pelo outro.”

Eu quis protestar, e dizer, “Não! Eu realmente não ajo dessa forma com relação ao dinheiro, o modo como estamos fazendo. Estou oferecendo-o livremente, de verdade. Eu quero...” Mas não sabia por onde começar. Eu quis lhe perguntar quem, que mulher o feriu daquela maneira, que o fez ter tanto medo de aceitar amor em todas as suas maravilhosas formas. Mas então, eu o ouvi dizer o que esperei que ele dissesse há um longo, longo tempo.

“Na realidade, você poderia me ajudar se fosse morar comigo. Quero dizer, desse modo eu poderia usar os quinhentos dólares do aluguel que você paga...”

“É uma idéia maravilhosa,” respondi imediatamente, sabendo o quanto ele estava embaraçado por ter que me perguntar daquele jeito. Eu estava tão delirantemente feliz que não importava que o aluguel de meu estúdio, na verdade, fosse de apenas 435 dólares. Além do mais, o lugar de Harold era muito melhor, um apartamento com dois quartos e uma vista de 240 graus da baía. Valia o dinheiro extra, não importa com quem eu partilhasse o lugar.

Então, no período de um ano, Harold e eu nos demitimos da Harned, Kelley & Davis, e ele começou a Livotny & Associados, na qual fui trabalhar como coordenadora de projetos. E não, ele não levou metade dos clientes da Harned, Kelley & Davis. De fato, a Harned, Kelley & Davis ameaçou processá-lo se ele fosse embora com um cliente sequer no ano seguinte. Então, eu o animei com conversas nas noites em que se sentiu desencorajado. Eu lhe disse como deveria fazer mais design de restaurantes temáticos avant-garde, para diferenciar-se das outras firmas.

“Quem precisa de outro bar e churrascaria com música ao vivo e jardim?” falei. “Quem quer outra casa de massas num moderno e lustroso ambiente italiano? A quantos lugares você pode ir com carros de polícia colidindo contra as paredes? Essa cidade está abarrotada de restaurantes que são apenas clones dos mesmos velhos temas. Você pode encontrar um nicho. Fazer algo diferente toda vez. Ganhar investidores de Hong Kong que desejam injetar alguns dólares na ingenuidade americana.”

Ele me deu seu sorriso de veneração, aquele que dizia “Eu adoro quando você torna tudo tão simples”. E eu adorava quando ele me fitava daquele modo.

Então, eu balbuciava meu amor. “Você... você... poderia criar novos temas para os restaurantes... um... um... Lar em Cadeia! Toda a comida caseira da mamãe, mães no fogão da cozinha com aventais riscados e mães garçonetes inclinando-se e dizendo-lhes para terminarem suas sopas. E talvez... talvez você possa fazer um cardápio-romance... pratos da ficção... sanduíches-mistério de Lawrence Sanders, somente sobremesas de Nora Ephron. E algo com temas de mágico, piadas ou ironia, ou...”

Harold realmente me ouvia. Ele pegou aquelas idéias e aplicou-as de maneira educacional, metódica. Ele fez acontecer. Mas ainda assim, eu lembro, eram minhas idéias.

E hoje, a Livotny & Associados é uma agência em ascensão, com doze funcionários em tempo integral, especializada em projetos de restaurantes temáticos, e que ainda gosto de chamar de “tema comestível”. Harold é o homem das idéias, o arquiteto chefe, designer, a pessoa que apresenta o produto final para um novo cliente. Eu trabalho no projeto interno pois, como Harold explica, não iria parecer justo para os outros funcionários se ele me promovesse apenas porque agora estamos casados – isto foi há

cinco anos atrás, dois anos depois de ele começar com a Livotny & Associados. Embora eu seja muito boa no que faço, nunca fui formalmente treinada nessa área. Quando estava me especializando em estudos asiático-americanos, eu peguei apenas um curso relevante, cenografia teatral, para uma produção acadêmica de *Madame Butterfly*.

Na Livotny & Associados, eu procuro por elementos temáticos. Para um restaurante chamado “O Conto do Pescador”, um de meus prezados achados foi um barco de madeira pintado em verniz amarelo, gravado com o nome “Homem do Mar”, e fui eu quem deu a idéia dos cardápios pendurados em varas de pesca em miniatura e guardanapos com réguas que tinham polegadas traduzidas para milhas impresso neles. Para uma *delicatessen* Lawrence das Arábias, chamada “Bandeja Sheik”, eu dei a idéia para que o lugar tivesse um efeito bazar e encontrei réplicas de cobras colocadas sobre pedras falsas de Hollywood.

Eu amo meu trabalho quando não penso muito a respeito dele. Quando o faço, lembro do quanto recebo, de como trabalho duro, de como Harold é justo com todos exceto comigo, e fico furiosa. Então realmente somos iguais, exceto que Harold fatura cerca de sete vezes mais do que eu. Ele sabe disso também porque é ele quem assina meu cheque mensal, que então deposito em minha conta bancária separada.

Mais tarde, porém, esse negócio sobre sermos iguais começou a me incomodar. Ficou em minha mente só que não havia me dado conta realmente. Apenas sentia-me um pouco inquieta a respeito de algo. Então, mais ou menos há uma semana atrás, tudo se tornou claro. Eu estava lavando a louça do café da manhã e Harold estava esquentando o motor do carro para que pudéssemos ir trabalhar. Eu vi o jornal aberto sobre o balcão da cozinha, os óculos de Harold em cima, sua caneca favorita de café com a asa lascada do lado. Por alguma razão, ver todos esses pequenos sinais domésticos de familiaridade, nosso ritual diário, me fizeram desmaiar por dentro. Mas era como se eu estivesse vendo Harold na primeira vez em que fizemos amor, essa sensação de entregar tudo a ele com abandono, sem me importar com o que recebia em troca.

Quando entrei no carro, eu ainda estava com o brilho daquela sensação. Toquei a mão dele e disse, “Harold, eu te amo.” Ele olhou no espelho retrovisor, dando a ré no carro e respondeu “Eu também te amo. Você trancou a porta?”

Simples assim, e comecei a pensar, ‘Não é o suficiente’.

Harold faz as chaves do carro tilintarem e diz, “Vou até o centro comprar algumas coisas para o jantar. Filés, tudo bem? Quer algo especial?”

“Estamos sem arroz,” respondo, apontando discretamente na direção de mamãe que está virada de costas para mim. Ela está olhando pela janela da cozinha às grades de bungavíleas. Então, Harold sai pela porta e ouço o ronco profundo do carro e som de cascalho batendo enquanto ele se afasta.

Mamãe e eu estamos sozinhas na casa. Eu começo a regar as plantas. Ela fica na ponta dos pés, perscrutando uma lista presa à porta de nossa geladeira. A lista diz “Lena” e “Harold”, e embaixo de cada nome estão as coisas que compramos e quanto custaram.

Lena

Frango, veg., pão, brócolis,
Xampu, cerveja \$19.63
Maria (limpeza+gorjeta) \$65

Harold

Art.garagem \$25.35
Banheiro \$5.41
Carro \$6.57

Compras (ver lista)	\$55.15	Art.iluminação	\$87.26
Petúnias, adubo	\$14.11	Cascalho	\$19.99
Revelação fotos	\$13.83	Gasolina	\$22.00
		Checagem motor carro	\$35
		Cinema & jantar	\$65
		Sorvete	\$4.50

Do jeito que as coisas estavam indo essa semana, Harold já gastara cerca de cem dólares a mais, então eu lhe devia uns cinqüenta de minha conta bancária.

“O que são essas anotações?” pergunta mamãe, em chinês.

“Oh, não é nada realmente. Apenas coisas que compartilhamos,” respondo, tão casual quanto possível. E ela me olha, franzindo a testa, mas não diz nada. Ela volta a ler a lista, dessa vez mais cuidadosamente, movendo o dedo sobre cada item.

Sinto-me embaraçada, sabendo o que ela está vendo. Fico aliviada por ela não ver a outra metade daquilo, as discussões. Após inúmeras conversas, Harold e eu alcançamos um entendimento a respeito de não incluir artigos pessoais como “rímel” e “loção de barbear”, “spray para cabelo” ou “lâminas descartáveis”, “absorventes” ou “talco para pé de atleta”.

Quando nos casamos na prefeitura, ele insistiu em pagar a taxa. Eu arranjei meu amigo, Robert, para tirar fotos. Organizamos uma festa em nosso apartamento e todos trouxeram champanhe. E quando compramos a casa, concordamos que eu deveria pagar somente uma porcentagem da hipoteca, baseada no que eu ganhava e no que ele ganhava, e que eu deveria possuir uma porcentagem equivalente da propriedade em comunhão; isso está escrito em nosso contrato pré-nupcial. E desde que Harold paga mais, ele teve o voto decisivo sobre como a casa deveria se parecer. Ela é brilhante, espaçosa e o que ele chama de “fluida”, nada para interromper a linha, significando nenhum de meus visuais abarrotados. Quanto às férias, aquelas que escolhemos são divididas meio a meio. Os outros, é Harold quem paga, com o entendimento de que é um presente de aniversário ou Natal, ou uma lembrança de aniversário de casamento.

E temos discussões filosóficas sobre coisas que possuem fronteiras obscuras, como minhas pílulas de controle de natalidade, ou jantares em casa quando recebemos pessoas que na realidade são clientes dele ou meus antigos colegas da faculdade, ou revistas sobre alimentação que assino, mas ele também lê apenas porque está entediado, não porque as teria escolhido para si mesmo.

E ainda discutimos a respeito de Mirugai, o gato – não nosso gato, ou meu gato, mas o gato que foi presente de aniversário dele para mim no ano passado.

“Isto você não compartilha!” exclama mamãe numa voz espantada. E fico aturdida, achando que ela leu meus pensamentos sobre Mirugai. Mas então vejo que ela está apontando para “sorvete” na lista de Harold. Mamãe deve recordar-se do incidente na saída de incêndio, quando ela me encontrou tremendo e exausta, sentada ao lado do recipiente de sorvete regurgitado. Eu nunca mais tolerarei sorvete depois daquilo. E então, fico aturdida novamente ao perceber que Harold nunca notou que eu não como nem um pouco do sorvete que ele traz para casa todas as noites de sexta-feira.

“Por que faz isso?”

Mamãe possui uma impressão ferida na voz, como se eu tivesse colocado a lista ali para magoá-la. Eu penso num modo de explicar aquilo, recordando as palavras que Harold e eu costumávamos usar no passado: “Assim podemos eliminar falsas dependências... sermos iguais... amar sem obrigação...” Mas ela nunca conseguiria compreender estas palavras.

Ao invés disso, digo isto à mamãe: “Eu realmente não sei. É algo que começamos antes de nos casarmos. E por alguma razão nunca paramos.”

Quando Harold volta do mercado, ele acende a grelha. Eu desempacoto os mantimentos, tempero os filés, cozinho o arroz e arrumo a mesa. Mamãe fica sentada numa banquetta junto ao balcão de granito, tomando uma caneca de café que lhe servi. A cada poucos minutos, ela limpa a borda da caneca com um lenço de papel que mantém guardado na manga de seu suéter.

Durante o jantar, Harold mantém a conversa fluindo. Ele fala a respeito dos planos para a casa: as clarabóias, a expansão do ambiente, plantação dos canteiros de flores com tulipas e açafrões, a derrubada dos carvalhos venenosos, acrescentar outra ala, construir um banheiro em estilo japonês. Então, ele limpa a mesa e começa a empilhar os pratos na lava-louças.

“Quem está pronto para a sobremesa?” pergunta ele, abrindo o freezer.

“Estou cheia,” respondo.

“Lena não pode comer sorvete,” diz minha mãe.

“Assim parece. Ela sempre está em alguma dieta.”

“Não, ela nunca come. Não gosta.”

E agora, Harold sorri e olha para mim, perplexo, esperando que eu traduza o que mamãe disse.

“É verdade,” digo, imparcialmente. “Eu detestei sorvete durante quase toda a minha vida.”

Harold olha para mim como se eu também estivesse falando chinês e ele não conseguisse compreender. “Acho que assumi que você estava apenas tentando perder peso... Oh, bem.”

“Ela se tornou tão magra que agora você não consegue vê-la,” responde mamãe. “Ela é como um fantasma, desapareceu.”

“Está certo! Cristo, estupendo,” exclama Harold, rindo, aliviado ao pensar que mamãe está graciosamente tentando salvá-lo.

Depois do jantar, eu coloco toalhas limpas sobre a cama no quarto de hóspedes. Minha mãe está sentada na cama. O quarto possui o visual minimalista de Harold; a cama gêmea com lençóis simples e cobertores brancos, assoalho de madeira polido, uma cadeira de carvalho lixada e nada nas paredes cinzentas inclinadas.

A única decoração é uma estranha peça bem ao lado da cama: uma mesa de cabeceira feita de um bloco mal cortado de mármore, com finas pernas de madeira negra, laqueadas e cruzadas. Mamãe coloca sua bolsa sobre a mesa e um vaso cilíndrico preto sobre ela começa a oscilar. As flores no vaso estremecem.

“Cuidado, não é muito firme,” eu falo. A mesa é uma peça mal projetada que Harold fez durante sua época de estudante. Sempre me perguntei por que ele sente tanto orgulho dela. As linhas são deselegantes. Não possui quaisquer traços da fluidez que é tão importante para Harold hoje em dia.

“Que utilidade tem isso?” pergunta mamãe, sacudindo a mesa com uma mão. “Você coloca algo em cima, tudo desaba. Chunwang chihan.”

Eu deixo mamãe em seu quarto e subo as escadas. Harold está abrindo as janelas para deixar o ar noturno circular. Ele faz isto todas as noites.

“Estou com frio,” digo.

“O quê?”

“Poderia fechar as janelas, por favor?”

Ele olha para mim, suspira e sorri, fecha as janelas e senta-se com as pernas cruzadas sobre o chão, abrindo uma revista. Eu me sento no sofá, fervendo, e não sei por que. Não que Harold tenha feito algo errado. Harold é apenas Harold.

E antes mesmo de continuar, eu sei que estou começando uma briga que é maior do que minha capacidade de lidar com ela. Mas mesmo assim começo. Vou até a geladeira e risco “sorvete” no lado da lista de Harold.

“O que está acontecendo aqui?”

“Eu apenas acho que você não deveria mais receber crédito por SEU sorvete.”

Ele encolhe os ombros, divertido. “É justo.”

“Por que você tem que ser tão malditamente justo!” eu grito.

Harold larga a revista, agora exibindo seu olhar boquiaberto e exasperado. “O que é isso? Por que não diz qual é realmente o problema?”

“Eu não sei... eu não sei. Tudo... o modo como prestamos conta de tudo. O que dividimos. O que não dividimos. Estou tão cansada disso, adicionando coisas, subtraindo, tornando equilibrado. Estou farta.”

“Foi você quem quis o gato.”

“Sobre o quê está falando?”

“Está bem. Se você acha que estou sendo injusto a respeito do dedetizador, ambos pagaremos por ele.”

“Não é esta a questão!”

“Então me diga, por favor, qual é a questão?”

Eu começo a chorar, o que sei que Harold detesta. Sempre o deixa desconfortável, zangado. Ele acha que é manipulativo. Mas eu não consigo evitar porque agora percebo que não sei qual é a questão dessa discussão. Estou pedindo a Harold que me apóie? Estou pedindo para pagar menos do que a metade? Eu realmente acho que deveríamos parar de prestar contas de tudo? Não continuaríamos a conferir as coisas em nossas cabeças? Harold não concluiria pagando mais? E então, eu não me sentiria pior, menos do que igual? Ou talvez não devêssemos ter nos casado em primeiro lugar. Talvez Harold seja um homem ruim. Talvez eu o tenha feito desse modo.

Nada disso parece certo. Nada faz sentido. Não posso admitir o nada e estou completamente desesperada.

“Eu apenas acho que temos que mudar as coisas,” respondo, quando acho que consigo controlar minha voz. Só que o resto vem como um ganido. “Precisamos pensar em quê nosso casamento é realmente baseado... não essa folha de balanços, - quem deve o quê a quem.”

“Merda,” diz Harold. Então, ele suspira e inclina-se para trás como se estivesse pensando a respeito. Finalmente, ele fala num tom de voz que parece magoado, “Bem, eu sei que nosso casamento está baseado em muito mais do que uma folha de balanço. Muito mais. E se você não sabe, então acho que deveria pensar no que mais você quer, antes de mudar as coisas”.

E agora eu não sei o que pensar. O que estou dizendo? O que ele está dizendo? Ficamos sentados na sala, não dizendo nada. O ar fica abafado. Eu olho pela janela e, à distância, vejo um vale entre nós, o salpico de milhares de luzes cintilando no nevoeiro de verão. E então, eu ouço o som de vidro se estilhaçando no andar de cima e uma cadeira arranhando um assoalho de madeira.

Harold começa a se levantar, mas eu digo, “Não, eu vou ver”.

A porta está aberta, mas o quarto escuro, então eu chamo, “Ma?” Eu vejo imediatamente: a mesa de mármore desabara sobre suas pernas negras e finas. Do lado, está o vaso, o cilindro liso quebrado ao meio e flores mergulhadas numa poça d’água.

Então, eu vejo minha mãe sentada junto à janela aberta, sua silhueta escura contra o céu noturno. Ela se vira na cadeira, mas não consigo ver seu rosto.

“Caiu,” diz simplesmente. Ela não pede desculpas.

“Não importa,” eu respondo, e começo a juntar os cacos de vidro. “Eu sabia que isso iria acontecer.”

“Então por que não impediu?” pergunta mamãe.

E é uma questão tão simples.

Waverly Jong – Quatro Direções

Eu levei mamãe para almoçar em meu restaurante chinês favorito na esperança de deixá-la de bom humor, mas foi um desastre. Quando nos encontramos no Restaurante Quatro Direções, ela fitou-me com imediata reprovação. “Ai-ya! Qual é o problema com seu cabelo?” disse ela, em chinês.

“O que quer dizer com ‘qual é o problema’?” respondi. “Eu cortei.” Mr. Rory havia estilizado meu cabelo de modo diferente dessa vez, uma franja assimétrica de corte reto que era mais curto do lado esquerdo. Estava na moda, ainda que não tão radicalmente.

“Parece podado,” disse ela. “Você deve pedir seu dinheiro de volta.”

Eu suspirei. “Vamos apenas ter um almoço agradável juntas, okay?”

Ela exibiu sua expressão obstinada e avarenta quando perscrutou o cardápio, murmurando, “Não tem muita coisa boa, esse menu.” Então ela deu um tapinha no braço do garçom, limpou o comprimento de seus palitos com os dedos e fungou: “Esse negócio gorduroso, você espera que eu coma com isto?” Ela deu um show ao lavar sua tigela de arroz com chá e preveniu outros clientes do restaurante, sentados perto de nós, a fazer o mesmo. Ela disse ao garçom para certificar-se de que a sopa estivesse bem quente e, é claro, pela avaliação hábil de sua língua, “de modo algum, morna.”

“Você não deveria ficar tão aborrecida,” falei para mamãe, depois de ela barganhar o preço de dois dólares extras porque havia especificado chá de crisântemo, ao invés de chá verde normal. “Além do mais, stress desnecessário não é bom para seu coração.”

“Não há nada de errado com meu coração,” bufou ela, enquanto mantinha um olhar depreciativo sobre o garçom.

E ela estava certa. A despeito de todas as tensões que ela aplicava em si mesma – e nos outros – os médicos haviam anunciado que mamãe, aos 69 anos, possuía a pressão sanguínea de uma menina de dezesseis e a força de um cavalo. E é o que ela é. Um cavalo, nascida em 1918, destinada a ser obstinada e franca ao ponto da indiscrição. Ela e eu fazemos uma má combinação porque sou coelho, nascida em 1951, supostamente sensível, com tendência a ser transparente e retraída ao primeiro sinal de críticas.

Após nosso miserável almoço, eu desisti da idéia de que sequer haveria uma boa hora para contar-lhe a novidade: que Rich Schields e eu íamos nos casar.

“Por que está tão nervosa?” minha amiga, Marlene Ferber, perguntou ao telefone, na noite passada. “Não é como se Rich fosse a escória da terra. Ele é um advogado tributário como você, pelo amor de Deus. Como ela poderia criticá-lo?”

“Você não conhece minha mãe,” respondi. “Ela nunca acha que alguém seja bom o suficiente para coisa alguma.”

“Então fuja com o sujeito,” disse Marlene.

“Foi o que fiz com Marvin.” Marvin foi meu primeiro marido, meu namoradinho do colegial.

“Então lá se foi você,” disse Marlene.

“E quando mamãe descobriu, ela jogou seu sapato contra nós,” falei. “E isso foi só o começo.”

Minha mãe nunca conheceu Rich. De fato, toda vez que eu trazia o nome dele à tona – quando dizia, por exemplo, que Rich e eu tínhamos ido à sinfônica, que Rich levara minha filha de quatro anos, Shoshana, ao zoológico – mamãe sempre encontrava um jeito para mudar de assunto.

“Eu lhe contei,” comecei, enquanto esperávamos pela conta no Quatro Direções, “que momentos ótimos Shoshana teve com Rich no Exploratório? Ele –“

“Oh,” interrompeu ela, “eu não lhe contei. Seu pai, os médicos disseram que talvez ele precisasse de uma cirurgia exploratória. Mas não, agora dizem que tudo está normal, apenas muito constipado”. Eu desisti. Então, representamos a rotina usual.

Eu paguei a conta com uma nota de dez e três de um. Mamãe puxou de volta as notas de dólar e contou os trocados exatos, trinta centavos, e colocou-os na bandeja ao invés disso, explicando firmemente: “Sem gorjeta!” Ela jogou a cabeça para trás com um sorriso triunfante. E enquanto mamãe ia ao toalete, eu passei ao garçom uma nota de cinco dólares. Ele assentiu com profundo entendimento. Enquanto ela esteve longe, eu idealizei outro plano.

“Choszle!” – Fede até a morte lá dentro! – murmurou ela, quando voltou. Mamãe deu-me uma cotovelada com um pequeno pacote de lenços Kleenex. Não confiava no papel higiênico de outras pessoas. “Precisa usar?”

Eu sacudi a cabeça. “Antes de deixá-la em casa, vamos fazer uma parada rápida em meu apartamento. Há algo que quero lhe mostrar.”

Mamãe não tem vindo a meu apartamento faz meses. Quando me casei pela primeira vez, ela costumava aparecer sem aviso, até que um dia lhe sugeri que deveria telefonar antes. Desde então, ela recusou-se a vir a menos que eu emitisse um convite formal. Então, eu a observei, vendo sua reação às mudanças em meu apartamento – desde o ambiente impecável, quando subitamente tive tempo de sobra para manter minha vida em ordem – até o presente caos, um lar cheio de vida e amor. O chão do vestibulo estava coberto com os brinquedos de Shoshana, um monte de coisas plásticas e brilhantes com partes despedaçadas. Havia um conjunto de objetos de Rich na sala de estar, duas canecas sujas sobre a mesa do café, os restos desmembrados de um telefone que Shoshana e Rich haviam desmontado no outro dia para ver de onde vinham as vozes.

“Está aqui,” eu falei. Continuamos andando diretamente, até o quarto dos fundos. A cama estava desfeita, as gavetas da cômoda abertas com meias e gravatas espalhadas. Mamãe pisou sobre sapatos perdidos, mais brinquedos de Shoshana, os mocassins pretos de Rich, meus lenços, uma pilha de camisas brancas recém trazidas da lavanderia.

Seu olhar era de dolorosa negativa, lembrando-me de certa vez há muito tempo atrás, quando ela levou meus irmãos e eu à clínica para recebermos nossas vacinas de pólio. Quando a agulha entrou no braço de meu irmão e ele gritou, mamãe fitou-me com a agonia escrita no rosto todo e assegurou, “A próxima não dói.”

Mas agora, como mamãe não poderia notar que estávamos vivendo juntos, que aquilo era sério e não desapareceria mesmo que ela não quisesse falar a respeito? Ela tinha que dizer algo. Fui até o armário e voltei com um casaco de mink que Rich havia me dado no Natal. Era o presente mais extravagante que eu já tinha recebido.

Vesti o casaco. “É uma espécie de presente bobo,” falei nervosamente. “Difícilmente fica frio em San Francisco para usar mink. Mas parece ser moda, o que as pessoas estão comprando para suas esposas e namoradas hoje em dia.”

Mamãe ficou em silêncio. Ela olhava na direção de meu armário aberto, atulhado com prateleiras de sapatos, gravatas, meus vestidos e os ternos de Rich. Ela correu os dedos sobre o mink.

“Isso não é tão bom,” disse ela, finalmente. “São apenas pedaços de sobras. E o pêlo é muito curto, não são longos.”

“Como pode criticar um presente?” protestei, sentindo-me profundamente ferida. “Ele me deu isto de coração.”

“É por isso que estou preocupada,” respondeu ela.

E olhando para o casaco através do espelho, eu não pude mais defender-me da força de sua vontade, sua habilidade de me fazer ver preto onde certa vez houvera branco, branco onde houvera preto. O casaco pareceu usado, uma imitação de romance. “Não vai dizer mais nada?” perguntei suavemente.

“O que eu deveria dizer?”

“Sobre o apartamento? Sobre isso?” gesticulei para todos os sinais deixados ao redor por Rich.

Ela olhou em volta do quarto, na direção do corredor e finalmente disse, “Você possui carreira. É ocupada. Quer viver no meio da bagunça, o que posso dizer?”

Minha mãe sabe como atingir um nervo. E a dor que sinto é pior do que qualquer outro tipo de tristeza. Porque o que ela faz sempre vem como um choque, exatamente como uma corrente elétrica que aterrissa permanentemente em minha memória. Eu ainda recordo da primeira vez em que senti isso.

Eu tinha dez anos. Mesmo sendo tão jovem, eu sabia que minha habilidade para jogar xadrez era um talento. Vinha sem esforço, tão fácil. Eu conseguia ver coisas no tabuleiro que outras pessoas não conseguiam. Eu conseguia criar barreiras para me proteger que eram invisíveis para meus oponentes. E este talento deu-me uma suprema confiança. Eu sabia o que meus adversários fariam, jogada a jogada. Sabia com exatidão em que ponto seus rostos demonstrariam que minha aparentemente simples e infantil estratégia revelar-se-ia um curso devastador e irrevogável. Eu adorava vencer.

E mamãe adorava me exibir, como um de meus vários troféus que ela polia. Ela costumava discutir meus jogos como se tivesse idealizado as estratégias.

“Eu disse a minha filha, use seus cavalos para atropelar o inimigo,” ela informara um lojista. “Ela venceria rapidamente dessa forma.” E, é claro, ela disse isso depois do jogo – isso e centenas de outras coisas inúteis que não tiveram nada a ver com minha vitória.

Aos amigos da família que nos visitavam, ela confidenciava, “Você não precisa ser esperta para vencer no xadrez. São apenas truques. Você sopra do Norte, Sul, Leste e Oeste. A outra pessoa fica confusa. Não sabem para que lado correr.”

Eu detestava o modo como ela tentava levar todo o crédito. E um dia, eu lhe disse, gritando com ela na Stockton Street, no meio de uma multidão de pessoas. Eu disse que ela não sabia de nada, então não deveria se exibir. Deveria calar a boca. As palavras fizeram efeito. Naquela noite e no dia seguinte, ela não falou comigo. Disse palavras ásperas a meu pai e meus irmãos, como se eu tivesse me tornado invisível e estivesse falando sobre um peixe podre que jogara fora, mas cujo mau cheiro permanecera. Eu conhecia essa estratégia, o modo sorrateiro para que alguém se lançasse em fúria e caísse numa armadilha. Então, eu a ignorei. Recusei-me a falar e esperei que ela viesse até mim.

Após vários dias terem se passado em silêncio, eu me sentei no quarto fitando os 64 quadrados de meu tabuleiro de xadrez, tentando pensar em outra forma. Foi quando decidi parar de jogar.

É claro que eu não quis dizer que iria parar para sempre. No máximo, alguns dias. E fiz um show daquilo. Ao invés de praticar em meu quarto todas as noites, como sempre fazia, eu marchei até a sala de estar e sentei-me na frente da televisão com meus irmãos, que me fitaram como se eu fosse uma indesejável intrusa. Usei meus irmãos para promover o plano; quebrei a cabeça para aborrecê-los.

“Ma!” eles gritaram. “Faça ela parar. Faça ela ir embora.”

Mas minha mãe não disse nada.

Ainda assim, eu não fiquei preocupada. Mas pude notar que teria que fazer uma jogada mais ousada. Eu decidi sacrificar um torneio que aconteceria dali a uma semana. Recusar-me-ia a jogar. E mamãe certamente teria que falar comigo a respeito. Porque os patrocinadores e associações beneficentes começariam a telefonar, exigindo, gritando, implorando para me fazer jogar novamente.

Então, o torneio veio e se foi. E ela não veio até mim, gritando, “Por que não está jogando xadrez?” Mas eu estava gritando por dentro, porque soube que um garoto, a quem havia derrotado facilmente em duas outras ocasiões, tinha vencido.

Eu percebi que mamãe conhecia mais truques do que eu pensava. Mas agora estava cansada de seu jogo. Eu queria começar a treinar para o próximo torneio. Então decidi fingir que a deixei ganhar. Eu seria aquela a falar primeiro.

“Estou pronta para jogar xadrez de novo,” anunciei para ela. Imaginei que mamãe daria um sorriso e perguntaria o que eu queria comer de especial.

Mas, ao invés disso, ela juntou o rosto num cenho franzido e fitou-me nos olhos, como se pudesse forçar algum tipo de verdade a sair de mim.

“Por que está me dizendo isso?” disse ela finalmente, num tom agudo. “Você acha que é tão fácil. Um dia pára, no dia seguinte joga. Tudo para você é assim. Tão esperto, tão fácil, tão rápido.”

“Eu disse que vou jogar,” choraminguei.

“Não!” ela gritou, e eu quase caí de costas. “Não é mais tão fácil.”

Eu estava tremendo, pasma com o que ela disse, não sabendo o que aquilo significava. Então voltei para meu quarto. Fitei meu tabuleiro, seus 64 quadrados, para ver como desfazer aquela terrível bagunça. E depois de ficar daquele modo durante várias horas, eu realmente acreditei que transformara os quadrados brancos em pretos e vice-versa, e tudo daria certo.

E com certeza, eu a tinha vencido. Naquela noite, tive uma febre alta e ela sentou-se ao meu lado na cama, repreendendo-me por ter ido à escola sem meu suéter. Pela manhã, ela esteve ali também, alimentando-me com mingau de arroz e caldo de galinha que ela própria coara. Ela disse que estava me dando aquilo porque eu possuía a febre do galo, e um galo saberia como combater outro. Durante a tarde, ela sentou-se numa cadeira em meu quarto, tricotando um suéter rosa para mim, enquanto contava sobre um suéter que Tia Suyuan tricotara para a filha June, e como ele era sem atrativos e da pior lã. Fiquei tão feliz por ela ter voltado ao normal.

Mas depois que melhorei, eu descobri que, na realidade, mamãe havia mudado. Ela não mais pairava sobre mim enquanto eu treinava diferentes jogadas de xadrez. Não polia meus troféus todos os dias. Ela não recortava os pequenos artigos de jornal que mencionavam meu nome. Era como se ela tivesse erguido uma parede invisível e eu secretamente caminhasse todos os dias às apalpadelas, para ver como estava alta e larga.

Em meu torneio seguinte, fui bem no total, mas no fim os pontos não foram suficientes. Eu perdi. E, o que era pior, mamãe não disse nada. Ela pareceu perambular com esse olhar satisfeito, como se tivesse acontecido porque ela idealizara aquela estratégia.

Fiquei horrorizada. Passei várias horas, todos os dias, remoendo na cabeça o que havia perdido. Eu sabia que não foi apenas no último torneio. Examinei cada movimento, cada peça, cada quadrado. Eu não conseguia mais ver as armas secretas de cada peça, a mágica dentro do cruzamento de cada quadrado. Eu conseguia ver somente meus erros, minhas fraquezas. Era como se eu tivesse perdido minha armadura mágica. E todo mundo podia ver isto, onde era tão fácil me atacar.

Durante as semanas seguintes e, mais tarde, meses e anos, eu continuei a jogar, mas nunca com a mesma sensação de suprema confiança. Eu lutava arduamente, com medo e desespero. Quando vencia, sentia-me agradecida, aliviada. E quando perdia, eu ficava repleta com um crescente medo e, então, terror de que não era mais uma prodígio, que havia perdido o talento e transformara-me em alguém completamente comum.

Quando perdi duas vezes para o garoto a quem havia derrotado tão facilmente há alguns anos atrás, eu parei totalmente de jogar xadrez. E ninguém reclamou. Eu estava com quatorze anos.

“Sabe, eu realmente não compreendo você,” disse Marlene, quando telefonei-lhe na noite após ter mostrado o casaco de mink a mamãe. “Você consegue dizer à IRS para se danarem, mas não consegue se defender de sua própria mãe.”

“Eu sempre tento, mas então ela solta essas pequenas coisas furtivas, bombas de fumaça, pequenas farpas, e...”

“Por que não diz a ela para parar de torturá-la,” disse Marlene. “Diga-lhe que pare de arruinar sua vida. Diga-lhe para calar a boca.”

“Isso é hilário,” respondo com um meio-riso. “Você quer que eu mande minha mãe calar a boca?”

“Claro, por que não?”

“Bem, eu não sei se está explicitamente declarado na lei, mas você nunca pode mandar uma mãe chinesa calar a boca. Você poderia ser usada como acessório para seu próprio assassinato.”

Eu não estaria com tanto medo de mamãe se não fosse por Rich. Eu já sabia o que ela faria, como o atacaria, como o criticaria. Ela ficaria em silêncio no começo. Então diria uma palavra a respeito de algo pequeno, algo que ela notara, então outra palavra, e mais outra, lançada como um pequeno grão de areia, uma dessa direção, outra por trás, mais e mais, até que sua imagem, seu caráter, sua alma fossem corroídos. E mesmo que reconhecesse sua estratégia, seu ataque furtivo, eu temia que algum despercebido grão de verdade soprasse em meu olho, nublasse o que eu estava vendo e o transformasse de homem divino, que eu pensava que era, em alguém completamente mundano, mortalmente ferido por enfadonhos hábitos e irritantes imperfeições.

Isso aconteceu em meu primeiro casamento, com Marvin Chen, a pessoa com quem fugi quando eu estava com dezoito anos e ele, dezenove. Quando me apaixonei por Marvin, ele era quase perfeito. Graduara-se em terceiro lugar na sua turma em Lowell e conseguira uma bolsa de estudos integral para Stanford. Jogava tênis. Possuía pernas musculosas e cento e quarenta e seis pêlos negros em seu peito. Fazia todos rirem e sua própria risada era profunda, sonora, masculinamente sexy. Ele se vangloriava de ter posições amorosas favoritas para diferentes dias e horas da semana; tudo que ele tinha que sussurrar era “Quarta-feira à tarde” e eu estremecia.

Mas no momento em que mamãe começou a fazer suas observações a respeito dele, eu vi que o cérebro de Marvin se encolhera de preguiça, então, agora era bom apenas para pensar em desculpas. Ele perseguia bolas de golfe e tênis para fugir das responsabilidades para com a família. Seus olhos percorriam as pernas de outras garotas

de cima a baixo, então ele não sabia mais como dirigir direto para casa. Ele gostava de contar grandes piadas para fazer outras pessoas se sentirem pequenas. Ele dava um ruidoso show ao deixar dez dólares de gorjeta para estranhos, mas era sovina com presentes para a família. Ele pensava que encerrar seu carro esporte vermelho, durante a tarde toda, era mais importante do que levar a esposa para algum lugar dentro dele.

Meus sentimentos por Marvin nunca alcançaram o nível de ódio. Não, era pior, de certa maneira. Foi de desapontamento para desprezo a um indiferente aborrecimento. Pouco antes de nos separar, nas noites em que Shoshana estava adormecida e eu solitária, me perguntei se mamãe não teria envenenado meu casamento.

Graças a Deus, seu veneno não afetou minha filha, Shoshana. Porém, eu quase abortei. Quando descobri que estava grávida, fiquei furiosa. Eu secretamente referia-me à minha gravidez como um “crescente ressentimento”, e arrastei Marvin até a clínica para que ele sofresse o mesmo também. Aconteceu que acabamos indo para o tipo errado de clínica. Eles nos fizeram assistir um filme, uma terrível sessão de lavagem cerebral puritana. Eu vi aquelas coisinhas, chamavam de bebês mesmo com sete semanas, e eles possuíam minúsculos dedos. E o filme dizia que os dedos translúcidos do bebê conseguiam se mover, que deveríamos imaginá-los agarrando-se à vida, apegando-se a uma chance, esse milagre da vida. Se eles tivessem mostrado qualquer outra coisa exceto dedos minúsculos – então, graças a Deus que o fizeram. Porque Shoshana realmente foi um milagre. Ela era perfeita. Achei cada detalhe a respeito dela extraordinário, especialmente o modo como flexionava e dobrava seus dedos. Desde o momento em que ela lançou seu punho da boca para chorar, eu soube que meus sentimentos por ela seriam invioláveis.

Mas fiquei preocupada por Rich. Porque eu sabia que meus sentimentos por ele eram vulneráveis aos ataques, suspeitas, observações casuais e insinuações de minha mãe. E eu tinha medo pelo que iria perder então, porque Rich Schields me adorava do mesmo modo que eu adorava Shoshana. Seu amor era inequívoco. Nada poderia mudá-lo. Ele não esperava nada de mim; minha mera existência era o suficiente. E, ao mesmo tempo, ele disse que havia mudado – para melhor – por minha causa. Ele era embaraçosamente romântico; insistiu que nunca foi até me conhecer. E esta confissão tornou seus gestos românticos ainda mais enobrecedores. No trabalho, por exemplo, quando ele grampeava “PSE – Para Seu Entendimento”, lembretes para documentos legais e receitas corporativas que eu teria que revisar, ele escrevia na parte de trás: “PSE – Para Sempre Enamorados”. A empresa não sabia de nosso relacionamento, então aquele tipo de comportamento imprudente de sua parte me emocionava.

Porém, a química sexual foi o que realmente me surpreendeu. Eu pensei que ele seria um daqueles tipos silenciosos que eram embaraçosamente gentis e desajeitados, o tipo de sujeito com maneiras suaves que diz “Estou te machucando?” quando na verdade não estou sentindo absolutamente nada. Mas ele estava tão sintonizado com cada movimento que eu fazia, que eu tinha certeza que estava lendo minha mente. Ele não possuía inibições e qualquer um que tenha descoberto em mim, ele as arrancou como pequenos tesouros. Ele viu todos aqueles aspectos particulares a meu respeito – e eu quero dizer não apenas as partes sexuais, mas meu lado sombrio, minha maldade, mesquinhez, minha auto-aversão – todas as coisas que mantinha ocultas. Então, com ele, eu me sentia completamente nua e, quando estava, quando me sentia mais vulnerável – quando a palavra errada me faria sair pela porta para sempre – ele sempre dizia exatamente a coisa certa no momento certo. Ele não permitia que eu me cobrisse. Ele pegava minhas mãos, olhava-me direto nos olhos e dizia algo novo a respeito do por que me amava.

Eu nunca havia conhecido amor tão puro e eu temia que fosse maculado por minha mãe. Então, tentei guardar cada um desses gestos afetuosos sobre Rich em minha memória, e planejei recordá-los novamente quando fossem necessários.

Após pensar muito, eu surgi com um plano brilhante. Tramei um modo para que Rich conhecesse minha mãe e a conquistasse. De fato, arranjei para que mamãe quisesse cozinhar uma refeição especialmente para ele. Tive um pouco de ajuda de Tia Suyuan. Tia Su era uma amiga de longa data de mamãe. Eram muito chegadas, o que significa que elas incessantemente atormentavam uma à outra com bazófias e segredos. E eu dei a Tia Su um segredo para se gabar.

Depois de passearmos em North Beach, certo domingo, eu sugeri à Rich que parássemos para uma visita surpresa na casa de Tia Su e Tio Canning. Eles moravam em Leavenworth, há somente alguns quarteirões a oeste do apartamento de mamãe. Era final de tarde, bem na hora de pegar Tia Su preparando o jantar de domingo.

“Fiquem! Fiquem!” ela insistiu.

“Não, não. Estávamos apenas de passagem,” respondi.

“Já cozinhei o bastante para vocês. Vê? Uma sopa, quatro pratos. Vocês não comem, apenas ter que jogar fora. Desperdício!”

Como poderíamos recusar? Três dias depois, Tia Suyuan recebeu um bilhete de agradecimento enviado por Rich e eu. “Rich disse que foi a melhor comida chinesa que ele já provou,” eu escrevi.

E no dia seguinte, mamãe telefonou para me convidar para um jantar de aniversário atrasado para papai. Meu irmão, Vincent, traria sua namorada, Lisa Lum. Eu poderia levar um amigo também.

Eu sabia que ela faria isto porque cozinhar era o modo como mamãe expressava seu amor, seu orgulho, poder, a prova de que sabia mais do que Tia Su. “Apenas certifique-se de dizer a ela, mais tarde, que sua refeição foi a melhor que você provou, foi de longe melhor do que de Tia Su,” falei para Rich. “Acredite-me.”

Na noite do jantar, eu sentei na cozinha, observando-a cozinhar, esperando pelo momento certo para contar sobre nossos planos de casamento, que havíamos decidido nos casar em Julho próximo, dali a sete meses. Ela estava cortando berinjelas em fatias, tagarelando ao mesmo tempo sobre Tia Suyuan: “Ela consegue cozinhar somente olhando numa receita. Minhas instruções estão nos dedos. Eu sei quais ingredientes secretos colocar apenas usando meu nariz!” E ela fatiou com tal ferocidade, aparentemente desatenta à faca afiada, que temi que seus dedos se transformassem num dos ingredientes do prato de berinjela vermelha cozida com carne de porco desfiada.

Eu esperava que ela dissesse algo a respeito de Rich primeiro. Tinha visto sua expressão quando abriu a porta, seu sorriso forçado, enquanto examinava-o cuidadosamente da cabeça aos pés, verificando, sua avaliação negativa daquela já dada por Tia Suyuan. Tentei antecipar quais críticas ela faria.

Rich não somente não era chinês, como também era alguns anos mais jovem do que eu. E, infelizmente, ele parecia ainda mais jovem com seus cabelos ruivos encaracolados, a pele pálida e suave, e uma chuva de sardas alaranjadas sobre o nariz. Ele era um pouco baixo, robusto e compacto. Em seus ternos de trabalho escuros, ele ficava bem mais facilmente esquecível, como o sobrinho de alguém num funeral. Foi por isso que não o notei no primeiro ano em que trabalhamos juntos na empresa. Mas mamãe notou tudo.

“Então, o que achou de Rich?” perguntei finalmente, prendendo a respiração.

Ela lançou as berinjelas em óleo quente, fazendo um som alto e irritado de fritura. “Tantas pintas no rosto,” disse ela.

Pude sentir alfinetadas nas costas. “São sardas. Sardas são sinais de boa sorte, você sabe,” falei, um pouco acaloradamente demais, na tentativa de elevar minha voz acima do ruído da cozinha.

“Oh,” ela disse, inocentemente.

“Sim, quanto mais sardas, melhor. Todo mundo sabe disso.”

Ela considerou isto por um momento, sorriu e então falou, em chinês: “Talvez seja verdade. Quando era criança, você teve febre do galo. Tanta sarda que teve que ficar em casa por dez dias. Que sorte, você pensou.”

Eu não consegui salvar Rich na cozinha. E não pude salvá-lo mais tarde, na mesa do jantar. Ele havia trazido uma garrafa de vinho francês, algo que não sabia que meus pais poderiam não apreciar. Meus pais não possuíam sequer copos para vinho. Então, ele também cometeu o erro de beber não um, mas dois copos cheios, enquanto todos os outros beberam meio gole “apenas para sentir o gosto”.

Quando ofereci um garfo à Rich, ele insistiu em usar os escorregadios palitos de marfim. Segurou-os desajeitadamente como as pernas cambaias de uma avestruz, enquanto pegava um enorme pedaço de berinjela ao molho. Na metade do caminho entre o prato e sua boca aberta, a porção caiu sobre a imaculada camisa branca e escorregou para sua perna. Levou vários minutos para que Shoshana parasse de rir ruidosamente.

E então, ele serviu-se de enormes porções de camarão e ervilhas, não percebendo que deveria ter pego somente uma educada colherada até que todos tivessem se servido. Ele recusou as folhas verdes fritas, os macios e caros brotos de feijão colhidos antes que se tornassem sementes. E Shoshana recusou-se a comê-los também, apontando para Rich: “Ele não comeu! Ele não comeu!”

Ele pensou que estava sendo cortês ao recusar uma segunda porção, quando deveria ter seguido o exemplo de meu pai que deu um grande show ao se servir de duas, três e até mesmo quatro pequenas porções, sempre dizendo que não conseguia resistir a outro bocado de um ou outro, e então, gemendo que estava tão cheio que pensava que iria explodir.

Mas o pior foi quando Rich criticou a comida de mamãe, e ele nem mesmo soube o que tinha feito. Como é o costume chinês, mamãe sempre fazia observações depreciativas a respeito de sua própria comida. Naquela noite, ela escolheu se dirigir a seu famoso prato de carne de porco e vegetais ao vapor, que sempre servia com especial orgulho. “Ai! Esse prato não está temperado o suficiente, sem sabor,” queixou-se ela, depois de provar um pequeno pedaço. “Está ruim demais para comer.”

Essa era a deixa para que nossa família provasse e proclamasse que era a melhor que ela já fez. Mas antes que pudéssemos fazer isso, Rich disse “Sabe, tudo de que precisa é um pouco de molho de soja”. E precipitou-se a despejar uma cachoeira do molho negro e salgado na travessa, bem diante dos olhos horrorizados de mamãe.

Embora eu esperasse, durante o jantar, que mamãe de algum modo visse a bondade de Rich, seu senso de humor e charme infantil, eu sabia que ele havia falhado miseravelmente aos olhos dela. Rich, obviamente, teve uma opinião diferente de como a noite toda fora. Quando chegamos em casa naquela noite, depois que colocamos Shoshana na cama, ele disse com modéstia, “Bem, acho que recebemos um o-kay”.

Ele tinha o olhar de um dalmata, ofegante, leal, esperando para ser festejado.

“Uh-hmm,” respondi. Coloquei uma camisola velha, a dica de que eu não estava me sentindo amorosa. Ainda estava tremendo, recordando o modo como Rich havia

apertado firmemente as mãos de meus pais, com a mesma natural familiaridade com que cumprimentava nervosos novos clientes.

“Linda, Tim,” disse ele, “nos veremos novamente, em breve, tenho certeza.” Os nomes de meus pais são Lindo e Tin Jong e ninguém, exceto poucos e velhos amigos da família, nunca os chamou pelos primeiros nomes.

“Então, o que ela disse quando você contou?” Eu sabia que ele estava se referindo ao nosso casamento. Eu havia dito a Rich, anteriormente, que contaria à mamãe primeiro para que ela desse a notícia para papai.

“Eu não tive chance,” respondi, o que é verdade. Como eu poderia ter dito à mamãe que iria me casar quando, a cada momento possível em que estávamos sozinhas, ela parecia reparar no quanto era caro o vinho que Rich gostava de beber, ou como ele parecia pálido e doente, ou como Shoshana parecia estar triste.

Rich estava sorrindo. “Quanto tempo leva para se dizer ‘Mãe, pai, vou me casar’?”

“Você não compreende. Não entende minha mãe.”

Rich sacudiu a cabeça. “Uau! Nisso, você está certa. O inglês dela era péssimo. Sabe, quando ela estava falando a respeito daquele cara morto aparecendo em ‘Dinastia’, eu pensei que estava contando sobre algo que aconteceu na China há um longo tempo atrás.”

Naquela noite, após o jantar, fiquei deitada na cama, tensa. Estava desesperando-me sobre aquele último fracasso, piorado pelo fato de que Rich parecia cego a tudo. Ele parecia tão patético. ‘Tão patético’, aquelas palavras! Mamãe estava agindo novamente, me fazendo ver preto onde certa vez vi branco. Nas mãos dela, eu sempre me transformava no peão. Eu podia apenas fugir. E ela era a Rainha, capaz de se mover em todas as direções, implacável em sua perseguição, sempre capaz de encontrar meus pontos mais fracos.

Eu acordei tarde, os dentes cerrados e cada nervo no limite. Rich já havia levantado, tomado banho e estava lendo o jornal de domingo. “Bom dia, amor,” disse ele, entre ruidosas mastigadas de flocos de milho. Vesti minhas roupas de corrida, encaminhei-me para a porta, entrei no carro e dirigi até o apartamento de meus pais. Marlene estava certa. Eu tinha que contar à mamãe – que eu sabia o que ela estava fazendo, seus métodos maquinadores para me fazer miserável. No momento em que cheguei, eu já possuía raiva suficiente para me defender de mil facas voadoras. Papai abriu a porta e pareceu surpreso em me ver.

“Onde está mamãe?” perguntei, tentando manter minha respiração sob controle. Ele gesticulou para a sala de estar nos fundos.

Eu a encontrei dormindo profundamente no sofá. Sua cabeça descansava numa toalha branca bordada. Sua boca estava frouxa e todas as linhas do rosto haviam desaparecido. Com seu rosto liso, ela parecia uma garotinha, frágil, ingênua e inocente. Um braço pendia frouxamente da lateral do sofá. O peito estava imóvel. Toda sua força sumira. Ela não possuía armas, quaisquer demônios a cercando. Ela parecia impotente. Derrotada.

E então, fui tomada pelo medo de que ela parecia assim porque estava morta. Ela morreria enquanto eu estava tendo pensamentos terríveis a seu respeito. Eu desejei que ela sáísse de minha vida e ela concordara, flutuando de seu corpo para escapar de meu terrível ódio.

“Ma!” falei agudamente. “Ma!” gemi, começando a chorar.

Seus olhos se abriram lentamente. Ela piscou. Suas mãos mexeram-se com vida. “Shemma? Meimei – ah? É você?”

Fiquei estupefata. Ela não me chamava de Meimei, meu nome de infância, há muitos anos. Ela se sentou e as linhas do rosto voltaram, só que agora elas pareciam menos severas, suaves rugas de preocupação. “Por que está aqui? Por que está chorando? Algo aconteceu!”

Eu não soube o que fazer ou dizer. Em questão de segundos, ao que parece, havia me sentido furiosa por sua força, espantada por sua inocência, e então assustada por sua vulnerabilidade. Agora, eu me sentia entorpecida, estranhamente fraca, como se alguém tivesse me desligado e a corrente que circulava dentro de mim houvesse parado. “Não aconteceu nada. Nada que importe. Eu não sei por que estou aqui,” respondi numa voz rouca. “Eu queria conversar com você... queria lhe contar que... Rich e eu vamos nos casar.”

Fechei os olhos, esperando para ouvir seus protestos, suas queixas, a voz seca anunciando algum tipo de doloroso veredicto. “Jrdaule” – eu já sei disso – ela falou, como se estivesse perguntando por que eu estava lhe dizendo aquilo novamente.

“Você sabia?”

“É claro. Mesmo se você não me contasse,” disse ela simplesmente.

Aquilo era pior do que eu havia imaginado. Ela soubera o tempo todo, quando criticou o casaco de mink, quando depreciou suas sardas e reclamou sobre seus hábitos com bebida. Ela o desaprovava. “Eu sei que você o odeia,” falei com a voz trêmula. “Sei que acha que ele não é bom o bastante, mas eu...”

“Odiar? Por que você acha que odeio seu futuro marido?”

“Você nunca quis falar a respeito dele. No outro dia, quando comecei a contar sobre ele e Shoshana no Exploratório, você... você mudou de assunto... começou a falar sobre a cirurgia exploratória de papai e então...”

“O que é mais importante, explorar diversão ou explorar doença?”

Eu não a deixaria escapar dessa vez. “Então, quando o conheceu, você disse que ele possuía pintas no rosto.”

Ela me fitou perplexa. “E isso não é verdade?”

“Sim, mas você disse apenas para ser mesquinha, para me magoar, para...”

“Ai-ya, por que você pensa essas coisas ruins a meu respeito?” Seu rosto pareceu velho e cheio de mágoa. “Então você acha que sua mãe é assim tão ruim. Você acha que tenho maldade secreta. Mas é você quem tem essa maldade. Ai-ya! Ela acha que sou ruim assim!” Ela se sentou ereta e orgulhosa sobre o sofá, a boca cerrada firmemente, as mãos apertadas, seus olhos cintilando com lágrimas zangadas.

Oh, sua força! Sua fraqueza! – ambas me destruindo. Meu coração voava para um lado, minha mente para outro. Sentei-me no sofá ao lado dela, as duas feridas uma pela outra. Senti-me como se houvesse perdido uma batalha, mas uma que eu não sabia que havia lutado. Estava cansada.

“Vou para casa,” eu disse, por fim. “Não estou me sentindo muito bem no momento.”

“Você ficou doente?” ela murmurou, colocando a mão em minha testa.

“Não,” respondi. Eu queria ir embora. “Eu... eu apenas não sei o que há dentro de mim agora.”

“Então, eu lhe direi,” disse ela simplesmente. E eu a fitei. “Metade de tudo que há dentro de você,” explicou em chinês, “vem do lado de seu pai. Isso é natural. Eles são do clã Jong, povo cantonês. Pessoas boas, honestas. Embora, às vezes, sejam um pouco temperamentais e sovinas. Você sabe disso por seu pai, como ele pode ser a menos que eu o lembre.”

E eu comecei a pensar comigo mesma, por que ela está me contando isso? O que tem a ver com todo o resto? Mas mamãe continuou falando, sorrindo largamente, esfregando a mão. “E metade de tudo que há dentro de você veio de mim, o lado de sua mãe, do clã

Sun em Taiyuan.” Ela escreveu os caracteres nas costas de um envelope, esquecendo que eu não conseguia ler chinês.

“Somos pessoas espertas, muito fortes, astutas e famosas por vencerem guerras. Você conhece Sun Yat-sem, hah?”

Eu assenti.

“Ele é do clã Sun. Mas sua família se mudou para o sul há vários séculos atrás, então ele não é exatamente do mesmo clã. Minha família sempre viveu em Taiyuan, até mesmo antes da época de Sun Wei. Você conhece Sun Wei?”

Eu sacudi a cabeça. Embora ainda não soubesse para onde aquela conversa estava indo, me senti mais calma. Pareceu ser a primeira vez que estávamos tendo uma conversa quase normal. “Ele foi para a batalha com Genghis Khan. E quando os soldados mongóis atiraram contra os guerreiros de Sun Wei – heh! – suas flechas quicaram contra os escudos como chuva sobre pedra. Sun Wei havia construído uma espécie de armadura tão forte que Genghis Khan acreditou que fosse mágica!”

“Genghis Khan deve ter inventado algumas flechas mágicas então,” respondi. “Afim de contas, ele conquistou a China.”

Mamãe agiu como se não tivesse escutado direito. “Isso é verdade, sempre soubemos como vencer. Então, agora você sabe o que há dentro de você, quase tudo de bom de Taiyuan.”

“Acho que nos desenvolvemos apenas para vencer no mercado de brinquedos e eletrônica,” falei.

“Como sabe disso?” perguntou ela, ansiosamente.

“Você vê em tudo. Fabricado em Taiwan.”

“Ai!” gritou ela ruidosamente. “Eu não sou de Taiwan!”

E rápido assim, a frágil conexão que estávamos começando a construir, rompeu-se.

“Eu nasci na China, em Taiyuan,” disse ela. “Taiwan não é China.”

“Bem, eu apenas pensei que você havia dito ‘Taiwan’ porque soa igual,” argumentei, irritada por ela estar aborrecida com tal erro involuntário.

“Som é completamente diferente! País é completamente diferente!” disse ela, com raiva. “Pessoas lá apenas sonham que é China, porque se você é chinês, nunca abandona a China em sua mente.”

Mergulhamos no silêncio, um impasse. Então, os olhos dela se iluminaram. “Agora, escute. Você também pode dizer que o nome de Taiyuan é Bing. Todos daquela cidade a chamam assim. Mais fácil para você dizer. Bing é um apelido.”

Ela escreveu o caractere, e eu concordei, como se isso tornasse tudo perfeitamente claro. “O mesmo que aqui,” acrescentou ela, em inglês. “Vocês chamam Nova York de Maçã. Frisco para San Francisco.”

“Ninguém chama San Francisco assim!” respondi, rindo. “Pessoas que a chamam assim, não a conhecem melhor.”

“Agora você entendeu o que eu quis dizer,” disse mamãe, triunfantemente.

Eu sorri.

E é verdade, eu finalmente entendi. Não o que ela acabara de dizer. Mas o que foi verdadeiro o tempo todo.

Eu vi o que estive combatendo: era por mim, uma criança assustada que fugiu há muito tempo atrás para, o que eu imaginei ser, um lugar seguro. E me escondendo nesse lugar, atrás de minhas barreiras invisíveis, eu sabia o que havia do outro lado: os ataques conjuntos dela. Suas armas secretas. Sua habilidade sobrenatural para encontrar meus pontos fracos. Mas no breve instante em que perscrutei por cima das barreiras, eu pude ver finalmente o que havia ali na realidade: uma mulher velha com uma panela

como armadura, uma agulha de tricô como sua espada, cutucando uma pequena ostra, esperando pacientemente que sua filha a convidasse para entrar.

Rich e eu decidimos adiar nosso casamento. Mamãe diz que Julho não é uma época boa para ir à China em nossa lua-de-mel. Ela sabe disso porque ela e papai acabaram de voltar de uma viagem para Beijing e Taiyuan.

“É quente demais no verão. Você apenas vai adquirir mais sardas e, então, todo seu rosto ficará vermelho!” ela diz à Rich.

E Rich sorri, gesticulando com o polegar na direção de mamãe, falando: “Você consegue acreditar no que sai da boca dela? Agora eu sei de onde veio essa sua natureza doce e diplomática.”

“Vocês devem ir em Outubro. É a melhor época. Nem muito quente nem muito frio. Estou pensando em voltar para lá também,” diz ela, autoritariamente. Então, acrescenta depressa: “É claro que não com vocês!”

Eu rio nervosamente e Rich faz piada: “Isso seria ótimo, Lindo. Você poderia traduzir todos os cardápios para nós, certificando-se de que não estaríamos comendo cobras ou cachorros por engano.” Eu quase lhe dou um chute.

“Não, não foi isto que eu quis dizer,” insiste mamãe. “De verdade, não estou pedindo.”

E eu sei o que ela realmente quer dizer. Ela adoraria ir para a China conosco. E eu detestaria. Três semanas valendo suas queixas a respeito de palitos sujos e sopa fria, três refeições por dia – bem, seria um desastre.

Ainda assim, parte de mim também acha que a idéia toda faz perfeito sentido. Nós três, deixando as diferenças para trás, pisando no avião juntos, sentados lado a lado, decolando, movendo do Oeste para alcançar o Leste.

Rose Hsu Jordan – Sem Madeira

Eu costumava acreditar em tudo que mamãe dizia, mesmo quando não sabia o que ela queria dizer. Certa vez, quando eu era pequena, ela me contou que sabia que choveria porque fantasmas perdidos estavam circulando perto de nossas janelas, sussurrando “woo-woo” para os deixarem entrar. Ela dizia que as portas se destrancavam sozinhas no meio da noite a menos que as checássemos duas vezes. Dizia que um espelho podia ver apenas meu rosto, mas ela conseguia me ver de dentro para fora mesmo que eu não estivesse no quarto. E todas essas coisas pareciam ser verdade para mim. O poder de suas palavras possuía aquela força.

Ela dizia que se eu a ouvisse, mais tarde saberia o que ela sabia: de onde vinha as palavras verdadeiras, sempre lá do alto, acima de tudo o mais. E se eu não a escutasse, ela dizia que meu ouvido curvar-se-ia fácil demais às outras pessoas, todas dizendo palavras que não possuíam significado duradouro, porque vinham do fundo de seus corações onde os próprios desejos moravam, um lugar à qual eu não poderia pertencer.

As palavras que mamãe dizia vinham do alto. E pelo que recordo, eu estava sempre olhando para seu rosto, enquanto permanecia deitada sobre o travesseiro. Naquela época, minhas irmãs e eu dormíamos na mesma cama dupla. Janice, minha irmã mais velha, tinha uma alergia que fazia sua narina cantar como um passarinho à noite, então a chamava de Nariz Assobiador. Ruth era Pé Feio porque conseguia esticar os dedos no formato das garras de uma bruxa. Eu era Olhos Assustados, porque espremia os olhos para não ter que ver a escuridão, o que Janice e Ruth diziam ser uma coisa estúpida de se fazer. Durante a infância, eu era a última a dormir. Agarrava-me à cama, me recusando a deixar este mundo pelos sonhos.

“Suas irmãs já foram visitar o velho Sr. Chou,” sussurrava mamãe, em chinês. De acordo com ela, o velho Sr. Chou era o guardião de uma porta que se abria para os sonhos. “Você está pronta para visitar o velho Sr. Chou também?”

E toda noite, eu sacudia a cabeça. “O velho Sr. Chou me leva para lugares ruins,” choramingava.

O velho Sr. Chou fazia minhas irmãs dormirem. Elas nunca se lembravam de nada da noite anterior. Mas ele abria a porta para mim e, quando eu tentava entrar, fechava-a rapidamente esperando me esmagar como uma mosca. Era por isso que eu sempre me precipitava a acordar.

Mas, por fim, o velho Sr. Chou ficava cansado e deixava a porta não vigiada. A cama ficava mais pesada no topo e lentamente se inclinava. E eu mergulhava de cabeça através da porta do velho Sr. Chou, aterrissando numa casa sem portas nem janelas.

Eu lembro de, certa vez, ter sonhado que estava caindo através de um buraco no chão do velho Sr. Chou. Encontrei-me num jardim noturno e o velho gritou, “Quem está em meu quintal?” Eu fugi. Logo, descobri estar pisando sobre plantas com veias de sangue, correndo por campos de dente-de-leão que mudavam de cor como semáforos, até que cheguei num parque gigante, cheio de fileiras e fileiras de caixas de areia quadradas. Em cada caixa, havia uma boneca nova. E mamãe, que não estava lá mas podia ver-me à fundo, disse ao velho Sr. Chou que sabia qual boneca eu pegaria. Então, decidi pegar uma completamente diferente.

“Detenha-a! Detenha-a!” gritou mamãe. E enquanto tentava escapar, o velho Sr. Chou me perseguiu, gritando, “Veja o que acontece quando não escuta sua mãe!” E eu ficava paralisada, assustada demais para me mover em qualquer direção.

Na manhã seguinte, eu contei à mamãe o que aconteceu e ela riu, dizendo, “Não dê atenção ao velho Sr. Chou. Ele é apenas um sonho. Você tem que ouvir somente a mim.”

Eu chorei, “Mas o velho Sr. Chou escutou você também.”

Mais de trinta anos se passaram, e mamãe ainda está tentando me fazer ouvir. Um mês depois de ter lhe contado que Ted e eu estávamos nos divorciando, eu a encontrei na igreja, no funeral de China Mary, uma maravilhosa velhinha de 92 anos que bancara a madrinha de cada criança que passou pelas portas da Primeira Igreja Batista Chinesa.

“Você está ficando muito magra,” disse mamãe, em sua voz aflita, quando me sentei ao lado dela. “Deve comer mais.”

“Estou bem,” respondi, e sorri como prova. “Além do mais, não foi você quem disse que minhas roupas sempre estavam muito apertadas?”

“Coma mais,” ela insistiu, e então me cutucou com um pequeno livro intitulado ‘Cozinhando à Moda Chinesa por China Mary Chan’. Eles estavam o vendendo na porta, por apenas cinco dólares cada, para arrecadar fundos para bolsas de estudo aos refugiados.

A música de órgão parou e o pastor limpou a garganta. Ele não era o pastor habitual; eu o reconheci como sendo Wing, um garoto que costumava roubar cartões de baseball com meu irmão Luke. Só que mais tarde, Wing foi para o seminário, graças a Mary Chan, e Luke para a cadeia municipal, por vender estéreos de carro roubados.

“Eu ainda posso ouvir sua voz,” disse Wing aos presentes. “Ela dizia que Deus a fez com todos os ingredientes certos, então seria uma vergonha se queimasse no inferno.”

“Já foi cre-mada,” sussurrou mamãe trivialmente, acenando para o altar onde uma foto colorida e emoldurada de China Mary jazia. Eu levei um dedo aos lábios como as bibliotecárias faziam, mas ela não entendeu.

“Aquele, nós compramos.” Ela estava apontando para um enorme ramalhete de crisântemos amarelos e rosas vermelhas. “Trinta e quatro dólares. Tudo artificial, então vai durar para sempre. Pode me pagar depois. Janice e Matthew também dividiram as despesas. Você tem dinheiro?”

“Sim. Ted me enviou um cheque.”

Então, o pastor pediu que todos baixassem as cabeças em oração. Mamãe finalmente ficou em silêncio, tocando o nariz com Kleenex, enquanto o pastor dizia: “Eu posso vê-la agora mesmo, surpreendendo os anjos com sua culinária chinesa e atitude otimista.”

Quando as cabeças se levantaram, todos ficaram em pé para cantar um número do hino 335, o favorito de China Mary: “Você pode ser um anjo, to-dos os dias na terra...”

Mas minha mãe não estava cantando. Estava me encarando. “Por que ele lhe mandou um cheque?” Eu continuei olhando para o livro de hinos, cantando: “Enviando raios de sol, plenos de alegria do nascimento.”

Então ela mesma respondeu a pergunta, sorridentemente: “Ele está saindo às escondidas com outra pessoa.”

Saindo? Ted? Eu quis rir – por sua escolha de palavras, mas também pela idéia! O frio, calmo, calvo Ted, cujo padrão de respiração não se alterava sequer por um instante no calor da paixão? Eu conseguia até imaginá-lo grunhindo “Ooh-ooh-oh”, enquanto arranhava as axilas, balançando e guinchando sobre o colchão, tentando agarrar um peito.

“Não, eu acho que não,” respondi.

“Por que não?”

“Não acho que devemos falar a respeito de Ted agora, não aqui.”

“Por que você pode falar a respeito disso com um psiqui-atro e não com sua mãe?”

“Psiquiatra.”

“Psiquia-truques,” ela se corrigiu. “Uma mãe é melhor. Uma mãe sabe o que está dentro de você”, disse, acima do coro de vozes. “Um psiquia-truque irá apenas deixá-la ‘hulihudu’, fazer você ver ‘heimongmong’.”

De volta para casa, eu pensei no que ela disse. E era verdade. Ultimamente, eu vinha me sentindo ‘hulihudu’. E tudo ao meu redor parecia estar ‘heimongmong’. Eu nunca pensei nessas palavras em termos ingleses. Suponho que os significados mais próximos sejam ‘confusa’ e ‘nublado’.

Mas, na realidade, as palavras significam muito mais do que isso. Talvez não possam ser facilmente traduzidas porque se referem a uma sensação que apenas os chineses possuem, como se você estivesse caindo de cabeça através da porta do velho Sr. Chou e, então, tentasse encontrar o caminho de volta. Mas você está tão assustada que não consegue abrir os olhos, e apenas fica de joelhos e engatinha no escuro, procurando ouvir vozes que lhe digam que caminho tomar.

Eu tenho conversado com várias pessoas, meus amigos, todos ao que parece, exceto com Ted. Para cada pessoa, eu contei uma história diferente. No entanto, cada versão foi verdadeira, eu tinha certeza, ao menos no instante em que a contei.

Para minha amiga Waverly, eu disse que nunca soube o quanto amava Ted até que vi o quanto ele podia me magoar. Senti tal dor, literalmente uma dor física, que foi como se alguém tivesse arrancado meus braços sem anestesia, sem me costurar de volta.

“Você alguma vez já teve os braços arrancados com anestesia? Deus! Nunca a vi tão histérica,” disse Waverly. “Quer minha opinião, você está melhor sem ele. Dói apenas porque você levou quinze anos para descobrir que parasita emocional ele é. Escute, eu sei como se sente.”

Para minha amiga Lena, eu disse que estava melhor sem Ted. Após o choque inicial, percebi que não sentia falta dele afinal. Apenas sentia falta do modo como me sentia quando estava com ele.

“E como era isso?” arfou Lena. “Você estava deprimida. Foi manipulada a pensar que era um nada ao lado dele. E agora pensa que é nada sem ele. Se eu fosse você, pegaria o nome de um bom advogado e correria atrás de tudo que pudesse. Ficariam quites.”

Eu disse a meu psiquiatra que estava obcecada com vingança. Sonhava que telefonava para Ted, convidando-o para jantar num daqueles lugares da moda, como o Café Majestic ou o Rosalie’s. Depois que ele começava o primeiro prato e estava bem relaxado, eu dizia: “Não é assim tão fácil, Ted.” Tirava uma boneca de vodu, que Lena já teria me emprestado de seu departamento de apoio, de dentro de minha bolsa. Eu mirava meu garfo de escargot para um ponto estratégico na boneca e dizia bem alto, na frente de todos os clientes elegantes do restaurante, “Ted, você não passa de um bastardo impotente, e vou me certificar de que continue desse jeito”. Wham!

Dizendo isto, eu sentia que havia corrido até o topo de uma grande virada em minha vida, um novo ‘eu’, depois de somente duas semanas de psicoterapia. Mas meu psiquiatra apenas pareceu entediado, a mão ainda escorando o queixo. “Parece que você vem experimentando alguns sentimentos bem poderosos,” disse ele, sonolento. “Acho que devemos pensar mais a respeito disso na próxima semana.”

E então, eu não soube mais o que pensar. Durante as semanas seguintes, fiz um inventário de minha vida, indo de quarto em quarto para tentar recordar a história de tudo na casa: coisas que juntei antes de conhecer Ted (copos artesanais, tapetes de parede macramé e o berço que recondicionei); coisas que compramos juntos, logo depois que nos casamos (a maior parte da mobília grande); coisas que as pessoas nos

deram (o relógio de vidro que não funcionava mais, três aparelhos de saquê, quatro bules de chá); coisas que ele escolhia (as litografias assinadas, nenhuma delas acima do número vinte e cinco numa série de duzentos e cinquenta, os morangos de cristal Steuben); e coisas que eu escolhia porque não suportava deixá-las para trás (os castiçais perdidos de vendas de garagem, uma colcha antiga com um buraco nela, frascos de formato estranho que certa vez contiveram ungüentos, temperos e perfumes).

Havia começado a relacionar as prateleiras de livros quando recebi uma carta de Ted, na realidade um bilhete, escrito apressadamente com esferográfica em seu bloco de receitas médicas. “Assine 4x onde indicado,” lia-se. E então, em tinta azul-marinho, “anexo: cheque para seu estabelecimento até tudo estar resolvido”.

O bilhete estava preso aos papéis de divórcio, junto com um cheque de dez mil dólares, assinado com a mesma tinta azul-marinho do bilhete. Ao invés de me sentir grata, estava ferida. Por que ele mandara o cheque com os papéis? Por que as duas canetas diferentes? O cheque havia sido uma reflexão? Por quanto tempo ele ficou sentado em seu escritório, determinando quanto dinheiro seria suficiente? E por que escolheu aquela caneta para assinar?

Eu ainda me lembro da expressão em seu rosto, no ano passado, quando ele cuidadosamente desfez o embrulho laminado dourado, a surpresa em seus olhos enquanto lentamente examinava cada ângulo da caneta, sob a luz da árvore de Natal. Ele beijou minha testa. “Vou usar apenas para assinar coisas importantes,” havia prometido.

Recordando aquilo, segurando o cheque, tudo que eu pude fazer foi sentar na beirada do sofá, sentindo a cabeça pesada. Fitei os x’s nos papéis de divórcio, as palavras no bloco de receitas, as duas cores de tinta, a data do cheque, a maneira cuidadosa com que ele escrevera “dez mil apenas e nenhum centavo”.

Fiquei ali sentada, silenciosa, tentando ouvir meu coração para tomar a decisão certa. Mas então, eu percebi que não sabia quais eram as escolhas. Coloquei os papéis e o cheque numa gaveta onde mantinha cupons de compra que eu nunca jogava fora e tampouco usava. Mamãe, certa vez, contou-me por que eu era tão confusa o tempo todo. Ela disse que eu não possuía madeira. Nasci sem madeira, então ouvia muitas pessoas. Ela sabia disso porque quase se tornou dessa forma.

“Uma garota é como uma jovem árvore,” disse. “Você deve ficar em pé e ouvir sua mãe, parada ao lado. É a única forma de crescer forte e reta. Mas, se você se inclina para ouvir outras pessoas, crescerá torta e fraca. Desabará no chão com o primeiro vento forte. Então, será como uma erva-daninha, crescendo selvagem em qualquer direção, projetando-se pelo chão até que alguém a arranque e jogue fora.”

Mas no momento em que ela disse isto, era tarde demais. Eu já tinha começado a inclinar-me. Tinha começado a ir para a escola, onde uma professora chamada Sra. Berry nos fazia ficar em fila e marchar para dentro e fora das salas, pra cima e pra baixo nos corredores, enquanto gritava, “Meninos e meninas, sigam-me.” E, se você não a ouvisse, ela faria com que se curvasse e bateria com uma varinha dez vezes.

Eu ainda escutava mamãe, mas também aprendi como deixar suas palavras soprares através de mim. Às vezes, eu enchia a cabeça com pensamentos de outras pessoas – todos em inglês – para que, quando ela me perscrutasse por dentro, ficasse confusa com o que via. Ao longo dos anos, eu aprendi a escolher entre as melhores opiniões. Pessoas chinesas possuíam opiniões chinesas. Americanos possuíam opiniões americanas. E quase na maioria dos casos, a versão americana era muito melhor.

Foi somente mais tarde que descobri que havia um sério defeito com a versão americana. Havia escolhas demais, então era fácil ficar confusa e escolher a coisa errada. Foi como eu me senti a respeito da situação com Ted. Havia tanto em que pensar, tanto a decidir. Cada decisão significava um giro em outra direção.

O cheque, por exemplo. Eu me indaguei se Ted estava realmente tentando me enganar, me fazer admitir que estava desistindo, que não lutaria contra o divórcio. E se eu o descontasse, mais tarde, ele poderia dizer que a quantia era todo o acordo. Então fiquei um pouco sentimental e imaginei, apenas por um momento, que ele tinha me enviado dez mil dólares porque realmente me amava; estava me dizendo à sua própria maneira o quanto eu significava para ele. Até que percebi que dez mil dólares não eram nada para ele, que eu não era nada para ele.

Pensei em colocar um fim àquela tortura e assinar os papéis de divórcio. E estava prestes a pegar o documento na gaveta de cupons, quando me lembrei da casa.

Pensei comigo mesma, eu amo esta casa. A grande porta de carvalho que se abre para um vestíbulo coberto de janelas com vitrais. A luz do sol na sala de jantar, a vista sul da cidade através do salão frontal. O jardim de flores e ervas que Ted havia plantado. Ele costumava trabalhar no jardim todo final de semana, ajoelhando-se sobre um tapete de borracha verde, inspecionando obsessivamente cada folha, como se estivesse manicurando unhas. Ele designou plantas para certas caixas de horta. Tulipas não podiam ser misturadas com perenes. Uma muda de aloe vera, que Lena me deu, não pertencia a lugar nenhum porque não possuíamos outras espécies.

Olhei pela janela e vi que os lírios tinham caído e murchado, as margaridas haviam sido esmagadas pelo próprio peso, as alfaces não germinaram. Ervas daninhas cresciam entre as lajes da calçada ao longo da horta. A coisa toda havia crescido selvagemmente, após meses de negligência.

Ver o jardim naquela condição descuidada lembrou-me de algo que li, certa vez, num biscoito da sorte. Quando um marido pára de prestar atenção ao jardim, ele está pensando em arrancar raízes. Quando foi a última vez que Ted podou os pés de alecrim? Quando foi a última vez que ele pulverizou os canteiros?

Fui rapidamente até o galpão do jardim, procurando por pesticidas e adubo contra ervas-daninhas, como se a quantidade deixada no recipiente, a data de validade, qualquer coisa, fosse me dar alguma idéia do que estava acontecendo em minha vida. Então larguei o recipiente. Tive a sensação de que alguém estava me observando e rindo. Voltei para dentro de casa, dessa vez para chamar um advogado. Mas assim que comecei a discar, fiquei confusa. Larguei o receptor. O que eu poderia dizer? O que eu queria do divórcio – quando nunca soube o que quis do casamento?

Na manhã seguinte, eu ainda estava pensando em meu casamento: quinze anos vivendo na sombra de Ted. Fiquei deitada na cama, os olhos bem fechados, incapaz de tomar as decisões mais simples. Permaneci na cama por três dias, levantando-me apenas para ir ao banheiro ou para esquentar outra lata de sopa de galinha. Mas, na maior parte, eu dormia. Peguei as pílulas para dormir que Ted havia deixado no armário de remédios. E pela primeira vez da qual consigo me lembrar, eu não tive sonhos. Tudo que pude recordar foi que estava caindo suavemente num espaço escuro sem nenhuma sensação de dimensão ou direção. Eu era a única pessoa naquela escuridão. E toda vez que acordava, tomava outra pílula e voltava para aquele lugar.

Mas no quarto dia, tive um pesadelo. No escuro, eu não consegui ver o velho Sr. Chou, mas ele disse que me encontraria e, quando o fizesse, esmagar-me-ia contra o chão. Ele estava tocando um sino e quanto mais alto o sino badalava, mais perto ficava de me encontrar. Prendi a respiração para me impedir de gritar, mas o sino tocou cada vez mais alto até eu acordar.

Era o telefone. Devia ter tocado por uma hora sem parar. Atendi.

“Agora que está de pé, estou levando algumas sobras de comida,” disse mamãe. Ela soava como se pudesse me ver agora. Mas o quarto estava escuro, as cortinas cerradas.

“Ma, eu não posso...” respondi. “Não posso vê-la agora. Estou ocupada.”

“Ocupada demais para mãe?”

“Tenho um compromisso... com meu psiquiatra.”

Ela ficou em silêncio por alguns instantes. “Por que você não fala por si mesma?” disse ela, finalmente, num tom de voz aflito. “Por que não pode conversar com seu marido?”

“Ma,” respondi, sentindo-me esgotada. “Por favor. Não me diga mais para salvar meu casamento. Já é difícil o bastante como está.”

“Não estou lhe dizendo para salvar seu casamento,” ela protestou. “Eu apenas disse que deveriam conversar.”

Quando desliguei, o telefone tocou novamente. Era a recepcionista de meu psiquiatra. Havia faltado a meu compromisso naquela manhã, bem como há dois dias atrás. Eu iria querer remarcar? Respondi que daria uma olhada em minha agenda e retornaria a ligação. Cinco minutos depois, o telefone tocou novamente.

“Onde você estava?” Era Ted.

Eu comecei a tremer. “Fora,” respondi.

“Venho tentando encontrá-la durante os últimos três dias. Eu até mesmo liguei para a companhia telefônica, pedindo uma checagem na linha.”

Eu sabia que ele tinha feito isso, não por qualquer preocupação comigo, mas porque quando ele queria algo, ficava impaciente e irracional a respeito de pessoas que o faziam esperar. “Você sabe, já se passaram duas semanas,” disse ele, com óbvia irritação.

“Duas semanas?”

“Você não descontou o cheque nem devolveu os papéis. Eu queria ser legal a respeito disso, Rose. Posso conseguir alguém para tratar dos papéis oficialmente, você sabe.”

“Você pode?”

E então, sem perder um segundo, ele continuou a dizer o que realmente queria, o que era mais desprezível do que todas as coisas terríveis que eu havia imaginado.

Ele queria os papéis devolvidos, assinados. Ele queria a casa. Queria que a coisa toda estivesse terminada o mais breve possível. Porque queria se casar novamente, com outra pessoa. Antes que eu pudesse me impedir, arfei.

“Quer dizer que você estava saindo às escondidas com outra pessoa?” Eu estava tão humilhada que quase comecei a chorar.

Então, pela primeira vez em meses, após ter estado no limbo durante todo aquele tempo, tudo parou. Todas as perguntas se foram, não havia escolhas. Tive uma sensação de vazio – e me senti livre, selvagem. No fundo de minha mente, pude ouvir alguém rindo.

“O que é tão engraçado?” disse Ted, zangado.

“Desculpe-me,” respondi. “É só que...” tentei arduamente sufocar o riso, mas um deles escapou através de meu nariz com um ronco, o que me fez rir mais. E então, o silêncio de Ted me fez rir ainda mais.

Eu ainda estava arfando quando tentei iniciar novamente numa voz mais equilibrada. “Ouça, Ted, desculpe... Acho que é melhor você vir até aqui depois do trabalho.” Eu não sei por que disse aquilo, mas me senti bem ao fazê-lo.

“Não há nada sobre o que conversar, Rose.”

“Eu sei,” respondi, numa voz tão calma que até mesmo eu fiquei surpresa. “Só quero lhe mostrar algo. E não se preocupe, você terá seus papéis. Acredite.”

Eu não possuía qualquer plano. Não sabia o que iria lhe dizer mais tarde. Sabia apenas que queria que Ted me visse mais uma vez antes do divórcio.

O que acabei lhe mostrando foi o jardim. No momento em que ele chegou, a névoa de verão do fim da tarde já havia surgido. Eu estava com os papéis do divórcio no bolso de meu sobretudo. Ted tremia em seu casaco esporte, enquanto inspecionava os estragos no jardim. “Que bagunça,” eu o escutei murmurar para si mesmo, tentando soltar a barra da calça de um galho de amoras que serpenteava através da calçada. E eu sabia que ele estava calculando quanto tempo levaria para colocar o lugar em ordem.

“Gosto desse modo,” falei, tocando a ponta das cenouras cobertas pela vegetação, as cabeças alaranjadas saltadas sobre a terra como se estivessem prestes a nascer. E então, vi as ervas-daninhas: algumas haviam brotado entre as rachaduras da calçada. Outras se ancoravam nas laterais da casa. E muitas mais haviam encontrado refúgio sob os seixos soltos à caminho do telhado. Sem chance de arrancá-las, uma vez que haviam se enterrado na alvenaria; você acabaria derrubando a construção toda.

Ted estava catando ameixas do chão e jogando-as por sobre a cerca, no quintal do vizinho. “Onde estão os documentos?” disse ele, por fim.

Eu os entreguei e ele enfiou-os no bolso interno do casaco. Ele me encarou e eu vi seus olhos, a expressão que certa vez confundi com bondade e proteção. “Você não tem que se mudar imediatamente,” disse ele. “Sei que vai querer pelo menos um mês para encontrar um lugar.”

“Eu já encontrei um lugar,” respondi rapidamente porque, desde então, eu já sabia onde iria viver. Suas sobrancelhas se arquearam em surpresa e ele sorriu – por um breve momento – até que eu disse, “Aqui.”

“O que é isso?” retrucou ele, agudamente. Suas sobrancelhas ainda estavam arqueadas, mas agora não havia sorriso.

“Eu disse que vou ficar aqui,” anunciei novamente.

“Quem disse?” ele cruzou os braços sobre o peito e fitou-me de esguelha, examinando meu rosto como se soubesse que se partiria a qualquer momento. Esta sua expressão costumava me aterrorizar a ponto de eu gaguejar.

Agora eu não sentia nada, nenhum medo, nenhuma raiva. “Eu disse que vou ficar, e meu advogado dirá também, assim que tratarmos dos papéis com ele,” falei.

Ted agarrou os documentos e verificou. Seus x’s ainda estavam lá, os espaços em branco ainda brancos. “O que acha que está fazendo? Exatamente o quê?” disse ele.

E a resposta, aquela que era a mais importante dentre quaisquer outras, percorreu meu corpo e saiu de meus lábios: “Você não pode simplesmente me arrancar de sua vida e me jogar fora.”

Eu vi o que queria: seus olhos confusos, e então assustados. Ele estava ‘hulihudu’. O poder de minhas palavras possuía aquela força.

Naquela noite, eu sonhei que vagava pelo jardim. As árvores e arbustos estavam cobertos de névoa. Então avistei o velho Sr. Chou e minha mãe à distância, seus movimentos ocupados desfazendo a neblina ao redor. Eles se encontravam inclinados sobre um dos canteiros. “Lá está ela!” gritou mamãe.

O velho Sr. Chou sorriu para mim e acenou. Aproximei-me de mamãe, e vi que ela pairava sobre algo como se estivesse ninando um bebê.

“Vê,” disse ela, radiante. “Acabei de plantá-las esta manhã, algumas para você, outras para mim.” E sob o heimongmong, por todo o terreno, havia ervas-daninhas já se derramando pelos cantos, crescendo selvagememente em todas as direções.

Jing-mei Woo – Melhor Qualidade

Há cinco meses atrás, após um jantar com caranguejos celebrando o Ano Novo Chinês, mamãe me deu minha “importância de vida”, um pingente de jade numa corrente dourada. O pingente não é uma peça de joalheria que eu teria escolhido pessoalmente. Possui quase o tamanho de meu dedo mínimo, um colorido furta-cor entre verde e branco, e complexos entalhes. Para mim, o efeito todo pareceu errado: muito grande, muito verde, muito espalhafatosamente enfeitado. Enfiei o colar em meu porta-jóias e esqueci a respeito.

Mas, hoje em dia, eu penso sobre a importância de minha vida. Eu me indago o que ela significa porque minha mãe morreu há três meses atrás, seis dias antes de meu 36º aniversário. E ela é a única pessoa a quem eu poderia ter perguntado, que poderia me falar sobre a importância da vida, que me ajudaria a compreender minha dor. Eu agora uso esse pingente todos os dias. Acho que os entalhes significam algo porque formas e detalhes, às quais nunca dei importância até elas apontarem em minha direção, sempre significam algo para os chineses. Eu sei que poderia perguntar à Tia Lindo, Tia An-mei ou outros amigos chineses, mas também sei que eles dariam um significado diferente daquele que minha mãe pretendia. E se eles me dissessem que esta linha curva, ramificada dentro de três formas ovais, é uma romã e que mamãe estava me desejando fertilidade e longevidade? E se minha mãe, na realidade, quis dizer que os entalhes são galhos de pereira, para me dar pureza e honestidade? Ou dez mil anos de sorte da montanha mágica, dando-me um direcionamento na vida e mil anos de fama e imortalidade?

E porque penso à respeito o tempo todo, eu sempre noto outras pessoas usando esses mesmos pingentes de jade – não os medalhões achatados retangulares ou alguns redondos e brancos com um buraco no meio, mas aqueles iguais ao meu, retângulos verde-maça brilhantes de duas polegadas. É como se todos tivéssemos jurado sobre o mesmo pacto secreto, tão secreto que nem mesmo sabíamos a que pertencíamos. No fim de semana passado, por exemplo, eu vi um garçom usando um. Enquanto tocava o meu, eu perguntei, “Onde você conseguiu o seu?”

“Minha mãe me deu,” disse ele.

Eu perguntei por que, o que é uma questão abelhuda que somente uma pessoa chinesa pode perguntar à outra; numa multidão de brancos, dois chineses já se sentem como família.

“Ela me deu depois que me divorciei. Acho que minha mãe estava dizendo que eu ainda valho algo.”

E eu soube, pela dúvida em sua voz, que ele não tinha idéia do que o pingente realmente significava.

No jantar de Ano Novo Chinês passado, minha mãe cozinhou onze caranguejos, um para cada pessoa, mais um extra. Ela e eu os compramos na Stockton Street, em Chinatown. Havíamos descido a colina íngreme do apartamento de meus pais, que na realidade era o primeiro andar de um prédio com seis unidades que eles possuíam em Leavenworth, perto da Califórnia Street. O lugar ficava há apenas seis quarteirões de onde eu trabalhava como redatora numa pequena agência de publicidade,

então duas ou três vezes por semana, eu aparecia depois do trabalho. Mamãe sempre tinha comida suficiente para insistir que eu ficasse para o jantar.

Naquele ano, o Ano Novo Chinês caiu numa quinta-feira, então saí cedo do serviço para ajudar mamãe nas compras. Ela estava com 71 anos, mas ainda caminhava vigorosamente, o corpo pequeno ereto e resoluto, carregando uma colorida sacola de plástico florida. Eu arrastava o carrinho de compras de metal logo atrás.

Toda vez que eu ia com ela à Chinatown, mamãe apontava para outras mulheres chinesas de sua idade. “Senhoras de Hong Kong,” dizia, observando duas mulheres elegantemente trajadas com longos e escuros casacos de mink e seus perfeitos penteados. “Cantonesas, aldeãs,” sussurrava, enquanto passávamos por mulheres usando gorros tricotados, curvadas sobre camadas de sobretudos almofadados e coletes masculinos. E minha mãe – usando calças de poliéster azul-claro, suéter vermelho e uma jaqueta infantil verde-escura – ela não se parecia com ninguém. Ela veio para cá em 1949, ao fim de uma longa jornada que começou em Kweilin em 1944; foi para o norte, Chungking, onde conheceu meu pai, e então eles foram para sudeste, Shangai, de onde fugiram em direção sul, para Hong Kong, onde o navio partiu para San Francisco. Minha mãe veio de várias direções diferentes.

E agora ela bufava queixas, em compasso com seu andar colina abaixo. “Mesmo você não os desejaria, aqueles metidos,” dizia. Ela estava esbravejando novamente a respeito dos inquilinos que moravam no segundo andar. Dois anos atrás, ela tentara despejá-los sob o pretexto de que parentes da China estavam chegando para morar ali. Mas o casal percebeu seu ardil por trás do controle de aluguel. Eles disseram que não sairiam até ela apresentar os parentes. Depois disso, eu tive que ouvir cada novo relato de injustiças que este casal lhe infligia. Mamãe dizia que o homem grisalho colocou vários sacos nas latas de lixo, “Me custaram o dobro.” E a mulher loura, do tipo artista e muito elegante, havia supostamente pintado o apartamento em terríveis cores vermelho e verde. “Horrível,” lamentou mamãe. “E eles tomam banho duas, três vezes por dia. Gastando água, gastando, gastando, gastando. Nunca pára!”

“Semana passada,” disse ela, ficando cada vez mais zangada a cada passo, “o waigoren me acusou.” Ela se referia a todos os brancos como waigoren, ‘estrangeiros’. “Disseram que eu coloquei veneno num peixe, matei aquele gato.”

“Que gato?” perguntei, embora soubesse exatamente de qual gato ela estava falando. Eu vi aquele gato várias vezes. Era um enorme bichano de uma orelha só e listras cinzentas que aprendera a pular sobre o peitoril da janela da cozinha de mamãe. Ela costumava ficar na ponta dos pés e bater no vidro para afugentar o animal. E o gato permanecia no lugar, sibilando, em resposta aos gritos dela.

“Aquele gato está sempre erguendo o rabo para colocar um fedor em minha porta,” queixou-se mamãe.

Certa vez, eu a vi perseguindo-o escada abaixo com uma panela de água fervente. Fiquei tentada a perguntar se ela realmente colocou veneno num peixe, mas aprendi a nunca tomar partido contra minha mãe. “Então, o que aconteceu àquele gato?” perguntei.

“O gato se foi! Desapareceu!” Ela jogou as mãos para o ar e sorriu, parecendo contente por um momento antes de a carranca voltar. “E aquele homem, ele levanta a mão assim, me mostra seu punho horroroso e me chama de a pior senhoria de Fukien. Eu não sou de Fukien. Huhn! Ele não sabe de nada!” fala ela, satisfeita por ter o colocado no lugar.

Na Stockton Street, perambulamos de uma peixaria para outra, procurando pelos caranguejos mais frescos. “Não pegue um morto,” preveniu mamãe, em chinês. “Até mesmo um mendigo não comeria um caranguejo morto.”

Eu cutucava os caranguejos com uma caneta para ver o quanto eram vivos. Se um caranguejo agarrava a caneta, eu o botava num saco plástico. Peguei um dessa forma, apenas para descobrir que uma de suas pernas havia sido presa por outro caranguejo. No breve cabo-de-guerra, meu caranguejo perdeu um membro.

“Coloque de volta,” sussurrou mamãe. “Uma perna faltando é um mau sinal no Ano Novo Chinês.” Mas um homem com avental branco aproximou-se de nós. Ele começou a falar alto em cantonês com minha mãe, e mamãe, que falava tão mal cantonês que soava igualzinho a seu mandarim, respondeu de volta também, gritando e apontando para o caranguejo sem perna. E após mais palavras agudas, aquele caranguejo e sua perna foram colocados em nosso saco.

“Não importa,” disse mamãe. “Este é número onze, um extra.”

De volta para casa, mamãe desembulhou os caranguejos de suas folhas de jornal e despejou-os na pia cheia de água gelada. Ela tirou sua velha tábua de madeira e faca, picou gengibre e cebolas, e então despejou molho de soja e óleo de gergelim num prato raso. A cozinha cheirava a jornal molhado e fragrâncias chinesas.

Então, um por um, ela apanhou os caranguejos pelo dorso, tirou-os da pia e os sacudiu secos e bem vivos. Os caranguejos dobravam as pernas em pleno ar entre a pia e o fogão. Mamãe empilhou-os numa panela à vapor que foi colocada sobre dois bicos de gás no fogão, colocou a tampa e acendeu o fogo. Não conseguiria suportar assistir àquilo, então eu fui para a sala de jantar.

Quando estava com oito anos, eu brinquei com um caranguejo que minha mãe trouxe para meu jantar de aniversário. Eu o cutucava e pulava para trás toda vez que suas pinças se estendiam. E decidi que o caranguejo e eu havíamos chegado a um grande entendimento quando ele finalmente se levantou e caminhou pelo balcão. Mas antes mesmo que eu pudesse decidir que nome dar a meu novo bicho de estimação, mamãe mergulhou-o numa panela de água fria e colocou-o sobre o fogão alto. Fiquei assistindo com crescente temor enquanto a água esquentava e a panela começava a estrepitar com este caranguejo tentando escapar de sua própria sopa quente. Desse dia, eu recordo aquele caranguejo gritando enquanto arremessava uma brilhante garra vermelha sobre a lateral da panela borbulhante. Deve ter sido minha própria voz porque agora eu sei, é claro, que caranguejos não possuem cordas vocais. E também, tento me convencer de que eles não possuem cérebro suficiente para saber a diferença entre um banho quente e uma morte lenta.

Para nossa celebração de Ano Novo, mamãe convidou seus amigos de longa data, Lindo e Tin Jong. Sem nem mesmo perguntar, ela sabia que isso significava incluir os filhos dos Jong: Vincent, que estava com 38 anos e ainda vivia com os pais, e Waverly, que tinha mais ou menos a minha idade. Vincent telefonou para ver se poderia trazer também sua namorada, Lisa Lum. Waverly disse que traria seu noivo, Rich Schields que, assim como ela, era um advogado tributário na Price Waterhouse. E ela acrescentou que Shoshana, sua filha de 4 anos de um casamento anterior, queria saber se seus pais possuíam um videocassete para que ela pudesse assistir Pinóquio, no caso de ficar entediada. Mamãe também me lembrou de convidar o Sr. Chong, meu antigo professor de piano, que ainda morava há três quarteirões de distância de nosso velho apartamento.

Incluindo mamãe, papai e eu, aquilo dava onze pessoas. Mas mamãe havia contado apenas dez porque, em sua maneira de pensar, Shoshana era somente uma criança e não contava, pelo menos no que dizia respeito aos caranguejos. Ela não considerara que Waverly poderia não pensar do mesmo modo.

Quando a bandeja de caranguejos ao vapor foi servido, Waverly foi a primeira e ela pegou o melhor, mais brilhante e suculento caranguejo e colocou-o no prato da filha. Então pegou o próximo melhor para Rich e outro bom para si mesma. E porque ela havia aprendido essa habilidade de escolher o melhor com sua mãe, era apenas natural que esta soubesse como escolher os próximos melhores para seu marido, o filho, a respectiva namorada e ela mesma. E minha mãe, é claro, examinou os quatro caranguejos restantes e deu aquele que parecia o melhor ao velho Chong, porque ele tinha quase noventa anos e merecia esse tipo de respeito, então escolheu outro bom para meu pai. Aquilo deixava dois caranguejos na bandeja: um enorme com uma cor alaranjada esmaecida, e o número onze, que possuía a perna arrancada.

Mamãe sacudiu a bandeja na minha frente: “Pegue, já está frio,” disse ela.

Eu não gostava muito de caranguejo depois que vi meu caranguejo de aniversário ser cozido vivo, mas sabia que não poderia recusar. Este é o modo como as mães chinesas mostram que amam seus filhos, não através de beijos e abraços, mas com austeras oferendas de bolinhos cozidos, moela de pato e caranguejos.

Eu pensei estar fazendo a coisa certa ao pegar o caranguejo sem perna. Mas mamãe gritou, “Não! Não! O grande, você come. Eu não consigo terminar.”

Lembro dos sons famintos que todos os outros faziam – quebrando as cascas, chupando a carne dos caranguejos, raspando os restos com a ponta dos palitos – e do prato silencioso de mamãe. Eu fui a única que a notou abrindo o caranguejo, cheirando sua carne e levantando-se para ir à cozinha, o prato nas mãos. Ela voltou sem o caranguejo, mas com mais tigelas de molho de soja, gengibre e temperos.

Então, enquanto estômagos se enchiam, todos começaram a falar ao mesmo tempo.

“Suyuan!” chamou Tia Lindo. “Por que você usa esta cor?” ela gesticulou com uma perna de caranguejo para o suéter vermelho de minha mãe. “Como consegue continuar usando essa cor? Jovem demais!” ralhrou.

Mamãe agiu como se aquilo tivesse sido um cumprimento. “Empório Capwell,” disse ela. “Dezenove dólares. Mais barato do que eu mesma tricotando.”

Tia Lindo assentiu com a cabeça, como se a cor valesse aquele preço. Então ela apontou a perna de caranguejo em direção ao futuro genro, Rich, e disse, “Vê como esse aqui não sabe comer comida chinesa.”

“Caranguejo não é chinês,” disse Waverly, em sua voz queixosa. Era espantoso como Waverly ainda soava do mesmo modo que há vinte e cinco anos atrás, quando estávamos com dez anos e ela anunciara para mim naquele mesmo tom, “Você não é gênio como eu.”

Tia Lindo olhou para a filha com exasperação. “Como sabe o que é chinês e o que não é chinês?” Então, ela virou-se para Rich e falou com muita autoridade, “Por que não está comendo a melhor parte?”

E eu vi Rich sorrindo em retribuição, exibindo divertimento e não humildade no rosto. Ele possuía a mesma coloração do caranguejo em seu prato: cabelos avermelhados, uma pele pálida como creme e enormes pintas de sardas alaranjadas. Enquanto ele sorria falsamente, Tia Lindo demonstrou a técnica apropriada, enfiando seu talher na parte esponjosa e laranja: “Você tem que cavar aqui, arrancar. O cérebro é a parte mais saborosa, experimente.”

Waverly e Rich fizeram caretas um para o outro, unidos em repugnância. Escutei Vincent e Lisa sussurrarem entre si, “Nojento”, e então darem uma risadinha também.

Tio Tin começou a rir sozinho para nos deixar saber que também possuía uma piada particular. Julgando por seu preâmbulo com bufidos e tapas na perna, imaginei que ele deve ter praticado essa piada várias vezes: “Eu digo à minha filha, Ei, por que ser pobre? Case rica!” Ele riu alto e então cutucou Lisa, sentada a seu lado, “Ei, não

entendeu? Veja o que aconteceu. Ela vai se casar com este cara aqui. Rich. Porque eu lhe disse para casar Rica.”

“Quando vocês vão se casar?” perguntou Vincent.

“Eu deveria perguntar a mesma coisa,” respondeu Waverly. Lisa pareceu embaraçada quando Vincent ignorou a pergunta.

“Mamãe, eu não gosto de caranguejo!” choramingou Shoshana.

“Belo corte de cabelo,” disse Waverly para mim, do outro lado da mesa.

“Obrigada, David sempre faz um ótimo trabalho.”

“Quer dizer que ainda vai naquele sujeito da Howard Street?” perguntou ela, arqueando a sobrancelha. “Você não tem medo?”

Eu podia sentir o perigo mas, de qualquer forma, respondi: “O que quer dizer, medo? Ele é sempre muito bom.”

“Quero dizer, ele é gay,” disse Waverly. “Ele poderia ter AIDS. E está cortando seu cabelo, o que é como cortar um tecido vivo. Talvez eu esteja sendo paranóica, sendo uma mãe, mas você não está muito segura hoje em dia...”

E eu permaneço ali, sentada, sentindo-me como se meu cabelo estivesse coberto de doença.

“Você deveria ir ver meu cabeleireiro,” respondeu Waverly. “Mr. Rory. Ele faz um trabalho fabuloso embora, provavelmente, lhe cobre mais do que está acostumada.”

Sinto vontade de gritar. Ela conseguia ser tão sorrateira com seus insultos. Toda vez que eu lhe fazia as mais simples perguntas sobre assuntos tributários, por exemplo, ela conseguia mudar de assunto e fazer parecer que eu era barata demais para pagar por seus conselhos legais. Ela dizia coisas como: “Eu realmente não gosto de falar a respeito de questões tributárias importantes, exceto em meu escritório. Quero dizer, e se você diz algo casual durante um almoço e eu lhe dou algum conselho casual. Então, você o segue e é errado porque você não me deu a informação completa. Eu me sentiria terrível. Você também, não?”

Naquele jantar dos caranguejos, eu fiquei tão furiosa com o que ela disse sobre meu cabelo que eu quis embaraçá-la, revelar na frente de todo mundo o quanto ela era mesquinha. Então decidi confrontá-la sobre o trabalho independente que fiz para sua firma, oito páginas de rascunhos sobre serviços tributários. A firma agora estava atrasada mais de trinta dias com o pagamento de minha fatura.

“Talvez eu pudesse pagar os preços de Mr. Rory se a firma de alguém me pagasse em dia,” falei, com um sorriso irônico. E fiquei satisfeita ao ver a reação de Waverly. Ela estava genuinamente atrapalhada, sem fala. Na

o pude resistir ao esfregar aquilo: “Eu acho um bocado irônico que uma firma de contabilidade não possa nem mesmo pagar as próprias contas em dia. Quero dizer, realmente, Waverly, em que tipo de lugar você está trabalhando?” Seu rosto estava sombrio e calmo.

“Ei, ei, garotas, já chega de brigas!” disse papai, como se Waverly e eu ainda fôssemos crianças discutindo sobre triciclos e lápis de cor.

“Está certo, não queremos falar sobre isso agora,” disse ela, calmamente.

“Então, como vocês acham que os Giants irão se sair?” disse Vincent, tentando ser engraçado. Ninguém riu.

Eu não a deixaria escapar dessa vez. “Bem, toda vez que eu lhe telefono, você não pode falar a respeito tampouco,” respondi.

Waverly fitou Rich, que encolheu os ombros. Ela se virou para mim e suspirou.

“Ouça, June, eu não sei como lhe dizer isto. Aquele negócio que você escreveu, bem, a firma decidiu que era inadmissível.”

“Está mentindo. Você disse que estava ótimo.”

Waverly suspirou novamente. “Eu sei que disse. Não queria ferir seus sentimentos. Eu estava tentando ver se poderíamos consertar de alguma forma. Mas não vai funcionar.”

E fácil assim, eu comecei a desabar, atirada sem aviso em águas profundas, afogando-me desesperada. “A maioria dos rascunhos precisa de uma boa afinação,” respondi. “É... normal não estar perfeito da primeira vez. Eu deveria ter explicado melhor o processo.”

“June, eu realmente não acho...”

“Reescritos são grátis. Eu apenas estou tão preocupada em torná-las perfeitas quanto você.”

Waverly agiu como se nem tivesse me ouvido. “Estou tentando convencê-los a pelo menos pagar por seu tempo. Eu sei que teve um bocado de trabalho... devo-lhe pelo menos isso ao sugerir o serviço.”

“Apenas me diga o que eles querem mudado. Ligo para você na semana que vem e então poderemos revisá-lo, linha por linha.”

“June – eu não posso,” disse Waverly, com definitiva frieza. “Apenas não é... sofisticado. Tenho certeza de que o que escreveu para seus outros clientes é maravilhoso. Mas somos uma grande firma. Precisamos de alguém que compreenda que... nosso estilo.” Ela disse isto tocando o peito, como se estivesse referindo-se a seu estilo. Então riu de maneira despreocupada. “Quero dizer, realmente, June.” E começou a falar num tom de voz profundo, de anunciante de televisão: “Três benefícios, três necessidades, três razões para comprar... satisfação garantida... para as necessidades tributárias de hoje e de amanhã...”

Ela disse isto de um modo tão engraçado que todos pensaram ser uma boa piada e riram. E então, para tornar as coisas ainda piores, ouvi mamãe dizendo à Waverly: “Verdade, não se pode ensinar estilo. June não é sofisticada como você. Deve ter nascido desse modo.”

Fiquei surpresa comigo mesma, o quanto me senti humilhada. Eu havia sido subjugada por Waverly mais uma vez, e agora traída por minha própria mãe. Estava sorrindo tão arduamente que meu lábio inferior contraía-se de tensão. Tentei encontrar algo em que me concentrar e lembro de pegar meu prato, e então o do Sr. Chong, como se estivesse limpando a mesa, mal conseguindo enxergar através das lágrimas as lascas das bordas desses velhos pratos, perguntando-me por que mamãe não usara o aparelho de jantar novo que comprei para ela há cinco anos atrás.

A mesa estava coberta de carcaças de caranguejo. Waverly e Rich acenderam cigarros e colocaram uma casca entre eles como cinzeiro. Shoshana perambulava em torno do piano e socava notas com uma garra de caranguejo em cada mão. O Sr. Chong, que ficara completamente surdo ao longo dos anos, observava Shoshana e aplaudia: “Bravo! Bravo!” E exceto por seus estranhos gritos, ninguém disse uma palavra. Mamãe foi para a cozinha e voltou com uma bandeja de laranjas fatiadas. Papai cutucava os restos de seu caranguejo. Vincent limpou a garganta duas vezes, e então deu tapinhas na mão de Lisa.

Foi Tia Lindo quem finalmente falou: “Waverly, deixe-a tentar novamente. Você a fez se apressar da primeira vez. É claro que ela não pôde entender direito.”

Eu podia ouvir mamãe comendo uma laranja. Ela era a única pessoa que eu conhecia que mastigava laranjas, fazendo soar como se estivesse comendo maçãs secas ao invés disso. O som era pior do que um ranger de dentes.

“Algo bom leva tempo,” continuou Tia Lindo, assentindo com a cabeça, em concordância consigo mesma.

“Coloque muita ação,” aconselhou Tio Tin. “Muita ação, garoto, é do que eu gosto. Ei, é tudo de que precisa, com certeza.”

“Provavelmente não,” falei e sorri, antes de levar os pratos para a pia.

Essa foi a noite, na cozinha, em que percebi que não era melhor do que quem eu era. Eu era uma redatora. Trabalhava para uma pequena agência de publicidade. Prometia para cada novo cliente, “Nós podemos fornecer o chiado para a carne.” O chiado sempre se reduzia a “três benefícios, três necessidades, três razões para comprar.” A carne sempre era cabos persuasivos, Multiplexos T-1, transformadores de protocolo e coisas semelhantes. Eu era muito boa no que fazia, bem sucedida em algo pequeno como aquilo.

Abri a torneira para lavar os pratos. E não senti mais raiva por Waverly. Senti-me cansada e tola, como se tivesse corrido para fugir de alguém que me perseguia, apenas para olhar para trás e descobrir que não havia ninguém lá.

Peguei o prato de mamãe, aquele que ela carregara para a cozinha no início do jantar. O caranguejo estava intocado. Levantei a casca e cheirei seu conteúdo. Talvez fosse porque eu não gostava de caranguejo, em primeiro lugar. Não saberia dizer o que havia de errado com este.

Depois que todos foram embora, mamãe juntou-se à mim na cozinha. Eu estava guardando os pratos. Ela arrumou água para mais chá e sentou-se à pequena mesa da cozinha. Esperei que ela me castigasse.

“Bom jantar, Ma,” falei polidamente.

“Não tão bom,” respondeu ela, cutucando a boca com um palito de dente.

“O que aconteceu a seu caranguejo? Por que o jogou fora?”

“Não tão bom,” disse novamente. “Aquele caranguejo morreu. Nem um mendigo iria querer.”

“Como você poderia saber? Eu não senti nenhum cheiro ruim.”

“Pude saber antes mesmo de cozinhar!” Ela estava em pé agora, olhando pela janela da cozinha para a noite. “Eu sacudi aquele caranguejo antes de cozinhá-lo. Suas pernas – caídas. Sua boca – toda aberta, igual a uma pessoa morta.”

“Por que o cozinhou se sabia que já estava morto?”

“Pensei... talvez tivesse apenas morrido. Talvez o gosto não fosse tão ruim. Mas posso sentir o cheiro, gosto de morte, sem firmeza.”

“E se alguém tivesse escolhido aquele caranguejo?”

Mamãe fitou-me e sorriu. “Apenas ‘você’ escolheu aquele caranguejo. Ninguém mais o pegou. Eu já sei disso. Todos os outros querem melhor qualidade. Você pensa diferente.”

Ela falou aquilo como se fosse uma prova – prova de algo bom. Ela sempre dizia coisas que não faziam qualquer sentido, que soavam bons e ruins ao mesmo tempo. Eu estava guardando o último prato lascado quando me lembrei de algo mais. “Ma, por que nunca usou aqueles pratos novos que lhe comprei? Se não gostou deles, deveria ter me dito. Eu poderia ter trocado o padrão.”

“É claro que gosto,” respondeu ela, irritada. “Às vezes acho que algo é tão bom que eu quero guardá-lo. Então, eu esqueço que o guardei.”

Então, como se tivesse acabado de lembrar agora, ela soltou o fecho de seu colar de ouro e tirou-o, apertando a corrente e o pingente de jade na palma da mão. Ela agarrou minha mão e colocou o colar em minha palma, fechando meus dedos ao redor.

“Não, Ma,” protestei. “Eu não posso aceitar isto.”

“Nala, nala” – Pegue, pegue – disse ela, como se estivesse me censurando. Então, continuou em chinês: “Durante um longo tempo, eu quis lhe dar este colar. Vê, eu o usei sobre minha pele, então, quando você o colocar sobre sua pele, saberá o que eu quero dizer. Esta é sua importância de vida.”

Olhei para o colar, o pingente com o jade verde-claro. Eu quis devolvê-lo. Não queria aceitá-lo. No entanto, eu também sentia como se já o tivesse consumido.

“Você está me dando isso somente por causa do que aconteceu esta noite,” falei finalmente.

“O que aconteceu?”

“O que Waverly disse. O que todos disseram.”

“Tss! Por que você dá ouvidos à ela? Por que quer segui-la, perseguindo suas palavras? Ela é como este caranguejo.” Mamãe apontou uma casca na lata de lixo. “Sempre andando de lado, movendo-se torta. Você pode fazer suas pernas seguirem outro caminho.”

Eu coloquei o colar. Senti-o frio. “Não tão bom, esse jade,” disse ela de modo prático, tocando o pingente e então acrescentando, em chinês: “Esta é uma pedra jovem. É uma cor muito clara agora, mas se você usá-la todos os dias vai se tornar mais verde.”

Papai não tem se alimentado bem desde que mamãe morreu. Então aqui estou eu, na cozinha, para preparar-lhe o jantar. Estou fatiando tofu. Decidi fazer um prato de feijão apimentado. Minha mãe costumava dizer que coisas quentes restabeleciam o espírito e a saúde. Mas estou fazendo isso mais porque sei que papai adora esse prato e eu sei como prepará-lo. Gosto das fragrâncias: gengibre, temperos e um molho de pimenta vermelha que faz cócegas em meu nariz no minuto em que abro o pote.

Em cima de mim, ouço os velhos canos sacudirem em ação com um ‘thunk!’ e então a água correndo em minha pia diminuir para um gotejar. Um dos inquilinos do andar de cima deve estar tomando banho. Lembro de mamãe se queixando: “Mesmo você não os desejaria, aqueles metidos.” E agora sei o que ela quis dizer.

Enquanto mergulho o tofu na pia, sou surpreendida por uma massa negra que aparece subitamente na janela. É o gato de uma orelha só, do andar de cima. Ele está se equilibrando sobre o peitoril, esfregando o corpo contra o vidro.

Mamãe não matou aquele maldito gato afinal, e sinto-me aliviada. Então vejo este gato esfregando-se mais vigorosamente contra a janela, e ele começa a levantar o rabo.

“Saia daqui!” eu grito, e bato na janela com a mão, três vezes. Mas o gato apenas estreita os olhos, abaixa a única orelha e sibila em resposta.

RAINHA MÃE DOS CÉUS OCIDENTAIS

“O! Hwai dungsyi” – Sua coisinha ruim – disse a mulher, implicando com sua neta bebê. “É Buda quem está lhe ensinando a rir sem motivo?” Enquanto a bebê continuava a rir, a mulher sentiu um profundo desejo tumultuar seu coração.

“Mesmo que eu pudesse viver para sempre,” disse ela ao bebê. “Ainda não saberia que caminho lhe ensinar. Eu, certa vez, fui tão livre e inocente. Eu também ri sem motivo. Mas, mais tarde, eu joguei fora minha tola inocência para me proteger. E então, ensinei minha filha, sua mãe, a desprender-se de sua inocência para que não fosse ferida também.”

“Hwai dungsyi, esse tipo de pensamento foi errado? Se eu agora reconheço o mal em outras pessoas, não é porque me tornei má também? Se vejo que alguém possui um nariz cheio de suspeitas, eu não senti o cheiro das mesmas coisas ruins?”

O bebê riu, ouvindo os lamentos de sua avó. “O! O! Você diz que está rindo porque já tem vivido eternamente, repetidas vezes? Você diz que é Syi Wang Mu, Rainha Mãe dos Céus Ocidentais, que agora retornou para me dar a resposta! Bom, bom, estou ouvindo...”

“Obrigada, Pequena Rainha. Então você deve ensinar à minha filha esta mesma lição. Como perder sua inocência, mas não a esperança. Como rir para sempre.”

An-mei Hsu – Pegas

Ontem, minha filha disse, “Meu casamento está desabando.” E agora, tudo que ela pode fazer é vê-lo desabar. Ela se deita no divã de um psiquiatra, espremendo lágrimas a respeito dessa vergonha. E eu acho que ela permanecerá deitada ali até não existir mais nada para desabar, nada mais restar para se chorar, tudo seco.

Ela chora, “Não há escolha! Não há escolha!” Ela não sabe. Se ela não fala, está fazendo uma escolha. Se ela não tenta, pode perder sua chance para sempre. Eu sei disso porque fui criada à maneira chinesa: fui ensinada a não desejar nada, engolir a miséria de outras pessoas, consumir minha própria amargura.

E embora tenha ensinado à minha filha o oposto, ainda assim ela saiu do mesmo modo! Talvez seja porque ela nasceu de mim e nasceu uma menina. E eu nasci de minha mãe e nasci menina. Todas nós somos como escadas, um degrau após outro, subindo e descendo, mas todos indo na mesma direção.

Eu sei como é ficar quieta, ouvir e observar, como se sua vida fosse um sonho. Você pode fechar os olhos quando não quer mais ver. Mas quando não quer mais ouvir, o que se pode fazer? Eu ainda consigo ouvir o que aconteceu há mais de sessenta anos atrás.

Minha mãe era uma estranha para mim, quando surgiu pela primeira vez na casa de meu tio, em Ningpo. Eu estava com nove anos e não a tinha visto por vários anos. Mas sabia que ela era minha mãe, porque podia sentir sua dor.

“Não olhe para aquela mulher,” avisou minha tia. “Ela atirou seu rosto numa corrente em direção leste. Seu espírito ancestral está perdido para sempre. A pessoa que você vê é somente carne em declínio, maldito, apodrecido até os ossos.”

E eu fitei minha mãe. Ela não parecia má. Eu quis tocar seu rosto, aquele que se assemelhava ao meu. É verdade, ela usava estranhas roupas estrangeiras. Mas não respondeu quando minha tia a amaldiçoou. Sua cabeça inclinou-se ainda mais quando meu tio a estapeou por chamá-lo de irmão. Ela chorou do fundo do coração quando Popo morreu, embora Popo, sua mãe, tivesse a expulsado vários anos atrás. Após o funeral de Popo, ela obedeceu meu tio. Preparou-se para retornar à Tientsin, onde desonrara sua viuvez ao tornar-se a terceira concubina de um homem rico.

Como ela podia partir sem mim? Esta era uma pergunta que eu não podia fazer. Eu era uma criança. Podia apenas observar e ouvir. Na noite antes de partir, ela apoiou minha cabeça contra seu corpo como se para proteger-me de um perigo que eu não podia ver. Eu chorava para trazê-la de volta antes mesmo de ela ter partido. E enquanto estava deitada em seu colo, ela me contou uma história.

“An-mei,” sussurrou ela, “você já viu a pequena tartaruga que vive no lago?” Eu assenti. Era o lago que ficava em nosso pátio, e eu frequentemente cutucava as águas imóveis com uma vara para fazer a tartaruga surgir de debaixo das pedras.

“Eu também conheci aquela tartaruga quando era uma criancinha,” disse minha mãe. “Eu costumava me sentar à beira do lago e observá-lo nadando até a superfície, mordendo o ar com seu pequeno bico. É uma tartaruga muito velha.”

Eu podia ver aquela tartaruga em minha mente e sabia que mamãe estava vendo a mesma. “Esta tartaruga se alimenta de nossos pensamentos,” disse ela. “Aprendi isto um dia, quando tinha sua idade, e Popo disse que eu não poderia mais ser uma criança. Ela disse que eu não poderia gritar ou correr ou sentar no chão para pegar grilos. Eu não

poderia chorar se ficasse desapontada. Eu tinha que ficar em silêncio e ouvir os mais velhos. E se não fizesse isso, Popo dizia que cortaria meus cabelos e me mandaria para um lugar onde monges budistas viviam.”

“Naquela noite, depois que Popo me disse aquilo, eu me sentei junto ao lago, olhando para a água. E porque estava fraca, eu comecei a chorar. Então vi esta tartaruga nadando para a superfície e bicando minhas lágrimas assim que elas tocavam a água. Ele as devorou rapidamente, cinco, seis, sete lágrimas e então saiu do lago, rastejou até uma pedra lisa e começou a falar.”

“A tartaruga disse, ‘Eu tenho devorado suas lágrimas e é por isso que conheço sua tristeza. Mas devo avisá-la. Se chorar, sua vida sempre será triste’. Então ela abriu o bico e despejou cinco, seis, sete ovos perolados. Os ovos se partiram e deles emergiram sete pássaros que, imediatamente, começaram a chilrar e cantar. Eu sabia, por suas barrigas brancas e belas vozes, que eram pegas, pássaros da alegria. Estes pássaros inclinaram seus bicos sobre o lago e começaram a beber avidamente. E quando eu estendi a mão para capturar um, todos eles alçaram vôo, batendo suas asas negras em meu rosto, flutuando no ar, rindo.”

“‘Agora você vê,’ disse a tartaruga, voltando para dentro do lago, ‘porque é inútil chorar. Suas lágrimas não carregam as mágoas. Elas alimentam a alegria de outras pessoas. E é por isso que você deve aprender a engolir suas próprias lágrimas.’” Mas depois que mamãe terminou sua estória, eu a fitei e vi que ela chorava. E eu também comecei a chorar novamente, porque esse era nosso destino, viver como duas tartarugas observando o mundo lacrimoso juntas, no fundo do pequeno lago.

Pela manhã, eu acordei para ouvir – não o pássaro da alegria – mas sons zangados à distância. Pulei da cama e corri silenciosamente até a janela. Lá fora, no pátio, eu vi minha mãe ajoelhada, arranhando o chão de pedra com os dedos, como se tivesse perdido algo e soubesse que não conseguiria encontrá-lo novamente. Na frente dela, estava titio, o irmão de minha mãe, e ele gritava.

“Você quer levar sua filha e arruinar a vida dela também!” Titio bateu os pés a este pensamento insolente. “Você já deveria ter partido.”

Minha mãe não disse nada. Ela permaneceu curvada sobre o chão, as costas arredondadas como as da tartaruga no lago. Estava chorando com a boca fechada. E eu comecei a chorar do mesmo modo, engolindo aquelas lágrimas amargas. Me apressei em vestir-me. E no momento em que corri escada abaixo e cheguei à sala da frente, mamãe estava prestes a partir. Um empregado levava sua bagagem para fora. Minha tia segurava a mão de meu irmãozinho. Antes que pudesse lembrar de fechar minha boca, eu gritei, “Ma!”

“Veja como sua má influência já se alastrou sobre sua filha!” exclamou meu tio.

E mamãe, com a cabeça ainda baixa, olhou para mim e viu meu rosto. Eu não conseguia deter minhas lágrimas. E acho que, vendo meu rosto daquele modo, mamãe mudou. Ela se postou determinada, as costas eretas, de modo que agora estava quase tão alta quanto meu tio. Ela estendeu-me a mão e eu corri até ela. Mamãe falou num tom de voz tranqüilo, calmo: “An-mei, não estou lhe pedindo. Mas vou voltar para Tientsin agora e você pode me seguir.”

Titia ouviu isto e imediatamente sibilou: “Uma garota não é melhor do que o que ela segue! An-mei, você acha que consegue ver algo novo, montada em cima de uma carroça nova. Mas à sua frente, está somente o traseiro da mesma velha mula. Sua vida é o que você vê à sua frente.”

Ouvir isto me fez ficar ainda mais determinada a partir. Porque a vida à minha frente era a casa de meu tio. E ela estava cheia de enigmas sombrios e sofrimento que eu não conseguia compreender. Então desviei a cabeça das estranhas palavras de minha tia e olhei para minha mãe.

Agora meu tio pegara um vaso de porcelana. “É isto o que você quer fazer?” ele disse. “Jogar sua vida fora? Se você seguir essa mulher, nunca mais poderá erguer a cabeça.” Ele jogou aquele vaso no chão onde se partiu em vários pedaços. Eu pulei e mamãe pegou minha mão.

Sua mão estava cálida. “Venha, An-mei. Devemos nos apressar,” disse ela, como se visse um céu chuvoso.

“An-mei!” Eu ouvi minha tia chamar piedosamente por trás, mas então titio disse: “Swanle!” – Está acabado! – “Ela já está mudada.”

E enquanto afastava-me de minha antiga vida, eu me perguntei se era verdade, o que meu tio havia dito, que eu estava mudada e nunca poderia levantar a cabeça novamente. Então, tentei. Levantei-a.

E vi meu irmãozinho chorando energicamente enquanto titia segurava sua mão. Mamãe não ousou levar meu irmão. Um filho nunca poderia ir viver na casa de outra pessoa. Se ele fosse, perderia qualquer esperança de um futuro. Mas eu sabia que ele não estava pensando nisso. Ele chorava, zangado e assustado, porque mamãe não havia lhe pedido para segui-la. O que meu tio havia dito era verdade. Depois que vi meu irmão desse modo, não pude manter a cabeça erguida.

No riquixá à caminho da estação de trem, mamãe murmurou, “Pobre An-mei, apenas você sabe. Apenas você sabe o que tenho sofrido.” Quando ela disse isto, senti-me orgulhosa por somente eu poder ver estes delicados e raros pensamentos.

Mas no trem, eu percebi a distância que estava me separando de minha vida. E comecei a ficar assustada. Viajamos durante sete dias, um dia de trem, seis dias num barco à vapor. No começo, mamãe estava bastante animada. Ela me contava histórias sobre Tientsin sempre que meu rosto se voltava para onde tínhamos acabado de sair.

Ela falou sobre engenhosos mascates que serviam todo tipo de comida simples, bolinhos cozidos, amendoins, e as favoritas de mamãe, panquecas finas com um ovo embrulhado no meio, pincelados com pasta de feijão preto e então enrolados – ainda quentes e acabados de sair da chapa! – e entregues ao faminto comprador.

Descreveu o porto e seus frutos do mar, e exclamou que estes eram ainda melhores do que os que havíamos comido em Ningpo. Enormes mexilhões, camarões, caranguejos, todo tipo de peixes, de água doce e salgada, o melhor – do contrário, por que tantos estrangeiros viriam a este porto? Ela contou-me a respeito das ruas estreitas com bazares apinhados. De madrugada, camponeses vendiam vegetais que eu nunca tinha visto ou comido antes em minha vida – e mamãe garantiu que eu os acharia doces, macios e muito frescos. E havia regiões da cidade onde viviam diferentes estrangeiros – japoneses, russos brancos, americanos, alemães – mas nunca juntos, todos com seus próprios hábitos distintos, alguns sujos, outros limpos. E eles possuíam casas de todos os formatos e cores, uma pintada de rosa, outra com quartos que projetavam-se em todos os ângulos como as frentes e versos de vestidos vitorianos, outros com telhados iguais à chapéus pontudos e com esculturas de madeira pintados de branco para parecerem marfim.

E no inverno, eu veria neve, disse ela. Mamãe falou, Daqui há alguns meses, o período de orvalho gelado chegaria, então começaria a chover e a chuva cairia suavemente, cada vez mais devagar até que ficasse branca e seca como as pétalas de flor

de marmelo na primavera. Ela me embrulharia em casacos e calças de pele, então mesmo que estivesse amargamente gelado, não importaria!

Ela me contou várias histórias até que meu rosto estivesse voltado para frente, olhando na direção de meu novo lar, em Tientsin. Mas quando o quinto dia chegou, enquanto navegávamos pelo golfo de Tientsin, as águas mudaram de um amarelo barrento para negro e o barco começou a sacudir e gemer. Fiquei receosa e doente. À noite, eu sonhava com as correntes do leste sobre as quais minha tia avisara, as águas escuras que mudavam uma pessoa para sempre. E observando aquelas águas escuras do meu leito no barco, eu temi que as palavras de titia tivessem se tornado realidade. Vi como mamãe já estava começando a mudar, como seu rosto ficava sombrio e zangado, vigiando o mar, remoendo os próprios pensamentos. E meus pensamentos também se tornaram nebulosos e confusos.

Na manhã em que deveríamos chegar a Tientsin, ela foi até nossa cabine usando seu vestido branco de luto chinês. E quando retornou ao salão de estar no convés principal, ela parecia uma estranha. Suas sobancelhas estavam levemente pintadas no centro, com longos e agudos riscos nos cantos. Seus olhos possuíam manchas escuras ao redor e seu rosto estava branco e pálido, com lábios vermelho-escuro. No topo da cabeça, ela usava um pequeno chapéu de feltro marrom com uma grande pena malhada espetada na frente em diagonal. Seus cabelos curtos estavam presos naquele chapéu, exceto por dois perfeitos caracóis em oposição sobre a testa, como esculturas negras laqueadas. Ela usava um longo vestido marrom com um colarinho em laço branco que caía sobre os ombros até a cintura e estava presa por uma rosa de seda.

Aquela era uma visão chocante. Estávamos de luto. Mas eu não podia dizer nada. Era uma criança. Como eu poderia censurar minha própria mãe? Eu podia apenas sentir vergonha por ver mamãe vestir sua vergonha tão atrevidamente.

Nas mãos enluvadas, ela segurava uma grande caixa de cor creme com palavras estrangeiras escritas no topo: “Traje de Fino Corte Inglês – Tientsin”. Lembro que ela colocou a caixa entre nós e disse: “Abra! Rápido!” Ela estava ofegante e sorridente. Eu estava tão surpresa com as novas maneiras estranhas de mamãe que, só vários anos mais tarde quando estava usando essa caixa para guardar cartas e fotografias, me perguntei como ela soube. Mesmo não tendo me visto por vários anos, ela sabia que algum dia eu a seguiria e deveria usar um vestido novo quando o fizesse.

E quando eu abri aquela caixa, toda minha vergonha, meus medos, caíram por terra. Dentro, havia um novo vestido branco engomado. Possuía franzidos na gola e ao longo das mangas, e seis fileiras de pregas na saia. A caixa também continha meias brancas, sapatos de couro brancos e um enorme laço de cabelo, já moldado e pronto para ser afixado com duas fitas soltas.

Tudo era grande demais. Meus ombros ficavam escapulindo através da gola larga. A cintura era larga o suficiente para caber duas de mim. Mas não liguei. Ela não ligou. Levantei os braços e permaneci perfeitamente imóvel. Ela encontrou agulhas e linha e, com pequenas dobras aqui e ali, costurou as sobras. Então encheu as pontas dos sapatos com lenços de papel até que tudo se ajustasse. Vestindo aquelas roupas, senti como se tivesse criado novas mãos e pés e agora teria que aprender a caminhar de um novo jeito. Então mamãe ficou sombria de novo. Ela sentou-se com as mãos cruzadas sobre o colo, observando, enquanto nosso barco aproximava-se cada vez mais do cais.

“An-mei, agora você está pronta para iniciar sua nova vida. Irá viver em uma nova casa. Terá um novo pai. Muitas irmãs. Outro irmãozinho. Roupas e coisas boas para comer. Acha que tudo isso será suficiente para ser feliz?”

Eu assenti silenciosamente, pensando na infelicidade de meu irmão em Ningpo. Mamãe não falou mais nada a respeito da casa, de minha nova família ou de minha

felicidade. E eu não fiz quaisquer perguntas porque agora um sino estava tocando e um camareiro do navio anunciava nossa chegada a Tientsin. Mamãe deu rápidas instruções ao nosso carregador, apontou para nossas duas pequenas malas e entregou-lhe dinheiro como se tivesse feito isso durante toda a vida. Então, ela cuidadosamente abriu outra caixa e tirou de dentro o que parecia ser cinco ou seis raposas mortas com olhos arregalados como contas, patas flácidas e caudas peludas. Ela colocou essa visão assustadora ao redor do pescoço e ombros, e então agarrou minha mão com firmeza enquanto nos movíamos através do corredor com a multidão de pessoas.

Não havia ninguém na baía para nos encontrar. Mamãe lentamente atravessou a rampa através da plataforma de bagagens, olhando nervosamente de um lado para outro. “An-meí, venha! Por que está tão devagar!” disse ela, a voz cheia de medo. Eu arrastava os pés, tentando mantê-los dentro daqueles sapatos largos demais enquanto o chão debaixo de mim oscilava. E quando não ficava olhando em que direção meu pé se movia, eu levantava os olhos e via que todos estavam com pressa, todos pareciam infelizes: famílias com velhas mães e pais, todos vestidos de negro, cores sombrias, puxando e empurrando malas, cestos de posses; senhoras estrangeiras pálidas vestidas como minha mãe, caminhando com homens estrangeiros de chapéu; ricas esposas xingando empregadas e servos que a seguiam carregando malas, bebês e cestos de comida. Paramos perto da rua, onde riquixás e carroças iam e vinham. Ficamos de mãos dadas, remoendo nossos próprios pensamentos, observando pessoas chegarem na estação, observando outros se afastando apressadamente. Era tarde da manhã e, embora parecesse quente do lado de fora, o céu estava cinzento e nublado.

Após esperar por um longo tempo e não ver ninguém, minha mãe suspirou e finalmente gritou para um riquixá.

Durante esse percurso, mamãe discutiu com o puxador que queria dinheiro extra para carregar nós duas e a bagagem. Então ela se queixou à respeito da poeira do trajeto, o cheiro da rua, os solavancos da estrada, o atraso do dia, a dor em seu estômago. E quando terminou com esses lamentos, ela dirigiu suas queixas para mim: uma mancha em meu vestido novo, um nó em meu cabelo, minhas meias amarfanhadas. Tentei reconquistar mamãe, apontando para perguntar sobre um pequeno parque, um pássaro voando sobre nós, um comprido bonde elétrico que passou por nós tocando a buzina.

Mas ela ficou apenas mais mal-humorada e disse: “An-meí, fique quieta. Não pareça tão ansiosa. Estamos somente indo para casa.”

E quando finalmente chegamos em casa, ambas estávamos exaustas.

Eu sabia desde o começo que nosso novo lar não seria uma casa comum. Mamãe contou-me que viveríamos com a família de Wu Tsing, um rico comerciante. Ela disse que este homem possuía várias fábricas de tapetes e morava numa mansão localizada na Concessão Britânica de Tientsin, a melhor região da cidade onde pessoas chinesas podiam viver. Não morávamos muito longe de Paima Di, Racehorse Street, onde somente os ocidentais podiam viver. E também ficávamos perto de pequenas lojas que vendiam apenas um tipo de coisa: apenas chá, ou apenas tecidos, ou apenas sabão.

A casa, disse ela, era uma construção estrangeira; Wu Tsing gostava de coisas estrangeiras porque estrangeiros o tornaram rico. E concluiu que era por isso que mamãe tinha que vestir roupas de estilo ocidental, da forma que os novos-ricos chineses gostavam de ostentar sua riqueza do lado de fora.

Embora soubesse de tudo isso antes de chegar, ainda assim, eu estava espantada com o que via.

A fachada da casa possuía uma entrada de pedra chinesa, arredondada no topo, com grandes portões negros envernizados e uma soleira que você tinha que subir. Além dos portões, eu vi o pátio e fiquei surpresa. Não havia salgueiros ou árvores de acácia perfumada, nem pavilhões de jardim ou bancos junto a um lago, ou baldes de peixe. Ao invés disso, havia longas fileiras de arbustos de ambos os lados da larga alameda de cascalho. E, ao lado de cada um daqueles arbustos, havia uma grande área de gramado com fontes. Enquanto atravessávamos a alameda e nos aproximávamos, eu notei que aquela casa havia sido construída ao estilo ocidental. Era uma construção de três andares, feita de argamassa e pedra, com longas varandas de metal em cada andar e chaminés em todos os cantos.

Quando chegamos, uma jovem serva correu para fora e saudou mamãe com gritos de alegria. Ela possuía uma voz alta e arranhada: “Oh, Taitai, você já chegou! Como pode?” Aquela era Yan Chang, a criada pessoal de minha mãe, e ela sabia como cumular atenções na quantidade certa. Ela chamara mamãe de Taitai, o simples título honroso de Esposa, como se ela fosse a primeira esposa, a única esposa.

Yan Chang gritou em voz alta com os outros criados para que levassem nossa bagagem, e disse a um deles que trouxesse chá e preparasse um banho quente. Então explicou rapidamente que Segunda Esposa havia dito a todos que não nos esperassem por pelo menos outra semana. “Que vergonha! Ninguém para lhe dar as boas-vindas! Segunda Esposa, os outros, foram para Pequim visitar seus parentes. Sua filha, tão bonita, possui o mesmo olhar. Ela é tão tímida, eh? Primeira Esposa, as filhas... foram em peregrinação a outro templo Budista... semana passada, o tio de um primo, um pouco louco, veio para uma visita, revelou não ser um primo nem tio, quem sabe quem era ele...”

Assim que entramos na casa enorme, eu fiquei perdida com tantas coisas para ver: uma escadaria curvada e sinuosa, um teto com rostos em cada canto, e então corredores interligando um aposento à outro. À minha direita ficava um enorme aposento, maior do que jamais havia visto, cheia de mobílias em madeira de teca resistentes: sofás, mesas, cadeiras. E no outro canto desse enorme quarto, pude ver portas que conduziam a mais quartos, mais mobília, então mais portas. À minha esquerda ficava um aposento escuro, outra sala de estar, essa cheia de mobília estrangeira: sofás de couro verde-escuro, pinturas com cães de caça, poltronas e escrivaninhas de mogno. E enquanto perscrutava estes aposentos, eu via pessoas diferentes, e Yan Chang explicava: “Esta jovem senhorita é a criada de Segunda Esposa. Aquela, não é ninguém, apenas a filha do ajudante do cozinheiro. Este homem cuida do jardim...”

E então subimos a escadaria. Chegamos ao topo da escada e me encontrei numa espaçosa sala de estar. Seguimos para a esquerda, através de um corredor, passamos por um quarto e então pisamos em outro. “Este é o quarto de sua mãe,” disse Yan Chang, orgulhosamente. “Aqui é onde você irá dormir.”

A primeira coisa que vi, a única coisa que poderia ter visto primeiro, foi uma magnífica cama. Era pesada e leve ao mesmo tempo: uma suave seda rosa e uma pesada, escura e brilhante madeira toda esculpida com dragões. Quatro colunas sustentavam um dossel de seda e em cada coluna, grandes laços de seda prendiam as cortinas laterais. A cama assentava-se sobre quatro robustas patas de leão, como se o peso tivesse esmagado o leão embaixo. Yan Chang mostrou-me como usar uma pequena escadinha para subir na cama. Quando caí sobre os lençóis de seda, eu ri ao descobrir um colchão macio que era dez vezes mais grosso que minha cama em Ningpo.

Sentada nessa cama, eu admirei tudo como se fosse uma princesa. O quarto tinha uma porta de vidro que conduzia à varanda. Em frente à porta, havia uma mesa redonda, da mesma madeira da cama. Ela também estava assentada sobre patas de leão esculpidas

e era rodeada por quatro cadeiras. Uma criada já havia posto chá e bolos doces sobre a mesa, e agora acendia o houlu, um pequeno fogareiro para queimar carvão.

Não que a casa de meu tio em Ningpo fosse pobre. De fato, era bem agradável. Mas esta casa em Tientsin era espantosa. E pensei comigo mesma, meu tio estava errado. Não havia vergonha no casamento de mamãe com Wu Tsing.

Enquanto pensava isso, fui surpreendida por um súbito Clang! Clang! Clang! seguido de música. Na parede oposta à cama, havia um enorme relógio de madeira com uma floresta e ursos entalhados. A portinhola do relógio abriu-se de repente e um minúsculo aposento cheio de pessoas surgiu. Havia um homem barbado com um gorro pontudo sentado à mesinha. Ele inclinava a cabeça repetidamente para tomar sopa, mas sua barba mergulhava na tigela primeiro e o impedia. Uma garota de lenço branco e vestido azul, parada ao lado da mesa, inclinava-se incessantemente para servir ao homem mais daquela sopa. E próximo dos dois, havia outra garota com uma saia e casaco curto. Ela movia o braço para cima e para baixo, tocando música de violino. Ela sempre tocava a mesma canção sombria. Ainda consigo ouvi-la após todos esses anos – ni-ah!nah!nah!nah!nah-ni-nah!

Aquele era um magnífico relógio para observar, mas depois que eu o ouvi na primeira hora, na seguinte, e então sempre, este relógio se tornou um extravagante aborrecimento. Não pude dormir por várias noites. E mais tarde, eu descobri que possuía uma habilidade: não ouvir algo sem sentido me chamando.

Eu estava tão feliz durante aquelas primeiras noites nessa divertida casa, dormindo na enorme cama macia com minha mãe. Eu me deitava nessa cama confortável pensando na casa de meu tio em Ningpo, percebendo o quanto havia sido infeliz, sentindo pena de meu irmãozinho. Mas a maioria de meus pensamentos ocupava-se com todas as coisas novas que via e fazia nesta casa.

Eu olhava a água quente jorrando de canos não apenas na cozinha, mas também nas pias e banheiras de todos os três andares da casa. Via vasos sanitários escoando limpos sem que os criados tivessem que esvaziá-los. Via quartos tão luxuosos quanto os de minha mãe. Yan Chang explicou-me quais pertenciam à Primeira Esposa e as outras concubinas, que eram chamadas de Segunda e Terceira Esposa. E alguns quartos não pertenciam a ninguém. “São para os hóspedes,” disse Yan Chang.

No terceiro andar ficavam os quartos dos criados, homens somente, disse Yan Chang, e um dos quartos tinha até mesmo uma porta que dava para um armário que realmente era um esconderijo secreto de piratas do mar.

Reconsiderando, eu acho difícil recordar de tudo que existia naquela casa; várias coisas boas demais, todas parecendo iguais após algum tempo. Eu me cansava de qualquer coisa que não fosse novidade. “Oh, isso,” respondia, quando Yan Chang trazia a mesma carne macia do dia anterior. “Eu já provei isso.”

Mamãe pareceu recuperar sua natureza amável. Ela voltou a usar suas antigas roupas, longos vestidos chineses e saias, agora com faixas de luto brancas costuradas no interior. Durante o dia, ela apontava para coisas estranhas e engraçadas, dando seus nomes para mim: bidê, câmera Brownie, garfo de salada, guardanapo. À tarde, quando não havia nada para se fazer, falávamos a respeito dos criados: quem era inteligente, quem era diligente, quem era leal. Fofocávamos enquanto cozinhávamos pequenos ovos e batatas doces sobre o houlu, apenas para apreciar o cheiro. E à noite, mamãe contava histórias novamente, enquanto eu permanecia deitada em seus braços, caindo no sono.

Ao rever toda minha vida, não consigo pensar em outra época na qual me senti mais confortável: quando não tinha preocupações, medos ou desejos, quando minha vida

parecia tão suave e adorável quanto ficar deitada dentro de um casulo de seda rosa. Mas lembro claramente de quando todo aquele conforto tornou-se desconfortável.

Foi talvez duas semanas depois que chegamos. Eu estava no espaçoso jardim dos fundos, chutando uma bola e observando dois cães a perseguindo. Mamãe estava sentada à uma mesa, me observando brincar. Então, eu ouvi uma buzina à distância, gritos, e aqueles dois cães esqueceram da bola e saíram correndo, latindo alto, felizes.

Mamãe tinha a mesma expressão temerosa que exibiu na estação da baía. Ela caminhou rapidamente para a casa. Eu segui para a lateral da casa, em direção à frente. Dois brilhantes riquixás escuros haviam chegado e, atrás deles, um grande automóvel negro. Um criado retirava a bagagem de um dos riquixás. Um jovem empregado pulou de outro riquixá.

Todos os criados se aglomeraram ao redor do automóvel, observando seus rostos no metal polido, admirando as janelas cortinadas, os bancos de veludo. Então, o motorista abriu a porta de trás e dali saltou uma jovem moça. Ela possuía cabelos curtos e ondulados. Parecia ser apenas alguns anos mais velha do que eu, mas usava um vestido de mulher, meias e saltos altos. Olhei para meu próprio vestido branco, coberto de fiapos de grama, e me senti envergonhada.

Então eu vi os criados aproximarem-se do banco de trás do automóvel e lentamente erguerem um homem pelos braços. Aquele era Wu Tsing. Era um homem grande, não alto, mas inchado como um pássaro. Ele era muito mais velho do que minha mãe, com uma testa alta e brilhante, e uma enorme mancha negra numa das narinas. Vestia um conjunto de terno ocidental, com um colete fechado e apertado ao redor do estômago, mas suas calças eram bem folgadas. Ele gemia e grunhia enquanto se levantava e saía do carro. Assim que seus pés tocaram o chão, começou a andar na direção da casa, agindo como se não estivesse vendo ninguém, embora as pessoas o cumprimentassem e estivessem ocupadas abrindo portas, carregando suas malas, tirando-lhe o longo casaco. Ele entrou na casa assim, com esta jovem garota seguindo-o. Ela olhava para trás, fitando todos com um sorriso afetado, como se eles estivessem ali para honrá-la. E quando ela mal alcançou a porta, eu ouvi um dos criados comentando com outro, “Quinta Esposa é tão jovem que não trouxe nenhuma das próprias criadas, apenas uma ama de leite.”

Olhei para a casa e vi minha mãe observando pela janela, assistindo a tudo. Então, desse modo desajeitado, mamãe descobriu que Wu Tsing desposara sua quarta concubina que, de fato, era apenas um reflexo, um tolo pedaço de decoração para seu novo automóvel. Mamãe não tinha ciúmes dessa jovem garota que agora seria chamada de Quinta Esposa. Por que deveria? Mamãe não amava Wu Tsing. Uma garota na China não casava por amor. Ela casava por posição, e a posição de minha mãe, eu soube mais tarde, era a pior.

Depois que Wu Tsing e Quinta Esposa chegaram em casa, mamãe frequentemente permanecia no quarto trabalhando em seu bordado. À tarde, ela e eu dávamos longos passeios pela cidade, procurando por uma bobina de seda numa cor que ela parecia não conseguir nomear. Sua infelicidade era da mesma forma. Ela não conseguia lhe dar um nome. Assim, enquanto tudo parecia tranqüilo, eu sabia que não estava.

Você deve estar se perguntando como uma criança pequena, de apenas nove anos, pode saber dessas coisas. Agora, eu mesma me pergunto. Eu consigo lembrar somente do quanto sentia-me desconfortável, de como conseguia sentir a verdade com meu estômago, sabendo que algo terrível aconteceria. E posso lhe dizer, era quase tão ruim

quanto o que senti uns quinze anos depois, quando as bombas japonesas começaram a cair e, ouvindo à distância, podia escutar suaves estrondos e saber que o que estava vindo era inevitável.

Alguns dias depois que Wu Tsing chegou em casa, eu acordei no meio da noite. Mamãe sacudia meu ombro gentilmente. “An-mei, seja uma boa menina,” disse ela numa voz cansada. “Vá para o quarto de Yan Chang agora.”

Esfreguei os olhos e enquanto acordava, vi uma sombra escura e comeci a chorar. Era Wu Tsing. “Fique quieta. Não há nada com o que se preocupar. Vá até Yan Chang,” sussurrou mamãe.

Então, ela me desceu lentamente até o chão frio. Ouvi o relógio de madeira começar a cantar e a voz profunda de Wu Tsing queixando-se do frio. E quando fui até Yan Chang, era como se ela estivesse me esperando e soubesse que eu iria chorar.

Na manhã seguinte, eu não consegui olhar para minha mãe. Mas notei que Quinta Esposa estava com o rosto inchado como o meu. E durante o café daquela manhã, na frente de todos, sua cólera finalmente explodiu quando ela rudemente gritou com um criado por servi-la devagar. Todo mundo, até mesmo minha mãe, olhou-a fixamente por seus maus modos, criticando um criado daquela forma. Eu vi Wu Tsing lançar-lhe um olhar agudo, como um pai, e ela começou a chorar. Mais tarde, naquela mesma manhã, Quinta Esposa estava sorrindo novamente, saltitando pelos arredores num vestido e sapatos novos.

À tarde, mamãe falou de sua infelicidade pela primeira vez. Estávamos num riquixá, indo a uma loja para procurarmos fio de bordado. “Você vê como minha vida é vergonhosa?” ela lamentou. “Vê como não tenho qualquer posição? Ele trouxe para casa uma nova esposa, uma garota de classe baixa, pele escura e sem modos! Comprou-a por alguns dólares de uma família pobre da vila que fabrica telhas de barro. E à noite, quando não pode mais usá-la, ele vem até mim, cheirando a barro dela.”

Ela estava chorando agora, divagando como uma mulher louca: “Você pode ver agora, uma quarta esposa é menos do que uma quinta esposa. An-mei, você não deve esquecer. Eu fui uma primeira esposa, yi tai, a esposa de um erudito. Sua mãe nem sempre foi Quarta Esposa, sz tai!”

Ela disse esta palavra, sz, tão rancorosamente que eu estremeci. Soou como o ‘sz’ que significa ‘morrer’. E eu lembrei que Popo, certa vez, me disse que quatro é um número de muito azar porque, se você o diz de forma zangada, sempre soa errado.

O Orvalho Gelado veio. Ficou muito frio, e Segunda e Terceira Esposa, seus filhos e criados voltaram para casa, em Tientsin. Houve uma grande comoção quando elas chegaram. Wu Tsing permitiu que o novo automóvel fosse enviado à estação de trem, mas é claro que não era suficiente para trazê-los todos de volta. Então, atrás do carro, foram uma dúzia ou mais de riquixás, saltando como grilos seguindo um grande besouro brilhante. As mulheres começaram a sair do carro.

Mamãe estava postada atrás de mim, pronta para dar as boas-vindas à todos. Uma mulher usando um simples vestido estrangeiro e enormes sapatos feios aproximou-se de nós. Três meninas, uma delas com a minha idade, seguiram-na.

“Esta é Terceira Esposa e suas três filhas,” disse mamãe.

Aquelas três meninas eram ainda mais tímidas do que eu. Elas aglomeraram-se ao redor da mãe com as cabeças baixas e não falaram. Mas eu continuei a encará-las. Eram tão simples quanto a mãe, com dentes grandes, lábios finos e sobrancelhas grossas como

lagartas. Terceira Esposa acolheu-me calorosamente e deixou que eu carregasse um de seus pacotes.

Senti a mão de mamãe apertar meu ombro. “E ali está Segunda Esposa. Ela vai querer que você a chame de Grande Mãe,” ela sussurrou.

Eu vi uma mulher vestida num longo casaco de pele negro e roupas ocidentais escuras, muito elegantes. E em seus braços, ela segurava um garotinho de bochechas gorduchas e rosadas que parecia ter uns dois anos.

“Ele é Syaudi, seu irmão mais novo,” mamãe sussurrou. Ele usava um gorro feito da mesma pele escura e estava com os pequenos dedos enroscados ao redor do longo colar de pérolas de Segunda Esposa. Eu me perguntei como ela conseguiu ter um bebê assim tão novo. Segunda Esposa era bonita o suficiente e parecia saudável, mas era bem velha, talvez uns quarenta e cinco anos. Ela entregou o bebê a uma criada e então começou a dar instruções às várias pessoas que ainda estavam aglomeradas ao seu redor. Então, Segunda Esposa caminhou em minha direção, sorrindo, seu casaco de peles brilhando a cada passo. Ela fitou-me como se estivesse me examinando, como se me reconhecesse. Por fim, ela sorriu e acariciou minha cabeça. E então, com um rápido e gracioso movimento das mãos pequenas, ela removeu seu longo cordão perolado e colocou-o ao redor de meu pescoço.

Aquela era a mais bela peça de joalheria que eu havia tocado. Era desenhado em estilo ocidental, um longo cordão, cada conta do mesmo tamanho e de um idêntico tom rosado, com um pesado broche de prata floreado que se unia perfeitamente.

Mamãe imediatamente protestou: “Isso é demais para uma criança pequena. Ela iria estragar, perdê-lo.”

Mas Segunda Esposa me disse, simplesmente: “Uma garota tão bonita precisa de algo para iluminar seu rosto.”

E eu pude notar, pela maneira como mamãe se encolheu e ficou em silêncio, que ela ficou zangada. Ela não gostava de Segunda Esposa. Eu tinha que ser cuidadosa com a forma como demonstrava meus sentimentos: não devia deixar que mamãe pensasse que Segunda Esposa havia me conquistado. Contudo, eu tive essa sensação imprudente. Estava cheia de alegria por Segunda Esposa ter me concedido aquele presente especial.

“Obrigada, Grande Mãe,” falei à Segunda Esposa. E eu estava olhando para baixo, para evitar mostrar-lhe meu rosto. Mas ainda assim não pude evitar sorrir.

Quando mamãe e eu fomos tomar chá em seu quarto, mais tarde naquele dia, eu sabia que ela estava zangada.

“Tenha cuidado, An-meí,” disse ela. “O que você ouve não é verdadeiro. Ela faz nuvens com uma mão, chuva com a outra. Está tentando enganá-la para que faça qualquer coisa por ela.”

Eu fiquei sentada, em silêncio, tentando não ouvir minha mãe. Estava pensando no quanto mamãe reclamava, que talvez toda sua infelicidade viesse de suas queixas. Pensava em como não deveria ouvi-la.

“Dê-me o colar,” disse ela, subitamente. Fitei-a sem me mover. “Você não acredita em mim, então deve me dar o colar. Não permitirei que ela a compre por um presente tão barato.”

E quando ainda assim eu não me mexi, ela levantou-se, aproximou-se e arrancou o colar. Antes que eu pudesse gritar para impedi-la, ela colocou o colar sob seu sapato e pisou-o. Quando mamãe colocou-o sobre a mesa, eu vi o que ela fez. Aquele colar, que quase comprou meu coração e mente, agora possuía uma conta de vidro esmagada. Mais tarde, ela removeu aquela conta quebrada e consertou-a de modo que o colar parecesse

inteiro de novo. Ela me mandou usar aquele colar todos os dias, durante uma semana, para que me lembrasse do quanto era fácil perder-me com algo falso. E depois que usei aquelas pérolas falsas por tempo suficiente para aprender esta lição, ela me deixou tirá-las. Então, mamãe abriu uma caixa e voltou-se para mim: “Agora você consegue reconhecer o que é verdadeiro?” Eu assenti.

Ela colocou algo em minha mão. Era um pesado anel de safira azul-marinho com uma estrela no centro, tão pura que eu nunca cessaria de olhar com admiração.

Antes que o segundo mês frio começasse, Primeira Esposa voltou de Pequim, onde mantinha uma casa e vivia com suas duas filhas solteiras. Lembro de ter pensando que Primeira Esposa faria Segunda Esposa submeter-se às suas condições. Primeira Esposa era a esposa líder, por lei e costume.

Mas Primeira Esposa revelou ser um fantasma vivo, nenhuma ameaça para Segunda Esposa que possuía seu espírito forte intacto. Primeira Esposa parecia um bocado velha e frágil com seu corpo redondo, pés limitados, seus antigos casacos e calças fora de moda, e um rosto comum, marcado. Mas agora que a recordo, ela não devia ser muito velha, talvez da idade de Wu Tsing, então teria uns cinquenta anos.

Quando conheci Primeira Esposa, pensei que fosse cega. Ela agia como se não me enxergasse. Ela não via Wu Tsing. Não via minha mãe. No entanto, ela conseguia ver as duas filhas, duas solteironas passadas da idade de casar; elas tinham uns 25 anos pelo menos. E ela sempre recuperava a visão a tempo de ralar com os dois cães por farejarem seus aposentos, cavarem o jardim junto à sua janela ou urinarem na perna de uma mesa.

“Por que Primeira Esposa às vezes enxerga e às vezes não?” perguntei para Yan Chang, certa noite, enquanto ela me ajudava no banho.

“Primeira Esposa diz ver somente o que é a perfeição de Buda,” disse Yan Chang. “Ela diz ser cega à maioria das imperfeições.”

Yan Chang disse que Primeira Esposa escolheu ser cega à infelicidade de seu casamento. Ela e Wu Tsing haviam sido unidos em tyandi, céu e terra, então o casamento deles era espiritual, arranjado por uma casamenteira, ordenado pelos pais e protegido pelos espíritos de seus ancestrais. Mas após o primeiro ano de casamento, Primeira Esposa deu à luz uma menina com uma das pernas mais curta. E este infortúnio induziu Primeira Esposa a começar uma peregrinação aos templos budistas para oferecer donativos e túnicas de seda em honra à imagem de Buda, para queimar incenso e orar para que Buda curasse a perna de sua filha. E como aconteceu, ao invés disso, Buda escolheu abençoar Primeira Esposa com outra filha, esta com as duas pernas perfeitas, mas – alas! – com uma mancha escura tingindo metade de seu rosto. Com este segundo infortúnio, Primeira Esposa começou a ir a tantas peregrinações para Tsinan, apenas meio dia de viagem de trem para o sul, que Wu Tsing comprou-lhe uma casa perto dos Mil Penhascos de Buda e do Bosque dos Bambus e Fontes. Todo ano, ele aumentava a pensão de que ela precisava para administrar sua própria família lá. Então, duas vezes por ano, durante os meses mais frios e mais quentes do ano, ela retornava à Tientsin para prestar respeito e sofrer de cegueira na casa do marido. Toda vez que retornava, ela permanecia em sua cama, sentada o dia todo como um Buda, fumando ópio, falando tranquilamente para si mesma. Ela não descia para as refeições. Ao invés disso, adiantava-se ou comia refeições vegetarianas no próprio quarto. Wu Tsing fazia-lhe uma visita no quarto ao meio-dia, uma vez por semana, tomando chá durante meia hora, perguntando-lhe sobre a saúde. Ele não a importunava à noite.

Esta mulher fantasma não deve ter causado nenhum sofrimento para minha mãe, mas, de fato, colocou idéias em sua cabeça. Mamãe acreditava que também sofrera o suficiente para merecer sua própria casa, talvez não em Tsinan, mas uma no leste, na

pequena Petaiho, uma bela estação de veraneio à beira-mar, cheia de terraços, jardins e viúvas abastadas.

“Vamos viver em nossa própria casa,” contou-me ela alegremente, no dia em que neve caiu no chão ao redor de nossa moradia. Ela vestia uma nova túnica de seda e peles da cor das penas turquesa e brilhantes de um martim-pescador. “A casa não será tão grande quanto esta aqui. Será bem pequena. Mas poderemos viver por conta própria, com Yan Chang e alguns outros criados. Wu Tsing já prometeu isso.”

Durante o mais frio mês do inverno, estávamos todos entediados, adultos e crianças igualmente. Não ousávamos sair. Yan Chang me prevenira que minha pele congelaria e se partiria em mil pedaços. E os outros criados sempre fofocavam a respeito do que viam na cidade todos os dias: as portas dos fundos dos armazéns sempre bloqueadas pelos corpos congelados de mendigos. Homem ou mulher, não se podia saber, ficavam irreconhecíveis com a fina camada de neve que os cobria.

Então permanecíamos todos os dias na casa, pensando em algo para nos distrair. Mamãe folheava revistas estrangeiras e recortava as fotografias dos vestidos de que gostava, então descia para o andar de baixo para discutir com a costureira como fazer o tal vestido, usando os materiais disponíveis.

Eu não gostava de brincar com as filhas de Terceira Esposa, que eram tão dóceis e enfadonhas quanto a mãe. Aquelas garotas ficavam contentes olhando pela janela o dia todo, observando o sol nascer e se pôr. Então, em vez disso, Yan Chang e eu assávamos castanhas sobre o pequeno fogareiro de carvão. E queimando nossos dedos enquanto comíamos esses doces petiscos, naturalmente começávamos a rir e tagarelar. Então eu ouvia o relógio bater e a mesma música começar a tocar. Yan Chang fingia cantar desafinadamente em estilo de ópera clássica e ambas ríamos alto, lembrando como Segunda Esposa havia cantado na noite anterior, acompanhando seus trinados com um alaúde de três cordas e cometendo vários erros. Ela fez todo mundo sofrer durante essa noite de diversão, até que Wu Tsing declarou um basta ao adormecer em sua cadeira. E rindo daquilo, Yan Chang contou-me uma história sobre Segunda Esposa.

“Há vinte anos atrás, ela foi uma famosa cantora de Shantung, uma mulher com algum respeito, especialmente entre os homens casados que freqüentavam as casas de chá. Embora nunca tenha sido bonita, ela era esperta, sedutora. Podia tocar vários instrumentos musicais, cantar narrativas antigas com uma clareza desoladora, levar o dedo ao rosto e cruzar os pequeninos pés de maneira correta.

Wu Tsing pediu-lhe que fosse sua concubina, não por amor, mas por causa do prestígio de possuir o que tantos outros homens desejavam. E essa cantora, depois que viu sua enorme riqueza e imbecil primeira esposa, consentiu em tornar-se a concubina dele. Desde o início, Segunda Esposa soube como controlar o dinheiro de Wu Tsing. Ela sabia, pelo modo como seu rosto empalidecia ao som do vento, que ele temia os fantasmas. E todos sabem que suicídio é a única forma de uma mulher poder escapar de um casamento e ganhar vingança, para voltar como um fantasma e espalhar folhas de chá e boa fortuna. Então, quando ele se recusou a dar-lhe uma pensão maior, ela fingiu suicidar-se. Ela comeu um pedaço de ópio cru, suficiente para deixá-la doente, e então mandou sua criada contar a Wu Tsing que estava morrendo. Três dias mais tarde, Segunda Esposa recebeu uma pensão ainda maior do que a que havia pedido.

Ela fingiu tantos suicídios que nós, criados, começamos a suspeitar que ela nem se incomodava mais em comer ópio. Sua atuação era potente o bastante. Logo, ela conseguiu o melhor aposento da casa, seu próprio riquixá particular, uma casa para seus velhos pais, uma soma para comprar bênçãos nos templos.

Mas uma única coisa ela não podia ter: filhos. E ela sabia que Wu Tsing logo ficaria ansioso para ter um filho que pudesse realizar os ritos ancestrais e, portanto, garantir sua própria eternidade espiritual. Então, antes que Wu Tsing pudesse reclamar sobre a falta de filhos de Segunda Esposa, ela disse: ‘Eu já a encontrei, uma concubina apropriada para gerar seus filhos. Por sua própria natureza, você pode notar que ela é virgem.’ E isso era verdade, realmente. Como pode ver, Terceira Esposa é um bocado feia. Nem mesmo possui pés pequenos.

Terceira Esposa, é claro, ficou em débito com Segunda Esposa por fazer este arranjo, então não havia argumento sobre a administração da casa. E, embora Segunda Esposa não precisasse levantar sequer um dedo, ela supervisionava a compra de comida e suprimentos, aprovava a contratação dos empregados e convidava os parentes nos dias de festival. Ela procurou amas de leite para cada uma das três filhas que Terceira Esposa gerou para Wu Tsing. E mais tarde, quando Wu Tsing ficou novamente impaciente por um filho e começou a esbanjar dinheiro demais em casas de chá de outras cidades, Segunda Esposa arranhou para que sua mãe se tornasse a terceira concubina e quarta esposa de Wu Tsing!”

Yan Chang revelou essa história de maneira tão natural e alegre que eu aplaudi seu habilidoso final. Continuamos a quebrar castanhas até que não consegui mais permanecer em silêncio.

“O que Segunda Esposa fez para que minha mãe se casasse com Wu Tsing?” perguntei, timidamente.

“Uma criança pequena não conseguiria entender tais coisas!” ela censurou.

Imediatamente, eu baixei o olhar e permaneci quieta até que Yan Chang ficasse novamente irrequieta por ouvir sua própria voz falar naquela tarde silenciosa.

“Sua mãe,” disse Yan Chang, como se estivesse falando para si mesma, “é boa demais para esta família.”

“Há cinco anos atrás – seu pai havia morrido apenas um ano antes – ela e eu fomos à Hangchow, para visitar os Seis Pagodas da Harmonia, no canto mais distante do Lago Oeste. Seu pai foi um respeitado erudito e também devotado às seis virtudes do Budismo santificadas naquele templo. Então sua mãe ajoelhou-se diante desse pagoda, prometendo observar a harmonia correta de corpo, pensamentos e fala, para abster-se de dar opiniões e afastar-se da riqueza. E quando embarcamos no navio para cruzar o lago novamente, nos sentamos defronte a um homem e uma mulher. Eles eram Wu Tsing e Segunda Esposa.

Wu Tsing deve ter notado sua beleza imediatamente. Naquela época, sua mãe possuía os cabelos na altura da cintura, presos ao alto da cabeça. E ela tinha uma pele incomum, de uma cor rosada e lustrosa. Mesmo com as roupas brancas de viúva, ela era linda! Mas porque era viúva, não tinha valor em muitos aspectos. Não poderia se casar novamente. Mas isso não impediu Segunda Esposa de pensar numa forma. Ela estava cansada de ver o dinheiro de sua família ser desperdiçado em tantas casas de chá diferentes. O dinheiro que ele gastava era suficiente para sustentar mais cinco esposas! Ela estava ansiosa para aquietar o apetite exterior de Wu Tsing. Então, ela conspirou com Wu Tsing, para atrair sua mãe para a cama dele.

Ela puxou conversa com sua mãe e descobriu que ela planejava ir ao Monastério de Retiro dos Espíritos, no dia seguinte. E Segunda Esposa apareceu nesse lugar também. Após mais conversa amigável, ela convidou sua mãe para jantar. Sua mãe estava tão solitária por uma boa conversa que aceitou alegremente. Depois do jantar, Segunda Esposa disse à sua mãe, ‘Você joga mah-jong? Oh, não faz mal se não jogar bem. Somos apenas três pessoas agora e não podemos jogar afinal, a menos que você seja amável suficiente para juntar-se a nós amanhã à noite.’

Na noite seguinte, após uma longa sessão de mah-jong, Segunda Esposa bocejou e insistiu para que sua mãe passasse a noite ali. ‘Fique! Fique! Não seja tão formal. Não, sua formalidade é realmente mais inconveniente. Por que acordar o garoto do riquixá?’ disse Segunda Esposa. ‘Veja isso, minha cama certamente é grande o bastante para duas.’

Enquanto sua mãe dormia profundamente na cama de Segunda Esposa, esta se levantou no meio da noite e deixou o quarto escuro. Wu Tsing tomou seu lugar. Quando sua mãe acordou ao encontrá-lo tocando-a sob as roupas íntimas, ela pulou da cama. Ele a agarrou pelos cabelos e jogou-a no chão. Então pisou em sua garganta e mandou-a tirar as roupas. Sua mãe não gritou ou chorou quando ele caiu sobre ela. Na manhã seguinte, ela partiu num riquixá, com os cabelos desfeitos e lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela não contou a ninguém, exceto eu, o que acontecera. Mas Segunda Esposa queixou-se a várias pessoas sobre a descarada viúva que seduzira Wu Tsing em sua cama. Como uma viúva sem valor poderia acusar uma mulher rica de estar mentindo?

Então, quando Wu Tsing pediu a sua mãe que fosse sua terceira concubina, para gerar-lhe um filho, que escolha ela tinha? Ela já era tão baixa quanto uma prostituta. E quando voltou para a casa do irmão e ajoelhou-se três vezes para dizer adeus, seu irmão chutou-a, e a própria mãe a expulsou da casa da família para sempre. É por isso que você não viu sua mãe novamente até sua avó falecer. Sua mãe veio morar em Tientsin, para esconder a vergonha com a riqueza de Wu Tsing. E três anos depois, ela deu à luz um filho, que Segunda Esposa reclamou como seu. E foi como vim morar na casa de Wu Tsing,” concluiu Yan Chang, orgulhosamente.

E assim foi como eu descobri que o bebê, Syaudi, era realmente filho de mamãe, meu irmão mais novo.

Na verdade, o que Yan Chang fez foi algo ruim, contar-me a história de mamãe. Segredos são escondidos das crianças, a tampa sobre a chaleira de sopa, para que elas não fervam com verdade demais.

Depois que Yan Chang me contou essa história, eu vi tudo. Ouvi coisas que nunca compreendera antes.

Eu vi a real natureza de Segunda Esposa.

Eu percebia como ela frequentemente dava dinheiro à Quinta Esposa para que esta fosse visitar sua pobre vila, encorajando aquela garota tola a “mostrar aos amigos e familiares o quanto se tornara rica!” E, é claro, suas visitas sempre lembravam Wu Tsing da origem classe baixa de Quinta Esposa e do quanto fora tolo por ter sido fisgado por sua carne grosseira.

Via Segunda Esposa koutou Primeira Esposa, curvando-se com profundo respeito enquanto lhe oferecia mais ópio. E eu soube por que o poder de Primeira Esposa havia sido drenado.

Eu via o medo de Terceira Esposa quando Segunda Esposa contava-lhe histórias sobre velhas concubinas que haviam sido chutadas na rua. E eu soube por que Terceira Esposa prezava pela saúde e felicidade de Segunda Esposa.

E eu vi a terrível dor de minha mãe enquanto Segunda Esposa embalava Syaudi em seu colo, beijava o filho de mamãe e dizia a esse bebê, “Enquanto eu for sua mãe, você nunca será pobre. Nunca será infeliz. Você crescerá para ser o chefe desta família e cuidar de mim na velhice.” E eu soube por que mamãe chorava em seu quarto com tanta frequência. A promessa de Wu Tsing quanto a uma casa – por se tornar a mãe de seu único filho homem – desapareceu no dia em que Segunda Esposa teve um colapso com

outro ataque de suicídio fingido. E mamãe soube que não podia fazer nada para trazer a promessa de volta.

Eu sofri tanto depois que Yan Chang contou-me a história de mamãe. Eu queria que ela gritasse com Wu Tsing, com Segunda Esposa, com Yan Chang e dissesse a esta que errara ao me contar aquelas histórias. Mas mamãe nem sequer tinha direito a fazer isso. Ela não tinha escolha.

Dois dias antes do Ano Novo Lunar, Yan Chang me acordou quando ainda estava escuro lá fora. “Rápido!” gritou ela, puxando-me antes que minha mente e olhos pudessem funcionar juntos.

O quarto de mamãe estava vivamente iluminado. Assim que entrei, eu pude vê-la. Corri até a cama e parei junto a um banco. Seus braços e pernas moviam-se de um lado para outro enquanto permanecia deitada de costas. Ela era como um soldado marchando para lugar algum, a cabeça virando para esquerda e direita. E então, todo seu corpo se esticou, rígido, como se estivesse se rebelando. Seu maxilar estava distendido e vi sua língua, toda inchada. Ela tossia, tentando cuspi-la para fora.

“Acorde!” sussurrei. Então, eu me virei e notei todos parados ali: Wu Tsing, Yan Chang, Segunda Esposa, Terceira Esposa, Quinta Esposa, o médico.

“Ela tomou muito ópio,” disse Yan Chang, chorando. “O médico diz que não pode fazer nada. Ela se envenenou.”

Então, eles não estavam fazendo nada, somente esperavam. Eu também esperei durante várias horas. Os únicos sons foram aqueles da garota no relógio, tocando o violino. Eu queria gritar para o relógio e silenciar seus ruídos sem sentido, mas não o fiz.

Observei minha mãe marchar em sua cama. Queria dizer as palavras que acalmariam seu corpo e espírito. Mas permaneci ali como os outros, esperando e não dizendo nada. E então, recordei sua história a respeito da pequena tartaruga, seu aviso para não chorar. E quis gritar com ela por aquilo ser inútil. Já havia lágrimas demais. E eu tentei engoli-las, uma por uma, mas elas vinham rápidas demais até que finalmente meus lábios cerrados se abriram, de repente, e eu chorei e chorei, então chorei novamente, deixando todos no quarto se alimentarem de minhas lágrimas.

Eu desmaiei com todo esse pesar e eles me carregaram de volta para a cama de Yan Chang. Então naquela manhã, enquanto mamãe morria, eu sonhei.

Sonhei que estava caindo do céu até o chão, num lago. E transformei-me numa pequena tartaruga deitada no fundo desse lugar lacrimoso. Em cima de mim, eu pude ver os bicos de milhares de pegas bebendo do lago, bebendo e cantando alegremente, enchendo suas barrigas brancas. Eu chorava copiosamente, tantas lágrimas, mas elas bebiam e bebiam, muitas delas, até que não restou mais nenhuma, e o lago ficou vazio, completamente, seco como areia.

Yan Chang me contou, mais tarde, que mamãe ouviu Segunda Esposa e tentara fingir um suicídio. Palavras falsas! Mentiras! Ela nunca daria ouvidos a essa mulher que lhe causou tanto sofrimento.

Eu sei que mamãe ouviu seu próprio coração, para não mais fingir. Sei disso porque por qual outra razão ela morreria dois dias antes do Ano Novo Lunar? Por que motivo ela planejava sua morte tão cuidadosamente que se tornaria uma arma?

Três dias antes do Ano Novo Lunar, ela comeu ywansyau, o grudento bolinho doce cozido que todos comem para celebrar. Comeu um atrás do outro. E eu lembro de seu estranho comentário.

“Veja só como é esta vida. Você não consegue engolir o suficiente dessa amargura.” E o que ela fez foi comer ywansyau recheado com uma espécie de veneno amargo, não sementes adocicadas ou a entorpecedora felicidade do ópio como Yan Chang e os outros haviam pensado. Quando o veneno rompeu dentro de seu corpo, ela sussurrou-me que preferia matar seu próprio espírito fraco para que pudesse me dar um mais forte.

A pegajosidade se prendeu a seu corpo. Eles não puderam remover o veneno, então ela morreu, dois dias antes do Ano Novo. Eles a deitaram sobre uma folha de madeira no salão principal. Ela vestiu trajes funerários muito mais ricos do que os que vestira em vida. Roupas de baixo de seda para mantê-la aquecida, sem o fardo pesado de um casaco de peles. Uma túnica de seda, costurada com fio de ouro. Uma touca de ouro, lápis-lazúli e jade. E um delicado par de chinelos com solas feitas do mais macio couro e duas pérolas gigantes em cada pé, para iluminar seu caminho para o nirvana.

Vendo-a pela última vez, atirei-me sobre seu corpo. E ela abriu os olhos lentamente. Eu não estava assustada. Sabia que ela podia me ver e ao que finalmente havia feito. Então, cerrei seus olhos com meus dedos e lhe disse, de todo coração: eu posso enxergar a verdade também. Eu sou forte também.

Porque ambas sabíamos disso: que no terceiro dia, depois que alguém morre, a alma retorna para o ajuste de contas. No caso de minha mãe, seria no primeiro dia do Ano Novo Lunar. E porque é ano novo, todos os débitos deviam ser pagos ou desastres e infortúnios se seguiriam.

Assim naquele dia, Wu Tsing, com medo do espírito vingativo de minha mãe, usou o mais ordinário traje de algodão branco de luto. Ele prometeu à seu fantasma visitante que promoveria Syaudi e a mim como seus honoráveis filhos. Ele prometeu reverenciá-la como se ela tivesse sido a Primeira Esposa, sua única esposa.

E naquele dia, eu mostrei a Segunda Esposa o colar de pérolas falso que ela havia dado e esmaguei-o com o pé.

E naquele dia, os cabelos de Segunda Esposa começaram a ficar brancos.

E naquele dia, eu aprendi a gritar.

Eu sei como é viver a vida como um sonho. Ouvir e observar, acordar e tentar compreender o que já aconteceu. Você não precisa de um psiquiatra para fazer isso. Um psiquiatra não quer que você acorde. Ele lhe diz para sonhar um pouco mais, para encontrar o lago e derramar mais lágrimas sobre ele. E na verdade, ele é apenas outro pássaro bebendo de sua miséria.

Minha mãe, ela sofreu. Perdeu o rosto e tentou escondê-lo. Encontrou apenas miséria maior e, finalmente, não pôde esconder aquilo. Não há mais nada a compreender. Aquilo era a China. Aquilo era o que as pessoas faziam então. Elas não tinham escolha. Não podiam falar em voz alta. Não podiam fugir. Era o destino delas.

Mas agora elas podem fazer algo. Agora, ela não tem mais que engolir as próprias lágrimas ou sofrer a zombaria dos pássaros. Eu sei disso porque li essa notícia numa revista da China.

Dizia que, por milhares de anos, os pássaros haviam atormentado os camponeses. Eles se reuniam para observar os camponeses curvados sobre os campos, cavando a terra árida, chorando sobre os sulcos para regar as sementes. E quando as pessoas se afastavam, os pássaros pousavam nos campos, bebiam as lágrimas e comiam as sementes. Então, as crianças passavam fome.

Mas um dia, todos esses camponeses cansados – de toda a China – se juntaram nos campos por toda parte. Eles viram os pássaros comendo e bebendo. E disseram “Chega desse sofrimento e silêncio!” Eles começaram a bater palmas, bater nas panelas e frigideiras com paus e gritar, “Sz! Sz! Sz!” – Morram! Morram! Morram!

E todos esses pássaros levantaram vôo, alarmados e confusos com aquela nova raiva, batendo suas asas negras no ar, voando baixo, esperando que o barulho parasse. Mas os gritos das pessoas apenas aumentaram, cada vez mais fortes e zangados. Os pássaros ficaram cada vez mais exaustos, incapazes de pousar e comer. E isso continuou por várias horas, por vários dias, até que todos aqueles pássaros – centenas, milhares e então milhões! – flutuaram para o chão, mortos e imóveis, e não restou nenhum pássaro no céu.

O que seu psiquiatra diria se eu lhe contasse que gritei de alegria quando li que aquilo aconteceu?

Ying-ying St. Clair – Esperando Entre as Árvores

Minha filha me colocou no menor quarto de sua nova casa. “Este é o quarto de hóspedes,” disse Lena à sua orgulhosa maneira americana.

Eu sorrio. Mas no modo de pensar chinês, o quarto de hóspedes é o melhor quarto, onde ela e o marido dormem. Eu não lhe digo isto. Sua sabedoria é como um lago sem fundo. Você joga pedras, elas afundam na escuridão e se dissolvem. Seus olhos examinam, mas não refletem nada.

Eu penso assim por dentro, embora ame minha filha. Eu e ela compartilhamos do mesmo corpo. Há uma parte da mente dela que é parte da minha. Mas quando nasceu, ela pulou de dentro de mim como um peixe escorregadio, e tem nadado para longe desde então. Toda sua vida, eu a tenho observado como se de outra margem. E agora devo lhe contar tudo a respeito de meu passado. É a única forma de penetrar sua pele e puxá-la para onde pode ser salva.

Este quarto possui tetos que se inclinam para baixo em direção ao travesseiro de minha cama. Suas paredes se fecham como um caixão. Eu deveria lembrar minha filha de não colocar nenhum bebê neste quarto, mas sei que ela não ouvirá. Ela já disse que não quer nenhum bebê. Ela e o marido estão ocupados demais desenhando lugares que outros construirão e onde outros viverão. Eu não posso dizer a palavra americana que ela e o marido são. É uma palavra feia.

“Arti-queto,” eu pronunciei, certa vez, para minha cunhada.

Minha filha riu quando ouviu isso. Quando ela era criança, eu deveria tê-la estapeado com mais frequência por desrespeito. Mas agora é tarde demais. Agora, ela e o marido me dão dinheiro para acrescentar ao meu, assim chamado, “seguro”. Então a sensação ardente que tenho na mão às vezes, devo guardá-la de volta no coração e mantê-la ali.

Que bem faz desenhar prédios luxuosos e então morar num que é inútil? Minha filha tem dinheiro, mas tudo em sua casa é para aparência, e nem mesmo para boa aparência. Olhe para essa mesa de canto. É um mármore branco pesado sobre finas pernas negras. Uma pessoa sempre deve lembrar de não colocar uma bolsa pesada nesta mesa ou vai quebrá-la. A única coisa que pode ficar ali é um comprido vaso preto. O vaso é parecido com uma perna de aranha, tão fino que só cabe uma única flor. Se você sacudir a mesa, o vaso e a flor irão cair.

Por toda a casa, eu vejo os sinais. Minha filha olha, mas não enxerga. Essa é uma casa que se partirá em pedaços. Como eu sei? Eu sempre soube de algo antes que ela acontecesse.

Quando era uma jovem garota em Wushi, eu era lihái. Selvagem e obstinada. Exibia um sorriso afetado no rosto. Boa demais para ouvir. Era pequena e bonita. Possuía pés pequenos que me faziam vaidosa. Se um par de chinelos de seda ficava empoeirado, eu os jogava fora. Usava caros sapatos de pele importados com pequenos saltos. Estraguei vários pares e arruinei muitas meias correndo pelo pátio de pedra.

Eu frequentemente desmanchava meus cabelos e usava-os soltos. Mamãe via as mechas selvagens e censurava-me: “Aii-ya, Ying-ying, você está como as senhoras fantasmas do fundo do lago.”

Essas senhoras eram aquelas que afogavam a vergonha e flutuavam nas casas das pessoas vivas com os cabelos desganhados, para mostrar seu eterno desespero. Mamãe

dizia que eu traria vergonha para nossa casa, mas eu apenas ria enquanto ela tentava prender meus cabelos com longos grampos. Ela amava-me demais para ficar zangada. Eu era como ela. Foi por isso que ela me chamou de Ying-ying, Reflexo Claro.

Éramos uma das famílias mais ricas de Wushi. Possuíamos vários quartos, cada um com enormes e pesadas mesas. Sobre cada mesa havia um pote de jade selado hermeticamente com um tampo de jade. Cada pote continha cigarros britânicos sem filtro, sempre com a quantidade correta. Nem muito, nem pouco. Os potes tinham sido feitos apenas para esses cigarros. Eu não pensava nada sobre estes potes. Eles eram lixo em minha mente. Certa vez, meus irmãos e eu roubamos um pote e despejamos os cigarros na estrada. Corremos até um largo buraco que fora aberto na rua, onde a água subterrânea fluía. Lá, nos agachávamos junto com as crianças que viviam na sarjeta. Escavávamos copos de água suja, esperando encontrar um peixe ou algum tesouro desconhecido. Não encontrávamos nada, e logo nossas roupas estavam cobertas de lama e ficávamos irreconhecíveis, comparadas às crianças que viviam nas ruas.

Possuíamos muitas riquezas naquela casa. Tapetes de seda e jóias. Tigelas raras e marfim esculpido. Mas quando recorro daquela casa, e não é com frequência, eu penso naquele pote de jade, o tesouro enlameado que não sabia que tinha nas mãos.

Há outra coisa que recorro claramente a respeito daquela casa.

Eu estava com dezesseis anos. Foi a noite em que minha tia mais nova se casou. Ela e o novo marido já haviam se retirado para o quarto que compartilhariam na casa grande com sua nova sogra e o resto da recente família.

Vários membros da família visitante demoraram-se em nossa casa, sentados ao redor da grande mesa no salão principal, todos rindo e comendo amendoins, descascando laranjas e rindo ainda mais. Um homem de outra cidade estava sentado conosco, um amigo do novo marido de minha tia. Ele era mais velho do que meu irmão maior, então eu o chamava de Tio. Seu rosto estava avermelhado por ter bebido uísque.

“Ying-ying,” ele me chamou roucamente, enquanto se levantava da cadeira. “Talvez você ainda esteja com fome, não é verdade?”

Eu olhei ao redor da mesa, sorrindo para todos devido àquela atenção especial dada a mim. Pensei que ele tiraria um presente especial da enorme sacola que estava alcançando. Eu esperei por alguns biscoitos doces. Mas ele tirou uma melancia e colocou-a sobre a mesa com um ruído alto. “Kai gwa?” – Abra a melancia – disse ele, equilibrando uma grande faca sobre a fruta perfeita.

Ele então enterrou a faca com um poderoso empurrão e abriu a enorme boca numa gargalhada, tão grande, que pude ver todos os seus dentes de ouro. Todos na mesa riram alto. Meu rosto queimou de embaraço porque, na época, não compreendi. Sim, é verdade que eu era uma garota selvagem, mas era inocente. Eu não sabia que coisa má ele havia feito quando abriu aquela melancia. Eu não compreendi até seis meses mais tarde, quando estava casada com esse homem e ele sibilou para mim, bêbado, que estava pronto para kai gwa. Era um homem tão mal que mesmo hoje não consigo falar seu nome.

Por que me casei com este homem? Porque, na noite após o casamento de minha tia, eu comecei a saber de algo antes que acontecesse.

A maioria dos parentes foi embora na manhã seguinte. E ao entardecer, minhas meias-irmãs e eu ficamos entediadas. Estávamos na mesma mesa larga, tomando chá e comendo sementes de melancia torradas. Minhas meias-irmãs tagarelavam em voz alta, enquanto eu partia sementes e empilhava as cascas.

Minhas irmãs sonhavam casar-se com insignificantes rapazes de famílias não tão boas quanto a nossa. Elas não sabiam como ambicionar por algo tão bom. Eram as filhas das concubinas de meu pai. Eu era a filha da esposa de papai.

“A mãe dele tratará você como uma criada...” repreendeu uma irmã ao ouvir a escolha da outra.

“Loucura pelo lado do tio...” retorquiu a outra meia-irmã.

Quando cansaram-se de gozar uma à outra, elas me perguntaram com quem eu queria casar. “Não sei,” respondi arrogantemente.

Não é que os garotos não me interessassem. Eu sabia como atrair atenção e ser admirada. Mas era vaidosa demais para achar qualquer um bom o bastante para mim.

Aqueles eram os pensamentos em minha cabeça. Mas pensamentos são de duas espécies. Alguns são sementes, plantadas quando você nasce, colocadas ali por seu pai, sua mãe e os ancestrais antes deles. E alguns pensamentos são plantados por outros. Talvez fossem as sementes de melancia que eu estava comendo: pensei naquele homem risonho da noite anterior. E então, um vento forte soprou do norte, fazendo uma flor sobre a mesa voar de seu apoio e cair aos meus pés.

Esta é a verdade. Foi como se uma faca tivesse cortado a cabeça da flor, um sinal. Desde então, eu soube que me casaria com esse homem. Pensei nisso, não com alegria, mas espanto que pudesse saber.

E logo comecei a ouvir o nome desse homem mencionado por meu pai, meu tio e o novo marido de minha tia. Durante o jantar, seu nome era servido em minha tigela, junto com a sopa. Eu encontrava-o fitando-me através do pátio de meu tio, assentindo, “Viu, ela não consegue desviar o rosto. Já é minha.”

Verdade seja dita, eu não virava o rosto. Combatia seu olhar com o meu. Escutava-o com o nariz empinado, sentindo o fedor de suas palavras quando dizia que papai provavelmente não pagaria o dote que ele exigiu. Eu lutei tão arduamente para mantê-lo longe de meus pensamentos que caí num leito nupcial com ele.

Minha filha não sabe que fui casada com esse homem no passado, vinte anos antes de ela nascer. Ela não sabe o quanto fui bonita quando casei-me com tal homem. Era até mais bela do que minha filha, que possui pés de camponesa e nariz largo como o pai. Até hoje, minha pele é macia e meu corpo é de uma garota jovem. Mas existem linhas profundas em minha boca, onde eu costumava exibir sorrisos. E meus pobres pés, certa vez tão pequenos e delicados! Agora estão inchados, calejados e partidos nos calcanhares. Meus olhos, tão vivos e cintilantes aos dezesseis, agora estão amarelados, turvos. Mas eu ainda vejo quase tudo claramente. Quando quero recordar, é como olhar para dentro de uma tigela e encontrar os últimos grãos de arroz que você não terminou.

Era fim de tarde no Lago Tai, pouco depois que este homem e eu nos casamos. Lembro que foi quando vim a me apaixonar por ele. Este homem virou meu rosto na direção do pôr-do-sol, segurou meu queixo, acariciou minha bochecha e disse, “Ying-ying, você possui olhos de tigre. Eles reúnem fogo durante o dia. À noite, brilham dourados.”

Eu não ri, embora ele tenha declamado muito mal esse poema. Chorei com honesta alegria. Tive uma sensação profunda no coração, como uma criatura lutando para fugir e querendo ficar ao mesmo tempo. Foi o quanto vim a amar este homem. Como quando uma pessoa une-se a seu corpo e há uma parte de sua mente que nada para se unir a ela contra a vontade.

Virei uma estranha para mim mesma; eu ficava bonita para ele. Se colocava chinelos em meus pés, escolhia um par que sabia que iria agradá-lo. Eu escovava meus cabelos noventa e nove vezes por noite para trazer sorte ao nosso leito matrimonial, na esperança de conceber um filho. Na noite em que ele semeou o bebê, eu novamente soube de algo antes que ela acontecesse. Sabia que seria um menino. Eu conseguia ver

este garotinho em meu ventre. Ele teria os olhos de meu marido, grandes e arregalados. Teria dedos longos e afilados, lóbulos generosos e cabelos oleosos que revelariam uma testa larga.

Foi porque tive tanta alegria, então, que vim a sentir tanto ódio. Mas mesmo quando fui mais feliz, tive uma inquietação que começou bem sobre a fronte, onde você sabe das coisas. Essa inquietação, mais tarde, gotejou para meu coração, onde você sente algo e ela se torna realidade. Meu marido começou a fazer muitas viagens de negócio para o norte.

Essas viagens começaram logo depois que nos casamos, mas tornaram-se mais longas depois que o bebê foi colocado em meu ventre. Eu lembrava que o vento do norte havia soprado a sorte e meu marido em meu caminho, então à noite, quando ele estava longe, eu abria as janelas de meu quarto, mesmo nas noites frias, para que soprasse seu espírito e coração de volta para mim.

O que eu não sabia é que o vento do norte é o mais frio. Ele penetra no coração e leva embora o calor. O vento reuniu tal força que soprou meu marido para fora de minha cama e pela porta dos fundos. Eu descobri através de minha tia que ele me abandonara para viver com uma cantora de ópera. Ainda mais tarde, quando superei minha dor e vim a ter nada em meu coração exceto um odioso desespero, minha tia falou-me a respeito das outras. Dançarinas e mulheres americanas. Prostitutas. Uma prima ainda mais jovem do que eu. Ela partiu misteriosamente para Hong Kong, logo depois que meu marido desapareceu.

Então, eu vou contar à Lena sobre minha vergonha. Que eu era rica e bonita. Era boa demais para qualquer homem. Que tornei-me uma mercadoria abandonada. Contar-lhe-ei que, aos dezoito, a beleza foi sugada de meu rosto. Que pensei em me jogar no lago, como as outras damas da vergonha. E contar-lhe-ei sobre o bebê que matei por causa do ódio que vim a sentir por este homem.

Eu arranquei esse bebê de meu ventre antes que ele pudesse nascer. Não era uma coisa ruim de se fazer na China, na época, matar um bebê antes que nascesse. Mas mesmo assim, eu achei que foi ruim porque meu corpo se rebelou numa terrível vingança quando os líquidos do filho recém-nascido deste homem fluíram através de mim.

Quando as enfermeiras me perguntaram o que deveriam fazer com o bebê sem vida, eu joguei-lhes um jornal e mandei que o embrulhassem como um peixe e o jogassem no lago. Minha filha pensa que eu não sei o que significa não querer um bebê.

Quando minha filha olha para mim, ela vê apenas uma pequena velha. É porque enxerga somente com seus olhos exteriores. Ela não possui ‘chuming’, nenhuma sabedoria interior das coisas. Se possuísse ‘chuming’, ela veria uma mulher tigre. E teria um cauteloso temor.

Eu nasci no ano do Tigre. Foi um ano muito ruim para nascer, um ano muito bom para ser um Tigre. Foi o ano em que um espírito muito mau entrou no mundo. Pessoas no campo morriam como galinhas num dia quente de verão. Pessoas na cidade viravam sombras, entravam em suas casas e desapareciam. Bebês nasciam e não engordavam. A carne descolava de seus ossos em dias e eles morriam.

O mau espírito permaneceu no mundo por quatro anos. Mas eu vim de um espírito ainda mais forte e sobrevivi. Isto é o que mamãe dizia, quando fiquei velha o bastante para saber por que era tão voluntariosa à meu modo.

Então, ela me contou por que um tigre é dourado e negro. Existem dois lados. O dourado salta com seu coração feroz. O lado negro permanece imóvel com astúcia,

ocultando seu brilho entre as árvores, vendo e não sendo visto, esperando pacientemente pelas coisas por vir. Eu não aprendi a usar meu lado negro até que o homem mau me abandonou.

Tornei-me igual àquelas damas do lago. Jogava tecidos brancos sobre os espelhos em meu quarto, para que não tivesse que ver minha dor. Perdi a força e não conseguia nem mesmo levantar as mãos para prender grampos em meu cabelo. Eu flutuei como uma folha morta sobre a água, até que deixei a casa de minha sogra e voltei para o lar de minha família.

Eu fui para o campo, longe de Shangai, morar com a família de um primo em segundo grau. Fiquei ali por dez anos. Se você me perguntar o que fiz durante esses longos anos, posso apenas dizer que esperei entre as árvores. Eu tinha um olho adormecido e outro aberto, vigilante. Eu não trabalhava. A família de meu primo tratava-me bem porque eu era a primogênita da família que os sustentou.

A casa era miserável, apinhada com três famílias. Não era confortável estar ali e era o que eu queria. Bebês engatinhavam no chão com os ratos. Galinhas entravam e saíam como hóspedes rurais grosseiros de meus parentes. Todos nós comíamos na cozinha, no meio da gordura quente das frituras. E as moscas! Se você deixasse uma tigela mesmo com alguns poucos grãos de arroz, encontrá-la-ia coberta de moscas famintas tão magras que parecia uma tigela viva de sopa de feijões pretos. Era o quanto o país era pobre.

Após dez anos, eu fiquei pronta. Não era mais uma garotinha, mas uma mulher estranha. Uma mulher ainda casada, mas sem marido. Eu fui para a cidade com ambos os olhos abertos. Era como se a tigela de moscas pretas tivesse sido despejada na rua. Em todo lugar, havia pessoas se mudando, homens desconhecidos atacando mulheres desconhecidas e ninguém se importando.

Com o dinheiro de minha família, eu comprei roupas novas, conjuntos simples e modernos. Cortei meus longos cabelos de maneira elegante, como um rapazinho. Eu estava tão cansada de não fazer nada por tantos anos que decidi trabalhar. Tornei-me uma vendedora. Eu não precisava aprender a adular as mulheres. Sabia as palavras que elas queriam ouvir. Um tigre consegue ronronar do fundo de seu peito e fazer até mesmo os coelhos se sentirem seguros e contentes.

Embora fosse uma mulher crescida, eu me tornei bela novamente. Isto foi uma dádiva. Eu vestia roupas bem melhores e mais caras do que as que vendia na loja. E aquilo fazia as mulheres comprarem as roupas baratas porque pensavam que poderiam parecer tão bonitas quanto eu.

Foi nessa loja, trabalhando como uma camponesa, que eu conheci Clifford St. Clair. Ele era um enorme, pálido, homem americano que comprava as roupas mais baratas da loja e mandava-as para o estrangeiro. Foi seu nome que me fez saber que casaria com ele. “Mistah Saint Clair,” disse em inglês, quando se apresentou para mim. E então, acrescentou com seu débil, desafinado chinês, “Como o anjo da luz.”

Eu não gostei nem desgostei dele. Não o achei atraente nem sem atrativos. Mas sabia disso. Eu sabia que ele era o sinal de que meu lado negro logo iria embora.

Saint cortejou-me durante quatro anos à sua estranha maneira. Embora eu não fosse a proprietária da loja, ele sempre me cumprimentava, apertando minhas mãos, segurando-as por um longo tempo. As palmas de suas mãos sempre suavam mesmo depois que nos casamos. Ele era limpo e agradável. Mas cheirava a estrangeiro, um fedor de cordeiro que nunca poderia ser lavado.

Eu não era indelicada. Mas ele era ‘kechi’, muito gentil. Comprava-me presentes baratos: uma estatueta de vidro, um incômodo broche de vidro lapidado, um isqueiro prateado. Saint agia como se estes presentes não fossem nada, como se ele fosse um

homem rico presenteando uma pobre garota caipira com coisas que nunca tínhamos visto na China.

Mas eu notava sua expressão enquanto me observava abrindo as caixas. Ansioso e ávido por me agradar. Ele não sabia que tais coisas não eram nada para mim, que eu havia sido criada com riquezas que ele nem poderia imaginar.

Eu sempre aceitei esses presentes graciosamente, sempre protestando o suficiente, nem muito nem pouco. Eu não o encorajava. Mas porque sabia que este homem, algum dia, tornar-se-ia meu marido, eu cuidadosamente colocava essas bugigangas inúteis numa caixa, embrulhando cada uma com lenços de papel. Eu sabia que algum dia ele me pediria para vê-las novamente.

Lena pensa que Saint resgatou-me da pobre vila rural da qual eu disse que era. Ela está certa. Ela está errada. Minha filha não sabe que Saint teve que esperar, pacientemente, durante quatro anos como um cachorro na frente do açougue. Como eu finalmente aceitei e deixei que ele se casasse comigo? Eu estava esperando pelo sinal que sabia que viria. Tive que esperar até 1946.

Uma carta veio de Tientsin, não de minha família, que achou que eu estava morta. Era de minha tia mais nova. Mesmo antes de abrir a carta, eu soube. Meu marido estava morto. Ele há muito deixara sua cantora de ópera. Estava com alguma garota imprestável, uma jovem criada. Mas ela possuía um espírito forte e era imprudente, muito mais do que ele. Quando ele tentou abandoná-la, ela já tinha afiado sua faca de cozinha mais longa.

Eu achava que este homem havia, há muito tempo atrás, drenado tudo de meu coração. Mas agora, algo forte e amargo fluiu e me fez sentir outro vazio num lugar que eu não sabia que estava lá. Eu amaldiçoei esse homem em voz bem alta para que pudesse me ouvir. Você tinha olhos de cachorro. Você pulou e seguiu quem quer que o tenha chamado. Agora persegue sua própria cauda.

Então, eu decidi. Decidi deixar Saint casar-se comigo. Tão fácil para mim. Eu era a filha da esposa de meu pai. Falei numa voz trêmula. Fiquei pálida, doente e mais magra. Permiti-me transformar-me num animal ferido. Deixei o caçador se aproximar e transformar-me num tigre fantasma. De bom grado, renunciei ao meu 'chi', o espírito que me causou tanta dor.

Agora, eu era um tigre que não saltava nem permanecia esperando entre as árvores. Tornei-me um espírito invisível.

Saint levou-me para a América, onde vivi em casas menores do que aquela no campo. Usei largas roupas americanas. Fiz a tarefa de criados. Aprendi os costumes ocidentais. Tentei falar com um acento fraco. Criei uma filha, observando-a de outra margem. Aceitei seus costumes americanos.

Com todas essas coisas, eu não me importei. – Eu não possuía um espírito. Posso dizer à minha filha que amei o pai dela? Ele foi um homem que esfregava meus pés à noite. Ele elogiava a comida que eu cozinhava. Ele chorou honestamente quando lhe mostrei as bugigangas que guardei para o dia certo, o dia em que ele me deu minha filha, uma garota tigre.

Como eu poderia não amar este homem? Mas era o amor de um fantasma. Braços que rodeavam, mas não tocavam. Uma tigela cheia de arroz, mas sem meu apetite para comê-la. Sem fome. Sem saciedade.

Agora Saint é um fantasma. Ele e eu podemos amar igualmente. Ele sabe as coisas que tenho escondido por todos esses anos. Agora devo contar tudo à minha filha. Que

ela é a filha de um fantasma. Ela não possui 'chi'. Esta é minha maior vergonha. Como eu posso deixar este mundo sem deixar-lhe meu espírito?

Então é isso que eu farei. Vou reunir meu passado e olhar. Verei algo que já aconteceu. A dor que desatou meu espírito. Vou segurar esta dor com a mão até que ela se torne resistente, brilhante e mais clara. Então, minha ferocidade pode voltar, meu lado dourado, meu lado negro. Usarei esta dor aguda para penetrar na pele dura de minha filha e desatar seu espírito de tigre. Ela lutará contra mim porque esta é a natureza de dois tigres. Mas eu vencerei e dar-lhe-ei meu espírito, porque esse é o modo como uma mãe ama sua filha.

Eu escuto minha filha falando com o marido, no andar de baixo. Eles dizem palavras que não significam nada. Sentam-se num quarto sem vida. Eu sei de uma coisa antes que aconteça. Ela irá escutar o vaso e a mesa desabando no chão. Ela vai subir as escadas e entrar em meu quarto. Seus olhos não verão nada na escuridão, onde eu estou, esperando entre as árvores.

Lindo Jong – Rosto Duplo

Minha filha queria ir à China em sua segunda lua-de-mel, mas agora tem medo. “E se eu me misturar tão bem que pensarão que sou um deles?” perguntou Waverly. “E se eles não me deixarem voltar para os Estados Unidos?”

“Quando você for à China,” eu respondi, “não precisará nem mesmo abrir a boca. Eles já sabem que é uma forasteira.”

“Sobre o que está falando?” ela perguntou. Minha filha gosta de argumentar. Gosta de questionar o que eu digo.

“Aii-ya,” falei. “Mesmo que você use as roupas deles, mesmo que retire a maquiagem e esconda suas jóias luxuosas, eles sabem. Sabem apenas observando o modo como caminha, o modo como mostra seu rosto. Sabem que você não pertence ao lugar.”

Minha filha não pareceu satisfeita quando eu lhe disse isto, que ela não parecia chinesa. Ela exibiu uma expressão rabugenta no rosto. Oh, talvez dez anos atrás, ela teria aplaudido – viva! – como se fossem boas notícias. Mas agora ela quer ser chinesa, é tão na moda. E eu sei que é tarde demais. Durante todos aqueles anos, eu tentei ensiná-la! Ela seguiu meus costumes chineses somente até aprender a sair pela porta sozinha e ir para a escola. Então, agora, as únicas palavras chinesas que sabe dizer são ‘shsh’, ‘houche’, ‘chr fan’ e ‘gwan deng shweijyau’. Como ela pode conversar com as pessoas na China usando estas palavras? Pipi, choo choo trem, comer, desligar luz dormir. Como ela pode pensar que vai se misturar? Apenas sua pele e cabelos são chineses. Por dentro – ela é toda americana.

É minha culpa por ela ser desse modo. Eu queria que meus filhos tivessem a melhor combinação: circunstâncias americanas e caráter chinês. Como eu poderia saber que essas duas coisas não se misturam?

Eu lhes ensinei como as circunstâncias americanas funcionavam. Se você nasce pobre aqui, não é uma vergonha duradoura. Você é a primeira na fila para uma bolsa de estudos. Se o telhado desaba em sua cabeça, não é necessário chorar pela má sorte. Você pode processar qualquer um, fazer o senhorio consertar. Você não tem que se sentar como um Buda sob uma árvore, deixando os pombos fazerem as necessidades sujas em sua cabeça. Você pode comprar um guarda-chuva. Ou entrar numa igreja católica. Na América, ninguém diz que você tem que aturar as circunstâncias que alguém lhe impôs.

Ela aprendeu essas coisas, mas não consegui lhe ensinar sobre caráter chinês. Como obedecer aos pais e ouvir os conselhos de sua mãe. Como não demonstrar os próprios pensamentos, esconder seus sentimentos atrás do rosto para obter vantagem com oportunidades ocultas. Por que não valia a pena perseguir coisas fáceis. Como descobrir seu próprio valor e refiná-lo, nunca exibi-lo por aí como um anel barato. Por que o pensamento chinês é melhor.

Não, esse tipo de pensamento não se aderiu a ela. Waverly estava ocupada demais mascando chicletes, soprando bolas maiores do que suas bochechas. Apenas esse tipo de pensamento aderiu.

“Termine seu café,” falei ontem. “Não jogue fora suas bênçãos.”

“Não seja tão antiquada, Ma,” ela respondeu, despejando o café na pia. “Eu sou mais eu.”

E eu penso, como ela pode ser mais ela? Quando foi que desisti dela?

Minha filha está prestes a se casar pela segunda vez. Então me pediu que fosse a seu salão de beleza, seu famoso Mr. Rory. Eu sei o significado. Ela está envergonhada de minha aparência. O que os pais do marido e seus importantes amigos advogados irão pensar dessa atrasada e velha mulher chinesa?

“Tia An-mei pode cortar meu cabelo,” eu falo.

“Rory é famoso,” diz minha filha, como se não tivesse ouvidos. “Ele faz um trabalho fabuloso.”

Então eu me sento na cadeira de Mr. Rory. Ele me bombeia para cima e para baixo, até eu estar na altura correta. Então minha filha me critica como se eu não estivesse ali. “Veja como está liso de um lado,” ela acusa em minha cabeça. “Ela precisa de um corte e permanente. E essa tinta roxa em seu cabelo, ela pinta em casa. Ela nunca teve nada feito profissionalmente.”

Ela olha para Mr. Rory através do espelho. Ele olha para mim através do espelho. Eu já vi este olhar profissional antes. Americanos não olham realmente um para o outro quando estão conversando. Eles conversam com seus reflexos. Olham para os outros ou a si mesmos apenas quando acham que ninguém está observando. Então, eles nunca vêm como realmente se parecem. Vêm a si mesmos sorrindo sem as bocas abertas, ou desviando para o lado onde não podem ver seus defeitos.

“Como ela quer?” pergunta Mr. Rory. Ele acha que não entendo inglês. Ele desliza os dedos através de meu cabelo. Está mostrando como sua mágica pode tornar meu cabelo mais fino e comprido.

“Ma, como você quer?” Por que minha filha acha que está traduzindo inglês para mim? Antes mesmo que eu possa falar, ela explica meus pensamentos: “Ela quer uma onda suave. Provavelmente não deveríamos cortá-los curtos demais. Do contrário, estará muito armado para o casamento. Não quer parecer esquisita ou excêntrica.”

E agora ela diz para mim, em voz alta, como se eu tivesse perdido a audição, “Está certo, Ma? Não muito armado?”

Eu sorrio. Uso meu rosto americano. É a expressão que os americanos acham que é chinesa, aquela que eles não conseguem compreender. Mas, por dentro, estou ficando envergonhada. Estou envergonhada por ela estar envergonhada. Porque ela é minha filha e sinto orgulho dela, e eu sou sua mãe, mas ela não está orgulhosa de mim.

Mr. Rory afofa mais meu cabelo. Ele olha para mim. Olha para minha filha. E então diz algo para ela que realmente a desagrada. “É incrível o quanto vocês são parecidas!”

Eu sorrio, dessa vez, com meu rosto chinês. Mas os olhos e o sorriso de minha filha tornam-se bem estreitos, do modo como um gato se estende pouco antes do bote. Agora Mr. Rory afasta-se para que possamos pensar a respeito daquilo. Eu o ouço estalando os dedos, “Banho! A Sra. Jong é a próxima!”

Então minha filha e eu ficamos sozinhas naquele salão de beleza lotado. Ela franze a testa no espelho. Ela me vê observando-a.

“As mesmas bochechas,” diz ela, apontando para meu rosto e então cutucando o seu. Ela aspira as bochechas para dentro, para parecer uma pessoa faminta. Coloca o rosto próximo do meu, lado a lado, e olhamos uma para a outra através do espelho.

“Você pode ver sua natureza em seu rosto,” digo à minha filha, sem pensar. “Pode ver seu futuro.”

“O que quer dizer?” ela pergunta.

E agora eu tenho que combater meus sentimentos. Estes dois rostos, eu penso, são tão parecidos! A mesma alegria, a mesma tristeza, a mesma boa sorte, os mesmos defeitos. Estou vendo a mim mesma e minha mãe, de volta à China, quando era uma garotinha.

Minha mãe – sua avó – certa vez previu minha sorte, como meu caráter poderia induzir as circunstâncias boas ou ruins. Ela estava sentada à sua penteadeira com um grande espelho. Eu estava parada atrás, meu queixo descansando em seu ombro. O dia seguinte era o início do ano novo. Eu completaria dez anos de idade, pelo calendário chinês, então era um aniversário importante para mim. Foi por essa razão talvez que ela não me criticou muito. Ela olhava para meu rosto.

Tocou minha orelha. “Você tem sorte,” disse. “Tem minhas orelhas, lóbulos firmes e grandes, bem carnudos nas margens, cheia de bênçãos. Algumas pessoas nascem tão pobres. Suas orelhas são tão magras, tão próximas à cabeça, nunca conseguem ouvir a sorte os chamando. Você tem as orelhas certas, mas deve ouvir as oportunidades.”

Ela correu o dedo fino por meu nariz. “Você possui meu nariz. O buraco não é grande demais, então seu dinheiro não ficará escoando. O nariz é reto e suave, um bom sinal. Uma garota com o nariz torto está destinada à desgraça. Sempre seguindo as coisas erradas, as pessoas erradas, a pior sorte.”

Ela tocou meu queixo e então o dela. “Nem muito curto nem muito longo. Nossa longevidade será adequada, não interrompida cedo demais, nem tão longa a ponto de nos transformarmos num fardo.” Ela afastou os cabelos de minha testa. “Somos iguais,” concluiu mamãe. “Talvez sua testa seja mais larga, então será ainda mais inteligente. E seus cabelos são espessos, a linha é baixa em sua testa. Isso significa que passará por alguns sofrimentos em sua juventude. Isso aconteceu comigo. Mas veja a linha de meu cabelo agora. Alto! Uma benção e tanto para minha velhice. Mais tarde você aprenderá a se preocupar e perder seu cabelo também.”

Ela tomou meu queixo nas mãos. Virou meu rosto em sua direção, olhos encarando olhos, moveu-o de um lado para outro. “Os olhos são francos, ambiciosos,” disse ela. “Eles me seguem e mostram respeito. Não olham para baixo em vergonha. Não resistem e viram para o lado oposto. Você será uma boa esposa, mãe e nora.”

Quando mamãe me disse estas coisas, eu ainda era jovem. E mesmo ela tendo dito que éramos iguais, eu quis parecer ainda mais igual. Se seus olhos arqueavam-se e pareciam surpresos, eu queria que meus olhos fizessem o mesmo. Se sua boca pendia e ficava infeliz, eu também queria me sentir infeliz.

Eu era tão parecida com minha mãe. Isso foi antes de nossas circunstâncias nos separarem: uma inundação que motivou minha família a me deixar para trás, meu primeiro casamento com uma família que não me queria, uma guerra de todos os lados e, mais tarde, um oceano que levou-me para um novo país. Ela não viu como meu rosto mudou ao longo dos anos. Como minha boca começou a pender. Como comecei a me preocupar, mas ainda assim não perdi os cabelos. Como meus olhos começaram a seguir os costumes americanos. Ela não viu que eu torcia o nariz, sacudindo num ônibus cheio, em San Francisco. Seu pai e eu estávamos à caminho da igreja para agradecer a Deus por nossas bênçãos, mas tive que subtrair algumas por meu nariz.

É difícil conservar seu rosto chinês na América. No início, antes mesmo de chegar, eu tive que esconder minha verdadeira natureza. Paguei uma garota chinesa em Pequim, criada na América, para me mostrar como.

“Na América,” ela disse, “você não pode dizer que quer viver lá para sempre. Se você é chinês, deve dizer que admira suas escolas, seu modo de pensar. Você deve dizer que quer ser uma estudante e voltar para ensinar aos chineses o que aprendeu.”

“O que eu deveria dizer que quero aprender?” perguntei. “Se eles me fizerem perguntas, e se eu não puder responder...”

“Religião, você deve dizer que quer estudar religião,” respondeu esta esperta garota. “Todos os americanos tem idéias diferentes a respeito de religião, então não existem respostas certas e erradas. Diga a eles, ‘Vim por amor à Deus’ e eles vão respeitá-la.”

Por outra soma em dinheiro, essa garota me deu um formulário preenchido em inglês. Eu tive que copiar essas palavras repetidas vezes, como se elas tivessem saído de minha própria cabeça. Ao lado da palavra NOME, eu escrevi ‘Lindo Sun’. Ao lado das palavras DATA DE NASCIMENTO, escrevi ‘11 de maio, 1918’, a qual a garota insistiu que era o mesmo que três meses depois do Ano Novo Lunar Chinês. Do lado de LOCAL DE NASCIMENTO, coloquei ‘Taiyuan, China’. E ao lado da palavra OCUPAÇÃO, escrevi ‘Estudante de Teologia’.

Eu dei ainda mais dinheiro a essa garota por uma lista de endereços em San Francisco, pessoas com grandes conexões. E finalmente, a garota me deu, grátis, instruções para mudar minhas circunstâncias. “Primeiro,” ela disse, “você deve encontrar um marido. Um cidadão americano é melhor.”

Ela notou minha surpresa e rapidamente acrescentou “Chinês! É claro, ele deve ser chinês. ‘Cidadão’ não significa Branco. Mas se ele não for um cidadão, você deve imediatamente fazer o número dois. Olhe aqui, você deve ter um bebê. Menino ou menina, não importa nos Estados Unidos. Nenhum deles tomará conta de você na velhice, não é verdade?” E ambas rimos.

“Porém, tenha cuidado,” ela continuou. “Lá, as autoridades irão perguntar se você tem filhos agora ou se está pensando em ter algum. Você deve dizer não. Deve parecer sincera e dizer que não é casada, é religiosa, sabe que é errado ter um bebê.”

Eu devo ter parecido perplexa, porque ela acrescentou: “Ouça bem agora, como um bebê por nascer poderia saber o que não deve ser feito? E, uma vez que tenha nascido, é um cidadão americano, pode fazer o que quiser. Pode pedir à mãe que fique, não é verdade?”

Mas aquilo não foi a razão de minha perplexidade. Eu me perguntei ‘por que ela disse que eu deveria parecer sincera?’ De que outro modo eu poderia parecer quando estava dizendo a verdade?

Veja como meu rosto ainda parece sincero. Por que eu não lhe dei essa expressão? Por que você sempre diz a seus amigos que cheguei aos Estados Unidos num lento navio da China? Isso não é verdade. Eu não era assim tão pobre. Peguei um avião. Eu havia economizado o dinheiro que a família de meu primeiro marido deu quando me mandaram embora. E economizei dinheiro de meus doze anos trabalhando como telefonista. Mas é verdade que não peguei o vôo mais rápido. O avião demorou três semanas. Ele parava em todo lugar: Hong Kong, Vietnã, Filipinas, Havaí. Então, no momento em que cheguei, eu não pareci sinceramente feliz por estar ali.

Por que você sempre diz às pessoas que eu conheci seu pai na Cathay House, abri um biscoito da sorte que dizia que me casaria com um moreno belo e estranho, e quando levantei os olhos, lá estava o garçom, seu pai. Por que você faz esta piada? Isso não é sincero. Não foi verdade! Seu pai não foi garçom, eu nunca comi naquele restaurante. A Cathay House possuía uma placa que dizia ‘Comida Chinesa’ somente para que americanos entrassem ali, antes de ser demolida. Agora é um restaurante McDonald’s com um cartaz enorme dizendo ‘Mai dong lou’ – ‘trigo’, ‘leste’, ‘prédio’. Tudo disparate. Por que você se sente atraída apenas por disparates chineses? Você deve compreender minhas reais circunstâncias, como eu cheguei, como me casei, como perdi meu rosto chinês, por que você é do jeito que é.

Quando cheguei, ninguém me fez perguntas. As autoridades verificaram e carimbaram meus documentos para me deixar entrar. Eu decidi ir ao endereço em San Francisco primeiro, aquele que a garota de Pequim me deu. O ônibus me deixou numa rua larga com bondes elétricos. Era a Califórnia Street. Subi a colina e vi um prédio alto. Era o velho St. Mary's. Na parte de baixo da placa dessa igreja, escrita à mão em caracteres chineses, alguém acrescentou 'Cerimônia chinesa para salvar almas da Inquietação Espiritual, 7:00 e 8:30 da manhã.' Memorizei esta informação no caso das autoridades me perguntarem onde eu praticava minha religião. Então, vi outra placa, do outro lado da rua. Estava pintado do lado de fora de um prédio baixo: 'Salve Hoje para o Futuro, no Banco da América.' E eu pensei comigo mesma, ali é onde os americanos praticam a religião deles. Vê, naquela época eu era tão estúpida! Hoje, aquela igreja é do mesmo tamanho, mas onde aquele banco costumava estar, há agora um prédio alto de cinquenta andares, onde você e seu futuro marido trabalham e desdenham todo mundo.

Minha filha riu quando eu disse isto. A mãe dela sabe contar uma boa piada.

Então, eu continuei subindo essa colina. Vi duas pagodas, um de cada lado da rua, como se fossem as entradas para um grande templo de Buda. Mas quando olhei com mais cuidado, percebi que a pagoda era, na realidade, somente uma construção com pilhas de telhas de barro, sem paredes, nada mais sob a cabeça. Estava surpresa com como haviam tentado fazer tudo parecer uma velha cidade imperial ou o túmulo de um imperador. Mas se você olhasse para ambos os lados desses pagodas falsos, poderia ver as ruas se tornarem estreitas e apinhadas, sombrias e sujas. Pensei comigo mesma, por que escolheram apenas as piores partes chinesas para o interior? Por que, ao invés disso, não construíram jardins e lagos? Oh, aqui e ali estava a vista de uma famosa caverna antiga ou uma ópera chinesa. Mas por dentro era sempre o mesmo material barato.

Então, no momento em que encontrei o endereço que a garota de Pequim me deu, eu sabia que não deveria esperar muito. O endereço era de um enorme prédio verde barulhento, com crianças correndo para cima e para baixo sobre as escadarias e corredores. Lá dentro, no número 402, encontrei uma velha senhora que imediatamente disse que havia perdido seu tempo me esperando a semana toda. Ela rapidamente escreveu alguns endereços e me entregou, mantendo a mão estendida depois que peguei o papel. Dei-lhe um dólar americano. Ela me fitou e então disse: "Syaujye" – Senhorita – "estamos na América agora. Mesmo um mendigo passa fome com esse dólar."

Dei-lhe outro dólar, e ela disse, "Aii, você acha que é tão fácil conseguir essa informação?" E dei mais um, e ela fechou a mão e a boca.

Com os endereços que essa velha me deu, eu encontrei um apartamento barato na Washington Street. Era como todos os outros lugares, em cima de uma pequena loja. E através dessa lista de três dólares, encontrei um terrível emprego que me pagava \$75 centavos por hora. Oh, eu tentei conseguir um emprego como balconista, mas você tinha que saber inglês para isso. Tentei outro emprego como recepcionista chinesa, mas eles também queriam que eu esfregasse minhas mãos sobre homens estrangeiros. Soube imediatamente que aquilo era tão ruim quanto ser uma prostituta de quarta-classe na China! Então esfreguei aquele endereço com tinta preta. E alguns dos outros empregos exigiam que você tivesse um relacionamento especial. Eram empregos oferecidos por famílias de Canton, Toishan e os Quatro Distritos, pessoas do sul que tinham vindo há muitos anos atrás para fazer suas fortunas, e ainda as mantinham com as mãos de seus bisnetos.

Então minha mãe estava certa a respeito de meus sofrimentos. Esse emprego na fábrica de biscoitos era um dos piores. Enormes máquinas pretas trabalhavam dia e noite, despejando pequenas panquecas sobre chapas giratórias. As outras mulheres e eu

nos sentávamos sobre bancos altos e, enquanto as pequenas panquecas passavam, tínhamos que tirá-las da chapa quente assim que ficavam douradas. Colocávamos uma tira de papel no centro e então dobrávamos o biscoito no meio, curvando sua superfície antes que endurecesse. Se você tirasse a panqueca cedo demais, queimava os dedos na massa quente e crua. Mas se tirasse muito tarde, o biscoito iria endurecer antes que pudesse completar a primeira dobra. Então você teria que jogar esses erros numa barrica, o que contava contra você, porque o dono podia vender aquilo somente como restos.

Depois do primeiro dia, eu sofri com dez dedos vermelhos. Este não era um emprego para uma pessoa estúpida. Você tinha que aprender rápido ou seus dedos transformar-se-iam em salsichas fritas. Então, no dia seguinte, somente meus olhos arderam, por nunca desviá-los das panquecas. E no dia depois desse, meus braços começaram a doer por mantê-los prontos para pegar as panquecas no momento exato. Mas, ao fim da primeira semana, o trabalho se tornou automático então pude relaxar o suficiente para notar quem quer que estivesse trabalhando ao meu lado. Uma delas era uma mulher mais velha que nunca sorria e falava para si mesma, em cantonês, quando estava zangada. Ela falava como uma pessoa louca. Do outro lado, ficava uma mulher que tinha mais ou menos a minha idade. Sua barrica continha poucos erros. Mas eu suspeitava que ela os comia. Ela era um bocado rechonchuda.

“Eh, syaujye,” disse ela para mim, acima do barulho alto das máquinas. Senti-me grata por ouvir sua voz, por descobrir que ambas falávamos mandarim embora o dialeto dela soasse vulgar. “Você alguma vez pensou que seria tão poderosa a ponto de poder determinar a sorte de alguém?” perguntou.

Eu não compreendi o que ela quis dizer. Então ela pegou uma das tiras de papel e leu em voz alta, primeiro em inglês: “Não brigue e estenda sua roupa suja em público. Ao vencedor, a lama.” E traduziu para o chinês: “Você não deve brigar e lavar sua roupa ao mesmo tempo. Se ganhar, suas roupas ficarão sujas.”

Eu ainda não sabia o que ela queria dizer. Então ela pegou outro papel e leu: “Dinheiro é a raiz de todo o mal. Olhe ao redor e cave fundo.” E em chinês: “Dinheiro é uma má influência. Você se torna inquieto e rouba túmulos.”

“O que são esses absurdos?” eu perguntei, colocando as tiras de papel em meu bolso, achando que deveria estudar esses clássicos ditados americanos.

“É sorte,” ela explicou. “Os americanos acham que os chineses escreveram esses ditados.”

“Mas nunca dissemos tais coisas!” falei. “Elas não fazem sentido. Não é sorte, são más instruções.”

“Não, senhorita,” disse ela, rindo. “É nossa má sorte, estarmos aqui fazendo isso e má sorte de alguém, pagar para consegui-las.”

Então foi assim que conheci An-mei Hsu. Sim, sim, Tia An-mei, agora tão fora de moda. An-mei e eu ainda rimos daquelas más sortes e como, mais tarde, elas se tornaram um bocado úteis ao me ajudar a conseguir um marido.

“Eh, Lindo,” An-mei disse para mim, um dia, em nosso local de trabalho. “Venha até minha igreja nesse domingo. Meu marido tem um amigo que está procurando por uma boa esposa chinesa. Ele não é cidadão, mas tenho certeza de que sabe como fazer um.” E foi assim que ouvi falar de Tin Jong, seu pai, pela primeira vez. Não era como meu primeiro casamento, onde tudo foi arranjado. Eu tinha uma escolha. Poderia escolher casar com seu pai ou escolher não me casar com ele, e voltar para a China.

Eu soube que algo não estava certo quando o vi: ele era cantonês! Como An-mei pôde pensar que eu poderia me casar com tal pessoa? Mas ela apenas disse: “Nós não estamos mais na China. Você não tem que se casar com o rapaz da vila. Aqui, somos todos da mesma vila agora, mesmo vindo de partes diferentes da China.” Veja como Tia An-mei mudou desde aqueles velhos tempos.

Então ficamos tímidos no começo, seu pai e eu, ambos incapazes de conversar um com o outro em nossos dialetos chineses. Íamos para as aulas de inglês juntos, conversando com aquelas palavras novas e, às vezes, pegando um pedaço de papel para escrever um caractere chinês e mostrar o que queríamos dizer. Pelo menos tínhamos isso, um pedaço de papel para nos manter unidos. Mas é difícil distinguir as intenções de casamento de alguém quando você não consegue falar as coisas em voz alta. Todos aqueles pequenos sinais – as brincadeiras, imposições, palavras de repreensão – é como você sabe se é sério. Mas não podíamos conversar apenas como nosso professor de inglês. Eu vejo gato. Eu vejo rato. Eu vejo chapéu.

Mas eu logo vi o suficiente para saber o quanto seu pai gostava de mim. Ele fingia que estava numa peça chinesa para me mostrar o que queria dizer. Ele sorria de um lado para outro, pulando, passando os dedos pelos cabelos, e então eu descobria – mang jile! – que lugar atarefado e excitante era esse Pacific Telephone, o local onde ele trabalhava. Você desconhece isso sobre seu pai – que ele podia ser um ator tão bom assim? Você não sabia que seu pai tinha tanto cabelo?

Oh, eu descobri, mais tarde, que seu emprego não era como ele descreveu. Não era tão bom. Mesmo hoje, agora que consigo falar em cantonês com seu pai, eu sempre lhe pergunto por que não procurou uma situação melhor. Mas ele age como se estivéssemos naqueles velhos tempos, quando não conseguia entender nada do que eu dizia. Às vezes, eu me pergunto por que desejei casar com seu pai. Acho que An-mei colocou a idéia em minha cabeça. Ela dizia, “Nos filmes, rapazes e moças estão sempre trocando bilhetes na classe. É o modo como se metem em encrencas. Você precisa começar uma encrenca para que esse homem cumpra as intenções dele. Do contrário, será uma senhora idosa antes que ele se decida.”

Naquela noite, An-mei e eu fomos para o trabalho e examinamos as tiras de papel dos biscoitos da sorte, tentando encontrar as instruções corretas para dar a seu pai. An-mei os lia em voz alta, separando aqueles que poderiam funcionar: “Diamantes são os melhores amigos de uma mulher. Nunca se acomode por um companheiro.” “Se tais pensamentos estão em sua cabeça, é hora de se casar.” “Confúcio diz que uma mulher vale mil palavras. Diga à sua esposa que ela consumiu o total.” Nós ríamos desses.

Mas eu soube qual era o certo assim que o li. Dizia: “Uma casa não é um lar quando um cônjuge não está nela.” Eu não ri. Embrulhei este provérbio numa panqueca, dobrando o biscoito com todo meu coração.

Depois da escola, na tarde seguinte, coloquei a mão dentro de minha bolsa e fiz um olhar, como se um rato a tivesse mordido. “O que é isso?” exclamei. Então peguei o biscoito e entreguei a seu pai. “Eh! Tantos biscoitos, só de ver fico enjoada. Você come esse biscoito.”

Eu já sabia que ele, por natureza, não desperdiçava nada. Ele abriu o biscoito, mastigou-o e então leu o pedaço de papel.

“O que diz?” perguntei. Tentei agir como se aquilo não importasse. E quando ele ainda assim não respondeu, eu falei, “Traduza, por favor.”

Estávamos caminhando pela Praça Portsmouth, o nevoeiro já tinha surgido e eu estava com muito frio em meu casaco fino. Então esperava que seu pai se apressasse e me pedisse em casamento. Mas, ao invés disso, ele manteve a expressão séria e disse,

“Eu não conheço essa palavra, ‘cônjuge’. Hoje à noite, vou olhar em meu dicionário. Então poderei lhe dizer o significado amanhã.”

No dia seguinte, ele me perguntou em inglês: “Lindo, pode me conjugar?” Eu ri dele, dizendo que usara a palavra incorretamente. Então ele voltou atrás e fez uma piada de Confúcio, que se as palavras estavam incorretas, então suas intenções deviam estar incorretas também. Ficamos brincando e nos provocando assim o dia todo, e foi como decidimos nos casar.

Um mês depois, promovemos uma cerimônia na Primeira Igreja Batista Chinesa, onde nos conhecemos. E nove meses depois, seu pai e eu conseguimos nossa prova de cidadania, um menino, seu irmão mais velho Winston. Dei-lhe o nome de Winston porque gostava do significado em inglês daquelas duas sílabas, “wins-ton” – ganhar toneladas! – Eu queria criar um filho que ganharia muitas coisas, elogios, dinheiro, uma boa vida. Naquela época, eu pensava comigo, ‘Finalmente tenho tudo que quis.’ Eu estava tão feliz, não notávamos que éramos pobres. Via apenas o que possuíamos. Como eu poderia saber que Winston morreria, mais tarde, num acidente de carro? Tão jovem! Apenas dezesseis anos!

Dois anos depois de Winston nascer, eu tive seu outro irmão, Vincent. Dei-lhe esse nome, que soa como “win-cent” – ganhar centavos – o som de fazer dinheiro, porque eu estava começando a achar que não tínhamos o suficiente. Então bati meu nariz, viajando no ônibus. Logo depois disso, você nasceu.

Eu não sei o que provocou minha mudança. Talvez o nariz torto tenha danificado meu pensamento. Talvez ter visto você como um bebê, ver como você se parecia comigo, tenha me deixado insatisfeita com minha vida. Eu quis que tudo fosse melhor para você. Eu quis que você tivesse as melhores circunstâncias, o melhor caráter. E é por isso que lhe dei o nome de Waverly. Era o nome da rua em que morávamos. E eu quis que você pensasse ‘Aqui é o lugar à qual pertencço.’ Mas também sabia que, se eu lhe desse o nome dessa rua, logo você cresceria, abandonaria este lugar e levaria um pedaço de mim consigo.

Mr. Rory escova meus cabelos. Tudo está fofo. Tudo está preto.

“Você está ótima, Ma,” diz minha filha. “Todos no casamento irão pensar que você é minha irmã.”

Eu olho para meu rosto no espelho do salão de beleza. Vejo meu reflexo. Não consigo ver meus defeitos, mas sei que estão lá. Eu dei à minha filha estes defeitos. Os mesmos olhos, as mesmas bochechas, o mesmo queixo. O caráter dela veio de minhas circunstâncias. Olho para minha filha e agora percebo pela primeira vez. “Ai-ya! O que aconteceu a seu nariz?”

Ela olha no espelho. Não vê nada de errado. “O que quer dizer? Nada aconteceu,” ela responde. “É apenas o mesmo nariz.”

“Mas como você o entortou?” pergunto. Um lado de seu nariz está inclinado para baixo, arrastando sua bochecha.

“O que quer dizer?” ela pergunta. “É seu nariz. Você me deu este nariz.”

“Como pode ser? Está pendendo. Você deve fazer cirurgia plástica e corrigi-lo.”

Mas minha filha não escuta minhas palavras. Ela coloca seu rosto sorridente ao lado de meu rosto preocupado. “Não seja absurda. Nosso nariz não é tão ruim,” ela diz. “Nos faz parecer ambíguas.” Ela parece satisfeita.

“O que é essa palavra ‘ambígua’?” eu pergunto.

“Significa que estamos olhando para uma direção enquanto seguimos outra. Pendemos por um lado e também por outro. Evidenciamos o que dizemos, mas nossas intenções são diferentes.”

“As pessoas podem ver isto em nosso rosto?”

Minha filha ri. “Bem, não tudo que estamos pensando. Elas apenas sabem que somos duas-caras.”

“Isso é bom?”

“É bom se você consegue o que quer.”

Eu penso a respeito de nossos dois rostos. Penso a respeito de minhas intenções. Qual é americano? Qual é chinês? Qual é o melhor? Se você mostra um, deve sempre sacrificar o outro.

É como o que aconteceu quando voltei à China, no ano passado, após uma ausência de quase quarenta anos. Eu tirei minhas jóias vistosas. Não vesti cores berrantes. Falei a língua deles. Usei o dinheiro local. Mas ainda assim, eles sabiam. Sabiam que meu rosto não era cem por cento chinês. Eles ainda me cobraram preços estrangeiros altos. Então, agora eu penso, ‘O que perdi? O que ganhei em retorno?’ Perguntarei à minha filha o que ela acha.

Jing-mei Woo – Um Par de Bilhetes

No minuto em que nosso trem deixa a fronteira de Hong Kong e entra em Shenzhen, China, eu me sinto diferente. Posso sentir a pele de minha testa formigando, meu sangue correndo através de um novo curso, meus ossos doendo com uma velha dor familiar. E eu penso ‘Minha mãe estava certa. Estou me tornando chinesa.’

“Não pode evitar,” disse mamãe, quando eu estava com quinze anos e neguei vigorosamente possuir algum traço chinês, qualquer que fosse, sob minha pele. Eu era secundarista no Ginásio Galileo, em San Francisco, e todos os meus amigos brancos haviam concordado: eu era tão chinesa quanto eles. Mas mamãe tinha estudado numa famosa escola de enfermagem, em Shangai, e disse que sabia tudo sobre genética. Então não tinha dúvidas na cabeça, quer eu concordasse ou não: uma vez que se nasce chinês, não pode evitar de sentir e pensar em chinês.

“Algum dia, você verá,” disse ela. “Está em seu sangue, esperando para se manifestar.”

E quando ela disse isto, eu me vi transformando-me como um lobisomem, uma cadeia mutante de DNA subitamente desencadeada, reproduzindo-se insidiosamente numa síndrome, um grupo de comportamentos chineses reveladores, todas aquelas coisas que mamãe fazia para me embarçar – pechinchar com os donos das lojas, palitar os dentes em público, ser cega ao fato de que amarelo-limão e rosa-pálido não são boas combinações para roupas de inverno.

Mas hoje, eu percebo que nunca soube realmente o que significa ser chinesa. Estou com trinta e seis anos. Minha mãe está morta e eu estou num trem, carregando comigo seus sonhos de voltar para casa. Estou indo para a China.

Estamos indo primeiro à Guangzhou, meu pai de setenta e dois anos, Canning Woo, e eu para visitarmos sua tia, a quem ele não vê desde que tinha dez anos de idade. E eu não sei se é a perspectiva de ver a tia ou se é porque está voltando à China, mas papai agora parece um garotinho, tão inocente e feliz que quero abotoar seu suéter e afagar sua cabeça. Estamos sentados de frente um para o outro, separados por uma pequena mesa com dois copos de chá gelado. Pela primeira vez, que eu me lembre, papai tem lágrimas nos olhos e tudo que vê através da janela do trem é um campo recortado de amarelo, verde e marrom, um estreito canal ladeando os trilhos, colinas baixas e três pessoas em casacos azuis montados numa carroça puxada por bois, no princípio dessa manhã de outubro. E não consigo evitar. Eu também tenho os olhos enevoados, como se tivesse visto isso há muito, muito tempo atrás e quase houvesse esquecido.

Em menos de três horas estaremos em Guangzhou, que meu guia diz ser como alguém se refere apropriadamente a Canton hoje em dia. Parece que todas as cidades das quais ouvi falar, exceto Shangai, mudaram suas pronúncias. Acho que dizem que a China mudou em outros aspectos também. Chungking é Chongqing. E Kweilin é Guilin. Eu verifiquei estes nomes porque, depois que visitarmos a tia de meu pai em Guangzhou, pegaremos um avião para Shangai onde encontrarei minhas duas meias-irmãs pela primeira vez.

Elas são as filhas gêmeas do primeiro casamento de minha mãe, pequenos bebês que ela foi forçada a abandonar na estrada enquanto fugia de Kweilin para Chungking, em 1944. Isso foi tudo que mamãe contou-me a respeito dessas filhas, então elas permaneceram bebês em minha mente durante todos esses anos, sentadas ao lado da estrada, escutando bombas sibilando à distância enquanto sugavam seus pacientes polegares vermelhos.

E foi somente esse ano que alguém as encontrou e escreveu, contando sua alegre notícia. Uma carta veio de Shangai, endereçada para minha mãe. Quando ouvi falar a esse respeito pela primeira vez, que elas estavam vivas, imaginei minhas irmãs idênticas transformando-se de pequenos bebês em garotinhas de seis anos. Em minha mente, elas estavam sentadas lado a lado numa mesa, revezando-se com a caneta esferográfica. Uma escreveria uma perfeita linha de caracteres: Querida mamãe. Estamos vivas. Ela afastaria com violência os cachos e entregaria a caneta para a outra irmã, que escreveria: Venha nos buscar. Por favor, depressa.

É claro que elas não poderiam saber que mamãe morreu subitamente três meses antes, quando um vaso sanguíneo em seu cérebro estourou. Num minuto, ela estava conversando com meu pai, queixando-se sobre os inquilinos do andar de cima, planejando como despejá-los sob o pretexto de que parentes da China estavam se mudando. No minuto seguinte, ela estava segurando a cabeça, os olhos bem fechados, cambaleando até o sofá e encolhendo-se suavemente no chão com as mãos agitadas.

Então, meu pai foi o primeiro a abrir a carta, que se revelou longa. E elas a chamaram de mamãe. Diziam que sempre a reverenciaram como sua verdadeira mãe. Guardaram uma fotografia emoldurada dela. Contaram a respeito de suas vidas desde o momento em que minha mãe as viu pela última vez na estrada, fugindo de Kweilin, até quando finalmente foram encontradas.

A carta partiu tanto o coração de papai – estas filhas chamando minha mãe de outra vida que ele nunca conheceu – que ele deu a carta para a velha amiga de mamãe, Tia Lindo, pedindo-lhe que respondesse e contasse às minhas irmãs, do modo mais gentil possível, que minha mãe estava morta.

Mas ao invés disso, Tia Lindo levou a carta para o Clube da Felicidade e da Sorte e discutiu com Tia Ying e Tia An-mei o que deveria ser feito, porque souberam durante muitos anos sobre a busca de minha mãe por suas filhas gêmeas, sua infinita esperança. Tia Lindo e as outras choraram por causa dessa dupla tragédia, perder minha mãe três meses antes e agora novamente. Então, elas não conseguiram evitar pensar em algum milagre, algum modo possível de ressuscitá-la dos mortos para que pudesse realizar seu sonho.

Então foi isso que elas escreveram para minhas irmãs em Shangai: “Queridas Filhas, eu também nunca esqueci de vocês em minha memória ou em meu coração. Nunca renunciei a esperança de que nos veríamos novamente numa feliz reunião. Sinto apenas por ter levado tanto tempo. Quero lhes contar tudo a respeito de minha vida desde que as vi pela última vez. Quero lhes contar isso quando nossa família for vê-las na China...” Elas assinaram com o nome de mamãe.

Foi somente depois que tudo isso foi feito que elas me contaram sobre minhas irmãs, a carta que haviam recebido, aquela que enviaram em resposta.

“Elas vão achar que ela está indo então,” murmurei. E imaginei minhas irmãs, agora com dez ou onze anos, pulando de um lado para outro de mãos dadas, seus rabos de cavalo balançando, excitadas porque a mãe delas – a mãe delas – estava indo, enquanto que minha mãe estava morta.

“Como poderíamos dizer que ela não está indo, numa carta?” disse Tia Lindo. “Ela é a mãe delas. Ela é sua mãe. Você deve contar a elas. Todos esses anos, elas tem sonhado com a mãe.” E eu achei que ela estava certa.

Porém, eu comecei a sonhar também, sobre mamãe e minhas irmãs e como seria se eu chegasse em Shangai. Durante todos esses anos, enquanto elas esperavam para ser encontradas, eu tinha vivido com minha mãe e então a perdi. Imaginei estar vendo minhas irmãs no aeroporto. Elas estariam nas pontas dos pés, olhando ansiosamente,

sondando de uma cabeça para outra enquanto descíamos do avião. Eu as reconheceria imediatamente, seus rostos com idênticas expressões preocupadas.

“Jyejye, jyejye. Irmã, irmã. Estamos aqui,” eu me via falando, em minha pobre versão de chinês.

“Onde está mamãe?” elas diriam, olhando ao redor e ainda sorrindo, dois rostos entusiasmados e ansiosos. “Ela está se escondendo?” E isto seria bem típico de mamãe, ficar um instante para trás, provocar um pouco e fazer a paciência das pessoas elevarem-se em seus corações. Eu sacudiria a cabeça e diria às minhas irmãs que ela não estava se escondendo.

“Oh, aquela deve ser mamãe, não?” sussurraria uma delas excitadamente, apontando para outra mulherzinha completamente imersa numa montanha de presentes. E aquilo, também, seria típico de minha mãe, trazer milhares de presentes, comida e brinquedos para as crianças – tudo comprado em liquidações – evitando agradecimentos, dizendo que os presentes não eram nada e, mais tarde, virando as etiquetas para mostrar às minhas irmãs, “Calvin Klein, 100% lã.”

Imaginei-me começando a dizer: “Irmãs, eu sinto muito, vim sozinha...” e antes que pudesse lhes contar – podiam ver em meu rosto. Elas lamentariam, afastando os cabelos, os lábios retorcidos em dor enquanto fugiam de mim. E então, me vi voltando para o avião e indo para casa.

Depois de ter sonhado com essa cena várias vezes – observando o desespero delas transformar-se de horror para raiva – eu implorei à Tia Lindo que escrevesse outra carta. E no início, ela se recusou.

“Como posso dizer que ela está morta? Eu não posso escrever isso,” disse Tia Lindo, com uma expressão obstinada.

“Mas é cruel deixá-las acreditando que ela está indo num vôo,” eu falei. “Quando virem que sou somente eu, elas irão me odiar.”

“Odiar você? Não pode ser.” Ela franziu a testa. “Você é a irmã delas, a única família.”

“Você não entende,” protestei.

“O que eu não entendo?” perguntou ela.

E eu sussurrei, “Elas vão pensar que eu sou a responsável, que ela morreu porque não a estimava.”

Tia Lindo pareceu satisfeita e triste ao mesmo tempo, como se isso fosse verdade e eu, finalmente, tivesse percebido. Ela permaneceu sentada durante uma hora e, quando se levantou, entregou-me uma carta de duas páginas. Ela tinha lágrimas nos olhos. Percebi que tinha feito a coisa que eu mais temia. Então, mesmo se ela tivesse escrito a notícia da morte de minha mãe em inglês, eu não teria tido a coragem de ler.

“Obrigada,” sussurrei.

A paisagem se tornou cinzenta, cheia de construções de cimento baixas e simples, velhas fábricas, e trilhos e mais trilhos cheios de trens como o nosso, passando na direção oposta. Vejo plataformas lotadas de pessoas vestindo monótonas roupas ocidentais com pontos de cores brilhantes: criancinhas usando rosa e amarelo, vermelho e pêssego. E soldados em verde-oliva e vermelho, velhas senhoras com casacos e calças cinzentos. Estamos em Guangzhou.

Antes mesmo que o trem venha a parar, as pessoas descem seus pertences dos compartimentos acima dos assentos. Por um momento, há uma perigosa chuva de pesadas malas carregadas de presentes para familiares, caixas meio quebradas embrulhadas em metros de cordas para impedir que seus conteúdos transbordem, sacolas plásticas cheias de linhas, vegetais e pacotes de cogumelo seco, e estojos com

câmeras. E então, somos apanhados por um fluxo de pessoas precipitando-se, empurrando, arrastando, até que nos encontramos em uma das dúzias de filas esperando para passar pela alfândega. Sinto-me como se estivesse subindo para o ônibus número 30 da Stockton, em San Francisco. Estou na China, eu me lembro. De certa forma, a multidão não me incomoda. Parece certo. E começo a empurrar também.

Tiro meu formulário de declaração e passaporte. “Woo,” diz no topo, e abaixo, “June May,” nascida na “Califórnia, U.S.A.” em 1951. Eu me pergunto se os funcionários da alfândega irão questionar se sou a mesma pessoa da foto no passaporte. Nessa fotografia, meus cabelos, na altura do queixo, estão puxados para trás num estilo artificial. Estou usando cílios postiços, sombra de olho e delineador de lábios. Minhas bochechas estão encovadas pelo blush cor bronze. Mas eu não esperava pelo calor em outubro. E agora, meus cabelos estão opacos pela umidade. Não estou usando maquiagem; em Hong Kong, meu rímel derreteria formando círculos negros e todo o resto escorrera como camadas de gordura. Então, hoje meu rosto está natural, sem adornos, exceto por uma fina camada de suor brilhante em minha testa e nariz.

Mesmo sem maquiagem, eu nunca poderia me passar por uma verdadeira chinesa. Tenho 1,70m e minha cabeça se destaca acima da multidão, então estou ao nível do olho apenas com os outros turistas. Mamãe certa vez disse que minha altura foi herdada de meu avô, que era do norte e deve ter possuído algum sangue mongol. “Isso é o que sua avó me contou certa vez,” explicara mamãe. “Mas agora é tarde demais para perguntar. Estão todos mortos, seus avós, tios, suas esposas e filhos, todos mortos na guerra, quando uma bomba caiu em nossa casa. Várias gerações num instante.”

Ela disse aquilo tão terminantemente que achei que, desde então, ela superara qualquer dor que teve. Então perguntei como sabia que eles estavam todos mortos.

“Talvez tenham deixado a casa antes de a bomba cair,” eu sugeri.

“Não,” disse mamãe. “Nossa família inteira se foi. Restaram apenas você e eu.”

“Mas como você sabe? Alguns deles poderiam ter escapado.”

“Impossível,” respondeu mamãe, dessa vez, quase com raiva. Então, seu cenho franzido foi substituído por um perplexo olhar confuso. Ela começou a falar como se estivesse tentando se recordar de onde guardara algo. “Eu voltei àquela casa. Fiquei olhando para onde a casa costumava estar. E não era uma casa, apenas o céu. E embaixo, sob meus pés, estava quatro andares de tijolos e madeira queimados, toda a vida de nossa casa. Então, ao lado, vi coisas explodidas no pátio, nada de valor. Havia uma cama onde alguém costumava dormir, na realidade, apenas uma moldura de metal retorcido em um canto. E um livro, não sei de que tipo, porque todas as páginas estavam negras. E vi um copo de chá que não estava quebrado, mas cheio de cinzas. Daí, encontrei uma boneca com os braços e pernas quebrados, os cabelos queimados... Quando era garotinha, eu chorei por aquela boneca, vendo-a solitária na vitrine de uma loja, e mamãe a comprou para mim. Era uma boneca americana com cabelos louros. Ela podia mover as pernas e braços. Os olhos abriam e fechavam. Quando me casei e deixei o lar de minha família, eu dei esta boneca à minha sobrinha mais nova, porque ela era como eu. Ela chorava se a boneca não estivesse sempre consigo. Vê? Se ela estava na casa com aquela boneca, os pais dela estavam, assim como todo mundo, esperando juntos, porque é como nossa família era.”

A mulher na cabine alfandegária examina meus documentos, fita-me por um breve instante e, então, com dois movimentos rápidos carimba tudo, acenando austeramente para que eu passe. Logo, papai e eu nos encontramos numa enorme área cheia de milhares de pessoas e malas. Sinto-me perdida e papai parece indefeso.

“Com licença,” interpelo um homem que parece americano. “Pode me dizer onde posso conseguir um táxi?” Ele resmunga algo que soa sueco ou alemão.

“Syau yen! Syau yen!” ouço uma penetrante voz gritar atrás de mim. Uma velha, usando uma boina de tricô amarela, segura uma sacola plástica rosa com bugigangas embrulhadas. Imagino que ela esteja tentando nos vender algo. Mas papai olha para esse minúsculo pardal em forma de mulher, perscrutando seus olhos. Então, os olhos dele se arregalam, o rosto se abre e ele sorri como um garotinho satisfeito.

“Aiyi! Aiyi” – Tia, tia! – diz papai, suavemente.

“Syau yen!” arrulha minha tia-avó. Acho engraçado ela chamar papai de “Gansinho selvagem.” Deve ser seu nome de infância, o nome usado para desencorajar os espíritos de roubar crianças.

Eles apertam-se as mãos – não se abraçam – e permanecem assim, revezando-se ao dizer, “Olhe para você! Está tão velho. Veja como ficou velho!” Ambos choram abertamente, rindo ao mesmo tempo, e eu mordo os lábios, tentando não chorar. Sinto medo de sentir a alegria deles. Porque estou pensando no quanto nossa chegada em Shangai, amanhã, será diferente, como será delicado.

Agora Aiyi sorri e aponta para a fotografia em Polaroid de meu pai. Ele sabiamente enviara fotos quando escreveu dizendo que estávamos vindo. Vê como foi esperta, ela parece entoar, enquanto compara a fotografia com meu pai. Na carta, papai havia dito que telefonaria do hotel quando chegássemos, então aquilo era uma surpresa, eles terem vindo nos encontrar. Eu me pergunto se minhas irmãs estarão no aeroporto.

Só então, eu lembro da câmera. Eu tencionava tirar uma foto de meu pai e sua tia no momento do encontro. Não é tarde demais.

“Aqui, posicionem-se juntos aqui,” eu falo, segurando a Polaroid. O flash da câmera espoca e eu lhes entrego a instantânea. Aiyi e papai ainda permanecem juntos, cada um segurando um canto da foto, olhando suas imagens começarem a surgir. Eles se encontram quase reverentemente quietos. Aiyi é apenas cinco anos mais velha que meu pai, o que a faz ter em torno de setenta e sete anos. Mas ela parece velha, encolhida, uma relíquia mumificada. Seus cabelos ralos são puro branco, os dentes marrons, deteriorados. Histórias demais a respeito de mulheres chinesas parecendo jovens eternamente, penso comigo.

Agora Aiyi cantarola para mim: “Jandale.” Tão crescida agora. Ela olha para mim, minha altura, e então vasculha sua sacola plástica rosa – seus presentes para nós, imagino – como se estivesse se perguntando o que me daria agora que estou tão velha e grande. Então, ela agarra meu cotovelo com a mão em forma de garra e vira-me. Uma mulher e um homem em seus cinqüenta anos cumprimentam meu pai, todos sorrindo e dizendo “Ah! Ah!” São o filho mais velho de Aiyi e sua esposa, e parados ao lado deles estão quatro outras pessoas, de minha idade mais ou menos, e uma garotinha com cerca de dez anos. As apresentações acontecem tão rápido que tudo que sei é que um deles é o neto de Aiyi com sua esposa, e a outra é sua neta com o marido. E a garotinha é Lili, bisneta de Aiyi.

Aiyi e papai falam o dialeto mandarim de suas infâncias, mas o resto da família fala apenas o cantonês de sua vila. Eu compreendo somente mandarim, mas não falo tão bem. Então Aiyi e papai tagarelam ininterruptamente em mandarim, trocando notícias a respeito das pessoas da antiga vila. E param somente ocasionalmente para conversar com o resto de nós, às vezes em cantonês, às vezes em inglês.

“Oh, foi como eu suspeitei,” diz papai, virando-se para mim. “Ele morreu no verão passado.” Eu compreendi isso. Só não sabia quem era a tal pessoa, Li Gong. Senti-me como se estivesse nas Nações Unidas e os tradutores tivessem enlouquecido.

“Olá,” falo para a garotinha. “Meu nome é Jing-mei.” Mas a menina desvia o olhar, fazendo seus pais rirem de embaraço. Tento pensar palavras em cantonês que possa dizer à ela, coisas que aprendi com amigos em Chinatown, mas tudo que consigo lembrar são palavrões, termos para funções corporais e frases curtas como “tem gosto bom”, “tem gosto de lixo” e “ela é mesmo feia”. Então eu tenho outra idéia: levanto a câmera, chamando Lili com o dedo. Ela imediatamente pula para frente, coloca uma mão no quadril como as modelos de moda, inclina o peito e me mostra um sorriso dentuço. Assim que tiro a foto, ela surge do meu lado, pulando e rindo a cada segundo enquanto observa a própria imagem aparecer no filme esverdeado.

No momento em que chamamos os táxis que nos levarão para o hotel, Lili segura minha mão firmemente, puxando-me com ela. No táxi, Aiyi fala sem parar, então não tenho chance de perguntar-lhe sobre as diferentes vistas pelas quais estamos passando.

“Você escreveu e disse que viria apenas por um dia,” falou Aiyi para meu pai num tom agitado. “Um dia! Como pode ver sua família num único dia! Toishan fica a várias horas de viagem de Guangzhou. E essa idéia de nos ligar quando chegassem. Isso é absurdo. Não temos telefone.”

Meu coração se acelera um pouco. Pergunto-me se Tia Lindo escreveu para minhas irmãs dizendo que telefonaríamos do hotel em Shangai.

Aiyi continua a ralhar com papai. “Fiquei fora de mim, pergunte a meu filho, quase revirei o céu e a terra, tentando pensar num modo! Então decidimos que o melhor para nós seria pegar o ônibus de Toishan e vir para Guangzhou – encontrá-los desde o começo.”

E agora prendo a respiração enquanto o motorista de táxi se esquivava dos ônibus e caminhões, tocando sua buzina constantemente. Parece que estamos numa espécie de auto-estrada longa sobre um viaduto, como uma ponte sobre a cidade. Vejo filas e filas de apartamentos, cada andar abarrotado de roupas penduradas para secar nas varandas. Passamos por um ônibus municipal com pessoas tão comprimidas ali dentro que seus rostos quase são esmagados contra a janela. Então vejo a silhueta do que deve ser o centro da cidade de Guangzhou. À distância, se parece com uma metrópole americana qualquer, com arranha-céus e construções surgindo em todo lugar. E quando diminuimos a velocidade nas partes mais congestionadas da cidade, eu vejo várias pequenas lojas, escuras por dentro, ocupadas por balcões e prateleiras. E então surge uma construção, sua fachada coberta com andaimes feitos de varas de bambu amarrados com tiras de plástico. Homens e mulheres encontram-se sobre plataformas estreitas, raspando as laterais, trabalhando sem quaisquer correias de segurança ou capacetes. Oh, a OSHA faria uma festa aqui, penso.

A voz estridente de Aiyi eleva-se novamente: “Então é uma vergonha que vocês não possam ver nossa vila, nossa casa. Meus filhos tem sido bem-sucedidos, vendendo nossas verduras no mercado livre. Ganhamos o suficiente nos últimos anos para construir uma casa grande, três andares, tudo de tijolo novo, grande o bastante para nossa família inteira e um pouco mais. E todo ano, o dinheiro é ainda melhor. Vocês, americanos, não são os únicos que sabem como ficar ricos!”

O táxi pára e eu presumo que chegamos, mas então olho para fora e vejo o que parece ser uma versão maior do Hyatt Regency.

“Isso é a China comunista?” pergunto em voz alta. Então sacudo a cabeça na direção de papai. “Deve ser o hotel errado.” Eu rapidamente verifico nosso itinerário, bilhetes de viagem e reservas. Eu havia instruído, explicitamente, meu agente de viagens a escolher algo que fosse barato, no valor de trinta para quarenta dólares. Tenho certeza disso. E ali diz em nosso itinerário: Garden Hotel, Huanshi Dong Lu. Bem, é melhor nosso agente estar preparado para arcar com os extras, é tudo que tenho a dizer.

O hotel é magnífico. Um mensageiro completo, com uniforme e gorro, se apresenta e começa a carregar nossas malas para o saguão. Por dentro, o hotel parece uma orgia de galerias de compras e restaurantes, todos feitos em granito e vidro. Ao invés de estar impressionada, estou preocupada com as despesas, bem como com a impressão que Aiyi deve ter de que nós, americanos ricos, não conseguimos ficar sem nossos luxos nem por uma noite.

Mas quando piso no balcão de reservas, pronta para pechinchar sobre esse erro de reservas, é confirmado. Nossos quartos estão pré-pagos, trinta e quatro dólares cada. Sinto-me acanhada, e Aiyi e os outros parecem encantados por nossos arredores temporários. Lili observa com os olhos arregalados uma loja cheia de videogames.

A família toda lota um elevador e o carregador acena, dizendo que nos encontrará no 18º andar. Assim que a porta do elevador se fecha, todos ficam em silêncio, e quando a porta finalmente se abre de novo, todos falam ao mesmo tempo com vozes, ao que parece, aliviadas. Tenho a sensação de que Aiyi e os outros nunca estiveram num passeio de elevador tão longo.

Nossos quartos ficam um ao lado do outro e são idênticos. Os tapetes, cortinas, colchas, são todos em formato retangular. Há uma televisão à cores com painéis de controle remoto construídos na mesa de cabeceira, entre as duas camas gêmeas. O banheiro possui paredes e chão de mármore. Eu descubro um bar portátil com uma pequena geladeira sortida com cerveja Heineken, Coca-cola clássica, Seven-Up, mini-garrafas de Johnnie Walker Red, rum Bacardi, vodka Smirnoff e pacotes de M&M, caju com mel, barras de chocolate Cadbury. E novamente, falo em voz alta, “Isso é a China comunista?”

Papai entra em meu quarto. “Eles decidiram que devemos só permanecer aqui e passear,” diz ele, encolhendo os ombros. “Disseram, menos incômodo assim. Mais tempo para conversar.”

“E quanto ao jantar?” pergunto. Eu já tinha imaginado minha primeira verdadeira festa chinesa há vários dias, um enorme banquete com uma daquelas sopas borbulhando dentro de um melão de inverno, frangos assados em fornos de barro, patos de Pequim, os acompanhamentos.

Papai atravessa o quarto e pega uma caderneta do serviço de quarto ao lado de uma revista Travel & Leisure. Ele folheia as páginas rapidamente e aponta o cardápio. “Isso é o que eles querem,” diz.

Então está decidido. Vamos jantar esta noite em nossos quartos, com nossa família, compartilhando hambúrgueres, batatas fritas e torta de maçã à la mode.

Aiyi e a família folheiam o catálogo de compras enquanto nos arrumamos. Após uma quente viagem de trem, estou ansiosa por um banho e roupas limpas.

O hotel fornecia pequenas embalagens de xampu que, ao abrir, descobri terem a consistência e cor de molho condimentado. Isso é bem típico, penso. Isso é a China. E esfrego um pouco em meus cabelos úmidos.

Parada sob o chuveiro, percebo que esta é a primeira vez que estou sozinha no que parecem ser dias. Mas, ao invés de me sentir aliviada, sinto-me infeliz. Penso no que mamãe disse a respeito de ativar meus genes e tornar-me chinesa. E pergunto-me o que ela quis dizer.

Logo depois que mamãe morreu, perguntei-me a respeito de um bocado de coisas, coisas que não poderiam ser respondidas, para me forçar a lamentar mais. Era como se eu quisesse sustentar minha tristeza, certificar-me de que me importava com profundidade suficiente.

Mas agora, faço perguntas principalmente porque quero saber as respostas. O que era aquele negócio de carne de porco que ela costumava fazer e tinha a textura de serragem? Quais eram os nomes dos tios que morreram em Shangai? O que ela havia sonhado durante todos esses anos a respeito de suas outras filhas? Todas as vezes em que ela ficou zangada comigo, estava na realidade pensando nelas? Ela desejou que eu fosse elas? Ela lamentou que eu não fosse?

Uma hora da manhã. Acordo ao som de leves pancadas na janela. Eu devo ter cochilado e agora sinto meu corpo se soltando. Estou sentada no chão, encostada contra uma das camas gêmeas. Lili encontra-se deitada ao meu lado. Os outros estão adormecidos também, esparramados nas camas e no chão. Aiyi está sentada numa mesinha, parecendo muito sonolenta. E papai olha pela janela, batendo os dedos contra o vidro. A última coisa que ouvi foi papai contando à Aiyi sobre sua vida, desde o momento em que se viram pela última vez. Como ele tinha ido para a Universidade de Yenching e, mais tarde, conseguiu um posto num jornal em Chungking, onde conheceu mamãe, uma jovem viúva. Como, mais tarde, fugiram juntos para Shangai, tentando encontrar a casa da família de mamãe, mas não havia nada lá. E então, eventualmente, viajaram para Canton, Hong Kong, Haiphong e finalmente para San Francisco...

“Suyuan não me contou que, durante todos esses anos, estava tentando encontrar suas filhas,” ele estava dizendo agora numa voz tranqüila. “Naturalmente, eu não discutia suas filhas com ela. Pensei que estava envergonhada por tê-las deixado para trás.”

“Onde ela as deixou?” pergunta Aiyi. “Como foram encontradas?”

Estou completamente acordada agora, embora tenha ouvido parte dessa história das amigas de mamãe.

“Aconteceu quando os japoneses invadiram Kweilin,” diz meu pai.

“Japoneses em Kweilin?” diz Aiyi. “Esse nunca foi o caso. Não pode ser. Os japoneses nunca vieram à Kweilin.”

“Sim, foi isso que os jornais relataram. Sei disso porque estava trabalhando para a agência de notícias na época. O Kuomintang frequentemente nos dizia o que podíamos ou não contar. Mas soubemos que os japoneses chegaram à província de Kwangsi. Possuíamos fontes que nos disseram como eles haviam tomado a ferrovia de Wuchang – Canton. Como eles chegaram por terra, fazendo progresso muito rápido, marchando em direção à capital da província.”

Aiyi parece espantada. “Se as pessoas não sabiam disso, como Suyuan poderia saber que os japoneses estavam chegando?”

“Um oficial da Kuomintang preveniu-a secretamente,” explica papai. “O marido de Suyuan também era um oficial e todos sabiam que oficiais e suas famílias seriam os primeiros a serem mortos. Então, ela juntou alguns poucos pertences e, no meio da noite, pegou suas filhas e fugiu a pé. Os bebês não tinham nem mesmo um ano de idade.”

“Como ela pôde abandonar aqueles bebês!” suspira Aiyi. “Meninas gêmeas. Nós nunca tivemos tal sorte em nossa família.” E então, ela boceja novamente. “Quais eram seus nomes?” pergunta.

Eu ouço cuidadosamente. Estava planejando usar apenas o familiar “irmã” para dirigir-me a ambas. Mas agora eu queria saber como pronunciar seus nomes.

“Elas tem o sobrenome do pai, Wang,” diz papai. “E seus nomes de batismo são Chwun Yu e Chwun Hwa.”

“O que seus nomes significam?” eu pergunto.

“Ah.” Papai desenha caracteres imaginários no vidro da janela. “Um significa ‘Chuva de Primavera’, o outro ‘Flor de Primavera’,” ele explica em inglês, “porque nasceram na primavera e, é claro, chuva vem antes da flor. Mesma ordem em que essas meninas nasceram. Sua mãe é como um poeta, não acha?”

Eu concordo com a cabeça. Vejo Aiyi acenar com a cabeça também. Mas a sua acena para frente e permanece assim. Ela respira fundo, ruidosamente. Está adormecida.

“E o que o nome de mamãe significa?” sussurro.

“Suyuan,” ele diz, escrevendo mais caracteres invisíveis no vidro. “O modo como ela escreve, em chinês, significa ‘Desejo Há Muito Acalentado’. Nome um bocado enfeitado, não tão comum como nome de flor. Vê este primeiro caractere, significa algo como ‘Para sempre Nunca Esquecida’. Mas existe outra forma de escrever ‘Suyuan’. Soa exatamente o mesmo, mas o significado é oposto.” Seu dedo cria as pinceladas de outro caractere. “A primeira parte parece o mesmo: ‘Nunca Esquecida’. Mas a última parte acrescentada à primeira, faz a palavra toda significar ‘Rancor Há Muito Sustentado’. Quando sua mãe ficava zangada comigo, eu dizia que seu nome deveria ser ‘Rancor’.” Papai olha para mim com os olhos úmidos. “Vê, eu muito esperto também, hah?”

Eu concordo, desejando poder encontrar alguma forma de confortá-lo. “E quanto ao meu nome,” pergunto, “o que significa ‘Jing-mei’?”

“Seu nome também é especial,” ele responde. Eu imagino se qualquer nome em chinês não é algo especial. “‘Jing’ é como excelente ‘jing’. Não somente bom, é algo puro, essencial, da melhor qualidade. ‘Jing’ é a sobra boa, como quando você tira impurezas de algo como ouro, arroz ou sal. Então, o que resta – somente pura essência. E ‘Mei’, isso é o comum ‘mei’, como ‘meimei’, ‘irmã mais nova’.”

Eu penso a respeito. O desejo há muito acalentado de minha mãe. Eu, a irmã mais nova que deveria ser a essência das outras. Alimento-me da velha tristeza, imaginando o quanto mamãe deve ter ficado desapontada. A pequena Aiyi move-se de repente, a cabeça inclinando para trás e caindo novamente, a boca aberta como se para responder minha pergunta. Ela resmunga durante o sono, acomodando melhor o corpo na cadeira.

“Por que ela abandonou aqueles bebês na estrada?” Eu preciso saber, porque agora sinto-me abandonada também.

“Por um longo tempo, eu me indaguei,” diz meu pai. “Mas então eu li aquela carta de suas filhas em Shangai agora, conversei com Tia Lindo, todas as outras. Então, eu soube. Não há vergonha no que ela fez. Nenhuma.”

“O que aconteceu?”

“Sua mãe estava fugindo –“ começa papai.

“Não, conte-me em chinês,” eu interrompo. “Sério, eu consigo entender.” Ele começa a falar, ainda parado junto à janela, fitando a escuridão da noite.

Após fugir de Kweilin, sua mãe caminhou por vários dias, tentando encontrar a estrada principal. Sua idéia era pegar uma carona num caminhão ou carroça, pegar caronas suficientes até alcançar Chungking, para onde seu marido foi designado.

Ela tinha costurado dinheiro e jóias no forro do vestido, suficientes, ela pensou, para trocar pelas caronas até seu destino. Se eu tiver sorte, pensou, não vou ter que negociar o pesado bracelete de ouro e o anel de jade. Aquilo eram objetos da mãe, sua avó.

Até o terceiro dia, ela não havia negociado nada. As estradas estavam cheias de pessoas, todas fugindo e implorando por caronas dos caminhões que passavam. Os caminhões aceleravam, com medo de parar. Então sua mãe não achou carona, apenas o início das dores da disenteria em seu estômago.

Seus ombros doíam por causa dos dois bebês pendurados em tipóias. Bolhas surgiram nas palmas de suas mãos por segurar duas malas de couro. Então, as bolhas estouraram e começaram a sangrar. Depois de um tempo, ela deixou as malas para trás, mantendo apenas a comida e algumas roupas. Mais tarde, ela também largou as sacolas de farinha e arroz, e continuou caminhando assim por vários quilômetros, cantando canções para suas garotinhas até estar delirante de dor e febre.

Finalmente, não restou mais nenhum passo em seu corpo. Ela não tinha mais forças para carregar aqueles bebês. Caiu no chão. Ela sabia que morreria de sua doença, ou talvez de sede, fome, ou pelos japoneses, que tinha certeza que estavam marchando bem atrás. Ela tirou os bebês das tipóias, colocou-os ao lado da estrada e então se deitou do lado. Vocês bebês são tão boazinhas, ela disse, tão quietas. Elas retribuíram sorrindo, estendendo os bracinhos roliços, querendo ser apanhadas novamente. Então ela soube que não conseguiria suportar ver aqueles bebês morrerem com ela.

Ela viu uma família com três jovens crianças, passando numa carroça. “Levem meus bebês, eu imploro,” chorou. Mas eles a fitaram com olhos vazios e nunca pararam. Ela viu outra pessoa passar e chamou novamente. Dessa vez, um homem se voltou, e tinha uma expressão tão terrível – sua mãe disse que parecia a própria morte – que ela estremeceu e desviou o olhar.

Quando a estrada ficou silenciosa, ela rasgou o forro do vestido, enfiou as jóias sob a camiseta de um dos bebês e o dinheiro na outra. Colocou a mão no bolso e tirou as fotografias de sua família, uma foto do pai e da mãe, e outra de si mesma com o marido no dia do casamento. E escreveu nas costas de cada foto os nomes dos bebês e essa mensagem: “Por favor, cuidem desses bebês com o dinheiro e objetos de valor fornecidos. Quando for seguro vir, se as trouxer para Shangai, 9 Weichang Lu, a família Li ficará feliz em lhe dar uma generosa recompensa. Li Suyuan e Wang Fuchi.”

Então, ela tocou o rosto de cada bebê e disse-lhes para não chorarem. Ela desceria a estrada para procurar-lhes um pouco de comida e voltaria. Sem olhar para trás, ela seguiu em frente pela estrada, tropeçando e chorando, pensando somente nessa última esperança, de que suas filhas seriam descobertas por uma pessoa de bom coração que cuidaria delas. Ela não se permitiria imaginar qualquer outra coisa.

Ela não lembrou quê distância percorreu, quê direção tomou, quando desmaiou ou como foi encontrada. Quando acordou, ela estava na carroceria de um caminhão balouçante com várias pessoas doentes, todas gemendo. E ela começou a gritar, pensando que agora estava numa jornada para o inferno budista. Mas o rosto de uma senhora missionária americana inclinou-se sobre ela e sorriu, falando-lhe num calmanete idioma que não compreendia. Ainda assim, de algum modo, ela entendeu. Tinha sido salva por nenhum motivo bom e agora era tarde demais para voltar e salvar seus bebês.

Quando chegou a Chungking, ela ficou sabendo que o marido havia morrido duas semanas antes. Ela contou-me, mais tarde, que riu quando os oficiais lhe deram essa notícia. Ela estava delirante de loucura e doença. Vir de tão longe, perder tanto e não encontrar nada.

Eu a conheci num hospital. Ela estava deitada num catre, quase incapaz de se mover, a disenteria drenando-a completamente magra. Eu estava ali por causa de meu pé, um dedo faltando, que tinha sido cortado por um pedaço de escombros. Ela estava falando sozinha, murmurando.

“Olhe para essa roupa,” disse, e eu vi que estava usando um vestido um bocadinho incomum em tempos de guerra. Era cetim ou seda, bem sujo, mas não havia dúvida de que era um belo vestido.

“Olhe para este rosto,” ela disse, e eu vi seu rosto empoeirado, as bochechas encovadas, os olhos brilhantes. “Percebe minha tola esperança? Eu achava que tinha perdido tudo,

exceto essas duas coisas,” ela murmurou. “E imaginei o que perderia a seguir. Roupas ou esperança? Esperança ou roupas? Mas agora, veja isto, olhe o que está acontecendo,” disse, rindo como se todas as suas preces tivessem sido atendidas. Ela estava puxando os cabelos da cabeça tão facilmente quanto alguém arranca trigo novo do solo encharcado.

Foi uma velha camponesa quem as encontrou. “Como eu poderia resistir?” disse a camponesa para suas irmãs, mais tarde, quando ficaram mais velhas. Elas ainda estavam sentadas obedientemente, perto de onde sua mãe as deixou, parecendo pequenas rainhas de contos de fada esperando pelo sedã por vir.

A mulher, Mei Ching, e o marido, Mei Han, viviam numa caverna de pedra. Havia milhares de cavernas ocultas como aquela ao redor de Kweilin, tão secretas que as pessoas permaneceram escondidas mesmo depois que a guerra terminou. Os Mei saíam de sua caverna a cada poucos dias, pegavam provisões de comida deixadas na estrada e, às vezes, viam algo que ambos concordavam ser uma tragédia deixar para trás. Então, um dia, eles levavam para a caverna um delicado conjunto de tigelas de arroz pintadas; outro dia, uma pequena banquetta com almofada de veludo e dois cobertores novos de casamento. E certa vez, foram suas irmãs.

Eles eram pessoas devotas, Muçulmanas, que acreditavam que bebês gêmeos era um sinal de sorte dupla, e eles tiveram certeza disso quando, mais tarde naquela noite, descobriram o quanto os bebês eram valiosos. Ela e o marido nunca tinham visto anéis e braceletes como aqueles. E embora tenham admirado as fotografias, sabendo que os bebês vinham de uma boa família, nenhum deles podia ler ou escrever. Foi somente vários meses mais tarde que Mei Ching encontrou alguém que podia ler o escrito no verso das fotos. Até então, ela amava essas garotinhas como se fossem suas.

Em 1952, Mei Han, o marido, morreu. As gêmeas já estavam com oito anos de idade, e Mei Ching decidira que era hora de encontrar a verdadeira família de suas irmãs.

Ela mostrou às meninas a fotografia da mãe, contou-lhes que haviam nascido numa magnífica família e as levaria de volta para sua verdadeira mãe e avós. Mei Ching contou-lhes a respeito da recompensa, mas jurou que recusaria. Ela amava tanto essas garotas que queria somente que elas tivessem o que era delas por direito – uma vida melhor, uma bela casa, maneiras educadas. Talvez a família a deixasse ficar como ama das meninas. Sim, ela estava certa de que eles insistiriam.

É claro que, quando encontrou o lugar na 9 Weichang Lu, na antiga Concessão Francesa, foi algo completamente diferente. Havia no local uma fábrica, recentemente construída, e nenhum dos funcionários sabia o que foi feito da família cuja casa havia sido incendiada naquele local.

Mei Ching não poderia saber, é claro, que sua mãe e eu, o novo marido, já havíamos retornado àquele mesmo lugar em 1945, na esperança de encontrar sua família e as filhas. Sua mãe e eu ficamos na China até 1947. Fomos a várias cidades diferentes – de volta para Kweilin, à Changsha, assim como para o sul, em Kuming. Ela sempre olhava pelo canto do olho, procurando por bebês gêmeos, então garotinhas. Mais tarde, fomos para Hong Kong e, quando finalmente partimos em 1949 para os Estados Unidos, acho que ela ainda estava procurando por elas no navio. Mas quando chegamos, ela não falou mais a respeito. Pensei que finalmente elas haviam morrido em seu coração.

Quando cartas puderam ser trocadas abertamente entre China e Estados Unidos, ela imediatamente escreveu para velhas amigas em Shangai e Kweilin. Eu não sabia que ela fez isso. Tia Lindo me contou. Mas naturalmente, então, os nomes de todas as ruas

havam mudado. Algumas pessoas morreram, outras se mudaram. Levou vários anos para encontrar um contato. Quando ela encontrou o endereço de uma velha colega de escola e escreveu pedindo-lhe que procurasse por suas filhas, esta amiga respondeu dizendo que isso seria impossível, era como procurar por uma agulha no fundo do oceano. Como ela sabia que as filhas estavam em Shangai, e não em algum outro lugar na China? A amiga, é claro, não perguntou ‘como sabe que suas filhas ainda estão vivas?’

Então, a colega de escola não procurou. Encontrar bebês perdidos durante a guerra era uma questão completamente fantasiosa e tola, e ela não tinha tempo para isso.

Mas, todo ano, sua mãe escrevia para pessoas diferentes. E nesse último ano, acho que ela teve uma grande idéia na cabeça, ir para a China e procurá-las ela mesma. Lembro que ela disse: “Canning, devemos ir antes que seja tarde demais, antes que fiquemos muito velhos.” Eu lhe disse que já estávamos velhos demais, já era muito tarde.

Eu só achei que ela queria ser um turista! Não sabia que ela queria ir para procurar as filhas. Então, quando eu disse que era tarde demais, isso deve ter colocado uma idéia terrível em sua cabeça, de que as filhas deviam estar mortas. E acho que essa possibilidade cresceu mais e mais em sua cabeça, até matá-la.

Talvez tenha sido o espírito morto de sua mãe que guiou a colega de escola para encontrar as filhas. Porque, depois que ela morreu, a mulher viu suas irmãs casualmente enquanto comprava sapatos na loja de departamentos ‘Number One’, na Nanjing Dong Road. Ela disse que foi como um sonho, ver essas duas mulheres tão parecidas, descendo a escada rolante juntas. Havia algo a respeito de suas expressões faciais que lembrou a colega de escola de sua mãe.

Ela rapidamente se aproximou e chamou-as pelo nome que, é claro, elas não reconheceram de início, porque Mei Ching havia mudado seus nomes. Mas a amiga de sua mãe tinha tanta certeza que persistiu: “Vocês não são Wang Chwun Yu e Wang Chwun Hwa?” perguntou. Então, essas mulheres de imagem dupla ficaram bastante excitadas porque se lembraram dos nomes escritos no verso de uma antiga foto, a foto de um jovem homem e uma mulher que elas ainda honravam como seus muito amados primeiros pais, que tinham morrido e se tornado espíritos fantasmas que ainda vagavam pela terra procurando por elas.

No aeroporto, estou exausta. Não consegui dormir na noite passada. Aiyi seguiu para o quarto comigo, às três da manhã, e instantaneamente caiu no sono sobre uma das camas gêmeas, roncando com a força de um lenhador. Eu permaneci acordada, pensando na história de mamãe, percebendo o quanto desconhecia a seu respeito, triste por minhas irmãs e eu a termos perdido.

E agora no aeroporto, depois de apertar as mãos de todos e acenar adeus, eu penso em todas as diferentes formas com que deixamos as pessoas neste mundo. Acenando adeus animadamente para alguns, nos aeroportos, sabendo que nunca mais nos veremos novamente. Deixando outros à beira de uma estrada, esperando ver. Encontrando mamãe na história de meu pai e dizendo adeus antes de ter a chance de conhecê-la melhor.

Aiyi sorri para mim enquanto esperamos pela chamada do portão de embarque. Ela é tão velha. Coloco um braço ao seu redor e o outro ao redor de Lili. Elas parecem ser do mesmo tamanho. E então, é hora. Assim que acenamos adeus mais uma vez e entramos na área de espera, eu tenho a sensação de que estou indo de um funeral para outro. Em minha mão, aperto um par de bilhetes para Shangai. Em duas horas estaremos lá.

O avião decola. Eu fecho os olhos. Como posso descrever-lhes, em meu chinês fraturado, a vida de minha mãe? Por onde devo começar?

“Acorde, chegamos,” fala meu pai. E eu acordo com meu coração entalado na garganta. Olho pela janela e percebo que estamos correndo pela pista. Está cinzento lá fora. E agora desço as escadas do avião, atravessando a pista asfaltada em direção ao prédio do aeroporto. Se ao menos, penso, se ao menos mamãe tivesse vivido por tempo suficiente para ser a pessoa a ir ao encontro delas. Estou tão nervosa que nem consigo sentir os pés. Estou apenas me mexendo de alguma forma.

Alguém grita, “Ela chegou!” E então, eu a vejo. Os cabelos curtos. O corpo pequeno. E aquela mesma expressão no rosto. Ela tem as costas da mão pressionadas contra a boca. Ela chora como se tivesse atravessado uma terrível provação e estivesse feliz por ter terminado. Eu sei que não é minha mãe, mas ainda assim é a mesma expressão que exibiu quando eu tinha cinco anos e havia desaparecido a tarde toda, por tanto tempo, que se convencera de que eu estava morta. E quando eu apareci, milagrosamente, sonolenta e engatinhando de debaixo da cama, ela soluçara e rira, mordendo as costas da mão para se certificar de que era verdade.

E agora a vejo novamente, duas delas acenando, e numa das mãos há uma foto, a Polaroid que lhes enviei. Assim que eu atravesso o portão, corremos em direção uma da outra, todas as três se abraçando, todas as hesitações e expectativas esquecidas.

“Mamãe, mamãe,” todas murmuramos, como se ela estivesse entre nós.

Minhas irmãs olham para mim, orgulhosamente. “Meimei jandale,” diz uma irmã, orgulhosa, para a outra. “Irmãzinha cresceu.” Olho para seus rostos novamente e não vejo quaisquer traços de minha mãe.

Ainda assim, elas parecem familiares. E agora eu também vejo qual parte de mim é chinesa. É tão óbvio. É a minha família. Está em nosso sangue. Após todos esses anos, finalmente pode ser liberada.

Minhas irmãs e eu ficamos em pé, abraçadas, rindo e enxugando as lágrimas dos olhos umas das outras. O flash da Polaroid espoca e papai me entrega a instantânea. Minhas irmãs e eu observamos silenciosamente, juntas, ansiosas por ver o que surgirá. A superfície cinza-esverdeada muda para as brilhantes cores de nossas três imagens, se aguçando e aprofundando de imediato. E embora nada seja dito, eu sei que todas nós vemos: juntas, nos parecemos com mamãe. Os mesmos olhos, a mesma boca, abertos em surpresa para ver, finalmente, seu desejo há muito acalentado.

Amy Tan © 1989